

# ANTOLOGIA

DA LITERATURA DRAMÁTICA DO  
RIO GRANDE DO SUL (SÉCULO XIX)



VOLUME IV

O DIVÓRCIO EM CENA

ANTENOR FISCHER

# ANTOLOGIA

## DA LITERATURA DRAMÁTICA DO RIO GRANDE DO SUL (SÉCULO XIX)

Produzida ao longo de um Estágio Pós-Doutoral, realizado no PPGL da PUCRS, sob a supervisão da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Eunice Moreira, em 2009, a presente Antologia da literatura dramática do Rio Grande do Sul (século XIX) faz parte de uma série de estudos acadêmicos realizados por Antenor Fischer, nos Programas de Pós-Graduação em Letras da PUCRS e da UFRGS, entre 2002 e 2011.

A Antologia da literatura dramática do Rio Grande do Sul (cujos ensaios introdutórios, em seu conjunto, constituem e/ou proporcionam uma visão sociológica do Rio Grande do Sul oitocentista, a partir do teatro nele produzido), foi precedida pelos seguintes estudos: A literatura dramática do Rio Grande do Sul, do século XIX – Subsídios para uma história (Dissertação de Mestrado, PUCRS, 2003) e A literatura dramática do Rio Grande do Sul – de 1900 a 1950 (Tese de Doutorado, PUCRS, 2007, 2 volumes).

A esses estudos, o autor acrescentaria o Dicionário de autores da literatura dramática do Rio Grande do Sul, produzido ao longo de novo Estágio Pós-Doutoral, agora no PPGL da UFRGS, sob a supervisão do Prof. Dr. Luís Augusto Fischer, em 2011. A obra, que reúne 900 verbetes de autores, foi considerada, pelo crítico teatral Antonio Hohlfeldt, “o principal livro publicado no Rio Grande do Sul, em 2014, sobre teatro”.

---

Radicado em Porto Alegre, desde 1978, Antenor Fischer nasceu na Linha Vista Alegre, Crissiumal, RS, a 26/10/1959. Passou a infância e a juventude em Palmitos e Cunha Porã, municípios do Oeste de Santa Catarina. Ex-ator do “Caixa de Pandora” (grupo teatral porto-alegrense, que integrou ao longo de quase dez anos), diretor de teatro, historiador da literatura dramática gaúcha, escritor e bancário aposentado (CEF), Fischer, como é conhecido, é Bacharel em Artes Cênicas – Direção Teatral, pelo DAD-UFRGS (1997), Mestre e Doutor em Letras, pela PUCRS (2003 e 2007, respectivamente), com Pós-Doutorado, na mesma área, pela PUCRS (2009) e pela UFRGS (2011).

Além do Dicionário de autores da literatura dramática do Rio Grande do Sul (Porto Alegre: FischerPress, 2014, 350 p.), publicou as seguintes obras: A república dos miseráveis – Ascensão e queda do Reich da Modernidade (2000); A odisseia de H.Romeo (2005); A primavera de Praga (2006); Que mistifório é este? – Crônica, poesia, teatro & Cia. (em parceria com César Dias da Silva, 2008); Era uma vez no Leste – Impressões de uma viagem a República Tcheca, Polônia, Repúblicas Bálticas e Rússia (2010); Em busca do sentido perdido – No Caminho de Santiago (2012); e Do outro lado do mundo – Crônicas da Ásia e da Oceania (2015).

*Antenor Fischer*

**ANTOLOGIA**  
DA LITERATURA DRAMÁTICA  
DO RIO GRANDE DO SUL  
(SÉCULO XIX)

VOLUME IV  
O DIVÓRCIO EM CENA

*1ª Edição*

*Porto Alegre*

**P** | Fischer  
Press

2015

Copyright@ 2015 por Antenor Fischer

**Título Original**

Antologia da literatura dramática do Rio Grande do Sul (Século XIX)

**Editor**

Antenor Fischer

**Projeto Gráfico, Capa e Editoração Eletrônica**

Daniel Scheer

**Ilustração da Capa**

Gilmar Fraga

**Bibliotecária Responsável**

Ginamara de Oliveira Lima – CRB 10/1204

**Catálogo na Fonte**

F529a

Fischer, Antenor

Antologia da literatura dramática do Rio Grande do Sul (século XIX) /  
Antenor Fischer. – Porto Alegre : FischerPress, 2015.  
8 v. ; 21 cm.

Conteúdo: v.1. Autores primordiais e textos fundadores. – v.2. A desonra como *Machina Fatalis*. – v.3. O jusuitismo na alça de mira. – v.4. O divórcio em cena. – v.5. O drama abolicionista. – v.6. O ideal republicano. – v.7. A mulher como autora. – v.8. A comédia.

ISBN: 978-85-68558-02-7 – Coleção

978-85-68558-03-4 – v.1

978-85-68558-04-1 – v.2

978-85-68558-05-8 – v.3

978-85-68558-06-5 – v.4

978-85-68558-07-2 – v.5

978-85-68558-08-9 – v.6

978-85-68558-09-6 – v.7

978-85-68558-10-2 – v.8

1. Literatura Brasileira - Teatro. 2. Literatura Sul-rio-grandense - Teatro.  
3. Literatura Dramática do Rio Grande do Sul. 4. Teatro do Rio Grande do Sul. 5. Dramaturgia brasileira. 6. Dramaturgia gaúcha. I. Título.

CDD 869.99209

**Antenor Fischer**

fischerpress@gmail.com

www.fischerpress.com.br





## SUMÁRIO

O divórcio em cena .....	07
Notas sobre os autores .....	43
<i>O marido de Ângela</i> (1884), de Joaquim Alves Torres .....	53
<i>Arnaldo</i> (1886), de Damasceno Vieira.....	111
<i>Janina</i> (1900), de Mário de Artagão.....	149
Bibliografia .....	189





## O DIVÓRCIO EM CENA

A luta, timidamente iniciada pela intelectualidade gaúcha e brasileira do século XIX, pela derrubada de um dos principais dogmas da Igreja Católica – o do casamento, como um compromisso indissolúvel –, só viria a ter um desfecho vitorioso passado um século – mais precisamente, com a promulgação da lei nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977, que instituiu o divórcio no Brasil. A partir de então, e atendidos alguns requisitos, tornou-se possível pôr termo à união civil e aos efeitos do casamento religioso.

No século XIX, porém, além do divórcio<sup>1</sup> em razão de adultério, um casamento só se dissolvia perante a decretação de sua nulidade (a Igreja tinha o poder de dirimir um equívoco sobre o casamento). Os impedimentos dirimentes eram aqueles que se enquadravam nas seguintes condições: grau de parentesco até 2º grau; união de menores (homem < 16 anos; mulher < 14); coação física; impotência sexual ou ausência de órgãos genitais; engano grave sobre o cônjuge; homicídio; rapto; e união entre adotante e adotado. Somente a decretação da nulidade do casamento, por alguma dessas razões, possibilitava às partes uma nova união matrimonial.

Se a bibliografia oitocentista, que trata da questão do divórcio, é pouco extensa, as obras com posicionamento favorável a essa causa são escassas – o que é de se lamentar, pois impede um confronto dos argumentos a favor com as razões dos opositores.

No Rio Grande do Sul, um dos raros textos a propugnar pelo divórcio, no século XIX, foi publicado na *Revista Mensal do Partenon Literário* (3º ano, novembro de 1874, p. 194-201). Trata-se, na verdade, da transcrição de um discurso, intitulado

---

<sup>1</sup> A palavra divórcio era utilizada no direito canônico como sinônimo de separação de corpos, bens e habitação dos cônjuges, sem permitir novas núpcias e produzir a anulação do casamento. As causas para a efetivação de um processo de divórcio perpétuo, segundo a legislação, eram: ocorrência do crime de adultério; abandono do lar; o não cumprimento das obrigações maritais e união carnal entre adúlteros. O processo de divórcio foi realizado pela Igreja durante todo o período colonial e imperial brasileiro, até perder força com o advento da República.



“O casamento”, proferido no 14º sarau do Partenon Literário, no qual o sócio F. C. de San-Tiago Dantas (que se diz solteiro), defende, além da igualdade de direitos entre os sexos, o divórcio. Permitimo-nos transcrever, aqui, alguns trechos desse discurso:

Parte integrante da sociedade, é a mulher igual ao homem perante às leis civis e políticas; deve intervir também na direção dos negócios políticos. Assim porém não acontece e a sociedade acha-se constituída por tal forma que as pessoas de vosso sexo, senhoras, além de outras desigualdades, veem-se forçadas, para viver decentemente, a casar-se, ao passo que ao homem é livre fazê-lo ou não, tornando-se assim o casamento para a mulher um dever e, para nós homens, um direito.

Em verdade, campo vasto oferece o mundo para que a atividade do homem se desenvolva em todos os sentidos, sem que o tédio se lhe infiltre na alma, e sem que tenha necessidade de procurar uma companheira para associá-la à sua existência. Acontecerá o mesmo à mulher?

(...) Há pouco vos disse que ao homem era livre casar-se ou não e que à mulher, presa aos elos de mil conveniências da sociedade, sem grande constrangimento não poderia deixar de fazê-lo. Daí deduz-se que o móvel secreto que impele muita donzela inexperiente a ligar sua vida inteira a um homem a quem mal conhece e que pela mor parte das vezes lhe é indiferente, senão odioso. A ligar a vida inteira, sim, porque os laços do himeneu são indissolúveis. Não posso compreender essa indissolubilidade!... O ser humano é por sua natureza sujeito ao erro e a indissolubilidade pressupõe certeza de que jamais possa haver o arrependimento.

(...) Pelo lado religioso, pois, não causa demasiada estranheza que ouse eu falar contra a indissolubilidade do casamento. Pelo lado civil, o divórcio não é mais que um pequeno passo na senda do progresso. É o desquite facultado pelas leis de nosso país, com a única diferença de poderem os dois cônjuges contrair novas núpcias.





Dito isso, San-Tiago Dantas passa a tratar das “causas que podem motivar a necessidade do divórcio” e finaliza dizendo: “como dar à mulher o quinhão de felicidade que lhe deve tocar no mundo, senão permitindo-lhe, decorosamente, unir-se a outro homem? Ao marido a sociedade não pede contas: a mulher é sempre a vítima”. Mas, seria o divórcio, no caso de aprovação, capaz de minimizar o sofrimento da mulher, nas arcaicas sociedades gaúcha e brasileira, do século XIX?

Romualdo Antonio de Seixas, autor do *Ensaio dum tratado regular e prático sobre o divórcio, segundo o direito canônico, sinodal e civil brasileiro* (1880), que dedica “ao respeitável episcopado e clero brasileiro”, a exemplo de todos os críticos e opositores do divórcio, afirma que não, até porque “dos cônjuges que o divórcio infelicita, a mulher é mais sacrificada que o homem”.

Na opinião de Seixas (1880, p. 50-51), “o casamento é uma sociedade natural e não uma associação comercial. As quotas não são iguais; o homem entra com a proteção de sua força, e a mulher com as exigências de sua fraqueza. Em caso de separação, não são iguais os resultados”. E explica por que: “o homem sai com toda a sua autoridade; a mulher não sai com toda a sua dignidade e de tudo que ela levou para o casamento, pureza virginal, juventude, beleza, fecundidade, consideração, fortuna, em caso de dissolução, só poderá retomar o seu dinheiro”.

Depois de abordar a questão do destino da mulher separada (“a mulher, sem nome e sem lar, volta à casa paterna ou à caridade dos parentes, a curtir, na solidão do desamparo, as amarguras de uma viuvez humilhante de quem tem marido a viver com outra”), Seixas (1880, p. 52) chama atenção para “o número extraordinário de divorciadas que acabam loucas ou rematam com o suicídio a tragédia da vida”. Isso tudo é dito pelo autor com o fito de alertar as mulheres sobre as surpresas que o divórcio reserva “às desditosas, que, num momento de dor ou de despeito”, possam pensar “em nele se apegar como a suprema tábua de salvação”.

Os argumentos a favor da indissolubilidade do casamento e, portanto, contrários ao instituto do divórcio, apresen-



tados pelo advogado baiano Romualdo Antonio de Seixas resumem, de alguma forma, o pensamento dominante no seio da sociedade brasileira oitocentista, na qual o poder do Estado e da Igreja andava lado a lado.

Vejam os trechos, que constam nos “prolegômenos” da referida obra:

O matrimônio, que existia antes da revelação do Cristianismo, e tem precedido a toda a lei positiva, e se deriva da constituição mesma do nosso ser, não é nem um fato civil, nem mesmo religioso, mas sim um fato natural, que tem fixado a atenção dos legisladores, e que a religião de Cristo tem santificado. A lei revelada sobre o casamento (...) não significa senão a expressão física da vontade de Deus. (...) O matrimônio é um dos sete Sacramentos da Igreja; consiste no laço primoroso que une o homem e a mulher na natural disposição dos sexos, para a reprodução e sobretudo para a conservação da humanidade; porque a família é a voz da tradição de toda a cultura moral entre os homens. (...) O matrimônio foi estabelecido por instituição divina antes de toda a sociedade civil; retrata em caracteres indelévels a união de Cristo com sua Igreja; é laço indissolúvel na junção dos seres; convênio mútuo, livre, interior e insuprível; bálsamo que purifica a sociedade dos *adoradores em espírito e verdade*. (...) Considerando-se o matrimônio como contrato natural, Deus é seu autor: Ele o constituiu no Paraíso terrestre, onde tendo formado Eva e havendo-a entregado a Adão, abençoou a ambos e lhes disse: “Crescei e multiplicai”. (...) Uma vez consumado o matrimônio, que fôra celebrado como manda a Santa Madre Igreja de Roma, considera-se como vínculo perpétuo neste mundo: não há poder que o dissolva.

Contudo, nas próprias palavras de Seixas (1880, p. 14), a separação pode, em casos extremos, “tornar-se uma desgraça necessária. E pois essa separação, nos termos em que a Igreja admite, sem dissolução do laço, remedia a todas as desordens da desunião dos corações”.

A principal causa a permitir o divórcio, confirma o mesmo autor (1880, p. 15), era o adultério: “autorizado pelas



próprias palavras de Cristo; é o mais atroz dissolvente do laço conjugal; tira ao matrimônio os sentimentos que fazem as suas delícias e deixa-lhe somente as cadeias que produzem seu tormento”.

Para Seixas (1880, p. 15), “a mulher é obrigada, entretanto, no foro de sua consciência a atrair por sua docilidade e seus agrados as boas graças de seu marido” e, em caso de não conseguir, “não deve opor senão a paciência e a resignação, até onde for possível, aos maus tratos de seu esposo, considerando-os como uma cruz que Deus lhe impôs”.

O fato de que às moças não era dado escolher seus companheiros com liberdade, o que fazia do casamento “arranjado” uma prática comum e dominante na sociedade burguesa da época, era apenas um detalhe insignificante. Se mais tarde os maridos as traíssem, ou as ignorassem, a solução seria aguentar, amparadas na oração, na resignação e nas palavras de conforto da Igreja.

Apesar de todos os conselhos e da condição penosa imposta às mulheres separadas, é curioso observar que, no decorrer do século XIX, conforme concluiu Eni de Mesquita Samara (1990, p. 116), ao analisar a sociedade paulistana, os elementos do sexo feminino moveram mais ações de divórcio e anulação de casamento do que o sexo oposto.

Situação idêntica foi registrada, também, em outras regiões do País, como em Diamantina, MG, por exemplo, onde, segundo Dayse Silva Santos (2008, p. 4), as mulheres deram entrada em processos de separação conjugal numa razão maior que os homens – fato revelador, segundo ela, de que “mesmo diante da implementação de um projeto moralizador, o qual circunscrevia a mulher ao ambiente doméstico e a considerava submissa ao homem, as mulheres não se resignavam com passividade a situações consideradas por elas intoleráveis no seio das relações conjugais”.

Essa preponderância das mulheres na proposição de processos, envolvendo separação conjugal, aliado ao fato de que “o brado de indignação contra a injusta e esmagadora situação do sexo feminino”, no século XIX, partia, na quase tota-



lidade das vezes, da própria mulher<sup>2</sup>, indica que, ao contrário da abolição da escravatura negra, cujo movimento foi liderado pelos homens brancos (logo, quem escravizava condeou-se da situação dos escravizados), na luta pelo divórcio a mulher esteve praticamente sozinha, já que o homem parecia bastante satisfeito com a situação e, principalmente, com o poder que tinha.

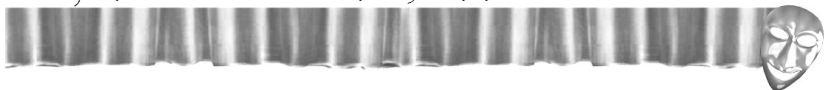
Só em fins do século XIX, os defensores de uma nova chance, para quem cometera um “equívoco” na escolha de seu parceiro, teriam uma primeira vitória: a aprovação da separação legal. O decreto nº 181, de 24 de janeiro de 1890, que teve a oposição radical da Igreja, definia que, a partir da República, entre outras coisas, o casamento válido seria o casamento civil e a forma de realizar a separação conjugal era o divórcio, que, no entanto, não permitia novas núpcias.

A Constituição de 24 de fevereiro de 1891 veio ratificar esse decreto, reconhecendo apenas o casamento civil como recurso legal para formação de família. Embora a norma não fosse alterada, os fatores aceitos para dar início ao processo de divórcio passaram a ser, além do adultério, o abandono do lar, maus tratos, impotência, injúria grave e a infertilidade desconhecida pelo outro cônjuge.

A referida Constituição decretou, também, a separação da Igreja/Estado. A partir de então, a responsabilidade pelo registro de nascimentos, casamentos e óbitos passaria para as mãos do Poder Civil. Além disso, o casamento que, desde o século IX, segundo Kelly Cristina Teixeira (2008, p. 4), era “o

---

<sup>2</sup> Servem de exemplo, entre outras, a potiguar Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), educadora, escritora, abolicionista, uma das pioneiras do feminismo no Brasil, defensora dos direitos da mulher à educação, à profissionalização e ao exercício de seus direitos civis e políticos; a porto-alegrense Luciana de Abreu (1847-1880), professora, que, da tribuna do Partenon Literário, defendeu o direito da mulher à emancipação e reivindicou a igualdade de oportunidades para o sexo feminino; a pernambucana Josefina Álvares de Azevedo (1851-?), jornalista, que, com seus escritos e publicações, procurou intervir na ordem social e política do seu tempo, de modo a criar condições mais justas e igualitárias para os dois sexos; a cearense Francisca Clotilde (1862-1935), professora, jornalista e abolicionista, uma das pioneiras na temática “divórcio”, na literatura nacional, com o romance *A divorciada* (1902); e a porto-alegrense Andradina América de Andrade e Oliveira (1864-1935), jornalista, romancista, dramaturga, conferencista e autora da “tese social” *Divórcio?* (1912).



estado conjugal definido como coisa essencialmente religiosa, cujo próprio nome pertence ao léxico do sagrado”, passava a ser legitimado pelo Estado, contrariando progressivamente os dogmas da Igreja.

Com a decretação da separação da Igreja e do Estado, a República procurou introduzir no Brasil o ideário da modernidade. Entretanto, tendo o País sido formado em bases religiosas católicas, mesmo com a laicização promovida pelo novo sistema de governo, deparamos com uma sociedade fundamentada estritamente em bases religiosas. Princípios católicos influenciariam diretamente valores ligados ao divórcio e a indissolubilidade do vínculo matrimonial, fazendo da sociedade republicana uma sociedade contraditória: das “nações civilizadas”, incorporou decretos e leis, reformulados para adequar-se a um País ainda rural e tradicionalista.

A criação do instituto da separação legal – que extinguiu a obrigação da coabitação, mas não a sociedade conjugal –, por exemplo, foi um meio termo encontrado para não desagradar demasiadamente a Igreja: com seu procedimento “ponderado”, o Estado ficava de bem com as lideranças religiosas e atendia, de certa forma, aos clamores dos cidadãos e à realidade social.

Nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, ocorreram, tanto no Brasil quanto em várias nações europeias, conforme observou Kelly Teixeira (2008, p. 4), diversas discussões sobre leis relativas ao divórcio a vínculo. Em países como França, Alemanha, Inglaterra, entre outros, o conhecimento e a prática do divórcio já eram uma realidade desde fins do século XVIII. Em 1910, com o nascimento da República, Portugal entra para o rol de países que permitiram o divórcio com a dissolução do vínculo, possibilitando novas núpcias.

No Brasil, o Código Civil de 1916 viria alterar o termo “divórcio” para “desquite”, mantendo, contudo, a indissolubilidade matrimonial. As causas capazes de produzir essa separação eram: adultério; sevícia ou injúria grave; abandono do lar por dois anos contínuos; e mútuo consentimento dos cônjuges separados há mais de dois anos.



Raras no século XIX, a partir das primeiras décadas da centúria seguinte passaram a proliferar as obras que tinham por objeto central a discussão do divórcio – uma discussão longa, que, conforme dissemos, culminaria com a promulgação da lei nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977, que instituiu o divórcio no Brasil.

A maioria dos autores dessas obras, apesar de se ocupar dos prós-e-contras de uma possível aprovação do divórcio absoluto, alegando sempre a preservação da família e da própria sociedade, continuava se posicionando, a exemplo dos autores do século XIX, terminantemente contrária a sua instituição no Brasil.

O padre Leonel Franca (1931, p. 4-5), por exemplo, entendia que “a família, associação do homem e da mulher, preposta à nobilíssima função de transmitir a chama da vida, reveste toda a complexidade e grandeza que exige a elevação hierárquica da nossa dignidade racional”. Sendo a família necessária à conservação e ao desenvolvimento do gênero humano, são também “necessários, imperiosos e naturais”, para Franca, “os meios que lhe condicionam a realização objetiva. Obrigatório o fim da união conjugal; obrigatórios, pela mesma razão, os meios exigidos para o seu consequimento”.

O fato de recorrer ao método comparativo sugerido pelo positivista Augusto Comte (que, entre outras coisas, inclui a comparação sociológica do homem com os outros animais) e de estar amparado, principalmente, na certeza de que “a finalidade primeira da união matrimonial é (...) a conservação da raça” – conservação esta que passaria, necessariamente, pela preservação da família e do casamento –, leva Franca (1931, p. 5) a afirmar: “o nosso método é rigorosamente científico”. “Uma vez assentado o método científico do nosso estudo”, diz ele, mais adiante, “não será difícil demonstrar que a monogamia indissolúvel constitui a lei fundamental da família humana”.

O padre Leonel Franca (1931, p. 20), falando como um profundo conhecedor desse sentimento tão complexo e cheio de rebeldia, ensinava que “o amor é, de sua natureza, absoluto. Absoluto no tempo: as suas promessas, as suas aspirações são eternas. Com os corações nobres, não se estipulam pactos efê-



meros”. Ensinava, também, que o ciúme é “a voz da natureza que reclama a monogamia”.

Tais “máximas” ou “verdades” (mais a de que “o sexo, condição de existência da família, não tem a sua razão de ser em si mesmo; não foi dado a cada um para o seu bem individual; é todo orientado para a espécie”) lhe permitiram concluir que “a família indissolúvel é, pois, a exigência autêntica do mais nobre amor. As paixões inferiores poderão reclamar nos povos corruptos e decadentes a fragilidade das uniões conjugais; o mais nobre dos sentimentos humanos exigirá sempre a sua perpetuidade como a tradução genuína da própria natureza”.

Ao padre Franca se juntaram, na defesa “da indissolubilidade do casamento, da família e da sociedade”, entre outros, autores como Paulo Sá (*Divórcio ou casamento indissolúvel? e Divórcio: a favor ou contra?*), Annes Dias (*Dois discursos magistrais – Centenário de São Francisco de Assis e Divórcio*) e Luiz José de Mesquita (*A família e o divórcio*).

O primeiro deles (1946), após rebater todos os argumentos utilizados pelos defensores do divórcio (argumentos esses “que apelam para o direito à felicidade dos cônjuges mal casados”; “que se baseiam no direito à liberdade que os cônjuges conservam no casamento”; “que acham que a sinceridade e a dignidade mesma do casamento exigem a dissolução do vínculo quando falta o amor”; “que afirmam ser o casamento indissolúvel coisa do passado e o divórcio uma conquista inevitável da evolução moral da sociedade”; e “argumentos segundo os quais o contrato de casamento, como qualquer outro, pode ser rescindido quando os contratantes assim o desejam”), concluiu seu livro com o mesmo pensamento com que uma partidária do divórcio, a norte-americana Mabel A. Elliot, termina o seu (*Marriage and the family*, de 1942): “o de que nós precisamos, no final das contas, não é de leis de divórcio mais liberais e, sim, de uma educação melhor para o casamento... Só desse modo poderemos contribuir para a sacralização da família”.

Já o médico e professor cruz-altense, Heitor Annes Dias (1884-1943), na condição de deputado constituinte, na sessão do dia 20 de fevereiro de 1934, assomou à tribuna, pela primeira vez, para, nas palavras do Monsenhor Manfredo Leite,



que assina o texto de apresentação de *Dois discursos magistrais* (1946), “ler o notável trabalho que meditara longamente, estudando-o, analisando-o à luz da fisiologia, da biologia, da sociologia, da história, do direito, da civilização e dos supremos direitos da família e da nacionalidade, combatendo de peito descoberto o divórcio”.

Em seu longo discurso (35 páginas de um livro), o professor Annes Dias, além de citar o nome e o pensamento dos principais autores e personalidades contrários ao divórcio (Augusto Comte, Jean-Jacques Rousseau, os irmãos Goncourt, Gladstone, Theodore Roosevelt, Clóvis Bevilacqua, Rui Barbosa, etc.), foi buscar estatísticas na França, nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Alemanha, para assinalar “o dilatado terreno das derrocadas e das ruinarias”.

No fim de seu discurso, apela para “os sentimentos de brasilidade” de seus pares da Assembleia Constituinte, para que façam constar “claramente na sua carta constitucional os dispositivos que consagram a estabilidade do lar, consubstanciados na fórmula: família monogâmica – indissolúvel”.

Luiz José de Mesquita (1954), por sua vez, retomou os argumentos pró-divórcio apresentados por Paulo Sá, rebatendo-os igualmente (amparado, inclusive, no pensamento do professor Annes Dias). Junta a suas réplicas, contudo, uma série de estatísticas, com as quais procurou demonstrar o número sempre crescente de divórcios, nas sociedades em que o mesmo foi aprovado; a infelicidade, frequente na vida dos divorciados; e as consequências desastrosas do divórcio (suicídios, prostituição, etc).

Talvez não seja demais transcrevermos, aqui, algumas dessas estatísticas (p. 47-48), a começar pelo número de divórcios – “que cresce sempre, em proporção verdadeiramente alarmante”, segundo o autor –, em alguns países:

ALEMANHA: em 1904 – 9.152 divórcios; 1905 – 11.147; 1913 – 17.835; 1921 – 39.216; 1930 – 40.722. O aumento é assustador.

BÉLGICA: em 1830 – quatro divórcios; 1870 – 81; 1879 – 151; 1910 – 1.089; 1926 – 2.349; 1948 – 6.518.





DINAMARCA: em 1917 – 1.012 divórcios; 1934 – 3.032; 1948 – 7.120.

ESTADOS UNIDOS: Nos 50 anos que vão de 1866 a 1916 houve nos Estados Unidos 2.250.069 divórcios, que, de decênio em decênio, cresceram espantosamente, assim: 122.121; 206.595; 235.263; 593.362 e 975.728. De 1916 até hoje, o acréscimo aumentou em progressão tão grande, a ponto de o problema do divórcio ser o mais grave dos Estados Unidos, no entender de eminentes autoridades, cujos depoimentos citaremos depois. No Estado de Nevada, em 1923, o número de divórcios (1.029) suplantou o de casamentos (1.012).

Em 1886 – 12.226 divórcios; 1887 – 27.919; 1896 – 42.937; 1906 – 72.062; 1916 – 114.000; 1926 – 180.853; 1929 – 201.000; 1937 – 250.000; 1945 – 502.000; 1946 – 620.000.

FRANÇA: (...) As estatísticas demonstram que, desde 1884 [1.657 divórcios], o número de sentenças proferindo o divórcio, cresceu demais” (...): Em 1885 – 4.277 divórcios; 1900 – 7.157; 1910 – 13.049; 1927 – 18.487; 1931 – 21.212; 1937 – 23.614.

Dez anos depois, em 1947, o divórcio atingiu o índice máximo: 57.500. (...)

MÉXICO: 1938 – 4.178 divórcios; 1941 – 5.111; 1945 – 9.602. (...)

URUGUAI: Em 1907 (data da lei que o instituiu) houve um divórcio; 1908 – 24; 1918 – 195; 1927 – 423; 1937 – 1.060; 1940 – 1.610; 1941 – 1.726.

VENEZUELA: 1938 – 350 divórcios; 1945 – 661; 1947 – 827.

Mais adiante, Mesquita (1954, p. 47-48) apresenta as estatísticas envolvendo loucos e suicidas, em países como a Suíça e a Hungria; em Estados norte-americanos como Califórnia, Chicago, São Francisco e Ohio; e em algumas regiões da Alemanha, como Baviera e Wurtemberg, cuja maioria expressiva integraria o grupo dos divorciados. Apresenta, também, números relativos à prostituição em Viena, na Áustria (1954, p. 85), cujo “coeficiente do meretrício (...), entre as divorciadas,



constitui um libelo contra o divórcio”. Os dados retirados do “Anuário de Viena” apontariam para os seguintes percentuais: meretrizes casadas e viúvas: 5%; meretrizes solteiras: 17%; e meretrizes divorciadas: 78%.

Conforme dissemos, as publicações favoráveis ao divórcio são escassas – sendo que uma das obras brasileiras mais importantes foi escrita, em princípios da segunda década do século XX, por uma gaúcha: a professora, escritora, conferencista e dramaturga Andradina América de Andrade e Oliveira. Nos pequenos contos em forma de cartas, que compõem o livro *Divórcio?* (1912), a autora analisou todos os males da união por conveniências, da vida em comum sem a presença do amor.

Na opinião de Zahidé Lupinacci Muzart, expressa na apresentação do livro que reedita a versão original de *Divórcio?* (2007, primeira aba), “depois do tema da educação, foi o do divórcio o mais candente no final do século XIX. Isso porque, se a educação tinha seus paladinos entre homens e mulheres, o divórcio contava com mais atacantes que defensores”. Quanto às ideias de Andradina, o mais interessante, segundo Muzart (2007, segunda aba), “é o fato de que ela não somente prega o fim legal do casamento, pelo divórcio, mas também a independência da mulher pelo estudo e pela conquista de uma profissão que lhe assegure a liberdade”.

A luta de Andradina pelo espaço profissional, para sustentar sua família depois da morte do marido ainda jovem, transformou-a numa ousada intelectual feminista (principalmente, depois de perder também o futuro esteio da família, o filho Adalberon, que morreu de tuberculose, aos 20 anos de idade).

De olho nos acontecimentos de luta pelos direitos femininos no mundo e focada na conscientização da mulher, essa autora de vários romances e peças teatrais, formou opinião, entre nós, não só por meio das obras publicadas, mas também através do magistério, de seu jornal/revista *Escrínio* e de diversas conferências que produziu (entre elas: *A mulher não é inferior ao homem*, *A mulher através dos tempos* e *A condição da mulher de teatro*, tema debatido por feministas reunidas em Berlim, Alemanha).



Sobre a “tese social” *Divórcio?*, transcrevemos, abaixo, o resumo que fez da obra Hilda Agnes Hübner Flores, na apresentação da reedição do texto (2007, p. 15-16):

Inserida na campanha que em 1912 tramitava no Congresso Nacional, em um mês Andradina escreve a obra reivindicatória *Divórcio?*, um libelo à sociedade de seu tempo, aferrada a preconceitos estereotipados de opressão masculina, em detrimento da mulher, a menos preparada, considerada a parte fraca, destinada a permanecer no lar e aí educar os filhos nos valores morais e religiosos implantados, de maneira a fazer repetir, nas gerações subsequentes, o papel de dependência e inferioridade femininas.

O capítulo introdutório de *Divórcio?* é um chamamento “às mulheres e aos homens do meu país”, mulheres e homens que se debatiam em sucessivas tentativas de aprovação do divórcio “pleno”, considerado imoral por grande parte da sociedade. Andradina afirma o contrário: que é a sã solução para casos de depravação moral, de casamentos mal construídos ou desestruturados, vivendo sem harmonia e em condições prejudiciais para a prole.

Nos 25 capítulos seguintes, apresentados sob forma de carta, enfoca problemas sociais extraídos da realidade de seu entorno, como os usuais casamentos arranjados por interesse das famílias, espezinhando elementares direitos da mulher, negando-lhe preparo profissional que garanta condições de sobrevivência independentemente da vida a dois.

“Súplica”, o capítulo final, é um apelo dramático da autora “aos homens de alma e coração” em favor da mulher estigmatizada fora do casamento a ponto de sujeitar-se a permanecer mal casada. Preferível atrelada a um marido degenerado a separar-se e ser apontada como “descasada”, caminho natural para o concubinato ou a prostituição.

Com habilidade, conduz o leitor a um olhar sobre a realidade de um século atrás: fábricas onde chefes asediavam operárias, despedindo-as quando as empregavam; lupanares onde maridos infiéis contraem sífilis e a levam para as esposas; escolas mal frequentadas e



Faculdades com um punhado de mulheres tímidas e inseguras ante a novidade do preparo profissional; velhinhas abandonadas a esmolarem o pão de cada dia; becos escuros e sinistros antros de perdição; hospitais e manicômios, depositários da miséria humana; cemitérios, testemunhos silenciosos de muita lágrima sofrida...

Certa de que todos aqueles que propugnavam a causa do divórcio, cedo ou tarde, sairiam vencedores, Andradina Oliveira (2007, p. 28-29) contestou, uma a uma, as argumentações dos conservadores (“tropegamente arrimados ao bordão das velhas convenções” e de causar dó), em prol da indissolubilidade matrimonial.

Segundo ela, quando se ergue a questão do divórcio, “os antidivorcistas saltam em arreganhos de ofendidos melindres, numa cômica bancarrota da lógica e empurram para a frente os velhos chavões da dissolução da família, da situação dos filhos, da depravação dos costumes, dos motivos religiosos”.

Andradina defendeu que a família está “de fato dissolvida desde que o adultério, seja do homem, seja da mulher, nela penetrou. Ela está dissolvida desde que a incompatibilidade física, intelectual e moral, transformou a vida do lar numa vida de inferno”.

Quanto aos filhos, perguntou o que poderia proporcionar o divórcio de diferente ou pior, a eles, que o atual regime de separação de cama e mesa ou a contração de novas núpcias, no caso da morte de um dos cônjuges. E arrematou: “não é ela [situação] mil vezes pior, vendo nos pais desaparecer o sentimento de mútuo respeito, assistindo a inevitáveis e degradantes cenas que, diariamente, surgem entre esposos moralmente divorciados?”.

Relativamente à alegada depravação dos costumes, Andradina questionou: “estará ela à espera do divórcio para surgir? Não! É um produto imediato desse indecente desquite sancionado pela legislação vigente, o qual conduz, em linha direta, à mancebia, ao concubinato, ao meretrício”. E, finalmente, se pronunciou acerca dos motivos religiosos:



Esses são mais sérios, mas quem por eles se deixar dominar, quem for verdadeiramente católico não se divorciará, por certo. Por que teme, pois, o clero o divórcio ao mesmo tempo que protesta pelos sentimentos altamente católicos da família brasileira? Estará ele convencido de que esses sentimentos não estão enraizados, tão profundamente, que resistam a um rude embate das desilusões matrimoniais?

O casamento é contrato ou sacramento? Na primeira hipótese, todo o contrato supõe um possível distrato. Na segunda, a Igreja ergue-se dentro do seu formalismo para decretar a indissolubilidade! Mas dois seres, que em certa fase da vida acreditaram que o terem as mãos envolvidas na mesma estola era um fato capital para a sua existência, não têm o direito de, em outra fase, pensar de modo diverso, julgar aquilo mera formalidade? E a Igreja que pode fazer a isso? Ela é incapaz de impedir as apostasias que, diariamente, lhe rareiam as fileiras?... O fato é idêntico.

É, entretanto, das cortes religiosas que parte a mais feroz oposição ao divórcio, oposição tenaz, constante, injusta, desumana, despejando-se em toda a sorte de razões e sem razões.

Mas, por amor da Santa Coerência! Se os senhores romanistas julgam o matrimônio indissolúvel, eles que se submetam cristãmente aos infernos do casamento *mal assortis* [em que os cônjuges não combinam e não se entendem]; querer, porém, obrigar os que não pensam do mesmo modo a agir como se fossem essas as suas ideias, é duma intolerância própria dos tempos inquisitoriais!...

Antes de finalizar o texto introdutório de seu livro – que diz ser “um livro moral porque é verdadeiro em suas menores linhas; moral porque é um novo golpe atirado à mais nociva de todas as convenções sociais – a indissolubilidade matrimonial, fonte no mínimo, de vergonhosas hipocrisias e covardes cativeiros”, a viúva Andradina voltou suas críticas ao Positivismo, “a religião da Humanidade, criada pela mentalidade superior de Comte”, pelo fato de essa filosofia condenar “a mulher à *viuvez perpétua*”.

\* \* \*



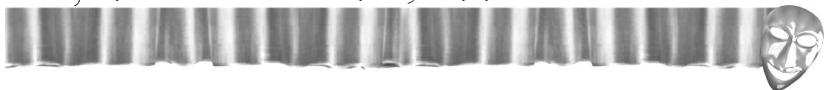
Ainda que não tenhamos, na dramaturgia gaúcha do século XIX, peça que defenda, explicitamente, o divórcio – ao contrário, a quase totalidade dos textos teatrais que nos restaram nessa temática tenta demonstrar os aspectos maléficos e nocivos desse instituto, principalmente para a mulher –, a crítica à indissolubilidade do vínculo matrimonial aparece em várias delas. É o caso, entre outras, de *O marido de Ângela* (1884), de Joaquim Alves Torres, *Arnaldo* (1886), de Damasceno Vieira, e *Janina* (1900), de Mário Artagão, dramas recuperados no presente volume da Antologia.

Em *O marido de Ângela*, a personagem título é acusada de um suposto relacionamento adúltero, por um adversário político (Dr. Fabrício) de seu marido (Luís), com o auxílio de um terceiro (Hilário), que diz ter sido desprezado por Ângela, em seu tempo de solteira. O plano dos dois, de separar o casal, dá certo: a calúnia lançada por eles, contra Ângela, leva Luís a requerer o divórcio, junto ao poder eclesiástico – atitude à qual parece ter sido conduzido mais por uma exigência da sociedade, que pela própria vontade.

Tanto Ângela quanto Luís – que considera a esposa “mais digna de desprezo que de vingança”, razão pela qual a deixa viva – criticam, em várias passagens ou cenas do drama, os privilégios do sexo masculino e, principalmente, a pena desigual imputada a marido e mulher na sociedade oitocentista, para um mesmo “crime”, no caso, o adultério. Nesta primeira passagem, quem fala é Ângela, personagem que o leitor ou espectador sabe ser inocente:

(...) se a mulher usa o direito de Talião – é uma infame! Eles podem rasgar os termos do compromisso contraído, podem faltar à fé jurada, podem menosprezar a palavra com que protestaram a ventura da esposa, tudo é nada, continuam a ser honrados, a ser benquistos, a ser ditosos! Elas, se os imitarem, perderam-se, arrojaram-se ao lodo, merecem a morte ou o degredo perpétuo da vida feliz; são as miseráveis! (Ato III, Cena II, p. 71-2).

Nesta segunda cena, quem fala é Luís, o marido, que pensa ter sido traído:



Bem sei que a entidade humana está cheia de imperfeições. O homem tem fraquezas que muitas vezes o transviam no caminho do dever. Reconheço no matrimônio que o direito de fidelidade é recíproco e sou daqueles que o aplaudem como elemento necessário ao sossego do lar. É, porém, de mais gravidade e rigoroso para a mulher. O marido que não o respeita, merece o desgosto da esposa; mas a esposa que o despreza, desonra a família. No primeiro caso, a dignidade do homem fica salva; no segundo, é enxovalhada e abatida. Para o primeiro, o perdão é possível; para o segundo toda a punição é necessária. É o que a razão aceita; é o que a sociedade quer (Ato IV, Cena I, p. 89).

Diante do bispado, Pedro, o pai de Ângela, sustenta a inocência da filha, mas concorda que “é imprescindível o divórcio, visto não ser mais possível a união entre os cônjuges” (Ato IV, Cena I, p. 87-8). Tenta, porém, convencer Luís a trocar o suposto adultério pela incompatibilidade de gênio, como causa da separação, no processo de divórcio: “Se desejo essa separação, não a desejo pela forma por que a propôs. O divórcio por um crime imaginário, por um crime falsamente imputado à esposa digna, não a desonra só, mata-a, chafurda no opróbrio, na ignomínia uma família inteira. Mesmo que o crime fosse real, para que punir também uma família honrada?”. É tarde, porém. Não bastasse a impossibilidade do divórcio por motivo que não fosse o adultério, Luís acabara de receber uma carta, informando-lhe que a separação fora decretada (Ato IV, Cena IX, p. 107-8).

A ação do quinto e derradeiro ato do drama se passa oito meses mais tarde. Ângela, divorciada, vive reclusa num retiro. Sabe-se que sua mãe morreu de desgosto. Peregrino, primo de Ângela, que havia sido acusado, por Fabrício e Hilário, de ser o suposto amante, continua investigando o caso. No fim, consegue chegar aos criminosos, obrigando-os a confessarem a armação. Com a honra do casal restabelecida, Luís pede perdão a Ângela, que, sem a menor mágoa ou orgulho, aceita voltar para o marido.



Em *Arnaldo* (1886), de Damasceno Vieira, a crítica à indissolubilidade do casamento, na voz da personagem Dr. Mário, é tão frequente e contundente, que o drama chega quase a constituir uma tese, indireta, a favor do divórcio. Vejamos uma dessas cenas:

ARNALDO [*para Ester, referindo-se ao Dr. Mário, seu amigo*] – (...) É um galanteador, mas ao mesmo tempo o celibatário mais feroz que tenho encontrado em toda a minha vida! Detesta o casamento de uma maneira espantosa!

DR. MÁRIO – É verdade, minha senhora. E levo o meu excesso a ponto de parafrasear um célebre paradoxo de Proudhon: o grande socialista francês afirmava que a propriedade era um roubo; eu também afirmo e provo que o casamento é outro roubo, porém muito maior que a propriedade! O homem que se casa é uma parcela de menos na soma social, é uma liberdade que desaparece, é uma riqueza que se vê de repente roubada sem que a polícia trate de punir os criminosos!

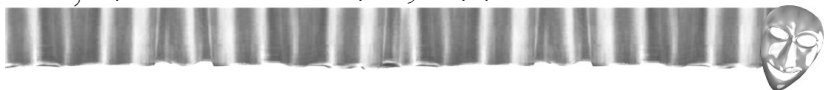
ARNALDO – Que criminosos?

DR. MÁRIO – Em primeiro lugar o sogro e a sogra e depois o escrivão e o padre que sancionou o delito. (*Para Ester*). Desculpe-me vossa excelência se me pronuncio assim...

ESTHER – Felizmente, nem todos pensam como o doutor.

DR. MÁRIO (*levanta-se*) – É porque não chegamos ainda ao grau de civilização em que o casamento seja banido e substituído por um simples contrato. Eu, francamente, odeio de morte a indissolubilidade do matrimônio. Viver um homem preso para sempre aos destinos de uma mulher, quaisquer que sejam os desvarios que ela cometa, e não poder desligar-se do compromisso fatal quando a consciência lhe brada que calque aos pés a cadeia maldita – é, minha senhora, o mais horroroso dos suplícios a que um homem de honra pode ser condenado! Passar de frente erguida pela sociedade e ouvir uma voz escarninha que nos murmura da sombra: “De que vale a tua altivez, a nobreza de teus sentimentos, se eu lancei impunemente sobre o teu nome uma nódoa infaman-





te?" e o infeliz ter de curvar-se, comprimir todos os ímpetos da sua vingança, fingir-se despercebido para não manchar de sangue as suas luvas de cavalheiro, e não poder ir formar nova família mais honrada e mais digna de aplausos dos homens de bem!... Pode-se porventura imaginar tirania mais atroz, humilhação mais revoltante?

ESTER – Mas a mulher sofre também as consequências de seu erro, doutor. A sociedade fecha-lhe incontinenti as suas portas e até a família muitas vezes comete a barbaridade de repudiá-la também!

DR. MÁRIO – Engana-se, minha senhora. A mulher que se degrada é quem abandona a família, porque era ela própria quem constituiu a família do homem que a desposou, e, no entanto, a leviana abandona a sua nobilíssima posição, trai o cumprimento de todos os seus deveres e foge do grêmio das pessoas sensatas e honestas para ir aumentar o número das infelizes!... E tudo isso com inteira consciência de seus atos, com a calma de quem não vacila em praticar um crime!... (...) Porém, voltando a questão principal, direi, em resumo, que, por qualquer lado que se encare o assunto, o casamento indissolúvel é sempre um atentado à liberdade.

ARNALDO – És um pessimista. Deves convir que os casamentos infelizes são exceções de regra.

DR. MÁRIO – Mas exceções em tão grande número que quase estabelecem regra (Ato I, Cena VIII, p. 28-32).

A rudeza das palavras dirigidas a Ester, pelo Dr. Mário, assume ainda maior proporção quando se sabe que ambos já se conhecem e, mais que isso, compartilham um importante segredo: o médico conhecera Ester, alguns anos antes, na Alemanha – ocasião em que lhe salvara a vida, ao lhe fazer o parto de um menino. Agora, de visita ao Brasil, encontra-a casada com seu amigo Arnaldo, que a conheceu em Paris e ignora essa parte da história da vida de sua esposa. A promessa feita à Ester, de não revelar o segredo, o Dr. Mário não a quebra nem mesmo quando é desafiado, pelo cada vez mais desconfiado amigo Arnaldo, para um duelo.



A peça tem um final trágico. No momento do enfrentamento com o Dr. Mário, Arnaldo fica sabendo que o homem que desgraçara a vida de Ester – e, por consequência, a sua, também – foi seu próprio pai, Carlos de Aguiar, um banqueiro que se apresentava com nome falso pelos salões da Europa e que se aproveitara do estado de embriaguez a que fora conduzida a órfã Ester, pela própria tia, a baronesa de Cleves, que devia dinheiro ao banqueiro. Quem faz a revelação do segredo é Ester, que, ao chegar para impedir o duelo, dá de cara com seu algoz, que acabara de retornar da Europa. Não suportando a crueldade da situação, Arnaldo põe fim à vida. Quanto ao destino de Ester, este fica em aberto.

Se em *O marido de Ângela*, de Joaquim Alves Torres, a separação do casal, no fim, acaba sendo revertida, o mesmo não ocorre em *Janina* (1900), de Mário de Artagão – inegavelmente, o drama que apresenta a discussão mais consistente sobre a questão do divórcio. O advogado e deputado Ataíde, amigo de Raul e defensor da moral e dos bons costumes, posiciona-se contrário ao divórcio, na forma em que foi aprovado pela Câmara. Raul, um dos autores da lei, depois de sentir na pele os seus efeitos, condenará a “facilidade processual e a sofreguidão da sentença, que dissolve em dez meses o cimentado com juramentos em dez anos”.

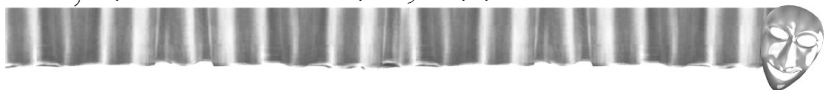
Se, em nota, no fim da peça, Artagão esclarece que “a ação deste drama passa-se no Rio de Janeiro”, no preâmbulo da edição ele fez constar que “o autor pressupõe uma atualidade em que estejam vigorando leis sobre o divórcio absoluto”.

Vale a pena transcrever, aqui, as principais cenas em que o divórcio é discutido:

ATAÍDE [*depois de condenar o amigo Raul, pelo fato deste ter uma amante*] – Queres com isso fazer crer que num casal tem o homem o direito da infidelidade, enquanto que a mulher...

RAUL – Tem a casa para governar e os filhos para cuidar!

ATAÍDE – O direito das lágrimas! É isto o que pretendes concluir... Pois, meu amigo, com estas e quejandadas teorias caminhamos em linha reta para a mais pa-



vorosa das derrocadas sociais. Temos, nada mais nada menos, que a dissolução da família; e tu bem sabes que a família, de acordo com a sua moderna feitura, é a única instituição perfeita, de que nós, os intelectuais, nos possamos orgulhar.

RAUL – Ouve cá, meu velho! Dizias-me, há pouco, que todas as causas dignificadoras nos haviam encontrado na mesma tribuna e no mesmo abraço de defesa. O teu entusiasmo, ou melhor: – o nosso afeto, fez-te esquecer a questão do divórcio, em que, a pesar meu, te vi distanciado de todos os espíritos liberais.

ATAÍDE – A distância não foi disparatada. Opinei, como ainda hoje opino, pelo divórcio, mas com as devidas restrições.

RAUL – Bem sei! Um divórcio frouxo; divórcio de remendos, com perpetuidade de vínculo conjugal. Pois olha: – o divórcio como foi votado, o divórcio absoluto, é o único meio conhecido para restituir a felicidade aos mártires do mais arcaico dos contratos!

ATAÍDE – Compreendo... Fizeste obra para uso pessoal...

RAUL – És injusto e agressivo! Eu nunca pensei em me divorciar. Amo a minha mulher; quero-a para a perpetuidade do meu nome; só dela desejo filhos com a mesma mansuetude no olhar, com a mesma impecabilidade na alma... Mas quando a nossa vida, por uma circunstância qualquer, tivesse de correr numa atmosfera incômoda de doestos e recriminações, eu abertamente preferiria lançar mão desse recurso que me faculta a lei; dando à mulher a tranquilidade a que tem direito, e ao homem a liberdade, que é o seu mais legítimo atributo.

ATAÍDE – Deliras ou gracejas! Se essa liberdade te parece legítima, aquela tranquilidade é com certeza mentirosa.

RAUL – Jogo de palavras!...

ATAÍDE – Pensarás como quiseses. Mas no rompimento de um contrato conjugal, o amor, como um paradoxo, até mesmo no ódio da desafronta se revela. Para que ambos, na separação, se possam considerar felizes, seria necessária a indiferença. (...) Acredita-me: – a tranquilidade não poderá jamais existir para um casal divorciado!



RAUL – Estou gostando de te ouvir falar.

ATAÍDE – Porque falo a verdade. E os filhos, se os houver? Como conciliar essa tua apregoada paz de espírito com o momento angustioso em que as crianças tenham de pedir simultaneamente a benção a duas mãos que se repelem?

RAUL – Pretendes tu então que um homem infamado pela mulher, leve a abjeção ao ponto de continuar a enfeitá-la para as entrevistas amorosas da traição?

ATAÍDE – Não! Isso seria indecoroso! E o divórcio neste campo impõe-se. Mas trata-se tão somente de uma separação de leito, que é um castigo implacável para a adúltera, não consentindo que ela leve a um novo lar a mesma sanha da desonra e a mesma bofetada ao pudor...

RAUL – E dado o caso em que ela, aspirando a um novo amor, se possa regenerar?

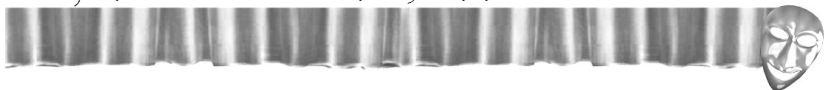
ATAÍDE – A regeneração na penitência das lágrimas é mais justa do que a regeneração nos braços de outro homem!

RAUL (*rindo*) – Estás hoje hediondo de crueldade!

ATAÍDE – E tu, de uma ironia que revolta! (Ato I, Cena II, p. 19-25).

*Janina* se diferencia do resto da produção, na temática em análise, uma vez que, nesse drama, é a mulher quem requer o divórcio. Ainda que movida mais pelo ciúme que pela traição em si, Janina, mulher de 25 anos, tem uma certa consciência de sua triste condição de mulher, num mundo em que as leis são feitas pelos homens e para a comodidade do homens – que, além de acharem a infidelidade masculina uma prática normal, entendem que a função exclusiva da mulher é a de governar o lar e de cuidar dos filhos.

Segundo a personagem Ataíde, “Janina foi sempre a mulher das extremas resoluções. No seu espírito já existe a apregoada emancipação moral de que tanto nos falam os teóricos da propaganda feminista” (Ato II, cena I, p. 77), o que a leva, diante da comprovada infidelidade do marido, a requerer ação de divórcio, “em defesa da honra” – no que confirma a assertiva do lúcido advogado e deputado Ataíde: “O divórcio não foi feito para defender somente a honra de um homem.



Mais do que isso, deve ele aproveitar à mulher, que também tem a sua honra maltratada na mancebia do marido, e que também tem a sua liberdade de reivindicar nas crueldades de seu algoz” (Ato II, Cena I, p. 85).

Uma vez concretizado o divórcio e abandonado pela amante, Raul se dá conta do quanto ama Janina, o que o leva a mudar de opinião acerca dos termos da lei do divórcio, tal qual previra seu amigo Ataíde, na cena que há pouco transcrevemos:

RAUL – Eu devera ter sido mais previdente ao defender uma instituição, que torna o arrependimento quase improficuo e a ventura para sempre perdida!

ATAÍDE – É justo o teu ato de contrição.

RAUL – Perdão! Sou mal compreendido. Não se trata de destruir o que fiz. O que condeno é a facilidade processual, é a sofreguidão da sentença, que dissolve facilmente em dez meses o que levamos com juramentos a cimentar em dez anos.

ATAÍDE – Caminhas para as minhas teorias.

RAUL – Longe disso. O divórcio não admite meios termos. Quero-o absoluto: – mas há uma emenda a fazer. Uma sentença não devera ser proferida, sem que o decurso pelo menos de quatro anos viesse provar de um lado ou de outro a impossibilidade de uma aproximação.

ATAÍDE – É uma face da questão encarada em teu benefício. E todavia há os crimes mais frequentes de atentados à honra, em que esse longo prazo parece uma concessão ridícula e vergonhosa.

RAUL – E a bala para que serve? Pois ousas acreditar que Janina pudesse estar hoje viva, se eu a tivesse surpreendido em pecado contra a minha honra?

ATAÍDE – É pavoroso o que estás para aí a dizer! O divórcio não foi feito para defender somente a honra de um homem. Mais do que isso, deve ele aproveitar à mulher, que também tem a sua honra maltratada na mancebia do marido, e que também tem a sua liberdade de reivindicar nas crueldades do seu algoz!

RAUL – Será o que quiseres. Mas em qualquer dos casos, a solução brutal da desafronta pela morte não



venha de vez separar o casal, uma sentença protelada e suspensão será sempre uma sentença de Direito.

ATAÍDE – Mesmo nos casos de adultério?

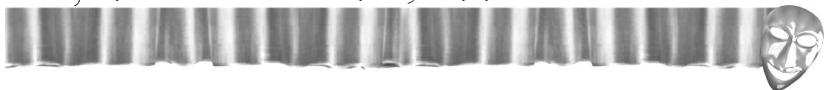
RAUL – Mesmo nos casos de adultério (Ato II, Cena I, p. 81-5).

É notório que Mário de Artagão conduz sua heroína à solução extrema do divórcio muito mais para mostrar às mulheres o risco e o preço a ser pago por essa “ousadia”, do que para encorajá-las a lutarem pela emancipação e, conseqüentemente, pela igualdade de tratamento e de direitos. Aliás, o autor escolhe a dedo a personagem que fará um brinde à emancipação feminina: Clara, a amante de Raul, que, após o divórcio, o troca pelo jornalista Ramos.

A situação da mulher divorciada na sociedade da época também é discutida pelo autor, menos com a intenção de criticar essa situação e mais para desencorajar a mulher de recorrer a essa solução extremada. Não tendo a mulher, em geral, uma profissão, que tipo de vida lhe estaria reservado, após o divórcio? A volta à casa paterna, a prostituição, o suicídio ou uma segunda união? Janina opta pela última alternativa, levada pelo desamparo em que a deixara o ex-marido, como ela própria confessa a ele, no final: “O medo à fome... o medo de não lhe macular a honra!”.

É nisso, talvez, que reside a “inconsistência” dessa personagem: por um lado, Janina é portadora da mentalidade de uma nova mulher e de uma nova atitude; por outro, mesmo traída e relegada a uma situação de penúria financeira, é ela quem defende, com ênfase, a ideia de que, mesmo após o divórcio, a honra do ex-marido continua nas mãos da ex-esposa:

Que importa haver buscado numa segunda união uma desventura maior, se com isso evitei que a fome atafulhasse em lama um nome que me tinha sido caro?! Não quis... compreendeu-me bem?... não quis que, uma vez atirada ao leito das torpezas, viessem os seus amigos a proclamar que em noite de regabofe haviam desnudado o seio da esposa divorciada. (...) O senhor julgava talvez que o divórcio o pusesse a coberto da desonra! Como revolta esta cegueira! Os tri-



bunais podem restituir ao marido o valor de todos os seus bens, embrulhados numa carta de alforria. Mas os que eles não poderão jamais evitar, é que a mulher desamparada leve para os prostíbulos a memória de um homem, que o vinho há de insultar pela boca hedionda da chacota!... (Ato III, Cena IV, p. 187).

O combate mais veemente ao instituto do divórcio e, principalmente, à concessão de uma chance à mulher divorciada, para que esta refizesse sua vida, provém exatamente do segundo marido de Janina. Amaral, o comerciante que casara com ela, mesmo sabendo que era divorciada, chega tarde demais à conclusão de que “um homem, que tem a experiência dos 40 anos, não deve procurar mulher no rol ambíguo das divorciadas”.

Movido pelo ciúme, é de Amaral o compromisso de conferir veracidade e reafirmar a opinião de Ataíde, de que “a regeneração na penitência das lágrimas é mais justa do que a regeneração nos braços de outro homem!”:

AMARAL – O divórcio... estás ouvindo? O divórcio nem mesmo se justifica quando é obrigada a intervir a lâmina de um punhal... Só os covardes poderão apelar para uma lei que se torna cúmplice de sua desonra! Tu te separaste de um homem, porque o viste assentado no colo de uma rival; e desde que a tua presença naquela casa te era para sempre insuportável, um só recurso honesto te restava: – o das lágrimas... o da resignação, num recanto de todos esquecido...

JANINA (*atalhando com energia*) – Onde me foste procurar!

AMARAL – ... e onde encontrei o meu tormento, porque a mulher divorciada não tem o direito de fazer a felicidade de um marido, quando um outro, pelo pensamento, vive a desnudar segredos de encantos já gozados.

JANINA – Tem compaixão de mim!

AMARAL – Quero que me ouças... Quero que saibas que há duas bocas que te conhecem na intimidade dos abraços; e só agora percebo a parvoíce da minha infantilidade, quando te dei um nome que não podias honrar, porque... também o compreendes... (*toma-*



-Ihe com violência o braço) porque tu não foste outra coisa senão uma amante passageira aos caprichos de um torpe aventureiro! (Ato III, Cena II, p. 167-9).

O fim desta peça também é trágico. Amaral mata Raul com um tiro. Janina, antes de morrer (supõe-se que morra, já que, segundo a rubrica, “após lutar com o marido, esgota todas as suas forças e entra em crise de agonia”), absolve Amaral, ao dizer aos criados que surgem: “este homem insultou-me... e eu matei-o!”.

\* \* \*

Ainda que não ocorra, diretamente, a defesa do divórcio, a crítica à indissolubilidade do casamento pode, também, ser encontrada no drama *O anjo do sacrifício* (1876), de Arthur Rocha. Nessa peça, temos duas irmãs, Eulina e Laura, interessadas no mesmo homem, o guarda-livros César, que ama a primeira. Casada, Eulina – apesar de corresponder ao sentimento – se mantém fiel ao juramento feito ao marido diante do altar.

Na seguinte cena, ela revela seu segredo, num solilóquio:

Ela [*refere-se à irmã, Laura*] chora, porque não é correspondida, e eu porque não posso correspondê-lo!... Aquela, livre da cadeia social que o casamento nos impõe, coração desonerado de rigorosos preconceitos, ama ardentemente e vê repudiado o seu amor!... Eu, presa das mil convenções do matrimônio; eu, que jurei aos pés de Deus amar somente a meu esposo, sou amada por ele, e (infeliz!) também o amo!... E ter de calar esse sentimento, escondê-lo aos olhos do mundo, ter gravidade nos lábios para ele, quando o coração extravasa de ternuras, quando a alma se desfaz em torrentes de carinhos!... Oh! Laura! Qual de nós será mais infeliz? (Ato I, cena II, p. 84-5).

Também César, mais tarde, em conversa com o amigo Frederico, que é apaixonado por Laura, não poupará de suas críticas a sociedade com suas convenções:





CÉSAR – (...) Eu amo-a por isso. Que importa que seja casada?...

FREDERICO – E a sociedade, César?...

CÉSAR – A sociedade!... Ela não sabe deste amor, porque eu o escondo no fundo da alma, lá onde não podem penetrar as vistas humanas, lá onde essa sociedade não pode exercer a força de seus absurdos prejuízos, lá onde o alfanje da opinião pública não pode vitimar...

FREDERICO – Felizmente tu ainda o podes esconder... E quando esse amor se tornar violento ao ponto de não poderes mais contê-lo, que farás?...

CÉSAR – Deixo que ele se derrame. Que me importa o mundo?... Que me importa essa louca sociedade, massa embrutecida que não compreende o amor da alma, esse que não se sacia no gozo ignóbil da matéria, esse que nasce de um sorriso de anjo em lábios de mulher, esse que se consubstancia numa única aspiração: ser correspondido!... Louca sociedade!... Que adultera todos os sentimentos, que lhes dá a cor da vergonha e do opróbrio quando eles exuberam de nobreza e magnanimidade!... Louca sociedade, que nos ata ao carro de seus mesquinhos preconceitos e nos arrasta ao círculo de ferro de suas estúpidas convenções!... Sociedade!... Volto-lhe as costas; nada é, nada vale (Ato II, Cena I, p. 106-7).

No drama *Os filhos da viúva* (1881), o mesmo autor discute mais explicitamente a questão do divórcio. Nele, a personagem Frederico, apaixonado pela viúva Elvira, sente-se impedido de salvá-la da desonra iminente, pela razão que só revela no final: já é casado.

Não fica claro, porém, se a intenção do autor era, efetivamente, a de produzir um libelo contra a indissolubilidade do casamento e a favor do divórcio. Na verdade, é difícil determinar o que pensava o protagonista Frederico a respeito da indissolubilidade dos laços matrimoniais e do divórcio, já que se posiciona contrário a ambos, na forma então vigente, conforme se pode ver no seguinte diálogo, que trava com Alberto, filho da viúva Elvira:





FREDERICO – Falas do casamento para exaltar-lhe as virtudes e os benefícios; mas é porque, criança como és, ilusionista, imbuído de todas essas aspirações indefiníveis e sonhos esplendorosos que povoam o crânio da mocidade incauta, só lhe procuras as delícias, e não lhe estudas os defeitos e misérias. É mister que te convenças de que o casamento, socialmente considerado, e tal como entre nós o praticamos, é um erro, é um absurdo, é um monstro. É uma cadeia indissolúvel que não só liga, na frase do catolicismo, dois corpos numa só alma, usurpando a cada um dos seres uma parte intangível de sua liberdade, como unifica duas honras e duas consciências, tornando-as dependentes uma da outra e responsáveis uma pela outra. Pode ser sancionada por Deus, que fez a humanidade dividida em dois sexos, dos quais um muito mais fraco que outro, pode ser sancionada, digo, uma lei que coloca a dignidade, a honra, a vida do mais forte nas mãos caprichosas e inconsistentes do mais fraco? Não, decerto; isso seria negar à Suprema Divindade os atributos de infalível sabedoria que os teólogos lhe atribuem.

ALBERTO – Nem tanto. O divórcio modifica de modo evidente as condições do casamento católico.

FREDERICO – O divórcio... O divórcio!... Mas o divórcio é outra insensatez, é outro aleijão, é outra deformidade codificada por legisladores inconscientes e irrefletidos. O divórcio, no casamento católico, é a negação do próprio casamento. É como se eu te dissesse agora: *Ordeno-te em nome de Deus, que rezes quatro padre-nossos e quatro ave-marias*, e em seguida acrescentasse: *mas, em nome da lei te previno que podes deixar de o fazer*. Se a lei da Igreja diz que os cônjuges ficam eternamente ligados por Deus, que é o poder superior; se leva o seu escrúpulo e o seu zelo ao ponto de declarar, por uma aberração de todos os princípios fisiológicos, que os dois corpos – de marido e mulher – ficam reunidos em uma só alma, como se pode admitir sensatamente uma determinação promulgada pelos homens – poder inferior – que diz: *eu vos separo em nome da lei?* Ou Deus ou os homens... É mister escolher, porque não pode o menor absorver o maior. E depois: o que é que o divórcio remedeia?



ALBERTO – Livra o homem de um encargo que lhe pesa, e deixa-lhe a salvo a dignidade e a honra.

FREDERICO – Parece; mas não faz nada disso. Amas a tua mulher: ela te atraíçoa; mente à tua confiança: estrafega entre os dentes adúlteros a tua honra, e mistura nos beijos dados ao amante, por entre os soluços da concupiscência, as letras do teu nome. Divorcias-te: levas para o obscuro recanto onde desejas esconder o teu infortúnio e a tua vergonha a lembrança de um amor que tanto mais se apura quanto mais infeliz é, e as dores da ingratidão com que foi compensado o teu afeto. Não a amas? Pior para ti. És desonrado por uma mulher que nada te merecia. No cabo: divorciados os esposos, recuperam sequer a liberdade de amar, de sentir, de viver? Não; continuam presos um ao outro, indissolúvelmente unidos por Deus; e o desgraçado marido, ao ver a esposa prostituída, vendendo o seu corpo, e negociando os seus carinhos, sente que ela vende e negocia também, pela lei de Deus, uma parte de si mesmo, um pedaço da sua alma; porque o divórcio separa os indivíduos; mas não desfaz os compromissos solenemente contraídos.

ALBERTO – És paradoxal, Frederico... (Ato I, Cena V, p. 19-21).

De fato, Frederico é paradoxal. Como dissemos, posiciona-se contrário tanto à indissolubilidade dos laços matrimoniais como ao divórcio. Para explicar seu comportamento, não resta sequer a possibilidade dele simplesmente ser contrário ao casamento: se fosse, não teria se casado.

Mesmo tendo, a exemplo de Frederico, restrições ao casamento religioso e ainda que, em *O anjo do sacrifício* (1876), a crítica à indissolubilidade da união religiosa também seja recorrente, Arthur Rocha parecia ser mesmo contrário ao instituto do divórcio, já que no final de uma terceira peça sua, *José*, escrita em 1877, encontra-se uma das mais ferrenhas defesas da instituição do casamento (quem fala é a personagem título):

Carlos, fui buscá-lo à sua casa para entregar-lhe este penhor. É Ângela, aí o tem. Eu já estou cansado da luta da vida e bem cedo, talvez, ela terá de ficar no desamparo. O fruto dos amores fáceis, das uniões ilegí-



timas aí está. (*Indicando Arnaldo, que está abatido nos braços de Luís e outros*). Esbravejem contra o casamento, falem, gritem, caluniem, insultem, mas ao menos não produz ele destes fatos horríveis de descer um homem a nivelar-se com os irracionais, porque os pais sabem que têm filhos e os filhos sabem que têm pais. A família é a felicidade, a ventura suprema, e o casamento é a benção purificadora, o elo que a reúne, a fonte de que ela se origina. Vai Ângela, sê feliz... (Ato III, Cena última, p. 64).

O drama *Sensitiva* (1869), de Appolinário Porto Alegre, apresenta uma questão que se aproxima da que envolve, no Brasil de hoje, a discussão acerca da responsabilidade criminal (reduzir ou não a idade penal, para 16 anos?). Nessa peça, temos uma personagem (Florinda), que abandona o marido, bem mais velho, quando este vai à falência em seus negócios. Diante do questionamento do marido – “E os juramentos prestados ante os altares, e os laços indissolúveis que nos prendem na vida e na morte e as obrigações contraídas na opulência e na pobreza?” –, ela responde: “Tinha 15 anos, lembre-se. Não era bem criança para que tenham hoje valor?”<sup>3</sup> (Ato I, Cena VIII, p. 91).

O discurso de Luís Corrêa, personagem do drama *A grupiara* (1874), de José de Sá Brito, reflete com clareza uma situação da época – no caso, a de uma mulher presa a um criminoso pelos laços indissolúveis do casamento (a fala é dirigida para Madalena, mulher de Vasques):

Sim: talvez [estejas] livre do inferno, mas não do jugo social; divorciada do carrasco do lar, mas não do marido; livre perante ti mesma, mas cativa de um domínio irritante que te liga ainda ao homem, que se diz teu esposo, embora seja ele hoje um réu de crime de falsidade. Que havemos de fazer? A sociedade ainda encara o divórcio como imoral, quando ele faria hoje feliz a ti e a tantas desgraçadas que por aí vagueiam. É uma de tantas liberdades que nos rouba a religião; cedamos, pois, a ela, amemo-nos e que o mundo não saiba (Ato 2, Cena XVII, p. 217).

---

<sup>3</sup> Conforme dissemos no início, para a Igreja os juramentos da jovem tinham, sim, valor, já que ela considerava, para validar um casamento, as idades mínimas de 16 anos para os homens e 14 para as mulheres.



No drama *O ultraje* (1901) – peça em que o adultério feminino ocupa o centro das atenções, constituindo, portanto, sua temática –, o autor de *O marido de Ângela*, Joaquim Alves Torres, volta a tratar, ainda que de forma subliminar, da questão do divórcio. Apesar da peça já pertencer ao século XX, não custa apresentarmos, aqui, seu resumo e uma breve apreciação.

Após um período de seis meses de estudos na Europa, o Dr. Arnaldo volta ao lar, no Rio de Janeiro, onde o aguardam a irmã Julieta, os amigos Luciano e Elisa, e a esposa Camila. Assim que abraça a mulher – que tem uma síncope e desmaia em seus braços –, pressente que seu lar fôra “conspurcado”. Na sua ausência, Camila arranjara um amante (o engenheiro Gustavo, que, mostrando-se interessado em Julieta, passara a frequentar a casa de Arnaldo) e, como se não bastasse, engravidara.

Transtornado pelo adultério (“o ultraje”), Arnaldo começa a tramar sua vingança: “... o ultraje transformou-me! Hei de castigá-los exemplarmente e dessa deliberação só a morte me comoverá. Lancem-me embora a pecha de mau, de vingativo, de cruel, não me desviarão do caminho que tracei” (Ato 2, Cena V, p. 127). Tal “caminho” consistia na morte – moral, e não física – da esposa e de seu amante.

Camila, contudo, ameaça frustrar seu desígnio, com o suicídio. O acaso faz com que, de uma hora para outra, o engenheiro Gustavo se veja envolvido em dívidas e perseguido por credores. Esse mesmo acaso fará com que, em questão de dias, o amor que Julieta sentia por Gustavo mude de alvo: Leopoldo. Segundo Julieta: “Há oito dias te ouvi indiferente; há dois, te tornaste o dono de meu destino; hoje morreria se te perdesse” (Ato 4, Cena VII, p. 168).

Por intermédio do corretor Tobias, Arnaldo se propõe a avalizar um empréstimo para seu rival, junto ao amigo Luciano, com o que pretende amealhar o que lhe resta de bens. Já a intenção de Gustavo não é outra senão a de apanhar o dinheiro, para fugir do Rio de Janeiro. A casa de Luciano dá lugar ao derradeiro encontro entre Camila e Gustavo. A chegada providencial de Arnaldo impede que aquele a estrangule. Humilhado e



acuado, Gustavo esconde-se no pavilhão do jardim da casa do Dr. Arnaldo e promete vingança.

Em seu gabinete, Arnaldo recebe, por intermédio de Diogo, uma carta de Camila. É uma carta de adeus. Quando a lê, Camila já está morta. Armado, Gustavo invade a casa de Arnaldo, para concretizar sua vingança. Quando recebe a notícia de que Camila está morta, fica aterrorizado e sente-se incapaz de matar Arnaldo que, mesmo desarmado, enfrenta-o corajosamente. É providencial a chegada da polícia, que decreta a prisão de Gustavo, sob a acusação de falsário. Mas este não se entrega. Fazendo uso de um vidro de veneno letal, que roubara do consultório do Dr. Arnaldo, acaba com a própria vida.

A intenção do autor, de debater a questão do divórcio (sem ele, só a morte poderia conferir uma nova perspectiva de vida para o “ultrajado”), resta clara, principalmente, na seguinte passagem, em que critica a indissolubilidade do vínculo matrimonial, mesmo em caso de separação por adultério:

LUCIANO – E sobre o divórcio, que resolveste?

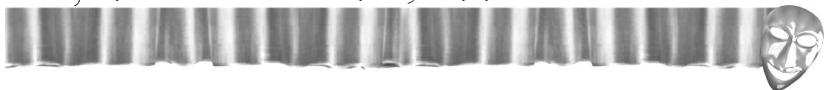
ARNALDO – Nada.

LUCIANO – Pois eu continuo a opinar que deves promovê-lo quanto antes.

ARNALDO – Para quê? Separo-me de uma mulher que me desonrou e essa mulher enquanto viver será um indestrutível obstáculo à minha liberdade moral? Eu, a vítima, fico privado do direito de amar e desposar outra mulher que me orgulhe, porque a lei assim o ordena.

LUCIANO – Assim é. A lei que temos não é mais do que o produto do nosso meio. Há pouco, um homem de talento, de espírito emancipado, apresentou à Câmara um projeto de divórcio, acabando com a indissolubilidade do laço conjugal. Que resultou? Levantou contra si infernal berreiro de inúmeros representantes do país e até do Vaticano que em tudo mete a colher. E daí, meu amigo, uma prevista consequência: o adiamento do projeto que tão cedo não se converterá em lei, numa lei de saneamento moral.

ARNALDO – Para gáudio desses homens que blasfemam de inteligentes, de filhos deste século e que, no entanto, se curvam a preconceitos ridículos. A pretext-



to de um suposto desmembramento da família, bramam contra o divórcio dissolúvel que é, todavia, o único descente, moral, legítimo e racional. E qual é esse desmembramento da família? A família não está escudada pela lei? Ou a lei tem poder para garantir o direito da família, ou é uma inutilidade. Se é uma inutilidade, acabemos com os legisladores e vivamos à sombra das leis naturais.

LUCIANO – De perfeito acordo.

ARNALDO – E aplaudem o divórcio indissolúvel que classifico de monstruosidade embora me chamem paradoxal. Dois seres se separam por princípio de honra e a parte honesta fica na dependência da desonesta. Se isto não é uma irrisão, uma imoralidade, que será? Amanhã me divorcio dessa mulher que manchou o meu nome e ela, aviltada até o extremo, me gargalhará nas faces: sou uma divorciada, mas serei sempre tua esposa, porque a lei não consente que tenhas outra.

LUCIANO – Contristadora verdade.

ARNALDO – E vivemos num regime liberal que teve a força de decretar o casamento civil, essa sublime conquista da razão, e que, entretanto, fraqueja ao derrocar uma lei deprimente! (Ato 3, Cena IV, p. 151-152).

Na introdução da obra *Teatro social*, na qual se encontra inserido o drama em análise, Cláudio Heemann (1989, p. 12-13) fez a seguinte apreciação:

Como em *O marido de Ângela* e *Os frutos da opulência*, outras das peças maiores de Alves Torres, aparece sua habilidade em retratar uma época, costumes e preconceitos à frente, aqui também aparece um quadro dramático perfeitamente realizado. Não obstante os resquícios românticos e as soluções melodramáticas. O universo ético em que as pessoas estão aprisionadas é o mundo das hipocrisias e códigos rígidos dos preconceitos burgueses de cujas convenções os personagens não sabem libertar-se. Essa realidade de conformismo castrador encontra um desenho de exposições acabado e coerente. Os personagens e o desenvolvimento do entrecho, a linguagem e a força



descritiva são, inegavelmente, as de um hábil construtor de enredos, manipulador de figuras e um painelista de situações sociais.

A posição da mulher numa sociedade dominada pela opressão masculina, pelos cerceantes preconceitos do moralismo cristão reinante fazem de Alves Torres uma curiosa mistura de Dumas Filho (1824 – 1895) com Henrik Ibsen (1828 – 1906). Camila de *O ultraje* lembra as heroínas de *A dama das camélias* e *Casa de bonecas*. Só que Camila não tem forças para colocar-se acima das convenções dominantes. É vítima sem defesa. Assumindo um calvário sem nenhuma perspectiva de salvação. O jugo machista que a destrói está presente inclusive nas modernas colocações sobre o divórcio. Ele é invocado como necessidade masculina para repudiar o adultério. Não apenas como solução liberatória para duas partes em desacerto. O que torna ainda mais severa a reação do marido. Prova a mais que Alves Torres sabia flagrar o comportamento de seus personagens em atitudes sociais nítidas.

A avaliação de Heemann está correta, exceto na questão em que tenta aproximar Camila das heroínas de *A dama das Camélias* e *Casa de bonecas*. Camila em nada se assemelha com as protagonistas das obras de Alexandre Dumas Filho e Henrik Ibsen.

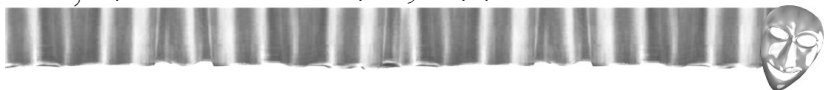
A prostituta de luxo, Margarida, de *A dama das camélias*, num gesto de total abnegação, sacrifica o único amor de sua vida e, conseqüentemente, sua felicidade, para salvar o amante e, principalmente, a família deste, da desgraça.

Ao falsificar a assinatura de seu pai numa letra, que lhe daria dinheiro para empreender uma viagem, a mãe de três filhos e esposa submissa, Nora, de *Casa de bonecas*, age também movida por uma intenção nobre: seu marido está gravemente enfermo e a viagem poderá salvar-lhe a vida.

Pode-se entender a solidão de Camila, com o marido ausente de casa por um longo período, mas em sua ação nada há de heroico, digamos assim, que atenuie ou justifique seu comportamento adúltero.

Aliás, quanto à questão da heroicidade, o mesmo se pode dizer em relação às demais personagens femininas dos





dramas anteriormente analisados. Apesar de algumas delas poderem ser classificadas como “mártires”, pelo sofrimento que lhes era imposto pelo homem e pela sociedade, muito pouco ou nada há de heroico em suas ações. Poder-se-ia alegar que isso acontece porque todas essas personagens foram idealizadas por dramaturgos do sexo masculino. Margarida e Nora, no entanto, também o foram...

\* \* \*

A lei nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977, que instituiu o divórcio no Brasil, e a que nos referimos no início, permitia o divórcio uma só vez. Ou seja, o cidadão teria apenas uma segunda chance. Tal restrição viria a ser abolida, constitucionalmente, em 1988.

A partir de então, de acordo com o disposto na Constituição da República (art. 226, § 6º), o casamento pode ser dissolvido pelo divórcio, após prévia separação judicial por mais de um ano, nos casos expressos em lei, ou comprovada separação de fato por mais de dois anos.

Ainda que, na discussão e equacionamento dessa questão tão importante para a sociedade e dogmática para a Igreja, o Brasil tenha andado, *pari passu*, com alguns países do primeiro mundo (casos da Itália e da França, onde as primeiras leis do divórcio, mais tarde revistas e atualizadas, foram instituídas, respectivamente, em 1970 e 1975), antecipando-se, inclusive, a países como Espanha e Irlanda, onde as primeiras leis do divórcio remontam, pela ordem, a 1981 e 1996, é visível que a conquista de melhorias sociais no Brasil sempre foi (e ainda é) um processo lento e irregular, ocorrendo via de regra no quadro de conciliação com o “atraso” – ou melhor, com as nossas tradições religiosas.





# NOTAS SOBRE OS AUTORES

## 1. JOAQUIM ALVES TORRES

Filho de Joaquim Alves Maria Torres e Felicidade Alves da Conceição Torres, Joaquim Alves Torres nasceu em Porto Alegre, em 5 de agosto de 1853. Segundo Cláudio Heemann (1989, p. 17), desde jovem destacou-se no ambiente cultural da cidade, colaborando com publicações literárias, como cronista, contista e teatrólogo. Fez parte da Sociedade Partenon Literário e esteve ligado à primeira fase da Academia Rio-Grandense de Letras, à Sociedade de Ensaio Literários de Porto Alegre, ao Grupo Dramático Particular Romeiros do Progresso e à Sociedade Dramática Particular Luso-Brasileira, uma das mais atuantes e prestigiosas agremiações teatrais porto-alegrenses do século XIX. Para esta última entidade escreveu inúmeros dramas e comédias, que foram representados com êxito.

Ainda segundo Heemann (1989, p. 17), Joaquim Alves Torres fez carreira também como funcionário público fazendário. Ao falecer, com 57 anos, atuava como titular da 5ª diretoria do Tesouro do Estado. Foi vitimado por um ataque cardíaco, durante uma reunião de trabalho em sua repartição, exatamente à uma e trinta da tarde do dia 23 de agosto de 1910. Alguns anos antes, Alves Torres tinha ficado com muitas limitações físicas, após sofrer um derrame cerebral. Deixou, como pessoas mais próximas, mulher, uma filha e um filho advogado no foro de Porto Alegre.

A estreia do autor teatral gaúcho mais profícuo do século XIX e, quiçá, de todos os tempos, ocorreu em 1873. Daquele ano até 1910 (ano de sua morte), Alves Torres escreveu nada menos que 28 peças teatrais:

- 1) *O sexto pecado mortal*, drama em cinco atos, 1873. Estreado pelo Grupo Dramático Romeiros do Progresso, no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 3 de novembro de 1873 (17:19, para quem o drama teria apenas quatro atos). Voltou a ser representado no Teatro São Pedro, em 1877 (13:171 e 14:33) e, em Taquari, entre 1891/1905 (1:162). Na sessão “Crônica”, da *Revista Mensal* (n. 11, novembro de 1873, p.



507), Achylles Porto Alegre faz uma breve apreciação da peça. Publicado na *Revista Mensal* do Partenon Literário, 2ª série, vol. 5, n. 2, p. 68; n. 3, p. 104; n. 4, p. 153; e n. 6, p. 217, de 1876. O IHG do RS possui os números da *Revista* em que ocorreu a publicação.

2) *Martírios de amor*, drama em três atos, 1873. Estreado no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1873 (17:19). Publicado na *Revista Mensal* do Partenon Literário, Porto Alegre, 3ª série, v. 1, n. 7, p. 149, e n. 8, p. 195, de 1877. O IHG do RS possui os números da *Revista* em que ocorreu a publicação dos dois primeiros atos.

3) *Sentença do céu*, drama, 1875. Estreado pela S. D. P. Luso-Brasileira, de Porto Alegre, em setembro de 1875 (17:19). Na sessão “Crônica”, da *Revista Mensal* (n. 9, 1875, p. 138) consta que a Luso-Brasileira “representou os dramas *O ouro* e *Sentença do céu*, aquele original do talentoso Dionísio Monteiro e este do inteligente J. Torres”.

4) *A condição de casamento*, comédia em um ato, 1876. Representada em 29 de outubro de 1876, pela Sociedade Dramática Luso-Brasileira, conforme consta no paratexto da publicação (Porto Alegre, Tipografia da Imprensa Literária, 1876, 26 p.). O Acervo Júlio Petersen, da Biblioteca Central da PUCRS, possui o único exemplar localizado da edição.

5) *Linda*, drama em três atos, 1877. Estreado pela Sociedade Dramática Melpômene e publicado na *Revista O Colibri*, Porto Alegre, n. 27 a 39, outubro 1877/fevereiro 1878 (17:19). A peça foi efetivamente publicada naquela *Revista* e naquele período. O IHG do RS possui oito dos 13 números em que a peça foi publicada (faltam os n. 31 a 33, 35 e 38). A peça voltou a ser representada em Porto Alegre, em 1890 (13:254).

6) *O homem de luto*, drama em cinco atos, 1878 (11:546). Para 17:19, a peça seria de 1884. Foi representada no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1878 e 1892 (13:178 e 267).

7) *O esposo*, drama em três atos, 1882 (11:546). Representado no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1882 (13:197, 14:35 e 17:19). Aparece como *Um esposo*, em 14:35.



8) *Mulher em concurso*, comédia em três atos, 1882 (11:546). Representada no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1882 (13:197 e 14:35) e 1883 (13:199). Aparece também como *Uma mulher em concurso* (14:35) e *A mulher em concurso* (11:546 e 13:197).

9) *Frutos da opulência*, drama em quatro atos, 1883. Estreado no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1883 (13:199 e 17:19). Voltou a ser encenado em Porto Alegre, em 1891 (13:261) e 1901 (14:39) e, em Taquari, entre 1891/1905 (1:161). Aparece também como *Os frutos da opulência* (1:161). Publicado em: *Teatro Rio-grandense*. Porto Alegre: Tipografia do Jornal do Comércio, 1886, p. 139-233. O IHG do RS possui exemplar da edição.

10) *A nuvem negra*, drama, 1884. Representado no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1884 (13:209 e 17:19). Voltou a ser representado na capital, em 1890 (13:254). Em 17:19 aparece como *Nuvem negra*. Em 14:36, aparece como *A nuvem nepéia*. Trata-se de erro flagrante de impressão. Em 13:209 consta: “*O Modelo Vivo, A Nuvem Negra, peça nova de J. A. Torres...*”. Já em 5:36 consta: “*O Modelo Vivo e a Nuvem Nepéia, de J. A. Torres...*”. Trata-se da mesma peça (*A Nuvem negra*) representada pela S. D. P. Luso-Brasileira, no Teatro São Pedro, em 1884.

11) *O marido de Ângela*, drama em cinco atos, 1884. Publicado em: *Teatro Rio-Grandense*. Porto Alegre: Tipografia do Jornal do Comércio, 1886, p. 11-138 (A data consta no final da peça: Out/1884). O IHG do RS possui exemplar da edição.

12) *O salvador*, comédia, 1885 (17:19). Para 11:546, trata-se de um drama em quatro atos. Peça representada no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1885 (13:220 e 17:19). Aparece também como *Salvador* (11:546 e 13:220).

13) *Impalpáveis*, comédia em um ato, 1886 (5:267 e 17:19, para quem o nome da peça é *Os impalpáveis*). Representada no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1887 (13:234, 14:37 e 17:19) e 1894 (13:275). Para 11:546, trata-se de um drama em um ato, de 1886. Em 13:275 consta como *novo drama* de Joaquim Alves Torres. Trata-se, efetivamente, de uma comédia em um ato, publicada em: *Teatro Rio-Grandense*. Porto



Alegre: Tipografia do Jornal do Comércio, 1886, p. 235-262. Na capa o título consta como *Impalpáveis*. Na folha de rosto como *Os impalpáveis*. O IHG do RS possui exemplar da edição.

14) *Tipos da época*, revista, 1891. Representada no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1891, repetindo o sucesso de *Frutos da opulência*, encenada no mesmo ano (13:261). Em 14:39, a data da representação consta, equivocadamente, como 1901.

15) *Homens de caráter*, drama, 1895. Representado no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1895 (13:281 e 17:19). Aparece como *Homem de caráter*, em 14:40.

16) *O brio*, drama em quatro atos, 1899. Representado no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1899 (13:308). Em 17:19 aparece como *Brio*.

17) *O ultraje*, drama em quatro atos, 1901. Representado pela Luso-Brasileira, em Porto Alegre, em 4 de outubro de 1901 (21:521). Publicado em: *Teatro Rio-Grandense* (juntamente com o drama *O trabalho* e a comédia *A ciumenta velha*). Porto Alegre: Livraria Americana, 1911 (ed. póstuma). Reeditado em *Teatro Social* (Org. Cláudio Heemann). Porto Alegre: IEL, 1989, p. 103-175. Vide análise da peça em 23:54.

18) *O dever*, drama em quatro atos, 1901. Estreado pela S. D. P. Luso-Brasileira no Teatro São Pedro, de Porto Alegre. Publicado em: Porto Alegre, Globo, 1901. A Biblioteca da UFRGS possui exemplar da edição. Vide análise da peça em 23:57.

19) *O trabalho*, drama em quatro atos, 1903. Vide análise da peça em 23:64 e dados sobre a publicação no drama *O ultraje*.

20) *Tipos de Porto Alegre*, revista, 1904 (14:60). Em 17:19 consta “burlesca, música de Pedro Álvares, estreada pela S. D. P. Luso-Brasileira, no Teatro São Pedro. Porto Alegre, 6 de setembro de 1904”.

21) *A falha*, drama, 1904. Representado pela Luso-Brasileira, em 4 de outubro de 1904 (21:521). Drama representado pela S. D. P. Luso-Brasileira, no Teatro São Pedro, em 4 de outubro de 1905 (17:20).



22) *A ciumenta velha*, comédia em um ato, 1905. Vide análise da peça em 23:110 e dados sobre a publicação no drama *O ultraje*.

23) *Cabeça e coração*, drama, 1905. Representado pela S. D. P. Luso-Brasileira, no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 5 de fevereiro de 1905 (1:41, 14:60, 17:20 e 21:521).

24) *O lar alheio*, drama, 1905. Representado pela Luso-Brasileira, em Porto Alegre, em 4 de outubro de 1905 (21:521).

25) *Amor e ciência*, drama em cinco atos, sem data (11:546). Em 17:20 aparece como *Amor à ciência*.

26) *A família Dória*, drama, sem data (11:546 e 17:20).

27) *A imaculada*, drama, sem data (11:546 e 17:20).

28) *O cometa*, comédia em três atos, sem data (11:546). Representada em Taquari, entre 1891/1905 (1:162).

## 2. DAMASCENO VIEIRA

Segundo Guilhermino Cesar (1956, p. 282), João Damasceno Vieira Fernandes nasceu em Porto Alegre, em 6 de maio de 1850, e morreu em Salvador, em 6 de março de 1910. Funcionário do Estado, perdeu o cargo por motivos políticos, após a proclamação da República; passando ao quadro da União, serviu na Alfândega de Santos e na da Bahia. Jornalista, poeta, romancista, dramaturgo, contista, cronista, ensaísta e historiador. Participou do Partenon Literário, da Sociedade Ensaio Literários de Porto Alegre e do Grêmio Literário da Bahia. Colaborou ativamente em revistas e publicações periódicas da Província. Deixou extensa bibliografia.

Ignorado por Cesar, no capítulo em que trata da literatura dramática em sua história literária, Damasceno Vieira mereceu de João Pinto da Silva (1924, p. 176) o seguinte comentário: “Damasceno Vieira, que foi brilhante e operoso espírito, com direito a figurar entre os nossos melhores poetas, legou-nos um drama bem apreciável, *Arnaldo*”.

De fato, *Arnaldo* encontra-se entre as peças de maior sucesso do teatro gaúcho do século XIX, mas a avaliação de Pinto da Silva, relativamente à sua obra teatral, é no mínimo modesta, para quem produziu mais de uma dezena de textos teatrais:



1) *Por um retrato*, comédia em um ato, 1874. Representada por amadores do Partenon Literário, em 18 de dezembro de 1874 (21:98). Publicada em Porto Alegre: *Revista da Sociedade Ensaios Literários*, n. 5, ago 1875, p. 141-162. Conforme consta no preâmbulo da edição, a mesma foi “lida na 1ª Palestra dos Ensaios Literários, no dia 18 de dezembro de 1874”. O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul possui o número da revista, em que ocorreu a publicação.

2) *Vingança do quero-quero*, entreato cômico em versos, 1876. Publicado em Porto Alegre: *Revista da Sociedade Ensaios literários*, n. 6, 1876 (21:98).

3) *Adelina*, drama em três atos, 1879. Representado no Teatro Sete de Setembro, de Rio Grande, em 25 de outubro de 1879. Encenado em Taquari, entre 1891/1905 (1:161) e em Jaguarão, entre 1905 e 1913 (1:81, onde aparece como *Adelino*). Publicado em Pelotas: Tip. da Livraria Americana, 1880, 118 p. A Biblioteca Central da PUCRS (Acervo Júlio Petersen) possui exemplar da edição.

4) *Arnaldo*, drama em três atos, 1886. Representado em Porto Alegre, no mesmo ano (1:37, 13:221 e 16:145) e, em 1891, pela Sociedade Filodramática Italiana, em italiano (13:261). Foi encenado, também, em Jaguarão e Taquari, entre 1891/1905 (1:81 e 161). Publicado em Porto Alegre: Tip. do Jornal do Comércio, 1886. 2ª ed. Uruguaiana: Livraria Guarani, 1891, 80 p. (dessa edição, conseguimos descobrir e adquirir um exemplar num sebo, em Santos, São Paulo).

5) *Intrigas de um retrato*, comédia, 1886. Representada em Porto Alegre, pela Sociedade Dramática Particular Filha da Talia, em 13 de setembro de 1886 (1:37, 13:221 e 21:98).

6) *Anália*, drama em quatro atos, 1888. Representado no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, no mesmo ano (13:236 e 14:38). Publicado em Uruguaiana: Tip. da Livraria Guarani, 1889, 122 p.

7) *Os confidentes*, cena dramática, 1890. Publicada em Porto Alegre: Tip. de César Reinhardt, 1890 (11:569-70 e 16:145).





8) *A voz de Tiradentes*, cena dramática, em versos, 1890. Publicada em Porto Alegre: Tip. de César Reinhardt, 1890, 16 p. (11:569-70 e 16:145).

9) *Os gaúchos*, comédia de costumes rio-grandenses, em três atos, 1891. Representada no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, no mesmo ano. Publicada em Porto Alegre: Tip. Gundlach & Cia., 1891, 56 p. A Biblioteca Central da PUCRS (Acervo Júlio Petersen) possui exemplar da edição.

10) *A boneca de Lúcia*, peça infantil em um ato, 1892. Representada no Recreio Dramático, do Rio, em 25 de dezembro de 1892 e publicada no Rio de Janeiro: *Progresso Educador*, nº 5, 1894 (11:569-70). Reeditada no Amáros do RGS (gracia-no). Porto Alegre: 1894, p. 187/192 (20:32).

11) *A família Pascoal*, opereta ítalo-brasileira em três atos, música do maestro Luís Roberti, 1893 (11:569-70).

12) *Brinde a Olimpio Duarte*, sátira, 1897. Publicada no Rio de Janeiro: Cia. Tipográfica do Brasil, 1897 (5:283). Para 11:569-70, a publicação teria ocorrido em 1898.

13) *A gratidão de Florinda*, cena infantil em versos, 1898. Publicada em Pelotas: Almanaque Popular Brasileiro, 1898 (20:98).

### 3. MÁRIO DE ARTAGÃO

Mário de Artagão (nome literário de Antônio da Costa Correia Leite Filho), nasceu na cidade de Rio Grande, em 16 de dezembro de 1866, e faleceu em Lisboa, Portugal, em 14 de agosto de 1937. Sacramento Blake, em seu *Dicionário bibliográfico brasileiro* (1883-1902, VI, p. 242-3), informa: “Começou sua educação na Alemanha, mas não pode concluí-la, porque seu pai, ao cabo de três anos, o fez voltar à pátria para empregá-lo no comércio. Não houve razões, nem súplicas a que seu pai cedesse para dispensá-lo da vida comercial, e por isso deixou ele as vantagens que lhe proporcionava a enorme fortuna paterna, para viver do seu trabalho”.

Passou a viver do jornalismo, no Rio de Janeiro, em Pelotas, Recife, Porto Alegre e Rio Grande. Partidário da monarquia, por ela lutou ainda depois de proclamada a república. Redigiu, no Rio, com Carlos de Laet, a *Tribuna Liberal* e foi



também redator, em sua cidade natal, do órgão monarquista *A Atualidade* (1892-1893), fechado por ocasião da revolução de 1893, quando Mário de Artagão se refugiou, durante oito meses, no consulado inglês. Antes, trabalhara no jornal *Rio Grande do Sul*, deixando-o por questões políticas, e ainda no *Eco do Sul* e no *Correio Mercantil*, todos da Província sulina.

Guilhermino Cesar (1956, p. 299-303) dedica-lhe uma sessão de quatro páginas, em sua história literária. Segundo esse autor, “é Mário de Artagão uma curiosa figura; rebelde, inquieto, monarquista em política, darwinista em ciência. A sua poesia exprime bem os vários estágios de uma inteligência fim-de-século: partindo da revolta social, notadamente contra a Igreja, segundo a fórmula apostrofal de Junqueiro, terminou adotando o neo-romantismo risonho e inconsequente de que nos dão notícia as peças em verso de Júlio Dantas”.

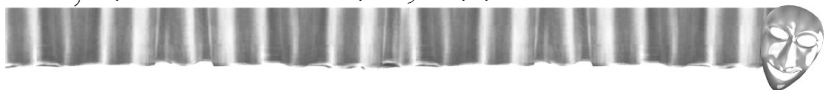
Sua obra teatral é composta pelas seguintes peças:

1) *Janina*, drama em três atos, 1900. Publicado em Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1907, 191 p. A peça foi traduzida para o italiano. O Acervo Júlio Petersen, da Biblioteca Central da PUCRS, possui exemplar da edição.

2) *No rastro das águias*, poema dramático, 1925. Publicado em Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1925, 32 p. O Acervo Júlio Petersen, da Biblioteca Central da PUCRS, possui exemplar da edição.

3) *Feras à solta*, poema dramático, 1936. Publicado em Lisboa: Ed. Gráfica Portuguesa Ltda., 1936, 43 p. O Acervo Júlio Petersen, da Biblioteca Central da PUCRS, possui exemplar da edição.

Segundo Guilhermino Cesar (1956, p. 300), em 1901, o autor anunciava *A taça* (tese sobre o alcoolismo) como drama a publicar, e, em 1933, anunciava em preparo *O grande exilado* (drama em verso). Escreveu ainda: *As infernais*, poesias, Rio Grande, 1888 (2ª ed., Recife, 1889); *O Saltério*, poesia, Rio Grande, 1894 (há uma edição da Brasil-Portugal Limitada, Lisboa, s/data); *Música sacra*, poesia, Pelotas, 1901 (sem indicação de editor); *Rimas pagãs*, Composto e Impresso na Sociedade Nacional de Tipografia, Lisboa, 1933.



Para não repetirmos os nomes dos autores-fonte nas notas, adotamos a seguinte convenção:

1. HESSEL, Lothar (1999).
2. PEIXOTO, Fernando (1993).
3. HESSEL, Lothar & RAEDERS, Georges (1979).
4. FLORES, Moacyr (1995).
5. CESAR, Guilhermino (1956).
6. SANTO, Qorpo (1998).
7. COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante de (2001).
8. KILPP, Suzana (1987).
9. SILVA, Lafayette (1938).
10. MARTINS, Ari (1978).
11. SOUSA, J. Galante de (1960).
12. PEQUENO *dicionário do Rio Grande do Sul* (1999).
13. DAMASCENO, Athos (1956).
14. DAMASCENO, Athos, CESAR, Guilhermino et alii (1975).
15. GOLIN, Cida, CESAR, Guilhermino et alii (1989).
16. BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (1997).
17. TORRES, Joaquim Alves (1989).
18. FORTES, Betty Y. B. Borges (1998).
19. HESSEL, Lothar & RAEDERS, Georges (1986).
20. VILLAS-BÔAS, Pedro Leite & MARTINS, Ari (1968).
21. VILLAS-BÔAS, Pedro Leite (1978).
22. HESSEL, Lothar, VILLAS-BÔAS, Pedro Leite et alii (1976).
23. FISCHER, Antenor (2007).

Exemplo: 4:78 = FLORES, Moacyr, 1995, p. 78.

As informações bibliográficas completas, relativas às obras que figuram na convenção acima, encontram-se no espaço apropriado, no fim deste volume.





# O MARIDO DE ÂNGELA

Drama em cinco atos  
de  
Joaquim Alves Torres

PORTO ALEGRE  
Teatro Rio-Grandense – Volume I  
Tipografia do Jornal do Comércio

---

1886<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> No fim da peça consta: 10-1884. *O marido de Ângela* foi publicado juntamente com o drama em quatro atos *Frutos da opulência* (1883) e a comédia em um ato *Impalpáveis* (1886). O único exemplar localizado da edição encontra-se no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.





## PERSONAGENS

ÂNGELA  
LAURA  
DR. LUÍS NÓBREGA  
DR. FABRÍCIO  
COMENDADOR AGUIAR  
PEREGRINO DE AVELAR  
HILÁRIO  
PEDRO DE CAMPOS  
CORNÉLIO  
JOSÉ  
CRIADO E CAIXEIRO

Rio de Janeiro – Atualidade.







## ATO I

*Sala elegante.*

Cena I

PEDRO e ÂNGELA.

PEDRO – Concluo, por consequência, que agrada-te mais a nossa pequena cidade que a Corte.

ÂNGELA – Concluiu bem.

PEDRO – Se fosses da minha idade, talvez te desse razão; mas sendo moça, confesso que a tua predileção me surpreende.

ÂNGELA – Sei que a corte tem belezas e atrativos, esses predicados que satisfazem plenamente a juventude, mas possui também uma sociedade que incute-me receios, uma sociedade muito diferente daquela em que tenho vivido.

PEDRO – Quem quer que te ouvisse, rir-se-ia, com certeza, do teu provincianismo.

ÂNGELA – Nem todos os gênios são iguais, meu pai. As pessoas da minha idade geralmente aspiram à vida permanente das grandes capitais, eu contento-me apenas em contemplá-las de passagem... A alta sociedade, o luxo, a ostentação que lhes despertam deleites e encantos, a mim infundem desgostos e medo. Por mais deslumbramentos que aqui tenha, adoro a minha pequena sociedade. Lá, em nossa terra, os que nos rodeiam, nos amam; aqui, no mundo social, os que nos cercam, não inspiram confiança.

PEDRO – Cada vez te estranho mais. Se não há sério motivo para assim pensares, há de convir que exageras tudo ou atravessas um período de infantilidade, apesar dos teus vinte anos.

ÂNGELA – Se não existisse a causa, não deduziria naturalmente o efeito.

PEDRO – Então[,] explica-te.

ÂNGELA – Fá-lo-ei de bom grado e[,] sobretudo[,] para convencê-lo de que não sou uma vítima de falsas apreensões.

PEDRO (*sorrindo*) – Vejamos.

ÂNGELA – O que se lê em romances, nos folhetins, nos noticiários de jornais e[,] enfim[,] o que muitos dizem e comentam, seria suficiente para se ajuizar daquilo que chamam – alta sociedade.

PEDRO – Ora!

ÂNGELA – Mas quando isso não bastasse, bastava a experiência e essa, eu a tive.

PEDRO – Como?

ÂNGELA – Desde que Luís tomou assento na câmara dos deputados, há dez dias, já fui a dois bailes dessa mesma sociedade. Quanto isso constrangeu-me, o senhor deve imaginar. Mas para um deputado todas as portas são



abertas e a mim, como sua mulher, cumpria-me acompanhá-lo. Dancei, porque devia fazê-lo; era a etiqueta: no entanto, nunca dancei com meu marido.

PEDRO (*sorrindo*) – Uma coisa horrível...

ÂNGELA – Não é tudo. Encontrei, é certo, cavalheiros distintos, que se mostraram sempre solícitos e respeitosos; outros, porém, talvez em maior número, procederam ao contrário; eram tolos, levianos ou insolentes. Ouvia galanteios e confissões amorosas e não sei como tinha a prudência de as escutar silenciosamente. Reconhecia em seguida que isso evitava-me a prática de alguma inconveniência no seio dessa sociedade tão diferente da minha. Entretanto[,] que diriam consigo esses moços? Acredito que muitas vezes falaria em meu desabono.

PEDRO (*sério*) – Por mais que esses parvos dissessem, nunca seriam capazes de afrontar a tua honra.

ÂNGELA – Pode ser; mas a verdade é que nutro temores.

PEDRO – Se é esse o único lado mau...

ÂNGELA – Espere; ainda não terminei. Além de me sujeitar a perigos dessa ordem, pressinto um outro que à lembrança de possível, me magoa o coração. Luiz é moço, simpático e possui talento superior. Releve-me esta apologia.

PEDRO – Não só relevo; confirmo.

ÂNGELA – Ele ama-me com extremos. Somos casados há mais de um ano e ainda não lhe descobri a menor sombra de tédio. Gosta[,] porém[,] dos divertimentos e acha tudo excelente, tal qual como o senhor, alegando, para justificar-se, que a maior virtude não receia expor-se, porque sempre resiste.

PEDRO – Muito bem dito.

ÂNGELA – Mas Luís, eu o sei, é desejado por mulheres que zombam do matrimônio, por mulheres equívocas que...

PEDRO (*atalhando a rir-se*) – A Ângela com zelos!

ÂNGELA (*séria*) – Vejo que é necessário não prosseguir.

PEDRO – É melhor, filha. (*Ergue-se*). Teu marido não deve tardar e eu vou aproveitar esta meia hora antes do jantar. Já ia me esquecendo de mais uma encomenda de tua mãe.

ÂNGELA – É[,] então[,] inabalável a resolução de ir-se embora amanhã?

PEDRO – Tão inabalável como o Pão-de-açúcar. Parto no trem das sete horas. Estou, há cinco dias, na Corte e esse tempo[,] para os meus interesses[,] equivale a um século.

ÂNGELA – Sinto profundamente que não fique até domingo.

PEDRO – Entendo... Querias que ficasse para o sarau...

ÂNGELA – Desejava ao menos que me ajudasse (*sorrindo*) a levar a cruz ao Calvário.

PEDRO – Mas não pode ser. (*Peregrino aparece*). Chegaste em boa ocasião. (*Para Ângela*). Deixo-te um substituto para passares o tempo. Até já.



Cena II

ÂNGELA e PEREGRINO.

PEREGRINO – Então[,] aproveite-me, prima. (*Apertando-lhe a mão*). Como vai sua amável pessoa? É ociosa a pergunta. Diariamente bonita, efetivamente rosada, periodicamente melancólica, presentemente encantadora e eternamente adorável.

ÂNGELA – Com efeito! Decorou muito bem a lição dos advérbios.

PEREGRINO – Errou, prima. A única lição que estudo é a dos namoros. (*Rindo*). Quer ser minha professora?

ÂNGELA – Está tão galhofeiro, tão divertido... Viu passarinho verde, primo?

PEREGRINO (*fixando-a*) – Vi.

ÂNGELA – E ele?...

PEREGRINO – Bicou-me na língua e é isto que se vê...

ÂNGELA – Vê-se, não tem dúvida.

PEREGRINO – E qual é o ente humano do meu sexo que não sente-se inundado de júbilo ao ver tão formoso bichinho? (*Sério*). A mulher que não é um tal passarinho... é onça, salvo honrosas exceções.

ÂNGELA (*séria*) – E desta vez casa-se?

PEREGRINO (*sério*) – Caso-me... para o futuro.

ÂNGELA – É a volubilidade personificada.

PEREGRINO – Não creia; não dê ouvidos aos maldizentes. Quando lhe revelar um segredo, há de mudar de opinião. Ah! Se me pudessem compreender, se soubessem avaliar o que existe aqui (*indica o coração*), dou meu pescoço a torcer se não me respeitassem como um timoneiro respeita um rochedo. Mas... abandonando o passarinho... O Luís já veio?

ÂNGELA – Ainda não.

PEREGRINO – Pensei encontrá-lo.

ÂNGELA – Suponho[,] entretanto[,] que pouco se demorará.

PEREGRINO – É que talvez o debate na câmara se tenha prolongado.

ÂNGELA – Com toda a certeza, tanto mais que hoje ele ia interpelar o governo. Ah! A política subjuga completamente o Luís. O primo é que faz bem abandonando-a.

PEREGRINO – Não sei se faço bem; mas é verdade que não lhe consagro a minha afeição. Dir-se-á que são gostos. Seja. Muitos apreciam os homens políticos; eu, com limitada exceção, os detesto. Tenho até infinito prazer em zurzi-los<sup>5</sup>. Encastelo-me na minha independência abdominal e a pancadaria... suporte-a quem puder e quem não puder que grite à vontade. Todavia[,] não quero concluir que a política seja má; é até excelente para certos indivíduos que têm subido ao fastígio do poder adquirindo fortunas colossais.

ÂNGELA – Saltando por cima da dignidade.

---

<sup>5</sup> Criticá-los com severidade.



PEREGRINO – Qual, prima! Saltando por cima do escrúpulo. Entre uma e outra coisa eles enxergam grande diferença. Uma elasticidade da consciência não é um decréscimo da dignidade. A gente pode arranjar-se e ser honrada; nisso não há inconveniente. Faça, portanto, uma distinção.

ÂNGELA – Para mim, quem menos preza o escrúpulo, não tem dignidade.

PEREGRINO – Os fatos demonstram o contrário. Há milhares de figurões opulentados pela política que são eminentemente considerados. Os outros – aqueles que se sacrificam por uma ideia, que escrupulizam, que erguem altares ou levantam oblações à dignidade política, são – diz muita gente e[,] aliás[,] com acerto – são uns tolos! Olhe, prima; aqui para nós e que ninguém nos ouve: o Luís é um tolo.

ÂNGELA – Aceito o elogio.

PEREGRINO – A corrupção política é tamanha que até na própria câmara se mercadeja o direito de um homem e a vontade da opinião pública. Na câmara preferem-se os interesses pessoais aos interesses do país. O povo elege legitimamente o seu representante e a câmara o expõe como intruso. Ia tendo um exemplo no Luís[,] que quase perdeu a cadeira de deputado tão ambicionada pelo Dr. Fabrício, o seu competidor. No entanto[,] a prima sabe que este Dr. Fabrício é bem acolhido pela nossa sociedade. Tem ele escrúpulos, consciência e dignidade? Os anjos que respondam. Eu cá sou profano.

ÂNGELA – E[,] contudo[,] eu antes desejaria que o Luiz não fosse reconhecido.

PEREGRINO – Isso também não. É necessário que caracteres como o dele se consagrem à nação, porque ao menos esta não fica totalmente desamparada. Luís Nóbrega é sinceramente patriota e pode prestar grande serviço ao nosso idolatrado Brasil. Nestes tempos em que a pátria é sinônimo de barriga ou é apenas palavra que repercute ao longe, o aparecimento de tais missionários, deve ser festejado. Luís pouco poderá fazer, em face da onda que se lhe antepõe; em todo o caso, o eco da sua expressão patriótica percorrerá o país de norte a sul. A imprensa honesta se encarregará dessa tarefa. Mas a propósito de imprensa, lembrou-me uma cousa. A prima já leu o folhetim da *Gazeta* de hoje?

ÂNGELA – Não.

PEREGRINO (*dando-lhe o jornal*) – Então[,] leia.

ÂNGELA – De que trata?

PEREGRINO – Da senhora, segundo julgo.

ÂNGELA (*surpresa*) – De mim?!

PEREGRINO – Sim, de si. Fala do último baile a que assistiu. (*Agarrando no jornal e indicando o lugar, achando-se quase perto dela*). “É uma formosa moça ( *lendo*), um astro cheio de luz”. (*Parando e fixando-a*). Concordo com a opinião aqui emitida. (*Aparece Luís ao fundo*). A prima é na verdade formosa!



Cena III

OS MESMOS e LUÍS.

LUÍS (*ao fundo*) – É possível; mas te advirto que não tenho procurador com tamanhos poderes.

PEREGRINO (*atrapalhado e sorrindo*) – Sem dúvida, mas nem por isso merece censura o meu excesso de amizade; porque ninguém peca por confirmar aquilo que é real. O que ouviste, repito e torno a repetir, se quiseres.

ÂNGELA – Eu dispenso.

LUÍS – Sim; nós dispensamos.

PEREGRINO – Bem: calo-me. (*Põe o jornal sobre a mesa[,] do modo mais natural possível*).

ÂNGELA – O primo veio procurar-te.

LUÍS – A minha demora foi motivada pelos debates da câmara. Interpelei o ministro e[,] como sempre[,] uma resposta pouco satisfatória. (*Assenta-se*). Não imaginam como profundamente me desgosta este sistema de governar. A oposição indica os erros, condena os desmandos ou pede que[,] por meio da luz[,] desfaçam as trevas disseminadas pelo país. O governo[,] entretanto[,] reveste-se de manha<sup>6</sup>, mostra um sorriso dúbio e responde que a oposição é injusta, que faz de tudo política, que o governo procede com critério, que tem consciência dos seus atos, que o estado do Brasil é próspero e que[,] finalmente[,] as coisas marcham às mil maravilhas.

PEREGRINO – Tu surpreendes-te de cenas que[,] para mim[,] são vulgares e velhas. Todos os governos guiam-se por uma cartilha, todas as oposições por outra. É dessa forma que o tempo decorre e a nação vive.

LUÍS – Pois eu asseguro-te que se[,] porventura[,] um dia for governo, desmentirei o que acabas de dizer.

PEREGRINO – Concedo; abro mesmo para ti uma exceção: mas afirmo[,] a meu turno[,] que serão poucos os dias do teu governo. – Crê no que te digo, Luís. Não há hombridade de caráter que aniquile o elemento corruptivo, porque este, infelizmente, é mais forte.

LUÍS – Não é tanto assim: isso é pessimismo. Eu confio bastante na política que represento; quando ela governar, há de fazê-lo com moderação e respeito ao povo.

PEREGRINO – Não sou pessimista, sou verdadeiro. Quanto à tua confiança, não me iludo também; e nem me fales em respeito ao povo; porque isso é irrisório. Respeito ao povo! Ainda governo algum se lembrou de semelhante coisa e, nem de semelhante coisa o povo é digno.

LUÍS – Por quê?

---

<sup>6</sup> No original, “manhã”.



PEREGRINO – Porque o povo, esse coletivo que devera ser glorificado, não tem força moral e é covarde. Deixa-se explorar, sem ter sequer o instinto da revolta. Deixa-se dominar por qualquer a quem dá vivas hoje e no dia seguinte apedreja.

LUÍS – Há exagero da tua parte. O povo é sempre vítima pela sua docilidade e prudência; mas reage nas ocasiões precisas. (*Erguendo-se*). Estou, porém, farto de discutir e ainda não me pus em traje mais caseiro[,] para jantar. Espera-me um pouco[,] que volto já. Previno-te que jantas comigo. Vens, Ângela? (*Saem*).

#### Cena IV

#### PEREGRINO e UM CRIADO<sup>7</sup>.

[PEREGRINO] – É um casal que não discrepa. Ele – excelente rapaz – ela – esplêndida mulher. Diabo! Por uma mulher desta estampa, que homem não fará prodígios?

UM CRIADO (*entrando*) – Uma carta para o senhor.

PEREGRINO – De onde veio?

UM CRIADO – Ao receber do carteiro as que vinham para meu amo, dei com os olhos nesta e tomei-a, dizendo que o senhor estava aqui. (*Sai*).

PEREGRINO (*abre-a, faz um movimento e lê*) – “Sábado, à meia-noite, o espero. Ele sai de tarde e volta no domingo”. (*Demonstrando alegria*). Cede[,] enfim! (*Pausa*). Esta ama-me; e a outra, quem sabe? (*Pausa*). Não faltarei.

#### Cena V

#### PEREGRINO, DR. FABRÍCIO e HILÁRIO.

CRIADO (*introduzindo*) – Tenham a bondade de entrar: vou dar parte a meu amo. (*Sai com cartões*).

FABRÍCIO (*cumprimentando*) – Senhor Avelar.

HILÁRIO – Como vai, senhor Peregrino?

PEREGRINO (*apertando as mãos dos dois*) – Felizmente bem. Os senhores passeiam, não?

FABRÍCIO – Vimos visitar o Dr. Luís Nóbrega.

PEREGRINO – Também[,] há pouco[,] chegou ele da câmara. (*Indica os assentos*). Sem cerimônia.

HILÁRIO – A sessão esteve animadíssima, ouvi dizer.

PEREGRINO – Penso que sim.

FABRÍCIO – Para hoje, às duas horas da tarde, estava marcada uma interpelação ao ministro da agricultura.

PEREGRINO – Não assistiu?

---

<sup>7</sup> Na edição original: “PEREGRINO só”.



FABRÍCIO – Foi-me impossível. Ocupações privaram-me de ouvir o discurso do Dr. Luís. Fui seu competidor, questionei-lhe a cadeira no parlamento, sou adversário decidido; mas sou também o primeiro a render homenagem ao seu talento e admirar a sua eloquência: por isso[,] lamento não ter ido à câmara.

HILÁRIO – Também senti não ir. Para ouvir ao Dr. Nóbrega daria de bom grado uma falta na repartição; mas infelizmente[,] desde ontem[,] atarefa-ram-me de serviços extraordinários, de sorte que não pude realizar esse desejo.

PEREGRINO – Pois eu cometi a mesma falta e não apresento um só motivo para justificá-la. Entretive-me a ler um romance moderno e preferi continuar sua leitura a escutar os melodiosos sons dos rouxinóis parlamentares. Os senhores riem-se?

HILÁRIO – Pudera!

FABRÍCIO – Pouco lhe merece um deputado.

PEREGRINO – Um deputado, como Luís, por exemplo, vale muito para mim. O número destes, porém, é limitado. Em geral, os deputados sabem tanto o que vão lá orar como eu sei dizer missa, o que não impede de provarem sabedoria no ato de receber o subsídio. Ora, ir à câmara para provocar o sono, é uma sensaboria, visto que é melhor dormir em casa. Podem objetar-me que se vá, ao menos, para ouvir os bons oradores. Serão objeções judiciosas, concedo; mas não coadunam-se com o meu modo de pensar.

FABRÍCIO – Por quê?

PEREGRINO – Porque tenho-me na conta de homem delicado e como não posso aturar um mau orador, teria de desfeitá-lo ou ofender o seu melindre, retirando-me. Por esta poderosíssima razão, é que raras vezes assisto a debates parlamentares. Contento-me em ler os discursos no *Diário Oficial*; ao menos, quando os leio, julgo que todos falam bem.

HILÁRIO – O senhor é excepcional em regra.

PEREGRINO – Engana-se. É que eu sou demasiadamente franco e os outros temem manifestar-se. Os senhores mesmo[,] que me contestam, intimamente dão-me razão. Ora[,] digam-me: é possível suportar um sujeito que[,] em face de qualquer público[,] dá sinais de falar e começa a gaguejar, a tossir, a repisar sílabas, a proferir sandices e desconcertos gramaticais? Não é possível, a menos que não se deseje aceitá-lo como um remédio soporífero. (*Batem palmas dentro. Indo ao fundo e olhando para fora*). Faz o favor de entrar.

#### Cena VI

#### OS MESMOS e JOSÉ.

JOSÉ (*entrando a fazer zumbaias*<sup>8</sup>) – Um criado de vossa senhoria... Um criado de vossas senhorias... Sou o José da Silva dali defronte... Vossas senhorias, naturalmente, não têm a honra de conhecer-me.

---

<sup>8</sup> Salamaleques.



PEREGRINO – O que realmente sentimos, porque, de fato, era uma honra.

JOSÉ – Sim, senhor; eu continuo: sou o José da Silva dali defronte.

PEREGRINO – Já tivemos[,] também[,] a honra de saber.

JOSÉ – Tanto melhor e vou para diante. Sou um cidadão muito prestativo. Quando muda-se para esta vizinhança qualquer pessoa, imediatamente vou oferecer-lhe os meus préstimos. Acontece que cometi um crime em relação ao senhor doutor que mora aqui; mas tenho uma desculpa: estive de cama perto de vinte dias por causa de uma doença que, segundo a opinião do cirurgião médico que me tratou, se chama mielite.

PEREGRINO – Mas[,] enfim[,] o que deseja?

JOSÉ – Fiquei bom e hoje pude sair à rua, com ordem do cirurgião, já se vê. Sabendo então que o senhor doutor era meu vizinho, não perdi tempo e vim... Sou um criado de vossa senhoria... Isto é, de vossas senhorias, e aqui me tem pronto e às ordens.

PEREGRINO – Nenhum de nós é dono da casa; por consequência[,] o amigo volte mais tarde e terá ocasião de oferecer os seus préstimos...

JOSÉ (*atalhando*) – São insignificantes, mas valem muito, tanto que sou sempre magnificamente recompensado.

FABRÍCIO (*baixo[,] a Hilário*) – Este homem é uma preciosidade. Toma nota.

PEREGRINO – Não há dúvida; mas volte logo, sim?

JOSÉ – Um criado de vossa senhoria... (*Cortejando*). Virei depois... Um criado de vossas senhorias... (*Chegando à porta, volta-se*). Não seria mais atencioso que eu esperasse pelo vizinho doutor?

PEREGRINO – Teria que esperar muito; por conseguinte[,] é melhor voltar daqui a uma ou duas horas...

JOSÉ – Está dito, sim senhor; mas vossa senhoria não se esqueça... Sou o José da Silva dali defronte. A casa é de porta e janela... E está mesmo a calhar para um solteirão que enquizila<sup>9</sup> com mulheres...

PEREGRINO – Até logo...

JOSÉ – Um criado de vossas senhorias... (*Sai*).

#### Cena VII

#### OS MESMOS, menos JOSÉ.

PEREGRINO – Se me obrigassem a ter vizinhos desta estofa, creio que suicidava-me.

HILÁRIO – É um tipo impagável.

FABRÍCIO – O Dr. Nóbrega livrou-se dele.

PEREGRINO – É verdade; mas a propósito, parece-me que o criado ainda não falou com Luís. Concedam-me um momento de licença.

FABRÍCIO – Não se incomode, por favor.

PEREGRINO – Não é incômodo. (*Sai*).

<sup>9</sup> No original, "inquizila". Antipatizar, aborrecer.





Cena VIII

FABRÍCIO e HILÁRIO.

FABRÍCIO – Este amigo tem uma grande franqueza nesta casa. É forçoso convir que isto não é natural.

HILÁRIO – Decerto e explica-se. É primo da prima. Bem os vimos no baile do barão da Gruta.

FABRÍCIO – E outra coisa ainda. Na reparaste na forma pouco polida por que nos tratou?

HILÁRIO – Se reparei!

FABRÍCIO – Carece de uma lição. É[,] contudo[,] um sujeito feliz. Anda sempre junto da bela prima, ao passo que tu suspiras à distância respeitosa.

HILÁRIO – A distância há de desaparecer com tempo e tática.

FABRÍCIO (*rindo-se com ironia*) – Afirmam muitos que ela é virtuosa como Lucrécia.

HILÁRIO – Tenho motivos para duvidar.

FABRÍCIO – Nós o havemos de saber. Por ora[,] cumpre-nos estreitar relações com o meu feliz competidor. Ele é de bom gênio e[,] portanto[,] não recusará a minha amizade.

HILÁRIO – Nem a minha...

FABRÍCIO – Silêncio!

Cena IX

OS MESMOS, LUÍS e ÂNGELA.

LUÍS (*polido*) – Meus senhores, desculpem-me. Sem o querer, fi-los esperar.

FABRÍCIO (*adiantando-se e estendendo a mão*) – Nada temos que desculpar; ao contrário, somos nós quem solicitamos a graça de revelar o incômodo que vimos dar-lhe.

LUÍS – Incômodo nenhum.

FABRÍCIO – É muita bondade. (*A Ângela[,] a quem já se tem dirigido e apertado a mão*) – Aceite vossa excelência os meus respeitos.

HILÁRIO (*que fez um movimento ao ver Ângela e a quem aperta a mão sem trocar palavra, dirigindo-se a Luís*) – Sou solidário quanto à forma porque o meu amigo se dirigiu à vossa excelência.

LUÍS – Os senhores acanham-me...

FABRÍCIO – Vossa excelência...

LUÍS – Perdão! Peço-lhes encarecidamente que não me deem excelência. Só a admito na câmara, porque é de estilo... Fora daí[,] e com especialidade em minha casa, dispenso a etiqueta. (*Notando que estão de pé*). Façam o obséquio... (*Mostra as cadeiras e assentam-se*).

FABRÍCIO – O motivo da minha vinda a sua casa, doutor, vou expor em poucas palavras. Depois que findou-se a nossa questão com o reconhecimento





do seu direito, foi que refleti com calma sobre a minha situação de prejudicado. Então condenei os excessos a que entreguei-me, quando defendia a minha eleição, excessos esses que decerto o molestaram e que podiam, com tal ou qual fundamento, excluir a presunção de não ser mais possível, entre nós, qualquer laço de simpatia.

LUÍS – Isso não. É verdade que diligenciei ofender-me, é ainda verdade que[,] por mais de uma vez[,] quis jogar-me o ridículo e que não usou da lealdade de adversário; mas escureci tudo, atendendo que um político apaixonado, em momentos de exacerbação, é capaz de insultar ao mundo inteiro, sem ter disso consciência.

FABRÍCIO – Foi justamente o que se deu comigo. Supunha de meu lado o direito, exacerbei-me e fui inconveniente. Desde o momento em que reconheci a minha inconsciente grosseria, resolvi justificar-me em sua presença, rogando-lhe ao mesmo tempo...

LUÍS (*interrompendo*) – Não tem precisão de prosseguir. Repito que já o tinha justificado. Se[,] todavia[,] alguma falta cometeu, digo-lho agora, foi a de não ter me procurado no dia seguinte, o que teria evitado[,] sem dúvida[,] a nossa mútua reserva.

FABRÍCIO – Acredite que foi essa a minha intenção; mas não a pus em prática, temendo ser mal recebido. Esperei[,] por isso[,] a calma do seu justo ressentimento, para vir aqui[,] solenemente[,] retratar-me.

LUÍS – Está corrido um véu sobre o fato. Aceito com agrado as suas relações e as retribuo com o maior prazer. Para mais o comprovar, participo-lhe que resolvi dar um sarau depois de amanhã, para o qual, com toda a satisfação, o convido. É festa entre amigos. Estendo esse convite ao senhor Hilário da Cunha. Espero agora que não faltem.

FABRÍCIO (*jubiloso*) – É honra que não recuso.

HILÁRIO (*que durante o diálogo conversou com Ângela[,] em voz baixa*) – Nem eu e confesso-me penhoradíssimo.

FABRÍCIO (*levantando-se*) – Por hoje[,] limito a minha visita, senhor doutor.

LUÍS (*admirado*) – Já?! (*Entra o criado com um jornal, põe-no sobre a mesa e retira-se*).

FABRÍCIO – O doutor naturalmente deseja descansar e nós temos ainda algumas visitas a fazer; por isso[,] há de permitir que nos retiremos. Vim hesitante e saio cativo da sua extrema bondade. (*Apertando a mão de Luís*). Obrigado e adeus! (*Apertando a mão de Ângela*). Em ocasião mais oportuna, me consagrarei a vossa excelência, a quem almejo grande soma de felicidades.

ÂNGELA – Agradecida, senhor doutor.

HILÁRIO (*despedindo-se de Luís e Ângela*) – Conte com um amigo, Dr. Nóbrega... Minha senhora...

LUÍS (*que os acompanha até ao fundo, depois de outro cumprimento*) – Não se esqueçam de que os espero depois de amanhã.

FABRÍCIO – Não faltaremos.



Cena X

LUÍS, ÂNGELA e PEREGRINO.

PEREGRINO (*aparecendo, consigo*) – Até que[,] afinal[,] foram-se! Com que fim se humilharia o tal Fabrício? (*Alto*). Então[,] fizeram as pazes? Devias exigir uma retratação pública.

LUÍS – Ouviste?

PEREGRINO – Por trás daquela porta, sem ser indiscreto.

LUÍS – Era inútil a retratação, uma vez que nunca me considerei ofendido.

PEREGRINO (*rindo-se*) – Bem sei. O coitado esperneava, porque era enforcado... Se bem que na câmara muitas vezes é o enforcado quem se salva...

ÂNGELA (*que tem tomado o jornal trazido pelo criado e que o lê, assentada no sofá, faz um movimento de surpresa – consigo*) – Ah!

LUÍS – Ele, porém, não se salvou.

PEREGRINO – É porque salvou-se alguma alma do purgatório.

LUÍS – Vejo que desejas corda, mas não quero dar-te. Tu vieste procurar-me para algum fim; agora acho-me ao teu dispor: mas vamos para a sala de jantar[,] que é melhor. É segredo ou Ângela pode ouvir?

PEREGRINO – Pode ouvir, se quiser.

LUÍS – Nesse caso, vamos todos.

ÂNGELA – Já vou; estou concluindo a leitura de uma notícia.

LUÍS – Quando vieres, traze o jornal. (*Saem*).

Cena Última

ÂNGELA, só.

[ÂNGELA] – Começam os efeitos! (*Lê[,] como se repetisse*). “O deputado L... esquecia-se da esposa para embeber o olhar no fruto proibido – a mulher, cujo nome Petrarca estremeceia... Ninguém[,] contudo[,] reparou... Entre casados... é o tom”. (*Falando*). Crescem as minhas suspeitas. (*Dobrando o jornal com sofreguidão*). Luís! (*Olhando para o lado pelo qual saíram os dois*). Hei de saber se mereces amor ou desprezo!

CAI O PANO.



## ATO II

A mesma decoração.

Cena I

HILÁRIO e LAURA.

LAURA (*assentada no sofá e com faceirice de loureira*) – Ora, senhor Cunha...  
HILÁRIO (*debruçado sobre as costas do sofá[,] em atitude de namorado*) – O seu desdém é manifesto e é com ele que recompensa o veemente amor que lhe consagro.

LAURA – Amor! Amor! Os senhores repetem muito essa palavra e[,] no entanto[,] estão longe de sentir o que ela exprime.

HILÁRIO – Como é injusta! Pois diga que me corresponde e terá a prova do contrário.

LAURA – Agora é tarde.

HILÁRIO – Tarde[,] por quê?

LAURA – Ingênuo ou fingido!

HILÁRIO – Explique-se.

LAURA – Vá pedir explicações a meu marido.

HILÁRIO – Ao comendador?

LAURA – Penso não ter incorrido no crime de bigamia. Se não é ao comendador (*rindo-se*), é provavelmente ao papa.

HILÁRIO – Ou ao Dr. Nóbrega, quem sabe!

LAURA (*incomodando-se*) – Senhor Cunha!

HILÁRIO – Não vale a pena zangar-se, D. Laura, tanto mais que isso até pode comprometê-la. Sim. Deve compreender que se uma *zanguinha* assim de repente não tem consequências, tem[,] contudo[,] uma causa e essa causa, bem esmerilhada, pode trair um segredo de amor ou simpatia.

LAURA – Está enganado, senhor Cunha. Amo unicamente a meu marido.

HILÁRIO – Peça-lhe que não me inclua no número dos que acreditam. A senhora e uma flor a trescalar perfumes; é uma flor que[,] para não fenecer, necessita dos bafejos de um *sol*; mas esse *sol*, com certeza, não é o comendador.

LAURA – Assim, pois, no seu conceito, sou uma louca?

HILÁRIO – Pelo amor de Deus!

LAURA – À vista do que disse...

HILÁRIO – Disse a coisa mais natural deste mundo. Há[,] porventura[,] crime em não amar a um marido como o comendador e desejar o calor de um *sol* como o Dr. Nóbrega?

LAURA – O senhor está excedendo aos limites da conveniência!

HILÁRIO – Talvez, mas com isso não faço mais do que entrar no terreno da franqueza. O Dr. Nóbrega está apaixonado pela senhora...



LAURA (com um movimento de alegria[,] que logo reprime) – Ele!

HILÁRIO (que a observou) – Ele, sim! Está apaixonado e a senhora, confesse, não é estranha a esse sentimento, talvez mesmo já... (Suspende-se[,] para ver o efeito).

LAURA – Sou estranha, não o conheço e nem o autorizei.

HILÁRIO – Qualquer outro, D. Laura, é possível que nem por sombra tivesse a suspeita do mistério que a ambos envolve. Mas que, eu que a adoro, e que não cesso de observá-la por isso mesmo, eu ia jurar sem escrúpulo de consciência que a senhora corresponde ao Dr. Luís, tanto quanto ele a ama.

LAURA – Pois desta vez a sua observação deu prova negativa. O senhor Cunha não enxergou bem; tomou a nuvem por Juno.

HILÁRIO – Qual é o namorado que não tem o olho fixo no seu feliz rival? Só um namorado calouro, pateta ou idiota, o que certamente não sou. Ora[,] o Dr. Luís estremece de comoção e júbilo quando a vê, fica inebriado do seu perfume quando cinge-lhe a cintura para valsar, e, parece que morreria de alegria, se seus lábios tocassem a sua face...

LAURA (fingindo indignação) – Oh!...

HILÁRIO – Mas nada tema; ele não passa de um grandíssimo tolo: é acanhado; é dos tais que têm ainda pudor: é daqueles que dizem à mulher dos seus encantos, mas de modo que ela nem ouve: atire-se para mim, se quer ver homem. É pena que eu não seja ele: se fosse, há muito tempo já que a senhora seria uma Helena, eu um Páris e o comendador – um Menelau!

#### Cena II

#### OS MESMOS e AGUIAR.

AGUIAR (entrando) – É a terceira vez, Laura, que encontro-te afastada do salão, a conversar com rapazes.

HILÁRIO – Não seja ciumento, comendador.

AGUIAR – Então o senhor julga que falo por ciúmes? Ora, meu amigo... Falo, porque quero poupar minha mulher, porque não desejo que ousem sequer duvidar da sua honestidade. Serei, se lhe aprouver, um marido zeloso; mas ciumento, nunca!

HILÁRIO – O comendador[,] entretanto[,] não cessa de espioná-la... E até censura que sua esposa venha, por um momento, descansar da fadiga produzida pela dança. Reprovo o seu procedimento, comendador, tenha paciência; e principalmente porque devia estar convencido do amor que D. Laura lhe tem, o que era suficiente para evitar a sua apoquentação.

AGUIAR – O senhor[,] por ser moço, não tem a experiência das coisas mundanas: ignora o que é a sociedade, quem a constitui e o que nela se pratica. Ninguém escapa da língua dos maldizentes e é ela que eu temo. Sou um tanto idoso; minha mulher, porém, é nova e bela...

LAURA – Não me exponha a motejos...



HILÁRIO – Sou da opinião do comendador.

AGUIAR – Não pedi a sua opinião; mas dizia eu que minha mulher é nova e[,] como tal[,] sujeita a olhares licenciosos dessa cáfila<sup>10</sup> de mariolas que invadem salões e que divertem-se em atirar declarações a queima-roupa, esperando indignos resultados. Para evitar, pois, tudo isto[,] é que me torno zeloso. (*Ouve-se tocar dentro uma valsa*). Veio a propósito esta valsa. Vamos, Laura.

HILÁRIO (*tomando o braço de Laura*) – Tenha ainda paciência, comendador; D. Laura vai dançar comigo.

LAURA (*baixo*) – Não posso; prometi esta valsa ao Dr. Luís.

HILÁRIO (*baixo*) – Sempre ele! (*Alto*). Até já, comendador. (*Baixo*). Vou entregá-la ao seu par. (*Saem*).

AGUIAR (*indo a segui-los*) – Esperem; também vou.

### Cena III

#### AGUIAR e FABRÍCIO.

FABRÍCIO – Uma palavra. (*Obsta-lhe a passagem*).

AGUIAR – Que temos, doutor?

FABRÍCIO – Deixe a mocidade gozar. Enquanto sua encantadora esposa vai entregar-se aos deliciosos volteios da valsa, vamos nos conversar. Tomemos assento, comendador. (*Assenta-se*).

AGUIAR (*imitando-o, contrariado*) – À sua disposição, doutor.

FABRÍCIO – Que tal acha o baile?

AGUIAR – Magnífico.

FABRÍCIO – A sociedade é seleta.

AGUIAR – É opinião geral.

FABRÍCIO – Gosta de dançar?

AGUIAR – Muito pouco.

FABRÍCIO – É como eu.

AGUIAR – E[,] todavia[,] não aborreço a dança.

FABRÍCIO – Nesse ponto[,] divergimos. Eu abomino-a. Frequento salões em noites de sarau, por mero prazer – correspondendo assim à delicadeza das pessoas que me convidam.

AGUIAR – Na sua idade é incrível!

FABRÍCIO – Parecerá, mas é real!

AGUIAR – Será por que desgosta-lhe a sociedade?

FABRÍCIO – É isso, com efeito! A sociedade, comendador, não é essa sociedade, que se fantasia e que se almeja; é coisa muito diversa. O mundo social em que vivemos, não é aquele em que desejaríamos viver; eis porque ele desgosta-me. Quisera que esse mundo estivesse incólume de sombras que

---

<sup>10</sup> Fila de camelos que transportam mercadorias.



podem significar – faltas, impurezas ou corrupção! O homem que vive segregado dele – pode-se afiançar – é absolutamente feliz.

AGUIAR – Também não é assim, doutor. Eu, por exemplo, não detesto a sociedade como o senhor e[,] sem embargo[,] mui raramente queixo-me da sorte. A sociedade tem seus males, tem, não há dúvida; mas a gente quando a frequenta, põe-se sempre em guarda. É o meu sistema.

FABRÍCIO – Pois eu penso não ter exagerado e estou convencido de não ser pessimista. E quer saber? Há pouco mesmo[,] acabei de fortalecer mais essa convicção. Revelaram-me um fato que não só causou-me indignação, como profundamente pungiu-me.

AGUIAR – Que foi?

FABRÍCIO – Rogo-lhe o mais absoluto segredo e é confiado na sua honradez que não hesito em transmitir-lhe o que me contaram.

AGUIAR – Empenho a minha palavra.

FABRÍCIO – Não é necessário; repito que confio no senhor. (*Baixando a voz*). Disseram-me que o Dr. Luís, apesar da sua riqueza, do seu talento, da sua brilhante carreira na vida pública, é... um desgraçado.

AGUIAR (*surpreso*) – Como?!

FABRÍCIO – É atraído pela mulher e por um amigo que ele muito considera.

AGUIAR (*entre o susto e a indignação*) – Mas isso é revoltante!

FABRÍCIO – É revoltante; mas a sociedade não exprobra, não condena, nem proíbe; serve antes de cenário para divulgar... Se o caso é real, é um incentivo para outro. Se é falso, a calúnia tenta torná-lo verdadeiro. E tudo isso e muito mais se pratica em plena sociedade, porque há tempo e meios.

AGUIAR – Pobre Dr. Luís! Aonde o conduziu o casamento?

FABRÍCIO – O casamento, comendador, é uma grande loteria onde existem poucos prêmios. Eis a razão porque eu, que não jogo, ainda não me casei.

AGUIAR – E quem sabe não é uma torpe calúnia o que lhe disseram!

FABRÍCIO – Oxalá o fosse!

AGUIAR – E o infame amigo é?

FABRÍCIO – É o primo, mas silêncio! Quando o vir aí pelas salas, reprima qualquer assomo de indignação. Evite-se ao menos o escândalo.

AGUIAR – Tranquelize-se.

FABRÍCIO – Mas comecei a falar na sociedade e esqueci-me de declarar a causa porque o retive nesta sala.

AGUIAR – É exato.

FABRÍCIO – Resume-se também em poucas palavras. Desejava tomar algumas ações da companhia da qual o senhor é um dos encabeçadores. Como sei que as ações são solicitadas com empenho, dirijo-me ao comendador, esperando que me possa contemplar no número dos acionistas.



Cena IV

OS MESMOS e PEREGRINO.

PEREGRINO (*entra abanando-se e assenta-se a um lado[,] sem ver os dois*) – Ah! Que estafa! (*Dando com os dois*). Estavam por cá? Não dançaram? Pois eu parti a valsa ao meio, porque tive a desgraça de dançar com uma mulher que pesava seguramente cento e vinte quilogramas.

AGUIAR – Irra!

FABRÍCIO – Com efeito!

PEREGRINO – E que ainda[,] por maior infelicidade[,] não sabia mover os pés e apertava-me horrorosamente. Agora juntem os senhores a tudo isso uma fisionomia de desmamar crianças e avaliem se não é com a maior das razões que entrei aqui, quase exausto, e a destilar suor por quanto poro tem o corpo.

FABRÍCIO – E quem o obrigou a tamanho sacrifício?

PEREGRINO – O pedido de uma senhora do meu conhecimento; mas na primeira oportunidade hei de agradecer-lhe a honra. Em todo o caso[,] a catástrofe aproveita-me, porque se alguma vez cair na sandice de dar um baile, a monstros daqueles não convido, nem que Santo Antônio se interesse. Mas... que calor! E nem sequer aparece um criado com sorvetes! Mas reparo agora que talvez viesse interromper uma conversação particular. Se era, sejam francos, pois que para mim tanto faz assentar-me aqui, como noutra lugar.

FABRÍCIO – Não, senhor. Falávamos a respeito da companhia de que o commendador é um dos cabeças; e acabava justamente de pedir a sua valiosa proteção para conseguir-me qualquer número de ações, quando o senhor Avelar entrou.

PEREGRINO – E essa companhia, pelo que julgo, vai dar um lucro espantoso. Há extraordinários empenhos para a obtenção de ações. Ainda anteontem – quando o Dr. Fabrício encontrou-me nesta mesma sala, vim eu pedir ao Luís que me obtivesse a todo o custo umas cinco, pelo menos, a fim de atender às instâncias de um amigo meu, de quem recebera pela manhã uma carta. Esse meu amigo reside em Juiz de Fora e como não pudesse sair de lá, por interesses de advocacia, mandou-me a carta e o pedido. Felizmente pude servi-lo.

AGUIAR – É verdade. Graças às excelentes relações do Dr. Nóbrega, o barão da Gruta obteve-as. Espero igualmente conseguir algumas aqui para o doutor.

FABRÍCIO – No que far-me-á grandíssimo obséquio e pelo que lhe serei grato.





Cena V

OS MESMOS e JOSÉ.

JOSÉ (*ao fundo*) – Um criado de vossas senhorias.

PEREGRINO – Oh!

JOSÉ – Vossas senhorias dão licença?... Eu entro e espero que[,] desta vez[,] serei mais feliz...

PEREGRINO – Ou menos infeliz...

JOSÉ – Na qualidade de vizinho dali defronte, vim anteontem três vezes e ontem quatro, com o fim de oferecer os meus préstimos ao doutor – dono da casa. Foi tudo em vão...

PEREGRINO – É de lastimar. Se fosse em cheio, era muito melhor.

JOSÉ – Isso era; mas a infelicidade persegue-me desde que curei-me da mal-dita mielite, a tal moléstia...

PEREGRINO – Veja se fala noutra coisa.

JOSÉ – Diz bem: deixemos a moléstia. Vossa senhoria sabe informar-me se o doutor – dono da casa – está? Sou o José da Silva dali defronte[,] que venho...

FABRÍCIO – O doutor Luís está dançando.

JOSÉ (*admirado*) – Dançando! Então aqui se dança? Então ele dança? É por isso que[,] há pouco[,] ouvi assim como uma espécie de melodia... A princípio pareceu-me um realejo a tocar... Depois conheci que eram sons de instrumentos tocantes... Pois, senhores, estou feliz: desta feita, o doutor não escapa-me... (*Apontando*). Está naquela sala? Vou a correr...

PEREGRINO (*impedindo*) – Alto! Hoje ainda o senhor não fala com ele... Há reunião de convidados lá, no salão, bem como nesta e em outras salas... O senhor foi convidado?

JOSÉ (*pasmado*) – Vossa senhoria[,] o que diz?

PEREGRINO – Foi convidado para vir aqui?

JOSÉ (*natural*) – Não, senhor; nem era preciso. Os homens da minha igualha<sup>11</sup>, não esperam que se lhes convide, são os primeiros a apresentarem-se para oferecer seus préstimos...

PEREGRINO – Isso é quando não há reuniões; quando há, o caso muda de figura. De resto[,] o senhor José não está vestido de forma a poder aparecer no meio de grande número de senhoras...

JOSÉ – Ah! Lá tem senhoras? Então não me pilham... Nada, nada... Quero a independência do meu celibato...

AGUIAR (*baixo[,] a Fabrício*) – Eu fujo deste prestativo vizinho. Vem? (*Saindo*).

FABRÍCIO – Já o sigo.

---

<sup>11</sup> Da mesma posição social.



PEREGRINO – Escute, comendador. Tenho que falar-lhe. – Doutor, dê audiência ao senhor José da Silva dali defronte... *(Ao comendador, saindo)*. Vali-me do senhor para evitar novo desastre da minha paciência. Que noite! Safa! *(Saem)*.

Cena VI

FABRÍCIO e JOSÉ.

FABRÍCIO – O senhor não está cansado?

JOSÉ – Nunca me canso, nem mesmo depois que fui assaltado da mielite.

FABRÍCIO *(concluindo)* – Etc., etc... Pois tem de fazer-me o obséquo de assentar-se...

JOSÉ – Vossa senhoria manda. *(Assenta-se)*.

FABRÍCIO – Qual é a sua vida, senhor José?

JOSÉ – É a do meu corpo.

FABRÍCIO – Um sábio não respondia melhor.

JOSÉ – Vossa senhoria desculpe; não sou sábio.

FABRÍCIO – Perguntei mal; vou tornar-me claro. Em que se emprega?

JOSÉ – Hum!... Já ontem o seu amigo foi à minha casa e fez-me igual pergunta... Eu... eu emprego-me em muitas coisas.

FABRÍCIO – Por exemplo... Vá dizendo em quê.

JOSÉ – Faço charutos... Conserto santos quebrados... Tiro nódoas... Empalho...

FABRÍCIO – Empalho o quê?

JOSÉ – Sofá, cadeiras.

FABRÍCIO – E rende-lhe?

JOSÉ – Hum!... Pouco.

FABRÍCIO – Segue-se que não poria dúvida em aceitar um emprego?

JOSÉ – Oh! Sem dúvida que aceitava. Isso mesmo disse ontem ao seu amigo.

FABRÍCIO – Pois bem; vou dar-lhe um, caso tenha forças para o exercer.

JOSÉ – Forças não me faltam.

FABRÍCIO – Sou astrônomo.

JOSÉ – O que quer dizer isso?

FABRÍCIO – Quer dizer: homem que estuda os astros, seus movimentos e outras particularidades. Quem se dedica ao cultivo dessa ciência – a astronomia – tem necessidade de passar muitas noites em claro... Ora, presentemente, estudo o brilho de uma estrela e como, devido a uma bronquite, estou proibido de observar, de noite – não obstante a urgência que tenho de contar as cores que essa estrela deve possuir por volta da madrugada – por isso procuro quem me substitua e[,] a esse, darei boa gratificação.

JOSÉ – Eu sirvo?



FABRÍCIO – Perfeitamente. O senhor dorme até meia-noite e[,] depois dessa hora, coloca-se à porta de sua casa e toma nota das cores que a estrela mostrar. Percebe? Dou-lhe cinquenta mil réis mensais.

JOSÉ (*erguendo-se*) – É negócio feito. Quando começo?

FABRÍCIO – Pode começar desde hoje. (*Puxa uma carteira e tira dinheiro que dá a José*). Adianto-lhe a primeira quinzena.

JOSÉ – Muito obrigado. Posso ir?

FABRÍCIO (*abrindo um relógio*) – São onze horas. Quando soar meia-noite, dê princípio à observação. É prudente ficar meio oculto, e convém guardar segredo sobre o emprego... Há outro astrônomo, a quem desejo subjugar – o qual, sabendo dos meios que ponho em prática, pode obstar a sua realização. Seja, pois, discreto.

JOSÉ – Não tem dúvida; mas eu queria saber de vossa senhoria, se, de dia, posso oferecer meus préstimos aos vizinhos...

FABRÍCIO – Sem dúvida. Agora vá. A estrela é uma que fica em linha reta ao cume desta casa; é a maior de um grupo e a mais cintilante: olhando, logo a conhece.

JOSÉ – Sim, senhor... Um criado de vossa senhoria...

FABRÍCIO – Exerça bem o seu emprego.

JOSÉ – Há de ver... Um criado de vossa senhoria. (*Sai*).

#### Cena VII

#### FABRÍCIO e HILÁRIO.

HILÁRIO (*aparecendo e vendo Fabrício*) – Ainda bem que te encontro. (*Olhando para os lados*). Ninguém nos escuta: podemos conversar – As coisas correm ao nosso bel-prazer. Acabei de fazer um achado maravilhoso: está aqui. (*Indica o bolso*).

FABRÍCIO – Antes, porém, previno-te de que[,] neste momento[,] empreguei o José da Silva[,] de acordo com o nosso plano. O homem apareceu a propósito e eu achei oportuno dispor as coisas.

HILÁRIO – Esplêndido. Vai tudo a vapor.

FABRÍCIO – Mas talvez para amanhã ou depois?...

HILÁRIO – Vejo que resta pouco a conseguir; portanto, hoje mesmo, pode ser, e, pela minha parte, opino pelo mais cedo. O baile deve talvez durar até às duas horas, e até lá, sobram-nos ainda três horas, que é tempo suficiente. Está, portanto, assentado. Trata tu agora de preparar o comendador...

FABRÍCIO – Não precipitemos, porque[,] afinal de contas, não temos certeza do resultado.

HILÁRIO – É inevitável a cena que previ. Laura morre de amores pelo Luís e será indubitavelmente vencedora.

FABRÍCIO – Nesse caso[,] curvo-me. (*Indo a sair*). Daqui a pouco[,] vai ter comigo, no ponto convencionado.

HILÁRIO – Sim.



Cena VIII

HILÁRIO e logo ÂNGELA.

HILÁRIO (*consigo*) – Para onde Laura o conduzirá? O melhor lugar, por mais afastado, é este! Enfim – ela, com a finura e habilidade que a caracterizam – tratará de buscar o melhor. (*Olhando casualmente para o lado*). D. Ângela!

ÂNGELA – Não viu o Luís por aqui, senhor Cunha?

HILÁRIO – Por aqui não, minha senhora; mas, há momentos, andava ele passeando no salão com D. Laura de Aguiar.

ÂNGELA (*com um movimento – para si*) – Com ela!

HILÁRIO – Se vossa excelência deseja, vou rapidamente buscá-lo (*sorrindo*), por não crer que ele desertasse.

ÂNGELA – Agradeço o seu oferecimento, mas não o aceito; porque eu mesma irei ao encontro dele.

HILÁRIO – Sinto que prive-me de um gosto infinito[,] que era obsequiá-la.

ÂNGELA (*grata*) – O senhor Hilário da Cunha confunde-me com tão delicado cavalheirismo.

HILÁRIO – Vossa excelência é digna de mais.

ÂNGELA – Está se tornando lisonjeiro...

HILÁRIO – Vossa excelência é que está produzindo um conceito errôneo. Nada tenho de lisonjeiro; pelo contrário, detesto até a lisonja. Em relação à vossa excelência, não articulei mais do que a realidade. Há[,] porventura[,] alguém que conteste as suas eminentes qualidades? Não há.

ÂNGELA – Senhor Cunha!

HILÁRIO – Vossa excelência possui um admirável conjunto de qualidades. É esposa virtuosa e cheia de extremos. Tem uma bondade que cativa, um trato que encanta: é, em resumo, uma mulher – verdadeiro modelo do sublime.

ÂNGELA (*assentando-se*) – Tantos elogios assim, podem se transformar em zombaria.

HILÁRIO – Oh! Minha senhora! Juro-lhe que falo com profunda sinceridade e fico pesaroso por vossa excelência me julgar tão mal.

ÂNGELA – Não o julguei mal. Foi um gracejo para contrapor aos seus elogios. Agora estamos quites e podemos variar de assunto. Tem se divertido muito?

HILÁRIO – Vossa excelência encerrou a discussão, paciência. Tenho me divertido suficientemente. O sarau atingiu ao apogeu do brilhantismo, derramando com abundância inefáveis prazeres e suaves delícias. Dá-lhe vida uma sociedade seleta e elegante da qual é vossa excelência a rainha...

ÂNGELA – Tornamos?

HILÁRIO – Era o meu intento; mas recuo em consequência da atitude que tomou. Não obstante, D. Ângela, é mister que lhe assegure uma coisa: quer vossa excelência queira, quer não, hei de admirá-la tanto no moral, quanto me atraí e arrebatou o seu físico.



Cena IX

OS MESMOS e PEREGRINO.

PEREGRINO – Enganei-me. De longe pareceu-me o Luís e dirigi-me para aqui, visto procurá-lo. A quem possui o seu tanto de miope e obstina-se em usar *pince-nez*, é natural um tal equívoco. Mas em suma, não sabem dizer-me aonde se encaixou o Luís?

HILÁRIO – Anda certamente pelo salão... É que o senhor não o viu, talvez mesmo pela falta do *pince-nez*.

PEREGRINO – Pode ser que o senhor tenha razão; mas é fato que não o vejo, há meia hora.

HILÁRIO – Pois eu comprometo-me a achá-lo dentro de três minutos, no máximo.

PEREGRINO – Cumpre[,] porém[,] notar que não lhe peço esse trabalho.

HILÁRIO – Não é trabalho. Agora é até um ardente desejo meu. (*Saindo*). Com licença de vossa excelência.

Cena X

PEREGRINO e ÂNGELA.

PEREGRINO – Pareceu-me também que este senhor Hilário estava perto de si a conjugar o verbo amar. Dar-se-á o caso que ele esteja em condição de ser aprovado na teoria das conjugações?

ÂNGELA – Não sei; julgo[,] entretanto[,] que é um bom moço.

PEREGRINO – Não vejo incompatibilidade. Pode-se conjugar o verbo amar e ser bom moço. Em mim encontra-se um exemplo palpitante: amo e... Sou bom moço, creio.

ÂNGELA – Também eu; mas não digo o mesmo em relação à sinceridade do seu amor: descreio dela.

PEREGRINO – E ousa falar assim!

ÂNGELA – Certamente.

PEREGRINO – Acha então que ainda não dei provas[,] depois do que ontem lhe disse?

ÂNGELA – Acho.

PEREGRINO – Pois deixe estar que a convencerei plenamente.

ÂNGELA – Duvido.

PEREGRINO – Nada mais acrescento[,] por enquanto, mas tenho certeza que em breve se retratará.

ÂNGELA – Veremos. (*Sinal de uma quadrilha dentro*).

PEREGRINO – Quer dançar a quadrilha que se vai tocar?

ÂNGELA – Com o senhor, não: já dançamos muito hoje.

PEREGRINO – Dê cá então o braço; vamos para o salão.



ÂNGELA (*indo dar o braço – olha casualmente para dentro*) – Eles! (*Alto*). Vá só: preciso ir à *toilette*.

PEREGRINO – Seja feita a sua vontade. (*Puxando o relógio e olhando, consigo*). Onze e cinco minutos! Como passou o tempo! (*Examinando a algibeira interior da casaca*). Não a trouxe... (*Refletindo*). Contudo[,] parecia-me... (*Resoluto*). É que ficou em casa. Vou buscá-la e depois... (*rindo-se*) altos mistérios... (*Para Ângela*). Quer que remeta-lhe o Luís fechado e lacrado?

ÂNGELA (*que parecia impaciente*) – Não precisa. (*Sai*).

PEREGRINO (*só*) – Melhor. (*Indo a sair e olhando para o lado*). Oh! O Luís não andava só... Hum!... Se ele faz-se de melro com a sedutora Laura, não é tolo o maroto... Nada, pois, de interrompê-los. (*Sai*).

#### Cena XI

#### LUÍS e LAURA.

LAURA (*pelo braço, conversando com garridice<sup>12</sup> e demonstrando certo calor apaixonado*) – E o que lhe responde o coração?

LUÍS (*como homem que vai arrastado por excitação dos sentidos*) – Temo declarar.

LAURA – Teme, por quê? Se é por causa de sua mulher, ela não o pode ouvir; se é por mim, autorizo-lhe a falar; se é finalmente pelo lugar, este é excelente, por ser o menos afluído dos convidados, tanto mais neste momento em que todos se aglomeram no salão para dançar ou ver.

LUÍS – Está visto que não é por nenhum desses motivos...

LAURA – Pois outros, desconheço.

LUÍS – Verá que engana-se.

LAURA – Por conseguinte[,] tem o dever de patenteá-los.

LUÍS – É por timidez natural, D. Laura.

LAURA (*sorrindo*) – Pensei ter extinguido essa timidez, quando depois das minhas palavras, pedi-lhe que interrogasse o coração e que o senhor declarou tê-lo feito, acrescentando que a resposta fora imediata.

LUÍS (*consigo*) – É impossível resistir a tal provocação. E Ângela?!

LAURA (*consigo*) – O Cunha não mentiu! É de um acanhamento incrível! (*Alto*). Emudeceu, Luís? Permita que o trate assim.

LUÍS – Permito, sem dúvida.

LAURA (*consigo*) – Sinto que o amo deveras e que ele corresponde-me. (*Alto*). Vou terminar com os rodeios, Luís. (*Aparece ao fundo o comendador, que[,] surpreso, para, ficando meio oculto*). O nosso estado é idêntico; somos casados: mas o amor[,] quando é intenso e ardente, não recua ante a convenção social que se chama matrimônio. Amo-te, Luís, eis tudo. Respondes agora?

---

<sup>12</sup> Alegria exagerada.



LUÍS – Sim!

LAURA (*atalhando*) – Não digas. Quero ouvir tua resposta amanhã, em minha casa, na ausência de meu marido – Vais?

LUÍS (*como que vencido*) – Vou.

#### Cena Última

OS MESMOS, AGUIAR, depois ÂNGELA, HILÁRIO e FABRÍCIO.

AGUIAR (*descendo completamente desorientado*) – Infame!

LAURA (*aterrorizada*) – Ah! (*Recua até ao sofá[,] onde cai*).

HILÁRIO (*descendo, a Ângela[,] que aparece pálida e vai a falar*) – Por Deus, minha senhora, retire-se! Não tome parte neste escândalo. Peço-lhe em nome de sua mãe! (*Toma-lhe o braço quase à força e fá-la sair consigo*).

AGUIAR (*para Luís[,] que ficou tomado de surpresa*) – E o senhor não é menos infame do que ela!

LUÍS (*saindo do estado de surpresa e com força*) – Retire o insulto!

AGUIAR – Não o retiro, antes o sustento! Ainda mais: é duplamente infame! Infame, porque não trepidou em arrastar ao adultério aquela vil mulher! Infame, porque não zela a sua própria honra, deixando que a esposa entregue-se a devaneios ilícitos com os amigos do lar!

LUÍS (*fulo de raiva e avançando*) – Canalha!

FABRÍCIO (*interpondo-se*) – Meus senhores, que é isto? Querem atrair os convidados? Querem que se publique um ato tão vergonhoso?

LUÍS (*tornando a si*) – Tem razão! (*A Aguiar*). Saia! Amanhã há de dar-me plena satisfação ou atravesso-lhe o crânio com uma bala!

AGUIAR (*saindo*) – Estarei às suas ordens!

FABRÍCIO (*indo a Laura*) – Acompanhe-me, D. Laura. (*Sai com ela[,] em seguimento de Aguiar, ao tempo que Ângela reaparece*).

LUÍS (*respirando*) – Esteve prestes o escândalo! (*Vendo Ângela*). Ah! (*Indo a ela*). Ângela...

ÂNGELA (*solene*) – Não se adiante, senhor Dr. Luís Nóbrega. Perante a sociedade, se quiser, continuarei a ser sua esposa; mas no lar, neste lar que tanto estremeci, nada mais de comum há entre nós! De ora em diante[,] ocuparei – só – aquele quarto! (*Sai*).

LUÍS (*vendo-a sair, pungido*) – Começa o inferno para mim.

CAI O PANO.



### ATO III

A mesma decoração.

Cena I

[LUÍS, só.]

LUÍS (*aborrecido e pesaroso, assentado ao pé de uma mesa*) – O homem é assim mesmo. Se a sorte lhe é adversa, a menor partícula de felicidade o enche de contentamento. Se é ditoso, entrevê a possibilidade de o ser mais e deixa-se arrastar, fascinado por imagens da fantasia. Julga-se potente, porque tem raciocínio e volição; no entanto[,] às vezes, é um brinquedo dos sentidos. A matéria que o constitui, dá-lhe uma grande força – o espírito que ajuíza e prevê, mas opõe-lhe também a excitação que o alucina e perde. (*Pausa em que parece continuar nas suas considerações. De súbito interrompe-as, tira do bolso um relógio e abre*). Quase nove horas! Não tenho[,] contudo[,] apetite, assim como não tive sono – Com o coração atribulado[,] é bem difícil atravessar uma noite. Deitei-me, tentei dormir, mas foi em vão. Levantei-me e vi despontar o dia, deste lugar. (*Pausa*). O tempo[,] porém[,] passa e eu preciso amainar os enfados de minha mulher e castigar a insolência do comendador. (*Levanta-se*). Foi tão imprevisto aquele desenlace que deveras desorientou-me. Como essas fortuitas circunstâncias do acaso matam a tranquilidade de um homem! Supor-se-ia tudo o produto de uma torpe maquinação, se semelhante ideia não fosse um absurdo. (*Pausa*). Um marido, mormente o que adora sua mulher, tem o dever de lhe ser fiel; mas não pode admitir que uma tentativa de infidelidade signifique um crime.

Cena II

LUÍS e ÂNGELA.

ÂNGELA (*indo a transpor a porta para entrar, dá com ele*) – Ah! (*Vai a retroceder*).

LUÍS (*que a vê*) – Rogo-lhe o favor de ficar um momento.

ÂNGELA (*descendo até certa distância, com seqüidão*) – Disponha de mim.

LUÍS – Tinha o propósito de mandar pedir-lhe que, por obséquio, viesse a esta sala; a senhora, porém, aparecendo agora, antecipou esse meu desejo.

ÂNGELA – Estimo.

LUÍS – Peça-lhe que se assente.

ÂNGELA – É então longo o que tenciona dizer-me?

LUÍS – Pode ser breve; não obstante (*indicando o sofá*) peça-lhe.

ÂNGELA (*assenta-se*) – Eu o escuto.

LUÍS – Sabe, Ângela, que tem diante de si um homem, cujo caráter nunca sofreu o menor abalo e que, a despeito das alternativas da vida, jamais ce-





deu uma linha no caminho apontado pela honradez. É capaz de responder-me sem injustiça que falto à verdade? (*Pausa em que ela não responde*). Bem; eu não quero extorquir-lhe uma resposta: vou continuar. – Esse homem[,] todavia[,] cometeu ontem uma falta que pode ter um resultado gravíssimo. Molestou sua esposa e perdeu irremessivelmente a de outro, sujeitando-se a um risco de morte.

ÂNGELA (*surpresa*) – O senhor!

LUÍS – Eu. O comendador Aguiar[,] no auge de seu desespero contra mim[,] por julgar-me o único motor da sua desgraça, excedeu-se no ultraje e caluniou-a. Indignado[,] o expulsei de casa e intimei-o a retirar hoje a ofensa, sob pena de meter-lhe uma bala na cabeça!

ÂNGELA (*com frieza*) – Faz bem: deve matá-lo.

LUÍS – Tomo nota das suas palavras e continuo. Esta questão de matá-lo ou de ser morto por ele, porque é claro que não tenho em mente cometer um assassinato, esta questão, digo, é secundária. Volto à falta de que falei. Foi um pequeno abalo da fidelidade conjugal que originou, em rigor, apenas um mal, o meu.

ÂNGELA (*consigo*) – Só o dele!

LUÍS – Apenas o meu e mostro a razão. A mulher que motivou a falta, não é um tipo de virtude e, se ainda está esposa imaculada e não caiu por mim, cairá fatalmente por outro. Sofreu, pois, um mal inevitável. O do marido não é senão o corolário. Segue-se o seu, Ângela. Pergunto-lhe: tem ele a intensidade que lhe deu? O delito por simples palavras tem a força do delito consumado? Pratiquei-o conscientemente? Não, não e não!

ÂNGELA (*erguendo-se, com desdém e veemência*) – Sim, direi eu. Onde tinha então a consciência? Porventura, se o mistério continuasse, não me atraíao-ria hoje?

LUÍS – Mas isso não é argumentar.

ÂNGELA – Então[,] o que é?

LUÍS – É induzir um crime evidente de mera hipótese, é querer infligir um castigo severo a um pecador inconsciente.

ÂNGELA – E são assim todos os homens! Procuram a mulher, virgem de afetos, junto ao seio de uma mãe carinhosa e dizem-lhe com a expressão cheia de suavidade e ternura: – “Amo-te; quero que venhas encantar-me o lar com teus risos e perfumes, tornando-me eu para ti um extremoso amante, teu adorador eterno, o esposo mais fiel!”. – Ela acede, porque é seduzida, porque sonha o paraíso descrito em poucas mas concisas palavras e torna-se esposa. Logo depois, esse mais fiel marido, esse adorador eterno, atira-se aos braços de outra mulher e[,] preso em flagrante, responde: – Sou um pecador inconsciente!

LUÍS – Ângela!

ÂNGELA – No entanto[,] se a mulher usa do direito de Talião – é uma infame! Eles podem rasgar os termos do compromisso contraído, podem faltar à fé



jurada, podem menosprezar a palavra com que protestaram a ventura da esposa, tudo é nada, continuam a ser honrados, a ser benquistos, a ser ditosos! Elas, se os imitaram, perderam-se, arrojaram-se ao lodo, merecem a morte ou o degredo perpétuo da vida feliz; são as miseráveis!

LUÍS – Enlouqueceu, Ângela?

ÂNGELA – Não enlouqueci. Estou dizendo o que sinto, já que o senhor veio provocar a minha atitude[,] desde ontem definida.

LUÍS – E que hoje há de modificar, concedendo-me o perdão que solicito.

ÂNGELA – Não; desde ontem, descri do seu amor. Agora[,] proceda como entender, na certeza de que serei mais feliz fora desta casa.

### Cena III

#### OS MESMOS e o CRIADO.

CRIADO (*entrando*) – O senhor José da Silva pede a vossa excelência a graça de o mandar entrar.

LUÍS (*aborrecido*) – O que deseja?

CRIADO – Não o disse; mas esse senhor por muitas vezes tem procurado a vossa excelência e hoje declara que motivo mais poderoso...

LUÍS (*atalhando*) – Diga-lhe que entre.

CRIADO (*saindo*) – Sim, senhor.

ÂNGELA – Retiro-me. (*Sai*).

LUÍS (*vendo-a sair*) – Mandei chamar o pai: há de forçosamente perdoar-me.

### Cena IV

#### LUÍS e JOSÉ.

JOSÉ (*ao fundo[,] falando para dentro*) – Não tenha receio, seu Romão; eu darei excelência ao excelentíssimo senhor doutor dono da casa. (*Volta-se e dá com Luís*). Bons dias a vossa excelência. Um criado de vossa excelência... Vossa excelência até que afinal teve a bondade de receber a minha pessoa... Sou o José da Silva, vizinho dali defronte... Tenho a imensa ventura de cumprimentar a vossa excelência...

LUÍS – Bom dia. O senhor assente-se e queira dizer o que pretende de mim?

JOSÉ – Pretendo... Eu nada pretendo de vossa excelência, isto é, antes de tudo, em primeiro lugar... Perdoe[,] vossa excelência. Atrapalhei-me um pouco, mas desculpe se principio de novo, a fim de não tomar o tempo de vossa excelência... Sou o José da Silva, vizinho dali defronte, que venho na presença de vossa excelência oferecer os meus préstimos, visto que na ausência nunca me foi possível... Vossa excelência está residindo neste palacete há mais de vinte dias e censurará talvez o não ter vindo mais cedo oferecer meus préstimos...

LUÍS – Nada censuro, senhor.



JOSÉ – Há de censurar[,] lá dentro de vossa excelência; mas eu justifico-me plenamente. Fui atacado de uma doença chamada mielite...

LUÍS – Peço-lhe brevidade na exposição do motivo que o trouxe cá.

JOSÉ – Sou um criado de vossa excelência; obedeço. Ia trazendo... Sim... Vou ao fim do princípio[,] que não é outra coisa senão o que ia dizendo em primeiro lugar. Sou o José da Silva dali defronte... que venho oferecer os meus préstimos a vossa excelência e que espero vossa excelência não os recusará.

LUÍS – Não os recusarei, senhor; até os agradeço com satisfação.

JOSÉ – Vossa excelência é um grande doutor e eu estou contentíssimo.

LUÍS – Bem. Era só?

JOSÉ – Não, excelentíssimo senhor doutor. Agora tenho de falar a vossa excelência no pior...

LUÍS – No pior! O que é?

JOSÉ – Vossa excelência foi roubado e eu estou pronto para testemunhar ocular...

LUÍS (*admirado*) – Roubado! Não o entendo.

JOSÉ – Mas é fácil vossa excelência entender. Foi roubado, juro!

LUÍS – E como, senhor? Explique-se.

JOSÉ – Já explico-me a vossa excelência... Ora[,] o excelentíssimo senhor doutor – ouça. Vossa excelência ontem deu um baile neste seu palácio... Eu cá entendo que uma casa deste tamanho e de tal feitio é um palácio... Pois vossa excelência deu um baile[,] por sinal que houve dança e eu vim cá, mas nunca com tenções de dançar e sim com desejos de dirigir-me a vossa excelência, a fim de oferecer os meus préstimos...

LUÍS – Ainda?

JOSÉ – Não, excelentíssimo senhor doutor; vou adiante. Então, como não pudesse conversar com vossa excelência, voltei para minha casa, com porta e janela ali defronte, na direção do norte. Encostei-me à meia porta envidraçada e pus-me, isto da parte de dentro, a ouvir a música e tanto ouvi que peguei no sono e fiquei em pé, a dormir... De repente[,] um barulho despertou-me. Foi o fim do baile, porque vi saírem muitas pessoas e rodaram muitos carros... Fechou-se o palácio de vossa excelência... Mas o que fiz eu depois? Disse com meus botões, visto já não ter vontade de ir para a cama: – Como é uma grande tolice passear a tal hora da noite, fico de plantão a observar os astros, sobretudo uma linda estrela de nove cores[,] que fica por cima de nós...

LUÍS (*consigo*) – Este homem sofre!

JOSÉ – Dito e feito. Assim pensei, assim fiz. Fiquei[,] portanto[,] de observação; mas seriam quatro horas da madrugada ou quatro e meia... quando um certo rumorzinho me distraiu a vista... E sabe vossa excelência o que vi? Vi abrir-se um pouco a janela desta casa, justamente a que fica fronteira à minha porta...

LUÍS (*pasmo e curioso*) – Continue.



JOSÉ – E pela abertura vi aparecer uma cabeça, depois o corpo inteiro de um homem.

LUÍS – Isso não é sonho, senhor?

JOSÉ – É tão verdade como eu ser o José da Silva dali defronte... Mas o meu espanto aumentou quando o homem atou uma corda ou enfiou coisa que o valha na sacada e foi-se descendo, tudo isto depois de ter fechado a janela, segundo me pareceu. No momento[,] então[,] em que ia descendo, gritei: – Ladrões! Ladrões! Mas qual permanentes, nem história! O homem deu um salto mortal e deitou a correr, levando a corda ou coisa semelhante, mas teve a infelicidade de perder um objeto qualquer, cujo movimento percebi, apesar da noite não estar clara. É que tenho uns olhos!...

LUÍS (*sôfrego*) – E o objeto?

JOSÉ – Abri a porta, saí à rua e fui apanhá-lo no chão, por baixo da janela...

LUÍS – É a janela daquele quarto?

JOSÉ – É, excelentíssimo senhor doutor.

LUÍS (*consigo*) – Ali passou Ângela o resto da noite. (*Alto, impaciente*). E trouxe o objeto? O que é?

JOSÉ – Trouxe. (*Tirando da algibeira uma carteira[,] que entrega a Luís*). É esta carteira[,] que ponho nas mãos de vossa excelência.

LUÍS (*tomando a carteira, dá um grito como ferido de um raio*) – Oh!

JOSÉ – É conhecida de vossa excelência?

LUÍS – É.

JOSÉ – Então[,] está seguro o atrevido larápio... E para melhor indagação, vossa excelência saiba que ele tinha um sobretudo cinzento...

LUÍS (*consigo, voz abafada*) – Serei tão desgraçado?! (*Alto*). Fico por ora com a carteira... Entretanto[,] o senhor cale-se! Não profira mais uma palavra a respeito. Considere tudo o que disse um segredo que só eu – note bem – só eu revelarei. Cumpre prender o ladrão e se mais uma palavra transpirar dos seus lábios – pode ocasionar um extraordinário transtorno. Protesta cumprir o que peço-lhe?

#### Cena V

#### OS MESMOS e PEREGRINO.

PEREGRINO (*aparecendo*) – Bom dia, Luís. (*Vendo José*). Ó caríssimo senhor José da Silva dali defronte, como vai a sua bizarria?

JOSÉ – Um criado de vossa senhoria...

PEREGRINO – Vejo que desta vez realizou o seu sonho dourado; encontrou o Luís disposto a ouvi-lo. Dou-lhe os parabéns; e a ti também, Luís, pela amável presença do senhor José da Silva dali defronte (*dirigindo-se a José*), não é exato?

JOSÉ (*sorrindo*) – Creio que sim.

PEREGRINO – Crê que sim o simpático senhor José.



JOSÉ – Vossa senhoria está muito alegre.

PEREGRINO – Felizmente a alegria é minha inseparável companheira... E seria a segunda se eu tivesse mulher... Mas, por falar em mulher, Luís, onde está Ângela? Dorme ainda?

LUÍS (*simulando naturalidade*) – Não. Deve estar agora na sala de jantar.

PEREGRINO – Vou dar-lhe o bom dia e volto.

LUÍS – Vai.

PEREGRINO – Meu caro senhor José... (*Indo a sair, volta de súbito*). Já leste os jornais, Luís?

LUÍS – Não.

PEREGRINO – Pois então recomendo-te um entrelinhado do Jornal do Comércio. Nele[,] o teu nome dança um furioso can-can. Dão te rijo... Vê-se que aquilo é trabalhinho do ministro... E nota que são prelúdios... Imagina o que não virá mais tarde! Meu amigo, estás no pelourinho[,] levantado por aqueles que tua vigorosa palavra abateu. Pensavas que te respeitariam como tu sabes respeitar? Pensavas que terminarias o mandato popular e irias incólume para a tua província? Sempre te respondi que estavas acalentando um sonho. Aí tens comprovada a minha previsão. Mas consola-te, filho. Não há homem de bem que[,] se metendo em política, escape da sanha dos cogumelos que ela germina. É mister que te convenças desta espécie de máxima: Quem se diverte com asnos, está sujeito a coices.

LUÍS – Resigno-me ao martirológico político. Quanto aos botes da canalha, desprezo, porque não me atingem.

PEREGRINO – E não tens outro remédio. A política é como a roseira espinhosa, da qual ninguém colhe a flor sem ferir-se nos espinhos. Quiseste ser político, aguenta-te. Eu cada vez mais fujo dela. Lê, porém, o tal artigo. Enquanto lês, vou cumprimentar a prima. (*Sai*).

JOSÉ – Eu também deixo vossa excelência.

LUÍS – E sobre aquilo...

JOSÉ – Descanse, vossa excelência... Este humilde criado de vossa excelência promete fazer do que disse um mistério como... Como o segredo das abelhas... Um criado de vossa excelência. (*Sai[,] aos cumprimentos*).

Cena VI

[LUÍS, só.]

LUÍS (*só, vendo José da Silva*) – Se este homem observou o que acaba de relatar, houve então um ladrão; mas um ladrão que roubou a maior preciosidade da minha existência – a honra! (*Tirando a carteira[,] que pusera no bolso ao pressentir a entrada de Peregrino*). O dono desta carteira só isso poderia roubar-me! (*Pequena pausa*). É preciso que a verdade apareça. (*Abrindo a carteira*). Se está aqui, se a desonra é tão certa como pressinto, o que farei deles, esses indignos entes que não vacilaram em atraiçoar o amor



e a amizade? O coração julgará; e a razão há de decidir. (*Examinando a carteira e tirando dela dinheiro e alguns papéis*). É mister ver tudo. Não há escrúpulo que oponha-se, quando o juiz quer provas para condenar o réu! (*Mexendo nos papéis, dá de súbito um grito*). Ah! A sua letra! (Lê). “Antes da meia-noite, oculta-te no quarto junto ao meu aposento particular. Tenho pretexto para pernoitar nele. À entrevista que pediste pessoalmente, só assim respondo-te. Precaução. Rasga. Tua A.” (*Com profunda dor e desespero*). É possível mais a dúvida?! Ah! Infames! Como neste momento vejo claro o horizonte! Que cegueira fatal! E como tudo agora ressalta aos olhos! Entregavam-se a devaneios em minha ausência e eu, nem mesmo os surpreendendo, imaginava um crime. Ainda ontem, um homem lançou-me em rosto essa infâmia e eu provoquei-o para defendê-la!... (*Soluços embargam-lhe a voz; mas reage e num ímpeto de ódio*). Mas hei de matá-los! Hei de infligir-lhes tamanho tormento[,] como enorme é o desespero que me invade o coração! (*Como interrompido de súbito*). Matá-los?! Matá-los[,] para quê? Para dar-lhes o descanso eterno e prolongar o meu infortúnio? Não! É preferível que sofram como eu tenho de sofrer! Quero que sejam tão punidos como merecem! (*Guarda o bilhete no bolso*).

Cena VII

LUÍS e PEREGRINO.

PEREGRINO – A prima passou bem a noite; não a encontrei aborrecida.

LUÍS (*contrafazendo-se*) – E tu passaste-a também? (*Tem procurado ocultar a carteira[,] que já está fechada*).

PEREGRINO (*com um movimento e sorrindo*) – Naturalmente, porque sempre passo bem.

LUÍS – Mas não ficaste até ao fim do baile?

PEREGRINO (*hesitante*) – Eu... saí antes.

LUÍS – De que hora? Pouco depois das onze ninguém te viu mais.

PEREGRINO – É exato. Saí entre onze e meia-noite... Um ligeiro incômodo da cabeça obrigou-me a ir em casa e[,] afinal[,] creio que adormeci, de sorte que não pude voltar.

LUÍS – Então não passaste bem a noite, como disseste.

PEREGRINO (*consigo*) – Mau! Estou comprometendo-me.

LUÍS – Ainda mais: estás mentindo.

PEREGRINO (*surpreso*) – Eu!

LUÍS – Sim! Dando pela tua ausência, mandei um criado à tua casa, o qual trouxe a resposta – que para lá não tinhas ido. Para onde foste[,] então?

PEREGRINO (*sorrindo*) – Apanhaste-me! Entretanto[,] não posso dizer-te aonde fui. É segredo.



LUÍS – Conserva-o, visto isso. Noto[,] contudo[,] que o teu passeio noturno distraiu-te a tal ponto que perdeste a carteira e nem deste por isso. O criado acaba de achá-la junto à porta de entrada. Ei-la.

PEREGRINO (*com certo susto*) – Com efeito, perdi-a ontem. Dá-ma.

LUÍS (*sorrindo*) – Permites que a abra[,] a fim de descobrir o teu mistério?...

PEREGRINO (*impedindo*) – Não. Há segredos que nem o amigo mais íntimo pode conhecer...

LUÍS (*com explosão*) – Mas não há traição de vilões que se possa ocultar!

PEREGRINO (*recuando surpreso*) – Estás louco!

LUÍS (*forte*) – És o maior dos miseráveis!

PEREGRINO (*espantado, também forte*) – Luís!

LUÍS – Pudera esbofetear-te, pudera desfechar-te tiros de um revólver, pudera finalmente encher-te o peito de punhaladas, que ainda não se lavaria a injúria; mas limito-me[,] neste momento[,] a indicar-te aquela porta e dizer: é lá fora, onde a gentalha e o vício se ostentam, que se toleram infâmias!

PEREGRINO (*fora de si*) – Endoideceste?

LUÍS (*mais violento*) – Obedece ou... (*Toca o tímpano*).

PEREGRINO (*saindo*) – Hei de saber se devo desafrontar-me ou lastimar-te. (*Sai*).

#### Cena VIII

LUÍS, CRIADO e logo ÂNGELA.

LUÍS – Agora ela! (*Ao criado[,] que entra*) – Vá chamar a senhora, mande pôr os cavalos no carro e leve este recado ao telégrafo! (*O criado sai*). Assim ponho termo à primeira fase desta dor que dilacera-me.

ÂNGELA (*entrando*) – Mandou chamar-me; aqui estou.

LUÍS – Depois da comédia que ontem representou com tanta habilidade; depois da nódoa aviltante que jogou à minha honra, pouco mais tenho a dizer-lhe.

ÂNGELA (*surpresa*) – Não o entendo.

LUÍS – Entenderá quando lhe aprover. Acabo de passar um telegrama a seu pai[,] para vir com a maior brevidade. Logo que ele chegar, terá de deixar esta casa, para segui-lo ou proceder como achar conveniente.

ÂNGELA – Antecipou a minha intenção!

LUÍS – Amanhã[,] irei também ao poder eclesiástico requerer ação de divórcio...

ÂNGELA (*como ferida*) – Ah!

LUÍS – Não quis optar pela morte da mulher que penetrou na vereda da ignomínia e do crime, porque considerei-a mais digna de desprezo do que de vingança.

ÂNGELA (*com altivez*) – O senhor é bastante vil. Além de me haver traído, tem ainda a covardia de insultar-me! Agora eu também desejo o divórcio!



LUÍS (*indignando-se*) – É o requinte do cinismo e da audácia! Como fui vítima da sua fingida solicitude, dos seus falsos carinhos, dos seus fementidos protestos de amor! Mulheres! Quem não se engana com esses anjos na forma e demônios na essência? Mas por desdita ou ventura revelam-se um dia, nesse dia em que o homem vê-se desonrado, quando deveria julgar-se ditoso por despedaçar para sempre os grilhões malditos que por tanto tempo o arredaram da vida feliz, da liberdade completa. – Basta, porém, de palavras inúteis. Entre nós tudo acabou. (*Tomando o chapéu*). Em breve[,] o divórcio sancionará este ato. Então, enquanto eu, no isolamento, procurar esquecê-la, a senhora seguirá a estrada fatal – do adultério à miséria!

ÂNGELA (*caindo sobre a cadeira*) – Meu Deus!

LUÍS – Cedeu à miragem; desça ao fundo do abismo!

CAI O PANO.





## ATO IV

*Sala de hotel.*

Cena I

LUÍS e FABRÍCIO.

FABRÍCIO – Meu caro amigo... Até que enfim[,] chegou de São Paulo. (*Abraça-o*). Como se foi por lá?

LUÍS – Bem. E o senhor por aqui?

FABRÍCIO – Magnificamente.

LUÍS – Que novas tem a dar-me?

FABRÍCIO – Uma que eu não esperava e que não lhe comuniquei por saber que regressaria hoje do seu passeio. Ontem, no bispado, compareceu o senhor Campos, seu sogro. Interrogado, protestou contra o seu procedimento, sustentou a inocência da filha, mas declarou que considerava imprescindível o divórcio, visto não ser mais possível a união entre os cônjuges.

LUÍS – Exibiu provas?

FABRÍCIO – Disse que D. Ângela fora[,] sem dúvida[,] uma vítima da calúnia e que a carta, não obstante a semelhança da letra, era falsa.

LUÍS – É irrisório!

FABRÍCIO – A cena representada pelo pai, em todo o caso, fez-me mal. Creia que[,] naquele momento[,] lamentei ser uma das testemunhas. Afinal[,] o coração humano está sujeito a enternecimentos e comoções. Entretanto[,] era mister ser justo; não esquivei-me.

LUÍS – Prestou[,] assim[,] um relevante serviço à sociedade. Como homem honesto[,] impôs um solene castigo à mulher que[,] sem trepidar[,] derramou o opróbrio na frente de um homem de bem.

FABRÍCIO – Fico com a consciência de ter cumprido um sagrado dever. Entendi sempre que nada autoriza o adultério da mulher. A vilania de um marido[,] ou a sua queda no último degrau da abjeção, não desdoura a esposa escudada pela virtude. Se[,] porém[,] é ela quem cai nos lodaçais da impureza e do vício, a lama que levanta não a envolve somente, vai também poluir o marido.

LUÍS – Bem sei que a entidade humana está cheia de imperfeições. O homem tem fraquezas que[,] muitas vezes[,] o transviam no caminho do dever. Reconheço no matrimônio que o direito de fidelidade é recíproco e sou daqueles que o aplaudem como elemento necessário ao sossego do lar. É, porém, de mais gravidade e rigoroso para a mulher. O marido que não o respeita, merece o desagrado da esposa; mas a esposa que o despreza, desonra a família. No primeiro caso, a dignidade do homem fica salva; no segundo, é enxovalhada e abatida. Para o primeiro o perdão é possível; para o segundo toda a punição é necessária. É o que a razão aceita; é o que a sociedade quer.





FABRÍCIO – Falou muito bem.

LUÍS – É preconceito dileto da sociedade e ao qual adere a opinião universal.<sup>13</sup>

LUÍS – Ela não foi uma vítima da calúnia; foi uma desgraçada que não teve sequer a menor circunstância atenuante. Com indigna hipocrisia[,] enganou-me até ao momento decisivo, aquele em que a verdade resplandeceu. A última traição, a última reincidência do crime, ela perpetrou depois de se revoltar por aquilo que intitulou minha falta. Poderia haver maior cinismo?! (Pausa). E não matei-a! Mas não devo condená-la aos maiores tormentos da vida? Sim! Merece[,] porventura[,] comisseração essa mulher que nem o teto conjugal respeitou?! Não! Foi bem profundo o golpe que me deu. Ele trouxe-me a desonra e uma dor eterna.

FABRÍCIO – O mesmo há de ela sentir, mormente depois da sentença que não pode demorar, uma vez que[,] finda a tal inquirição, tudo pareceu ficar determinado. É[,] portanto[,] de supor que de hoje até amanhã seja decretado o divórcio.

LUÍS – Que é a minha salvação. (Um caixeiro traz-lhe um cartão. Lê). Um deputado espera-me na outra sala. Como o amigo não é de cerimônias, peço-lhe uma licença de momentos.

FABRÍCIO – Pois não.

LUÍS – Volto, apenas esteja livre.

## Cena II

FABRÍCIO, depois HILÁRIO.

FABRÍCIO (só) – A minha vingança dirige-se ao termo. A primeira vitória foi tua, mas a última será minha! Usurpando-me o lugar no parlamento, fizeste-me sofrer cruéis decepções; mas a desforra começou e os teus desgostos serão infinitos.

HILÁRIO – Olá, Fabrício...

FABRÍCIO – Adeus. Encontrei o nosso homem?

HILÁRIO – Não encontrei; mas vim cumprimentá-lo.

FABRÍCIO – Neste momento deixou-me, a fim de atender a um deputado que veio procurá-lo. Prometeu não demorar-se. O que há[,] porém[,] de novo?

HILÁRIO – A maior novidade é que Ângela[,] desde ontem[,] não habita o mesmo prédio; e mudou-se não sei para onde, o que realmente contrariou-me.

FABRÍCIO – Saberás a nova residência[,] sem muito trabalho.

HILÁRIO – Mas por que mudou-se ela? Este incidente transtornou o meu plano.

FABRÍCIO – Plano talvez irrealizável.

---

<sup>13</sup> Após essa fala de Luís, deveria constar uma réplica de Fabrício, que foi suprimida na edição original.



HILÁRIO – Não desesperarei ainda. Causou-me[,] todavia[,] transtorno, porque enquanto ela não prevenir-me desse fato, mesmo que ache a nova morada, parecerá impolidez apresentar-me. Penso que terei a comunicação; mas pode tardar e bem sabes que toda delonga me é prejudicial.

FABRÍCIO – De sorte que o meu caríssimo amigo cuida mais de seus interesses do que dos nossos...

HILÁRIO – Dize antes: dos teus.

FABRÍCIO – Vejo que te revestes de uma inocência admirável, quando não foi sem recompensa que...

HILÁRIO – Cala-te. Não tens motivos para duvidar dos meus serviços à causa que tomei a peito. Demais[,] não ignoras que contraí o compromisso mais pela segunda razão do que pela primeira. Fica certo de que o teu dinheiro não conseguiria os milagres que têm conseguido a paixão que nutro por Ângela. É ela o móvel primordial. E[,] de resto, a consecução desse desejo, ainda é a teu favor.

FABRÍCIO – Pois sim[,] e foi mesmo por isso que não opus-me à tua abstenção, relativamente ao processo do divórcio intentado por Luís. Este queria-te para testemunha, tanto que me vi em sérios embaraços para arredar-te, como sabes.

HILÁRIO – É ocioso repetires.

FABRÍCIO – Admiti, pois, a abstenção e nem é a ela que me refiro. O que não me tem deveras agradado, é a tua indiferença acerca do nosso acordo.

HILÁRIO – Como[,] indiferença?

FABRÍCIO – Pois não é certo que[,] desde o dia posterior ao baile em casa do Luís, tu só tens tratado de cultivar o terreno para colheres os frutos disso que denominas tua paixão?

HILÁRIO – O que me parece evidente é a tua habilidade. Tens convicção de que o teu plano é[,] em breve[,] realidade, porque no ponto onde param as coisas, já não há retrocesso; por consequência, trabalhas com finura para concluir o conchavo[,] sem quebra de amizade, ficando cada um com a sua responsabilidade e tu sem a obrigação da cláusula que (*fazendo sinal de dinheiro*) nós sabemos. Pois franqueza por franqueza... Tu queres? Quero também, não dispensando a dita cláusula, já se vê.

FABRÍCIO – Concluíste?

HILÁRIO – Devo acrescentar algumas frases. Uma vez desfeita a nossa solidariedade, é claro que cada qual tratará somente de si, zelando apenas a discricção quanto ao comprometimento, porque esse é mútuo, e aquele de nós que levantar uma ponta do véu que o envolve, está *ipso facto* a pedir condenação.

FABRÍCIO – Amanhã, em minha casa, trataremos disso.

HILÁRIO – Seja.

FABRÍCIO – Agora dize-me: a mulher do Luís tem padecido muito por causa do acontecimento e de suas consequências?



HILÁRIO – Se tem padecido, como é natural, será quando se vê só; porque em presença de pessoas, demonstra uma certa inacessibilidade que inspira dúvida sobre os seus sentimentos.

FABRÍCIO – É uma mulher orgulhosa. (*Aparece Peregrino*). Ângela, por ser altiva demais, não podia ser boa esposa.

HILÁRIO (*vê Peregrino furtivamente, consigo*) – Ah! (*Alto*). Entretanto[,] dela transpira a inocência.

FABRÍCIO (*com ironia*) – Inocência que o marido tem devidamente apreciado.

### Cena III

#### OS MESMOS e PEREGRINO.

PEREGRINO – E que os ociosos, como o senhor, vem aqui satirizar!

FABRÍCIO – Escutava-nos?!

PEREGRINO – Quem escuta um difamador merece as honras de bom curioso.

FABRÍCIO – Senhor!

PEREGRINO – Deixe as declamações que só no teatro podem ter cotação.

FABRÍCIO (*com rispidez*) – Não julgo o senhor competente para me dirigir insinuações. Falo aonde e como me parecer, e acredito que o senhor não alimenta a pretensão de querer privar-me dessa faculdade.

PEREGRINO – Certamente; mas fica-me o direito de considerá-lo um covarde detratador, se persistir em jogar chufas à inocência de uma senhora que prezo e cuja dignidade acato: e convença-se de que tenho competência para sustentar o quanto disse.

FABRÍCIO – Provoca-me ou ameaça?!

PEREGRINO – Nem uma, nem outra coisa. Respondi aos seus assomos de altivez e aconselhei-o a ser mais respeitoso com pessoas de um sexo, cuja fragilidade merece consideração.

FABRÍCIO (*com insistência*) – Falava de uma mulher que vai ser julgada por crime de adultério e acho-me na presença do homem...

HILÁRIO (*intercedendo*) – Prudência, Fabrício!

PEREGRINO – Deixe esse senhor concluir o período. Quero ver até onde vai a sua coragem e até que ponto atinge a sua insolência. (*Exacerbando-se*). Quero ver, por fim, se é capaz de opor-se ao fazer-lhe engolir uma a uma as palavras que soltar!

FABRÍCIO (*enfurecendo-se*) – Desprezo as ameaças e certifico-lhe que não me aterroriza.

HILÁRIO – Não prossigam nessa inconveniente discussão. O lugar é impróprio; vão decidi-la noutra parte.



Cena IV

OS MESMOS e CORNÉLIO.

CORNÉLIO – Boa tarde, meus senhores... (*Dirigindo-se a Peregrino*). Peregrino, meu bom amigo, como vais de saúde e de ventura?

PEREGRINO (*apertando a mão de Cornélio, com efusão*) – Como passas, Cornélio? Há dias que te não vejo. Estiveste fora da corte?

CORNÉLIO – Estive na Tijuca, em casa de minha tia Germana, onde gozei oito agradabilíssimos dias, começando por divertir-me, desde que tomei o *bond* no largo de S. Francisco.

PEREGRINO – Algum episódio chistoso?...

CORNÉLIO – Exatamente. Sábado passado, antes do sol despontar, dirigi-me ao largo do S. Francisco e tomei o *bond* da Tijuca, a fim de passar aí uns dias com a dita minha tia, que, como sabes, só vem à Corte de cinco em cinco anos, apesar de residir tão perto.

PEREGRINO – A D. Germana detesta a Corte.

CORNÉLIO – Podia detestar, mas amiudar as visitas à minha mãe.

PEREGRINO – Certamente.

CORNÉLIO – Mas como te ia dizendo. Partira o *bond* sem que eu fizesse grande reparo nos passageiros, principalmente porque não eram meus conhecidos. Quando, porém, atravessava-se o Campo da Aclamação[,] e que naturalmente olhei para o grande jardim, senti puxarem-me a aba do casaco. Volto e encaro com um inglês, que me diz: “Mim gostar de passear nesta campa e gostar também destes erves verdes...”. Grama? Interroguei eu a rir-me admirado. “Yes[”], retruca ele, [”]mim afirma, mas não sabe o nome; mim saber só que na Inglaterra se gostar muito destes erves ensopades”. – Chama-se grama, senhor. Disse-lhe isso, porque realmente ele apontava a grama. Imagina se era possível conter a gargalhada. Para encurtar palavras, Peregrino, esse inglês foi, durante o trajeto, motivo constante de galhofa, sobretudo quando apareciam objetos da natureza ou da arte, como a serra, o Andaraí, o canal do Mangue, o Alto da Boa Vista, etc. Paramos no hotel *Jordan*. Desde então, não deixei mais o inglês. Levei-o depois até à chácara de minha tia e fi-lo passar aí tantos dias como eu. Em resumo, meu caro, o inglês acabou por apaixonar-se de minha prima Carlota e vai ser meu primo, visto minha prima ter gostado de bifés.

PEREGRINO – Cada vez mais se confirma o dito dos ingleses – *Time is money* –. O homem, não obstante apreciar o ensopado de ervas do Campo da Aclamação, foi logo às do cabo.

FABRÍCIO (*baixo[,] a Hilário*) – Deixemo-los. Não vês que nos tratam com incivilidade?

HILÁRIO – Dizes bem; saiamos. (*Alto*). Senhores... (*Corteja*).



Cena V

PEREGRINO e CORNÉLIO.

CORNÉLIO – Não gosto destes tipos.

PEREGRINO – Estava em atitude de vias de fato com um deles, o bacharel, quando apareceste. A tua presença evitou talvez um pugilato, o que estimei, porque não tenho o mau gosto de dar escândalo, principalmente em casas de frequência pública.

CORNÉLIO – Foste insultado?

PEREGRINO – Por ele?! Se tivesse tal petulância, experimentaria imediata consequência. Pelo contrário, fui eu quem o insultei.

CORNÉLIO – Pois estes dois sujeitos incorreram na minha antipatia, não só pelos traços fisionômicos como por atos que praticam. Ouvi dizer que o Dr. Fabrício é mau, vingativo e presumido. O outro não será tanto, mas asseguram que é um pouco venal. O Dr. Nóbrega, teu amigo, que se acautela do tal Fabrício, pois o descalabro que ele sofreu na câmara, incendiou-lhe o ódio e ódio de um homem desses, não escolhe vítimas.

PEREGRINO (*alegrando-se de súbito*) – As tuas palavras, Cornélio, germinaram luz no meu espírito e talvez restituam a felicidade a desgraçados.

CORNÉLIO (*admirado*) – Não te compreendo.

LUÍS (*dentro*) – Me procurem cá.

PEREGRINO – Ele! Retira-te por momentos.

CORNÉLIO (*sem o entender*) – O quê? (*Vendo Luís aparecer*). O doutor! (*Cumprimenta-o e sai*).

Cena VI

PEREGRINO e LUÍS.

LUÍS (*viendo Peregrino*) – Ah!

PEREGRINO – Surpreende-lhe certamente a minha presença?

LUÍS – Vinha ao encontro de um amigo.

PEREGRINO (*pausadamente*) – Depois de vinte dias[,] encontramos-nos, de novo, face a face. Vim a saber mais tarde que não estava louco naquela manhã em que expulsou-me de sua casa, como se expulsa um laçao incapaz<sup>14</sup> do crime de furto. Sei que acreditou numa torpe comédia, da qual resultou um fato extraordinário e inaudito. Sei finalmente que[,] sem ouvir a defesa de supostos réus, injuriou uma esposa digna de toda a veneração e um amigo que só tinha um defeito – o estimar como a um irmão e prezá-lo até ao sacrifício.

LUÍS (*veemente*) – Comédia representa o senhor neste momento!

---

<sup>14</sup> Acusado.



PEREGRINO (*crescendo na voz*) – Não represento comédia, nem suponha que venho defender-me diante de si, porque seria baldado trabalho tentar semelhante coisa nesta ocasião. Vim procurá-lo hoje, é certo, como vim inutilmente nos dias seguintes àquele em que enxotou-me de sua casa; vim hoje, porque soube que tinha chegado e era mister falar-lhe.

LUÍS – Que quer de mim[,] então?

PEREGRINO – Nada, pois, que seja relativo a minha defesa, porque em breve o público, pelas circunstâncias, há de dizer que não a possuo e[,] peremptoriamente[,] a recusará; mas tudo em relação à minha queda no conceito público.

LUÍS – É a queda dos traidores.

PEREGRINO – Se há traidores aqui, é com certeza o senhor! O senhor o é[,] duplamente! Usou da mais cruel traição para a esposa que o extremecia, usou da mais covarde deslealdade para o amigo[,] que lhe consagrava sincera estima. Pois bem: se uma não veio exigir-lhe a satisfação[,] para minorar a dor que aniquila e despedaça a alma, veio o outro. – Senhor Dr. Luís Nóbrega, se dos seus antepassados herdou algumas gotas de brio, se deles possui algum resto de dignidade, diga aonde deixou o caráter, responda por que desceu tão baixo?!

LUÍS (*fortíssimo de indignação*) – Já que é preciso fustigar-te as faces, (*tirando uma luva e arremessando-a sobre Peregrino*) eis a resposta!

PEREGRINO (*com um grito alegre, aparando a luva*) – Era o meu desejo.

LUÍS – Estarei ao seu dispor onde e como lhe aprouver! (*Sai*).

#### Cena VII

#### PEREGRINO e CORNÉLIO.

CORNÉLIO (*aparecendo*) – Ouvi tudo, Peregrino. Perdoa esta falta cometida em boa intenção. Pressenti um perigo quando me pediste que saísse e escutei.

PEREGRINO – Sabes, portanto, em que se transformou a amizade que me ligava a ele!

CORNÉLIO – Em ódio de morte, porque trocaram terríveis ameaças.

PEREGRINO (*como acalmando-se e dominado por oculta satisfação*) – É mister uma desafronta e[,] portanto[,] um duelo, apesar das leis brasileiras não o permitirem. Esse duelo, por isso mesmo, será oculto. Se[,] todavia[,] carecer de uma testemunha, posso contar contigo?

CORNÉLIO – Perguntar-me é quase ofender-me. Sabes aonde moro. Ao menor aviso[,] ter-me-ás ao teu lado.

#### Cena VIII

#### OS MESMOS e PEDRO.

PEDRO (*ao fundo*) – Diga que o espero aqui.



PEREGRINO (*admirado*) – Meu tio!

PEDRO – Adeus, rapaz. (*A Cornélio*). Senhor...

PEREGRINO (*apresentando*) – Meu amigo Cornélio Macedo de Lima. (*A Cornélio*). Meu tio Pedro de Campos.

CORNÉLIO – Honra-me muito o seu conhecimento, senhor Pedro de Campos.

PEDRO – Igualmente, senhor Lima.

PEREGRINO – Veio falar com Luís sobre?...

PEDRO (*atalhando*) – Sim; como, porém, te vejo receoso e te compreendo, apresso-me em acrescentar que nada temas. Obsequias-me, por conseguinte, retirando-te. Peço também licença ao senhor Lima...

CORNÉLIO – Pois não, senhor Campos. Vamos, Peregrino.

PEREGRINO – Vamos. (*Consigo*). Em todo caso, ficarei ainda no hotel.

#### Cena IX

PEDRO, LUÍS e logo CAIXEIRO.

PEDRO (*só, com tristeza*) – Os pais são os mártires da família. É certo que se deleitam e orgulham pelos filhos; mas não é menos certo que por eles muito padecem, muitas mágoas suportam! Infeliz Ângela! Bem vaticinavas tu o mal que sobreveio!

LUÍS (*aparecendo*) – Quem será? (*Vendo Pedro, contrariado*). Senhor Pedro...

PEDRO (*que estranha o tratamento, mas compreende-o*) – Eu mesmo, senhor Dr. Luís Nóbrega. Cumprimento-lhe e sou grato pela maneira porque atendeu ao pedido desta entrevista.

LUÍS (*sério, indicando um assento*) – Desejo conhecer o motivo dela.

PEDRO (*de pé*) – Obrigado; não me assento e serei breve.

LUÍS (*indiferente*) – Como queira.

PEDRO (*circunspecto*) – Quando concedi a mão de minha filha ao Dr. Luís Nóbrega, estava plenamente convencido de que dava-lhe para esposa uma moça honesta e incapaz de jamais faltar aos seus deveres ou marear sequer a sua honra. Em muita conta também tinha eu então o futuro marido de minha filha. Pois bem; o tempo encarregou-se de demonstrar que me enganara em parte. Minha filha, quanto a mim e isento de qualquer suspeição, continua a ser a mesma mulher, honesta e digna. Aquele homem[,] porém[,] que eu admirava e de quem fizera os melhores conceitos, iludiu-me!

LUÍS (*com veemência*) – Senhor Pedro!

PEDRO (*calmo*) – Sossegue, senhor; não venho fazer exprobrações, nem tão pouco exigir-lhe que respeite os cabelos brancos de um homem que, se necessário fosse, tudo sacrificaria para conservar intacta a honra. Sossegue e ouça-me ainda. A desgraça feriu minha filha; e a dor[,] que lhe retaliou a alma, foi repercutir no coração de sua mãe, que adoeceu gravemente e que talvez não esteja longe do túmulo. Quem levou essa desgraça ao lar até então sereno e risonho? O futuro há de dizê-lo, já que o presente é obscuro.





CAIXEIRO (*entrando, em voz baixa ao ouvido de Luís*) – Uma senhora[,] com o rosto velado[,] espera o senhor doutor.

LUÍS (*surpreso, consigo*) – Ah! (*Baixo[,] ao caixeiro*). Aonde?

CAIXEIRO (*sempre baixo*) – No quarto. Ela insta pela presença de vossa excelência.

LUÍS (*idem*) – Diga-lhe que não me demoro. (*Depois do caixeiro sair, a Pedro*) – Desculpe tê-lo interrompido.

PEDRO – Vou resumir, senhor. Ângela[,] que entre os seus hábitos de provinciana vivera ditosa, no centro de uma sociedade pura – a sociedade da família e da amizade – sentiu-se enferma desde que transpôs os umbrais da grande sociedade – esse mundo social – onde a corrupção é um dos principais elementos. O desalento do espírito foi o primeiro sintoma da desventura que sucedeu. Ângela acreditou que tudo saiu dessa sociedade que tantos temores incutira-lhe.

LUÍS – A sociedade é sempre a culpada, como se ela pudesse ser a causa dos anjos que caem ou da perfídia de amigos. Não há poder no mundo que despedace o pedestal da virtude, quando ela soube encastelar-se, assim como não há igual poder para destruir o culto da sinceridade!

PEDRO – Também assim julguei, mas modifiquei o meu juízo, porque minha filha é vítima e o algoz...

LUÍS (*com ironia*) – Prove-o!

PEDRO – Hei de prová-lo um dia, embora seja completa a sua desgraça! Hoje[,] curvo-me ao efeito de um acaso singular ou de uma perversidade meditada: amanhã[,] talvez[,] erguerei a fronte para maldizer o acaso ou esmagar uma víbora! (*Serenando*). São assomos da velhice e desabafos de pai, perdoe.

CAIXEIRO (*entrando e entregando uma carta a Luís*) – Para vossa excelência. Não tem resposta, porque o portador retirou-se. (*Sai*).

LUÍS (*abrindo a carta, a Pedro*) – Rogo-lhe que exponha o motivo da entrevista.

PEDRO – É simples.

LUÍS (*que passou os olhos pela carta, com alegria, para si*) – Enfim! (*Para Pedro*). Diga-o.

PEDRO – Entre o senhor doutor e minha filha é inevitável o divórcio, (*Luís sorri, sem ser notado*) uma vez que de permeio não é mais possível a ventura do casal. A princípio[,] opusera-me à separação; hoje, porém, sou o primeiro a admiti-la. Mas senhor, se desejo essa separação, não a desejo pela forma porque a propôs. O divórcio por um crime imaginário, por um crime falsamente imputado à esposa digna, não a desonra só, mata-a, chafurda no opróbrio, na ignomínia uma família inteira. Mesmo que o crime fosse real, para que punir também uma família honrada? É por isso, senhor, que vim aqui, que solicitei esta entrevista e que faço uma súplica. Enquanto é tempo[,] requiera o desquite por desigualdade de gênios. É um pai que não



recusará prostrar-se diante de si; é um velho que não quer morrer coberto de vergonha.

LUÍS (*comovido*) – É tarde, senhor Pedro. Esta carta noticia-me que foi decretado o divórcio.

PEDRO (*com tristeza*) – Sou então demais aqui. O senhor salvou a honra; eu perco a minha: adeus! (*Sai*).

#### Cena Última

LUÍS, LAURA e logo PEDRO.

LAURA (*aparecendo de véu, consigo*) – Foi-se. (*Indo a Luís e erguendo o véu*). Impacientei-me de esperá-lo[,] assim como tem ferido-me a sua ingratidão. Amo-o e por esse amor tudo esqueci. Desde aquela noite[,] morri para o comendador e vivi para si. Soube que ele partiu para a Europa no dia seguinte e[,] contudo[,] o senhor não procurou-me, ainda que fosse para suavizar os meus desgostos. Finalmente, Luís, não pude resignar-me, porque é mais forte o coração. (*Aparece Pedro*). Não veio para mim, vim para si. Aqui estou. Dê-me uma resposta qualquer. Ama-me ou despreza-me?

LUÍS (*fascinado e abrindo os braços*) – Amo-te, Laura. (*Abraçam-se*).

PEDRO (*com ironia*) – Sejam felizes, porque são dignos um do outro!

LUÍS (*com força, avançando*) – Insolente!

PEDRO (*com dignidade*) – Detenha-se! O senhor é um homem de bem; eu pertenço à canalha!

CAI O PANO.



## ATO V

*Jardim. À direita[,] frente de um chalé. Ao fundo[,] grade e portão.*

Cena I

ÂNGELA e PEREGRINO.

PEREGRINO (*saindo do chalé*) – Bom dia.

ÂNGELA – Bom dia, primo.

PEREGRINO – Madrugou hoje.

ÂNGELA – É verdade. Levantei-me cedo[,] por causa de meu pai[,] que saiu ao despontar da aurora. Depois que fiquei só, fui para a janela apreciar o nascer do sol, e agora, como vê, vim colher flores.

PEREGRINO – Pois eu[,] que devia dormir até meio-dia por ter ido ao baile do conselheiro Sales, não consegui fechar os olhos.

ÂNGELA – Passou mal a noite?

PEREGRINO (*sorrindo*) – Passei-a otimamente. A noite de ontem foi para mim de extrema ventura.

ÂNGELA (*esforçando-se por gracejar*) – Adivinho. Ajustou casamento, não?

PEREGRINO (*sério*) – Ajustei, prima. Custou, mas ajustei. Há de lembrar-se de que eu disse, há uns oito meses, que me casaria para o futuro. Julgo que[,] brevemente[,] se realizará a minha predição. Durante o baile[,] fiz declarações positivas à moça que conhece; ela retribuiu-mas da mesma forma: era por consequência inevitável o conchavo final, aquele por onde acabam os namorados sérios: ajustamos casamento. Nunca acreditou que eu fosse capaz de amar sinceramente. Sempre julgou que eu namorava por passatempo. E agora, o que diz?

ÂNGELA – Começa a convencer-me.

PEREGRINO – Parece ainda duvidar. A realização do meu enlace matrimonial, julgo, será o único meio de inculcar-lhe a convicção.

ÂNGELA – Sem dúvida. Mas a propósito, diga-me: vem morar no chalé com a minha futura prima?

PEREGRINO – Não é possível[,] por falta de comodidade.

ÂNGELA – Como foi anteontem que mudou-se para ele...

PEREGRINO – Então já não disse-lhe a razão da minha mudança? Obrigado a desocupar a casa onde residia, aproveitei o chalé que estava por alugar. Também acrescentei-lhe que era temporariamente.

ÂNGELA – Deve tornar-se proprietário[,] para evitar as contrariedades.

PEREGRINO – Afinal[,] tomarei essa resolução, porque vou constituir família. (*Um entregador[,] que passa ao fundo[,] lança um jornal pela grade. Indo buscá-lo, olha para fora; consigo*). Hilário! É preciso deixá-lo com ela, ao menos por momentos. (*Descendo*). Continue a entreter-se com as flores. Eu vou ler notícias da província. (*Entra no chalé*).



Cena II

ÂNGELA e HILÁRIO.

ÂNGELA – Como anteontem, como há pouco, Peregrino não disse a verdade. O motivo de vir morar ali certamente é outro.

HILÁRIO (*no portão*) – Dá licença, minha senhora?

ÂNGELA – Entre, senhor Hilário.

HILÁRIO (*apertando a mão de Ângela*) – Vossa excelência tem passado bem?

ÂNGELA – Nem mal, nem bem.

HILÁRIO (*sorrindo*) – Pois eu quisera que me respondesse sempre pela afirmativa. Isso muito me alegraria.

ÂNGELA – Bondade sua.

HILÁRIO – Diga antes: desejo de amigo sincero.

ÂNGELA – Obrigada. Não se assenta?

HILÁRIO (*assentando-se*) – Vamos ter hoje um esplêndido domingo.

ÂNGELA – É verdade. Parece que não teremos excessivo calor, apesar de estarmos em pleno janeiro.

HILÁRIO – Encontro-a entretida com flores, o que prenuncia, quanto a mim, não só o seu sossego de espírito, como algum contentamento.

ÂNGELA (*triste*) – Como se engana, senhor Hilário. Não possuo nem uma nem outra coisa. Aparento serenidade de ânimo hoje, como ontem, como sempre, para não inspirar mais compaixões; mas sou desgraçada e muito. Nasci para amar e não quis a sorte ou a providência que eu fosse feliz. O senhor é meu amigo, tem-se mostrado solícito e dedicado para comigo, razão porque não hesito em confessar-lhe o que sinto, o que se passa no íntimo de minha alma.

HILÁRIO (*consigo*) – Encaminha-se ao meu intento. (*Alto*). Creia que sou digno desse conceito. Vossa excelência foi uma vítima da mais descomunal ingratidão. Um amor, como o de vossa excelência, ardente, puro, imenso, não podia, em caso algum, expor-se ao insulto, à desconsideração pública, aos botes da calúnia! Entretanto[,] dele se duvidou! Maculou-se um anjo, só porque houve aparências com presunção de realidades! Um homem teve a vilania de duvidar da mais honesta das mulheres, só para ter o pretexto de substituí-la.

ÂNGELA (*incomodando-se*) – Peço-lhe que cale-se.

HILÁRIO – Sei que estas recordações a molestem, mas encho-me de indignação e desabafo, quando elas me vêm à ideia. E que quer vossa excelência? Que cale-me? Bem o desejo fazer, sem o poder conseguir. Tenho-lhe uma afeição que impede-me de ser indiferente aos males que destroem essa vida preciosa. Vossa excelência sabe ou[,] antes[,] adivinhou, graças a um instinto de mulher inteligente, que a amei um dia...

ÂNGELA – Senhor...



HILÁRIO – Perdoe-me e permita que continue. Quem lhe tributa respeito, jamais pode ofendê-la. Eu a amei um dia; foi antes do seu casamento. O que sentira por vossa excelência só o saberia exprimir um coração apaixonado. Outro pretendente foi o ditoso... Eu[,] o infeliz. Traguei o desespero, curti mágoas e resisti, embora com a alma dilacerada. Era, porém, tão intenso, tão nobre, tão ideal esse amor[,] que sobreviveu, não obstante procurar esquecê-lo, desprezã-lo. Amo-a hoje como a amara antes. (*Ângela faz um movimento*). Peço-lhe de novo perdão! Não julgue que[,] pronunciando tais palavras, nutro a vontade de aproveitar-me da triste situação em que está colocada. Sou sincero e longe de mim vive o pensamento de supor que me corresponde. (*Aparece Peregrino*). Amo-a hoje mais do que a amei, porque as santas são dignas de culto. Vossa excelência é santa, é mártir, é um anjo de resignação e eu que outrora não resisti ao impulso que me arrastava para si, menos o poderia agora. Amo-a, mas voto-lhe o mais profundo respeito.

ÂNGELA – Já não tenho marido, nem outro ente a quem amar, fazendo exceção de meu pai. Amizade... aceito daqueles que a oferecerem. Amor... recusarei de qualquer.

#### Cena III

#### OS MESMOS e PEREGRINO.

PEREGRINO – O que é suficiente para convencer ao senhor Hilário que deve se abster de confissões amorosas neste lugar.

HILÁRIO (*atrapalhado*) – Senhor!

ÂNGELA (*que surpreendeu-se*) – O primo!

PEREGRINO (*a Hilário*) – Queira desculpar o mau hábito que tenho de aparecer aonde não sou chamado. Dir-me-á que isto provém do sangue. É possível e eu creio. Há em mim um faro de perdigueiro[,] admirável; apareço sempre em condições de segurar a caça...

HILÁRIO – Mas eu não sou caça...

PEREGRINO – Assim como eu não sou perdigueiro, é claro.

HILÁRIO – Então[,] explique-se melhor.

PEREGRINO – Quando os entendedores são bons, as explicações são supérfluas.

HILÁRIO – Pois eu declaro que não o entendo.

PEREGRINO – Nesse caso, é mister que me faça compreender. (*A Ângela*). A prima pode deixar-nos sós?

ÂNGELA – Pois não... (*Corteja e sai*).

#### Cena IV

#### PEREGRINO e HILÁRIO.

HILÁRIO (*consigo*) – Maldito intrometido!

PEREGRINO – Ouça-me com atenção. O senhor Hilário não sente por aquela senhora esse respeito de que falou; o que sente é simplesmente o desejo de



explorar a sua desventura e saciar uma paixão originada por inqualificável despeito.

HILÁRIO ( *fingindo-se indignado*) – Dirige-me uma ofensa!

PEREGRINO – Nada de palavrões, meu caro; porque perdemos tempo. Tanto não ofendo que tenho plena certeza do senhor estar dizendo intimamente: o intruso descobriu as minhas intenções...

HILÁRIO – Por Deus, senhor!

PEREGRINO – Pelo céu, não se exalte! Isto de entusiasmos e arrebatamentos não se quadra com o meu sistema de encarar as coisas. Conversemos, pois, com inteira calma. Eu o conheço suficientemente, senhor Hilário. Sei de atos que tem praticado. Sou capaz de escrever a sua biografia sem o temor de falseá-la. (*Pausa*). Aquela senhora[,] a quem eu religiosamente acato, está divorciada do marido e vive reclusa e triste neste retiro. Perdeu sua mãe[,] que ser-lhe-ia doce consolo. Possui[,] de resto[,] um pai que[,] apesar de ser extremoso[,] não goza[,] contudo[,] desse dom que sabe mitigar todos os pesares. Nestas circunstância[,] que não ignorava, o senhor calculou... e calculou bem... que devia insinuar-se... dedicar-se... e mimoseá-la com a maior soma de afetos, de blandícias, de lenitivos e de suavíssimos fraseados[,] que a sua assaz conhecida afabilidade sabe dispensar – visando um e único alvo – a saciação de um desejo[,] que eu qualificarei de criminoso. (*Outro tom*). Observava a rola desamparada e[,] qual milhafre<sup>15</sup>[,] preparava-se para dar um bote seguro. Vai ver, porém, que se enganou. Enquanto o milhafre negaceava a pomba, era ele espreitado pelo caçador!

HILÁRIO ( *simulando não importar-se com as palavras de Peregrino*) – Não quis retrucar-lhe, porque está de veia humorística.

PEREGRINO – Ora[,] ainda bem. Não imagina que prazer eu sinto em vê-lo tão calmo, mormente quando vamos entrar num ajuste... de proveito recíproco. Venha comigo ao chalé. É meu domicílio, portanto[,] estaremos ainda mais à vontade e menos expostos à presença de terceiros.

HILÁRIO – Pesa-me não poder atendê-lo: retiro-me.

PEREGRINO – Pesa-me[,] também[,] dizer-lhe que não posso consentir. Tenha paciência. Há de entrar...

HILÁRIO – O meu interesse...

PEREGRINO – Que se perca, sei; mas é que o meu não se pode perder. Entre, faça favor. Peço-lhe obsequiosamente. Alguns momentos mais, a sua assinatura e separar-nos-emos de perfeita harmonia.

HILÁRIO ( *intrigado e simulando sangue frio*) – Seja. (*Entram*).

---

<sup>15</sup> Ave de rapina, europeia.



Cena V

FABRÍCIO e CORNÉLIO.

CORNÉLIO (*ao fundo[,] com Fabricio*) – Chegamos[,] enfim. É aquele o chalé de que lhe falei. Quero apresentá-lo ao meu amigo. (*Entram e descem*). Que tal achou o nosso matutino passeio?

FABRÍCIO – Agradável. Suponho que este sítio está afastado da cidade uns oito a nove quilômetros, pelo menos.

CORNÉLIO – É o que julgo[,] também. (*Assenta-se*). Descansemos um pouco[,] antes de tudo. (*Olhando para o chalé*). O meu amigo já está levantado. Desejo[,] entretanto[,] esperar por aqui alguns minutos, a fim de fazê-lo experimentar maior surpresa, surpresa que subirá de ponto quando ele o vir em minha companhia.

FABRÍCIO – Mas[,] afinal[,] quem é esse amigo? Estou curioso por saber-lhe o nome.

CORNÉLIO (*sorrindo*) – Não se aflija[,] que breve saberá. Mais uma pequena parcela de paciência, caro doutor[,] e a sua curiosidade... natural[,] cessará.

FABRÍCIO – O caso é que[,] se o senhor não me seduzisse ontem e não se apresentasse hoje em minha casa, certamente eu estava ainda dormindo. A gente deita-se tão tarde.

CORNÉLIO – As grandes cidades fazem-nos ficar verdadeiros mochos.<sup>16</sup> Ora[,] eu levanto-me cedo; no entanto, quantas vezes, não troco a noite pelo dia!...

FABRÍCIO – E[,] contudo[,] o senhor ainda não saiu da corte... Se passasse um ou dois meses em Paris, então é que fazia efetiva essa troca. Foi o que sucedeu comigo; é o que sucede, em geral, com todos que vão lá passear. Nos primeiros dias, limitamo-nos a visitar a cidade, admirar monumentos, desfrutar a perspectiva de magníficos edifícios; depois[,] tratamos de gozar nas diversões, viver finalmente...

CORNÉLIO – E isso só à noite...

FABRÍCIO – Os divertimentos começam ao aproximar da noite e terminam, por assim dizer, ao despontar do dia. O mesmo motim que encanta o hortelão, o artista, o operário, etc., a nós, ociosos, serve de motivo para o sono.

CORNÉLIO – Eu alimento imenso desejo de ver Paris.

FABRÍCIO – A capital da França é um paraíso.

CORNÉLIO – O doutor esteve lá sempre com o Dr. Nóbrega?

FABRÍCIO – Fomos inseparáveis companheiros de viagem. Saímos do Rio em princípios de julho. Estivemos em Lisboa, em Madri e em Nápoles[,] antes de irmos a Paris. De Nápoles seguimos para Marselha, passando em Roma, Florença, Gênova, Mônaco e Nice. De Marselha nos dirigimos a Paris. Foi a cidade em que nos demoramos mais.

---

<sup>16</sup> Coruja ou caburé sem penacho.



CORNÉLIO – Entretanto[,] não estiveram seis meses na Europa. Deviam ficar mais tempo.

FABRÍCIO – Não ficamos porque a nostalgia apoderara-se do meu compa-  
nheiro e o inverno estava se tornando rigoroso.

CORNÉLIO – Recordo-me[,] também[,] de que o doutor dissera-me ter abre-  
viado a viagem por causa das eleições.

FABRÍCIO – Esse foi um outro motivo. Como Luís declarasse-me não ser  
candidato, logo que soubemos da dissolução da câmara, resolvi apresentar-  
-me. E quer seja eleito, quer não, estamos comprometidos a voltar à Europa.

CORNÉLIO – O Dr. Luís desgostou-se da política?

FABRÍCIO – Parece-me.

CORNÉLIO – A que atribui o doutor tal resolução?

FABRÍCIO – Ao certo[,] não sei; mas desconfio que seja ainda consequência  
do divórcio.

CORNÉLIO – Não é crível, em minha opinião. Se o fato do divórcio lhe tivesse  
acarretado desgostos, ele não levaria a amante para a Europa.

FABRÍCIO – Verdaderamente[,] ele não a levou; foi ela quem o seguiu[,] e  
fique certo de que isso muito o contrariou. Laura, porém, ficou em Lisboa[,]  
resolvida a juntar-se com o marido.

CORNÉLIO – É possível?!

FABRÍCIO – Apostaria que presentemente estão ligados e vivem na mais  
completa harmonia. Ela tratou de encontrá-lo, mostrou-se arrependida,  
protestou não ter prevaricado e acabou por fazer as pazes.

CORNÉLIO – Mas o comendador timbrava em ser honrado.

FABRÍCIO – Nem por isso. Já esqueceu-se de que ele abandonou a Corte no  
dia em que lhe cumpria dar uma satisfação ao Dr. Nóbrega? Demais adorava  
a mulher e era muito sujeito a comoções...

#### Cena VI

#### OS MESMOS, PEREGRINO e HILÁRIO.

HILÁRIO (*aparecendo primeiro*) – Fico tranquilo, porque há de cumprir o que  
prometeu.

FABRÍCIO (*vendo Hilário*) – É aquele o amigo?

PEREGRINO – Não doutor; sou eu.

FABRÍCIO (*consigo[,] depois de estremecer*) – Peregrino!

CORNÉLIO (*sorrindo com ironia*) – É ele. Não disse ao doutor que era um  
amigo conhecido? Veja-o bem. Reconhece-o?

PEREGRINO (*a Hilário*) – Utilizar-me-ei da sua declaração somente no caso do  
senhor transgredir. Já lhe dei palavra de honra.

HILÁRIO (*a Peregrino*) – Partirei amanhã para a Bahia. (*Cumprimentando*).  
Meus senhores... Senhor Peregrino. (*Sai*).

FABRÍCIO – Armaram-me uma cilada!





PEREGRINO (*sorrindo*) – Era necessária. Não tínhamos outro meio de gozar da sua amável companhia...

FABRÍCIO – Pretende escarnecer-me?

PEREGRINO – Bem sabe que sou incapaz disso. Pretendo conversar seriamente com o doutor; eis tudo.

FABRÍCIO – E o senhor Cornélio foi o encarregado de trazer-me à sua presença, quando ao senhor é que competia procurar-me.

PEREGRINO – Pensa talvez que evitei procurá-lo por temor? Se pensa, labora num grande equívoco. O que eu simplesmente queria era trazê-lo aqui. E como fazê-lo? Escrever-lhe? O senhor não vinha. – Não proteste; sei que não vinha. Então[,] utilizei-me da amizade de um amigo. Cornélio incumbiu-se de captar a sua simpatia, estreitar relações e alcançou o seu intento. É que nem sempre os ardilosos enxergam laços.

FABRÍCIO (*inquieta*) – Não gosto de exórdios.<sup>17</sup> Uma vez que me tem ao seu dispor, rogo-lhe o obséquio de dizer o que quer de mim?

PEREGRINO – Está com muita pressa?

FABRÍCIO – Estou demonstrando-a.

PEREGRINO – Bem; serei breve. O que desejo do senhor doutor é coisa muito insignificante. O senhor Hilário da Cunha, outrora seu íntimo amigo, há poucos momentos, narrou-me uma historiazinha na qual o doutor teve uma parte bastante saliente. – Não fique pálido.

FABRÍCIO (*muito inquieto*) – O que esse Hilário contou-lhe é alguma das suas costumadas infâmias. Quis vingar-se de mim[,] por não querer emprestar-lhe quantias que pedira-me.

PEREGRINO – Mas o doutor[,] interrompendo-me[,] não permitiu que eu acrescentasse o seguinte: a história narrada pelo seu ex-amigo, não veio mais do que confirmar aquilo que eu já sabia.

FABRÍCIO (*assustado*) – Quer dizer que pratiquei algum crime de pura fantasia?

PEREGRINO (*tirando um papel do bolso e oferecendo-lho*) – Leia. Leia tudo.

FABRÍCIO (*tomando o papel, lê. Estremece em seguida, mas continua a ler. De repente[,] amarrotta o papel e arremessa-o no chão*) – Nada tenho de comum com esse escrito!

CORNÉLIO – Cuidado, doutor!

PEREGRINO (*que agarrou o papel[,] sem alterar-se*) – Não percas a calma, Cornélio. (*A Fabrício*). Mesmo que o senhor despedaçasse este papel, nada se perderia, porque sei de cor o que ele contém.

FABRÍCIO – Repito-lhe que nada tenho de comum com esse escrito.

PEREGRINO – Pois tanto tem de comum que vai entrar ali (*aponta para o chalé*), comigo, extrair dele uma cópia e assinar por baixo o seu nome.

FABRÍCIO (*forte*) – Nunca!

---

<sup>17</sup> Começos de discursos.



PEREGRINO (*mais forte*) – Já! (*Baixando a voz*). Obedecerá por bem ou à força!

FABRÍCIO (*forte*) – Ainda uma vez: nunca!

PEREGRINO (*puxando um revólver*) – Será então à força!

FABRÍCIO (*com terror*) – Tenta assassinar-me?!

PEREGRINO – Não, se obedecer; sim, se recusar. Não hesito em presentear-lo com uma bala no crânio, porque vingo as suas vítimas. Mato-o como a um cão, para livrar a sociedade de um algoz. – Decida-se! Está em nosso poder. Vai copiar e assinar ou vai morrer. Escolha!

FABRÍCIO (*cedendo pelo terror*) – Assino!

PEREGRINO – Vamos[,] então. (*A Cornélio*). Preciso de ti. Segue-me.

### Cena VII

#### LUÍS e o CRIADO.

LUÍS (*ao fundo, olhando para o número do portão*) – É aqui. (*Entra*). Eis o chalé[,] à esquerda. (*Aparece o criado do primeiro ato*).

CRIADO (*reconhecendo Luís*) – O senhor Dr. Luís!

LUÍS (*vendo-o, admirado*) – Romão! Tu aqui?! Como vais? Moraes nestes arredores?

CRIADO – Sim, senhor. Continuo no emprego de criado. Sirvo naquela casa. (*Apona para o interior, à sua direita*).

LUÍS – A quem?

CRIADO – Ao senhor Pedro de Campos.

LUÍS (*admirado e contrariado*) – Ah! E... ele mora só?

CRIADO – Mora com... (*suspende-se, olhando para Luís[,] que finge não o observar*) com a senhora D. Ângela.

LUÍS (*com mau humor*) – Bem, bem. (*Olhando para o chalé*). Sabes dizer-me se estará em casa o senhor Peregrino de Avelar?

CRIADO – Não posso garantir a vossa excelência, mas parece-me que está.

LUÍS – Obrigada.

CRIADO – Vossa excelência desculpe. Vou a serviço...

LUÍS – Não te estorvo, Ramão. Pode ir.

CRIADO – Às ordens de vossa excelência.

LUÍS – É verdade. O Manuel serve também contigo?

CRIADO – Não, senhor. O Manuel desapareceu desde aquela noite em que vossa excelência deu um baile, há uns oito meses talvez.

LUÍS – Desapareceu! (*Admirado*). Por quê?

CRIADO – Ninguém o soube. No dia seguinte[,] deu-se pela sua falta. Eu até suspeitei que ele tivesse praticado algum furto e fugido de madrugada, por causa de uma janela que encontrei aberta e encostada.

LUÍS (*surpreso*) – Qual janela?

CRIADO – A janela da saleta contígua ao aposento da senhora D. Ângela.



LUÍS (*consigo*) – Foi um cúmplice. (*Alto*). E... furtou alguma coisa?

CRIADO – Nada, que eu saiba. É certo também que não entrei em grandes averiguações...

LUÍS – Devia ter entrado...

CRIADO – Não entrei por ser quase impossível, visto ter vossa excelência saído de carro e ter chegado o senhor Pedro antes da senhora me haver prestado atenção, pois estava bastante incomodada. O senhor Pedro também não se demorou e retirou-se com a senhora[,] sem nada dizer-me. Por meu turno, dois dias depois de ter inutilmente esperado por todos, fechei a casa, empacotei as chaves e remeti-as ao senhor Pedro, na província, por um compadre meu[,] que ia para lá.

LUÍS – Então não ficaste com eles?

CRIADO – Não, senhor. Foi há quatro meses que empreguei-me na casa do senhor Pedro. Vim dar aqui por um anúncio. Logo que deixei de servir a vossa excelência, ausentei-me do Rio. Estive mais de três meses em Valença, na quinta do conselheiro Paiva.

LUÍS – Pois contaste-me grande novidade; mas não te interrogo mais; vai ao teu serviço.

CRIADO – Às ordens do senhor doutor. (*Sai*).

#### Cena VIII

#### LUÍS e ÂNGELA.

LUÍS (*só, com acrimônia*) – Não devia estranhar; era imprescindível a entrada de um fâmulos<sup>18</sup> naquela aviltante comédia. Mas por que sumiu-se o miserável? (*Assenta-se à esquerda, ficando meio oculto, a refletir*).

ÂNGELA (*aparecendo um pouco apressada*) – Creio que Romão dirigiu-se para este lado. Com certeza não saiu por cá. Ah! Talvez esteja em casa do primo. Será bom que o encontre[,] para remediar o meu esquecimento. Vejamos se ele está. (*Encaminha-se para o chalé e[,] ao aproximar-se da porta, olha casualmente para onde está Luís, vê-o, dá um pequeno grito e fica pálida*).

LUÍS (*erguendo-se, conhece-a. Com calma sarcástica*) – A minha presença não impede que a senhora prossiga no seu caminho. Pode entrar. O senhor seu primo deve estar só, porque esperava-me. Eu voltarei em outra ocasião.

ÂNGELA (*com lampejos de indignação*) – Que vileza a sua! Mas quem é o senhor para vir aqui dirigir-me novos insultos? Não é bastante o que fez? Não sabe que o desconheço como desconheço os entes desprezíveis? Deixe em paz a vítima que suporta a condenação da sociedade. Não vaze mais fel num coração[,] que sendo talhado para a ventura, só mereceu os desenganos da vida! Saia de minha presença, senhor! Dirija-se ao lupanar das Lauras

<sup>18</sup> Criado, servidor.



de Aguiar e chafurde lá essa dignidade que tanto alardeou para castigar supostos criminosos! Já que preferiu os beijos da cortesã aos carinhos da esposa, viva para eles! Entre mim e o senhor a lei decretada pelos efeitos da calúnia, despedaçou o que havia de sagrado! Deixe-me na tranquilidade deste retiro. A dissoluta o espera... Eu intimo-lhe que saia!

LUÍS (*sem mover-se, com nobreza*) – Nada quero responder-lhe; mas não me retiro. Não penetrei neste lugar ciente do seu encontro. Vim por convite de um homem a quem provoquei e que ficou, por isso, com o direito de exigir o meu comparecimento aonde lhe aprouvesse, mesmo que fosse daqui a um, a dois, a dez, a vinte anos! Vim[,] portanto[,] matar esse homem ou com dignidade achar a morte!

### Cena IX

#### OS MESMOS e PEREGRINO.

PEREGRINO (*alegre e aumentando a alegria ao ver Luís*) – Senhor Dr. Nóbrega!

LUÍS (*com frieza*) – Atendi ao seu convite, porque era meu dever. Escusamos, portanto, perder tempo. Sinto[,] contudo[,] ter sido inoportuno. O senhor esperava[,] de preferência[,] esta senhora, e eu, sem o querer, obstei que ela entrasse em sua casa, para onde há pouco dirigia-se.

PEREGRINO – Esta senhora tem a consciência bem tranquila[,] para aceitar como ofensa as suas palavras. Se é real o que o senhor acaba de dizer, ela teve certamente um motivo para procurar-me.

ÂNGELA – Ia saber se Romão estava com o primo.

PEREGRINO – A prima não tinha precisão de justificar-se. Aquele que uma vez não vacilou em macular a virtude, não carece também de satisfações.

LUÍS (*impacientando-se*) – Julgo conveniente lembrar-lhe que estou à sua disposição. Deve compreender[,] afinal[,] que é urgente terminar uma questão que já parece indefinida.

PEREGRINO – É justo. Descanse[,] entretanto, porque ela terminará dentro em pouco. Antes, porém, cumpre-me esclarecê-lo a respeito daquilo que chamo – meu procedimento. Se o meu coração não nutrisse por aquela senhora e pelo senhor mais do que uma amizade trivial, indubitavelmente a indiferença teria invadido-me o ânimo[,] e eu teria ficado alheio às funestas consequências da sua crueldade. Mas era grande e intensa a amizade que ligava-me a ambos e[,] por isso[,] contraí comigo um dever: levantar o estigma infamante que pesa sobre aquela fronte pura ou vingá-la! Envidei baldados esforços para evitar o vergonhoso divórcio.

LUÍS – Advirto-lhe que não peço contas do seu procedimento. Acabemos com isto de uma vez.

PEREGRINO – O senhor Dr. Nóbrega sabe que não sou um covarde; pois bem: incitei-o a provocar-me[,] sem todavia visar o exclusivo intuito de bater-me!



LUÍS – Quer dizer?...

PEREGRINO – Quero dizer que o meu único fim era adquirir o direito de atraí-lo ao lugar que me aprovesse e no tempo que julgasse oportuno. São decorridos oito meses. Durante eles, eu[,] com o auxílio de um amigo devotado de coração à minha causa, desenvolvi a maior astúcia e acabei por colher o resultado que almejava. A infame comédia ficou patente. Era mister, porém, que ao lado da verdade existissem as provas.

LUÍS (*com riso irônico*) – E achou-as!

PEREGRINO – Achei-as, Dr. Nóbrega. Ainda ontem não as tinha; no entanto[,] estava certo de que ficariam hoje em meu poder!

LUÍS (*ainda com ironia*) – Singulares provas!

PEREGRINO – Foram-me fornecidas por dois homens[,] que chegaram antes do senhor. Tomei-as de surpresa, é exato; mas não restava-me outro meio. Pela presença de um, não tive trabalho, porque vinha sempre aqui aos domingos; e pela do outro, servi-me de sutilezas. (*Puxando do bolso um papel[,] que abre*). Agora ouça. (*Lendo*). “Sou o causador das desgraças do Dr. Luís de Melo Nóbrega. Suplantado pela sua superioridade e despeitado pela sua glória, jurei vingar-me e satisfiz esse juramento. Conquistei sua amizade, a fim de melhor desfechar-lhe o golpe. Para boa consecução do meu plano, o acaso deparou-me um cúmplice na pessoa de Hilário da Cunha...”

LUÍS – Hilário da Cunha!...

PEREGRINO – “Esse indivíduo nunca pudera esquecer a indiferença com que o tratara D. Ângela Nóbrega[,] no tempo de solteira. Sabendo de tudo isso, procurei excitar-lhe os sentidos e provocar o amor próprio. Chegamos a acordo e forjamos um tenebroso plano. Era perder marido e mulher no conceito[,] um do outro. Ele animou Laura a seduzir o marido, eu fiz o commendador Aguiar praticar um escândalo. Não foi tudo. A um primo da casa[,] com quem antipatizávamos, distribuímos também um papel. Fizemos dele um amante da esposa.”

ÂNGELA (*assentando-se[,] em estado febril*) – Meu Deus!

PEREGRINO – “Nessa noite[,] em que ele deixara uma carteira na sala do jogo, dentro da qual encontramos um bilhete, marcando uma entrevista para essa mesma noite, às doze horas, pusemos em prática o resto do nosso plano. Hilário substituiu o bilhete por outro, falsificando a letra de D. Ângela. Subornei um criado[,] que encarregou-se de deixar encostada uma janela da frente do edifício e de colocar uma escadinha de seda na sacada. Antes de findar o baile, Hilário[,] munido de um sobretudo cor de cinza, ocultou-se junto à janela, na saleta imediata ao aposento particular de D. Ângela. Só retirou-se pelas quatro horas da manhã, descendo da escada e perdendo propositalmente a carteira. Um vizinho tinha de observar isto, porque estava pago para[,] inconscientemente[,] servir de testemunha ocular. Realizei assim a minha vingança, porquanto[,] no dia seguinte[,] o Dr. Nóbrega tudo devia saber e o suposto amante de sua mulher de pronto não poderia con-



fessar aonde passara a noite, para não comprometer a signatária do bilhete substituído”.

LUÍS (*fora de si*) – Eu endoideço! – Quem assina esse papel?!

PEREGRINO (*mostrando*) – O Dr. Fabrício de Moura Rodrigues!

LUÍS (*com um grito*) – Ele! Ah! Isto é para enlouquecer. Onde está esse homem?! Uma dúvida horrível me tresvaira!<sup>19</sup> Quero conhecer a verdade!

PEREGRINO (*que tem ido à porta do chalé e batido duas vezes*) – Tenho outra declaração[,] de Hilário da Cunha[,] que confirma a do seu cúmplice. (*Aparecem Cornélio e Fabrício[,] que está bastante pálido*). Tem[,] finalmente[,] ali[,] o senhor Dr. Fabrício[,] para ratificar o que escreveu!

### Cena Última

OS MESMOS, FABRÍCIO e CORNÉLIO.

LUÍS (*forte[,] a Fabrício*) – Nega a assinatura daquele papel?! (*Perto dele*).

FABRÍCIO (*com humildade*) – Não. Peço-lhe perdão.

LUÍS (*com um grito de indignação*) – Mas não se perdoa a calúnia! (*Dá-lhe uma bofetada*).

FABRÍCIO (*levando as mãos à face e fulo de cólera*) – Oh!

PEREGRINO (*interpondo-se e repelindo-o*) – É o prêmio da sua infâmia! (*Aponta-lhe o portão. Fabrício sai. Depois de pequena pausa, encarando Luís*). Chegou também a nossa vez, senhor Dr. Luís Nóbrega. (*Com energia*). Prostre-se aos pés daquela mártir e implore o seu indulto. Se tiver um só momento de hesitação (*com força*) bater-nos-emos e já!

LUÍS (*com a voz repassada de dor*) – Como eu fui indigno! (*A Ângela, cheio de comoção*). Ângela! Absolve um criminoso! (*Indo ajoelhar-se, ela o levanta, estreita-o pelo pescoço, soluçante, comovida*).

ÂNGELA – Luís! (*Abraçam-se com efusão*).

PEREGRINO (*que está um pouco afastado, contemplando com prazer o quadro de reconciliação*) – E a sociedade há de insultar aquele amor!

CAI O PANO.

FIM DA PEÇA.

10 – 1884

---

<sup>19</sup> Que tresvaira; alucina.



# ARNALDO

*Drama realista em três atos  
de  
Damasceno Vieira*

*2<sup>a</sup> edição*

*URUGUAIANA  
Livraria Guarani,  
de José Nunes Maciel de Oliveira*

—  
1897<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> A peça foi representada, pela primeira vez, em Porto Alegre, em 1886, ano da 1ª edição (Porto Alegre: Tipografia do Jornal do Comércio), e em várias cidades do interior. Em 1891 (ano da 2ª edição, de 80 p.) a peça voltou a ser representada na capital gaúcha, agora em italiano, pela *Sociedade Filodramática Italiana*. O exemplar de que nos servimos foi por nós localizado num sebo, em Santos, São Paulo.







## PERSONAGENS

ARNALDO DE AGUIAR, marido de Esther de Ataíde.

ESTHER DE ATAÍDE

CARLOS DE AGUIAR, pai de Arnaldo.

DR. MÁRIO DE CASTRO

LE MOS,

BARBOSA e

SOUZA, amigos de Arnaldo.

BRÁULIO

LUCAS,

PEDRO e

BERNARDO, criados.

Época – Atualidade.

A ação passa-se no Rio de Janeiro.





## ATO I

*Gabinete. Mobília rica. Ao subir o pano, Arnaldo ocupa-se a escrever em uma secretária colocada ao centro. Pedro acha-se à pouca distância.*

### Cena I

ARNALDO e PEDRO.

ARNALDO (*levantando-se e entregando a Pedro algumas tiras de papel*) – Leva isto à tipografia. Dize ao administrador que eu mesmo irei revisar o artigo. Vai.

PEDRO (*inclina-se e sai, porém volta imediatamente*) – Há aqui um senhor[,] que lhe deseja falar.

ARNALDO – Faze-o entrar. (*Pedro introduz o novo personagem e sai*).

### Cena II

ARNALDO e BRÁULIO.

BRÁULIO – Tenho a honra de dirigir-me ao senhor Arnaldo de Aguiar?

ARNALDO – Sim, senhor. Queira sentar-se. (*Sentam-se*).

BRÁULIO (*tira do bolso três tiras de papel e entrega-as a Arnaldo*) – Trago a vossa senhoria este *escritosinho* para ser publicado no seu jornal. (*Arnaldo toma os papéis e corre a vista por eles, enquanto Bráulio conta algumas notas que tira da carteira*). Não tem lá muita gramática, porque eu, fisicamente falando, nunca fui forte em gramática; mas o que posso assegurar a vossa senhoria é que tudo quanto digo aí é a pura verdade. (*Pequena pausa*). Agora que viu tudo, queira dizer-me qual é o preço.

ARNALDO (*restituindo os papéis*) – Aqui tem o seu escrito: pode guardá-lo, senhor...

BRÁULIO (*inclinando-se*) – Bráulio Carnaúba, um seu criado.

ARNALDO – Sinto dizer-lhe, senhor Bráulio, que o senhor veio mal informado: meu jornal não aceita desabafos dessa natureza. A linguagem que emprega aí é muito cheia de acrimônia e...

BRÁULIO – Pelo contrário: de cerimônias é que eu não uso! Vejo que vossa senhoria não reparou bem. Queira tornar a lê-lo. (*Intenta dar de novo os papéis*).

ARNALDO – Não preciso. O senhor é que não me compreendeu. O seu escrito não é mais do que um ataque demasiadamente forte contra o comendador Sérgio de Azambuja; a sua acusação é ferina e comprometedora; a questão é puramente individual e[,] por todos estes motivos, o seu escrito não pode ser publicado na minha folha.

BRÁULIO – Então, fisicamente, não pode sair?



ARNALDO – Não; nem fisicamente, nem quimicamente.

BRÁULIO – Mas está com a minha assinatura; a responsabilidade é toda minha; sai na coluna dos *a pedidos* e vossa senhoria, na qualidade de redator, nada tem com a minha publicação, fisicamente falando!

ARNALDO – Sei disso; porém não fundei o *Progressista* para alimentar questões dessa ordem. A indústria, o comércio, a literatura, as artes em geral, tudo enfim que se relaciona com o adiantamento do povo, tem franca entrada no meu jornal. Os insultos pessoais não podem fazer parte do programa de uma imprensa séria. O que escreveu é mais próprio de pasquim, senhor Bráulio.

BRÁULIO – Então, fisicamente, não aceita o meu escrito?

ARNALDO – Já lhe disse que não.

BRÁULIO – Nem pagando-lhe 50\$000 réis? Olhe: o dinheiro está aqui. (*Ao ouvir estas palavras, Arnaldo levanta-se; Bráulio imita-o*).

ARNALDO – Por dinheiro algum deve um redator que se preza aceitar um escrito em que se macula a honra de uma senhora. O senhor Bráulio aí não se contenta em só deprimir o caráter de seu inimigo: invade-lhe o lar e depois de revolver o que há de inviolável e íntimo, vem enxovalhar na lama pública a reputação de uma mulher casada!

BRÁULIO – Pois se é esse o único meio que tenho de me vingar do marido!... Preciso batê-lo de todo jeito! E demais, vossa senhoria conhece essa mulher, fisicamente?

ARNALDO – Nem preciso conhecê-la. Devemos respeitar as mulheres, senhor Bráulio. Agredir um homem e insultá-lo é muitas vezes um ato de coragem e de pundonor quando os nossos sentimentos foram feridos por esse homem; porém[,] insultar publicamente a uma mulher – o ente fraco[,] que não pode defender-se – é uma ação menos decente, é uma covardia!

BRÁULIO – Com a breca! Sempre supus encontrar da parte de vossa senhoria mais delicadeza, fisicamente falando!

ARNALDO – A sua insistência em querer comprar a minha dignidade de jornalista é que levou-me a este excesso.

BRÁULIO – Quer me parecer que vossa senhoria se prevalece da circunstância de achar-se em sua casa! (*Guarda o dinheiro e os papéis*). E se assim é fisicamente, eu...

ARNALDO – Engana-se, cavalheiro. Aqui, como em qualquer parte, uso sempre a mesma linguagem quando quero castigar o vício. E, com sua licença, tenho mais que fazer. (*Senta-se a escrever; toca um tímpano; aparece Pedro*).

### Cena III

#### OS MESMOS e PEDRO.

ARNALDO – Pedro, acompanha aí a esse senhor.



PEDRO (*dando o chapéu a Bráulio*) – Aqui tem o seu chapéu. A saída é por ali. (*Indicando a porta*).

BRÁULIO – Já sei! (*Para Arnaldo*). Queira desculpar se o incomodei por alguns minutos. Vou publicar o meu artigo em outro jornal[,] muito mais importante! Felizmente[,] neste grande Rio de Janeiro o que não falta são jornais! É uma praga! Às suas ordens!

ARNALDO – Boa viagem!...

BRÁULIO (*saindo*) – Insolente!... (*Retira-se Pedro*).

#### Cena IV

#### ARNALDO e ESTHER.

ESTHER (*da porta do quarto*) – O senhor redator dá licença?

ARNALDO (*depondo a pena*) – Oh!... Fizeste bem em vir, querida Esther!

ESTHER (*entrando*) – Penso que não te causo impressão tão desagradável como aquele indivíduo que saiu daqui. (*Abraçam-se e beijam-se*).

ARNALDO – Que ideia!...

ESTHER – Ou, quem sabe, venho perturbar-te, fisicamente falando?

ARNALDO – Garanto-te que não, fisicamente!

ESTHER (*rindo*) – Que interessante!... O velhote não conhecia outro advérbio!... Reparaste com que ar disse ele: (*arremedando a voz de Bráulio*) “Vou publicar o meu artigo em outro jornal[,] muito mais importante”? (*Rindo*). Não se pode ser mais original!...

ARNALDO – O que ele deseja conseguir com a publicação de sua verrina,<sup>21</sup> é que comendador Sérgio pratique um ato de suprema misericórdia[,] mandando sacudir-lhe a roupa com algumas bengaladas! É também outra espécie de desabafo! Tratemos, porém, de coisas sérias. (*Apertando as mãos de Esther*). Tenho uma importante notícia a dar-te! Nem tu calculas como estou hoje contente!...

ESTHER – Dize! O que é?

ARNALDO – Recebi há pouco uma carta de meu pai, em que me participa do Havre que no primeiro paquete embarcará para aqui. (*Abrindo a carta*). Vê com que expressões me trata ele. (*Lê*). “Querido filho. Há mais de ano que não nos vemos e já não posso resistir o desejo de aconchegar-te bem contra o coração. Nas minhas contínuas viagens, lembro-me sempre de ti. Não tenho outra afeição no mundo! Vou descansar das minhas digressões e viver no mesmo ponto em que fixares morada. Casarás então e teus filhos serão as

---

<sup>21</sup> Cada um dos discursos de Cícero (106 - 43 a.C), político e escritor, o maior dos oradores romanos, contra Caio Verres (c. 120-43 a.C), pró-cônsul romano (séc. II-I a.C). Por extensão, censura violenta comumente escrita ou feita em discurso público ou crítica apaixonada e violenta



glórias inefáveis da minha velhice!”. Mal sabe ele que já preveni os seus desejos!... Tu vais ser[,] para meu pai[,] uma verdadeira surpresa!...

ESTHER – Pois não lhe participaste o casamento?

ARNALDO – Não; não sabia para que ponto havia de dirigir a carta; quando cheguei a Paris[,] soube que ele achava-se já no Egito e que[,] de lá[,] seguiria para Calcutá. O nosso casamento apressou-se[,] como sabes; fui forçado a vir para o Brasil[,] a liquidar a herança de minha mãe[,] e até hoje não lhe escrevi ainda. Casei-me sem o seu consentimento. Sei, porém, que o não desgostarei. Ele, vendo-te, há de aplaudir a minha excelente escolha!

ESTHER (*acariciando-lhe a face*) – Lisonjeiro!...

ARNALDO – Hei de contar-lhe que durante os seis meses em que somos casados, temos vivido sempre um para o outro, amando-nos cada vez mais e bem-dizendo os laços que nos ligam eternamente. Os nossos gênios não se poderiam combinar melhor. Ele, que tem sido para mim o mais extremoso dos pais, sabendo quanto sou feliz a teu lado, há de abençoar a nossa união, querida Esther! Hei de contar-lhe tudo: todas as nossas alegrias, todas as nossas mágoas. Dir-lhe-ei mesmo que estive a ponto de enlouquecer de ciúme, quando um miserável lembrou-se de, como arma de ataque, duvidar de tua honra, lançando sobre o teu passado uma acusação terrível...

ESTHER – Por que lembras isso agora? Para que recordar uma calúnia tão revoltante? Nutres[,] porventura[,] alguma suspeita de não me haveres desposado digno de ti?

ARNALDO – Não; estou firmemente convencido de que tomei-te pura como um anjo. E, demais, o bandido que pretendeu enxovalhar-te retratou-se publicamente, pedindo-me perdão da ofensa atroz que havia lançado ao teu pudor e ao meu caráter.

ESTHER – Pois bem: se não duvidas por um momento da minha dignidade de mulher, vais me fazer hoje uma solene promessa. Nunca falarás a pessoa alguma, e muito menos a teu pai, sobre o vexame por que passei. Como esposa, peço-te este compromisso.

ARNALDO – Sim; nunca mais falarei a tal respeito.

ESTHER – Obrigada, Arnaldo. Aqui tens a minha recompensa. (*Beija-o na testa*). Tratemos agora do assunto que tanto nos alegra: da chegada de teu pai. Quanto sinto não conhecê-lo!... Não possuis algum retrato dele?

ARNALDO – Por casualidade, nenhum. Mas vê-lo-ás[,] em breve[,] e hás de orgulhar-te, apreciando em teu sogro um excelente velho, um tanto perdulário, é certo, mas elegante e cavalheiro como um verdadeiro fidalgo! No dia de sua chegada, havemos de improvisar um pequeno sarau. Convidarás a algumas amigas e passaremos[,] juntos[,] bem agradáveis horas. Ele gosta de morar em hotéis; pois havemos de forçá-lo a passar alguns dias conosco!

ESTHER – Pode-se mandar arranjar o aposento contíguo ao jardim!

ARNALDO – Lembraste bem! Confio na tua inteligência[,] para que nada falte ao nosso caro hóspede.



ESTHER – Vou dar já[,] nesse sentido[,] algumas providências. (*Sai sorrindo*).

ARNALDO – Boa e querida Esther!...

Cena V

ARNALDO e PEDRO.

PEDRO – Está aqui fora um senhor[,] que lhe deseja falar.

ARNALDO (*escrevendo*) – Pergunta-lhe o nome. Se for algum Bráulio, dize-lhe que saí e que não volto hoje.

PEDRO (*sai um momento e volta*) – O senhor Dr. Mário de Castro! (*Sai*).

Cena VI

ARNALDO e DR. MÁRIO.

ARNALDO (*depondo a pena e indo ao encontro do doutor*) – Oh!... Que milagre foi este?

DR. MÁRIO – Nenhum! Acabo de chegar da Europa e é[,] para ti[,] a minha primeira visita! (*Abraçam-se*).

ARNALDO – Não te desculparia se procedesses de outro modo. De que ponto vieste?

DR. MÁRIO – Da França.

ARNALDO – Pelo Havre?

DR. MÁRIO – Não; por Marselha. (*Sentam-se*).

ARNALDO – Se viesses pelo Havre, podia dar-se o acaso de seres companheiro de viagem de meu pai, que creio já tenha partido dali. Espero-o a todo o momento. Então? Trazes a carteira repleta de apontamentos sobre os episódios das tuas viagens? Quanto não te terás divertido, tu, um médico distinto, belo, rico e[,] de mais a mais[,] solteiro!...

DR. MÁRIO – Contar-te-ei tudo[,] desde que nos separamos em Florença. Tu preferiste ir encafiar-te como um esquimó nos museus italianos, enfronhar-te em curiosidades históricas, envolver-te no pó sagrado que reveste o mármore de tantos monumentos artísticos e[,] sem dúvida[,] declamaste filosoficamente nos destroços de Pompeia[,] como o sábio Volney nas suas *Ruínas*! Eu segui rumo oposto. Deixei para ti a contemplação do passado com todas as suas luminosas fantasias e fui à Alemanha estudar coisa menos poética, porém mais lucrativa – embalsamar cadáveres! A ocupação, como sabes, não permite belos devaneios, nem trescala suavíssimos perfumes; porém[,] é sempre de magníficos resultados para um médico. E a tudo isto, meu caro, livre como as andorinhas!...

ARNALDO – Aí está o motivo por que não te deixaste ainda seduzir por uma mulher. À força de lidar com cadáveres, mataste o coração!

DR. MÁRIO – Enganas-te; não estou materializado como supões; muito ao contrário – aprecio todas as belezas, e é por isso mesmo que seria para mim



o cúmulo do aborrecimento ter obrigação restrita de amar a uma só mulher, convergir todos os meus sentimentos a um único ser, com exclusão completa de tudo mais na natureza! É uma tirania a que não posso sujeitar-me! Quero ser sempre senhor das minhas ações. Todas as mulheres bonitas merecem-me as atenções que sempre consaguei às magníficas pinturas e às formosas estátuas – admiro-as; porém[,] não levo nenhuma comigo na bagagem! Deixo-as todas, puras e intactas, no recolhimento de seus nichos, rodeadas de adoradores mais ou menos palermas e sigo adiante, esforçando-me o mais que posso em não mandar muitos doentes para o outro mundo! (*Rindo-se*). Não quero perder a freguesia! (*Oferece charutos*). Serve-te destes charutos; são legítimos de Cuba. O aroma é divino. Experimenta.

ARNALDO (*fumando*) – Realmente, o fumo é especial.

DR. MÁRIO – Especialíssimo! Em todo o Rio de Janeiro não encontrarás um charuto como esse! Continuando a minha história: depois de alguns meses de estada em Berlim, fui a Pymont...

ARNALDO – A Pymont?...

DR. MÁRIO – Sim; não conheces essa localidade. Pymont é uma pequena cidade da Alemanha, unicamente célebre por suas águas salinas e ferruginosas. Deliberei ir submeter a uma análise química a apregoada virtude dessas águas. E não dei por mal empregada a viagem! Presenciei em Pymont um fato curioso, picante, meio envolto em sombras de mistério, um drama de amor, em que vi figurar de protagonista uma jovem brasileira[,] que fui conhecer aí[,] em bem críticas circunstâncias!

ARNALDO – Estou curioso. Hás de contar-me miudamente o fato.

DR. MÁRIO – Mais tarde; não to conto agora porque seria abusar da tua paciência e, francamente, eu tenho mais que fazer! E tu, que me contas a teu respeito?

ARNALDO – Em primeiro lugar, fiz-me jornalista.

DR. MÁRIO – Aceita os meus pêsames!

ARNALDO – Por quê?

DR. MÁRIO – Não tens jeito para especular com a opinião pública.

ARNALDO – Nem eu compreendo a imprensa uma especulação.

DR. MÁRIO – Bem digo eu! Sempre foste um sonhador! Cabeça de vento! Não compreendes que atravessamos uma época de puro mercantilismo? Gstarás no teu jornal toda a tua fortuna e[,] se não te acordares a tempo, morrerás à fome! Que mais me contas?

ARNALDO – Em segundo lugar, vou dar-te outra notícia que te desgostará decerto.

DR. MÁRIO – Dize! Alguma asneira!...

ARNALDO – Concordarás, porém, que isso havia de realizar-se um dia...

DR. MÁRIO – Fala!

ARNALDO – Não tive forças para resistir e...

DR. MÁRIO – Olha que eu arrebento!





ARNALDO – ... E estou casado, meu grande amigo!

DR. MÁRIO (*levantando-se em sobressalto*) – Com os diabos! Que estás dizendo, Arnaldo? Falas sério?

ARNALDO (*inclinando-se*) – Como quem já pertence ao rol dos homens sérios!

DR. MÁRIO – Com trinta milhões de tartarugas!... Foi esse então o caso que fizestes dos meus conselhos? Preguei no deserto! Pobre rapaz!... E como foste acometido pela terrível enfermidade? Lembro-me bem de que[,] na Itália[,] nenhuma alteração revelavas no cérebro: ele funcionava muito regularmente. Tinhas as tuas ocupações literárias – lias, escrevias, rabiscavas correspondências para jornais – cultivavas a música ao piano, bebias muito razoavelmente nos restaurantes em que nos encontrávamos, e quanto a amores, sei que amavas como um doido, única e exclusivamente, ao teu cavalo! Oh! Mas era um magnífico animal o Maomé! Alto, elegante, vistoso, soberbo sobre as quatro patas, cabeça levantada e altiva[,] adornada de sedosas crinas, cauda abundante e sempre inquieta, e o olhar? Alegre e petulante como o de uma bailadeira andaluz! Se Calígula, o grande imperador romano, o visse, o faria logo cônsul, estou certo disso! E o merecia; nunca vi uma besta de tanto préstimo! Raciocinava[,] às vezes[,] com tanta lucidez aquela cavalgada, que parecia um homem! Mas não me apresentaste ainda...

ARNALDO – Quem? Minha mulher?

DR. MÁRIO – Não; o cavalo!

ARNALDO – Morreu-me em Nápoles.

DR. MÁRIO – Paz à sua alma! Pobre Maomé! E escolheu magnífico local para morrer! À beira do golfo, sob o azul diáfano daquele céu sempre límpido, respirando o perfume dos laranjais que se estendem desde o Vesúvio ao cabo Campanella, diante de Castellamare e Sorrento, ouvindo talvez na última agonia o som mavioso e inexplicável das músicas napolitanas; aí, na bela pátria de Salvador Rosa, desprendeuse da terra aquele espírito, atravessou o éter e foi talvez dar mais brilho a alguma estrela! Assim passam as glórias do mundo! E realizou-se isso há muito tempo?

ARNALDO – O quê? A morte do cavalo?

DR. MÁRIO – Não; a história do teu casamento!

ARNALDO – Há seis meses apenas. Voltava da Itália, quando[,] em Paris[,] fui apresentado à baronesa de Cléves.

DR. MÁRIO – À baronesa de Cléves?!...

ARNALDO – Sim: conheceste-a?

DR. MÁRIO – Muito ligeiramente. Fui uma só vez à sua casa[,] no exercício de minha profissão. Continua.

ARNALDO – Em casa da baronesa, encontrei-me com sua pupila, Esther de Ataíde...

DR. MÁRIO – Com os diabos!...



ARNALDO – De que te espantas?

DR. MÁRIO (*disfarçando*) – Por descuido[,] bati com o pé em um maldito calo que me fez ver estrelas! Apre!... Continua isso. Casaste com a pupila; já sei.

ARNALDO – É verdade. E foi com tanta pressa efetuado o meu casamento, que não me deu tempo de comunicá-lo a meu pai. Era-me necessário vir com presteza para o Brasil[,] a liquidar uma herança[,] e antes de partir satisfiz ao impulso de meu coração.

DR. MÁRIO – Ou antes, ao capricho da tua fantasia.

ARNALDO – Enganas-te. Amava extremosamente a Esther e nada impedia-me de desposá-la.

DR. MÁRIO (*à parte*) – Será possível?

ARNALDO – Viste-a alguma vez?

DR. MÁRIO (*hesitando*) – Não; não me recordo de havê-la visto.

ARNALDO – É uma mulher completa, pela inteligência e pelo coração. Realiza de um modo admirável o ideal que sempre sonhei para o matrimônio. Alegre sempre, Esther enche de venturas a minha existência outrora tão dissipada, mas tão insípida! Contemplando-a[,] às vezes, Mário, a povoar de risos este ambiente, a dar encanto e prestígio a tudo quanto me cerca, julgo-me transportado ao palácio oriental em que uma fada, para lisonjear o príncipe amante, transformava em joias e flores todos os objetos em que tocavam as suas mãos transparentes e melindrosas! Chego a persuadir-me de que não mereço tanta felicidade. Ri-te muito embora; mas devo dizer-te que amo como um doido a minha mulher e ela merece o devotamente apaixonado que lhe dedico.

DR. MÁRIO – Terás razão; não duvido. Mas fica sabendo que nem quatro mulheres adornadas de todas as virtudes teológicas valem um homem solteiro! Por que não me escreveste antes do terrível passo? Bastava um simples telegrama: *Mário, estou doido: vou casar-me!* E eu viria imediatamente da Alemanha[,] num trem expresso[,] e com quatro ou cinco duchas de água gelada salvava-te o juízo! Sempre foste um desastrado!

ARNALDO – Reformarás a tua opinião[,] dentro em poucos minutos. Bem se vê que não conheces minha mulher!

DR. MÁRIO (*à parte*) – Antes não a conhecesse! (*Alto*). Mas vamos lá saber de uma coisa; sempre te conheci um perdulário; festejaste com abundância o teu enlace?... Lembro-me bem da ceia que ofereceste aos teus amigos[,] na véspera de partires para a Europa! Foi principesca!

ARNALDO – Pois na noite do casamento reproduziu-se quase que a mesma festa!

DR. MÁRIO – Tu, na qualidade de noivo, portaste-te aí como um herói!...

ARNALDO – Provocado pela baronesa[,] que me dirigia contínuos brindes...

DR. MÁRIO – Ah!... A baronesa incitava-te a beber...

ARNALDO – Sim; e eu respondi à sua delicadeza, bebendo, como costumávamos a beber em Florença! Lembras-te?



DR. MÁRIO (*rindo*) – Até ficares vesgo!

ARNALDO – Exatamente! (*Rindo; confidencialmente*). Quando, sobre a madrugada, levantei-me da mesa para o leito nupcial, apesar de toda a minha diplomacia, cambaleava ao lado da noiva como se fosse atacado de câibras nas pernas! Ah! Ah! Ah!

DR. MÁRIO (*à parte*) – Deitou-se embriagado!... Pobre rapaz!...

ARNALDO (*levantando-se*) – Espera agora um instante. Vou apresentar-te minha mulher. (*Na porta do quarto*). Ó Esther!... (*Sai*).

#### Cena VII

DR. MÁRIO, só.

DR. MÁRIO – Que vim eu encontrar aqui, santo Deus!... Arnaldo casado com a pupila da baronesa de Clèves, com aquela infeliz que fui conhecer na Alemanha!... Ah! Mulheres!... Mulheres!... Em que situação vou ver-me!...

#### Cena VIII

DR. MÁRIO, ARNALDO e ESTHER.

ARNALDO (*para Esther*) – Tenho o prazer de apresentar-te o meu amigo de infância, o Dr. Mário de Castro, médico distinto[,] que acaba de chegar da Europa.

ESTHER (*que se surpreende com a presença do doutor, apertando-lhe a mão*) – Folgo muito de o conhecer. (*Sentam-se*).

DR. MÁRIO (*à parte*) – É ela mesmo!

ESTHER – Vem estabelecer-se no Rio de Janeiro[,] doutor?

DR. MÁRIO – É verdade, minha senhora. Estou fatigado de viajar. Com Arnaldo[,] percorri grande parte da Itália, estive na França, na Inglaterra, algum tempo na Alemanha, onde fui examinar as águas ferruginosas de uma pequena cidade chamada Pymont (*sensação por parte de Esther*); voltei à França e[,] afinal[,] regresso ao seio da pátria[,] depois de três anos de ausência.

ESTHER – Devem ser curiosas as suas impressões de viagem.

DR. MÁRIO – Muito curiosas, minha senhora. Já prometi a Arnaldo contar-lhe um fato interessante que sucedeu comigo em Pymont. Reservo-me para depois[,] porque a história é um pouco longa.

ARNALDO (*para Esther*) – Isto é um narrador infatigável. É capaz de conversar um dia inteiro sem cansar a língua, e – qualidade rara – sem maçar os ouvintes! É um galanteador, mas ao mesmo tempo o celibatário mais feroz que tenho encontrado em toda a minha vida! Detesta o casamento de uma maneira espantosa!

DR. MÁRIO – É verdade, minha senhora. E levo o meu excesso a ponto de parafrasear um célebre paradoxo de Proudhon: o grande socialista francês



afirmava que a propriedade era um roubo; eu também afirmo[,] e provo[,] que o casamento é outro roubo, porém muito maior que a propriedade! O homem que se casa é uma parcela de menos na soma social, é uma liberdade que desaparece, é uma riqueza que se vê[,] de repente[,] roubada sem que a polícia trate de punir os criminosos!

ARNALDO – Que criminosos?

DR. MÁRIO – Em primeiro lugar[,] o sogro e a sogra[,] e depois[,] o escrivão e o padre[,] que sancionam o delito. *(Para Esther)*. Desculpe-me vossa excelência se me pronuncio assim...

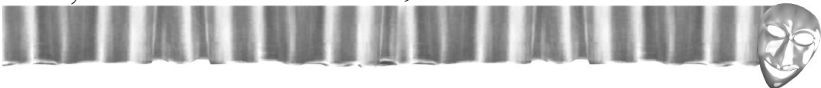
ESTHER – Felizmente, nem todos pensam como o doutor.

DR. MÁRIO *(levanta-se)* – É porque não chegamos ainda ao grau de civilização em que o casamento seja banido e substituído por um simples contrato. Eu, francamente, odeio de morte a indissolubilidade do matrimônio. Viver um homem preso para sempre aos destinos de uma mulher, quaisquer que sejam os desvarios que ela cometa, e não poder desligar-se do compromisso fatal quando a consciência lhe brada que calque aos pés a cadeia maldita – é, minha senhora, o mais horroroso dos suplícios a que um homem de honra pode ser condenado! Passar de frente erguida pela sociedade e ouvir uma voz escarninha que nos murmura da sombra: “De que vale a tua altivez, a nobreza de teus sentimentos, se eu lancei impunemente sobre o teu nome uma nódoa infamante?” e o infeliz ter de curvar-se, comprimir todos os ímpetos da sua vingança, fingir-se desaperecebido para não manchar de sangue as suas luvas de cavalheiro, e não poder ir formar nova família, mais honrada e mais digna de aplausos dos homens de bem!... Pode-se[,] porventura[,] imaginar tirania mais atroz, humilhação mais revoltante?

ESTHER – Mas a mulher sofre também as consequências de seu erro, doutor. A sociedade fecha-lhe incontinenti as suas portas e até a família[,] muitas vezes[,] comete a barbaridade de repudiá-la também!

DR. MÁRIO – Engana-se, minha senhora. A mulher que se degrada é quem abandona a família, porque era ela própria quem constituiu a família do homem que a desposou, e[,] no entanto, a leviana abandona a sua nobilíssima posição, trai o cumprimento de todos os seus deveres e foge do grêmio das pessoas sensatas e honestas para ir aumentar o número das infelizes!... E tudo isto com inteira consciência de seus atos, com a calma de quem não vacila em praticar um crime!...

ESTHER – Seja indulgente, doutor! As que caem também têm coração para chorar o seu infortúnio. Elas são sempre dignas de compaixão e de misericórdia. Repelidas de tudo quanto amaram, ultrajadas pelos próprios homens que as perderam, desamparadas de todas as afeições sinceras, sem poderem voltar para o lar de que foram expulsas, só veem diante de si, por entre as aflições da existência, a larga porta do vício e[,] no fundo do tenebroso quarto[,] o leito do hospital, para onde a caridade pública há de arremessá-las um dia!



DR. MÁRIO – Vossa Excelência romantiza. As Margaridas Gautier<sup>22</sup> não vão mais expirar tragicamente na enxerga dos hospitais; esse era o sistema antigo que já caiu em desuso; hoje todas elas morrem gentilmente, reclinadas em camas suntuosas e fofas, entre os mil prazeres da elegância e do luxo, mas isso só depois de terem explorado a fortuna de uma dúzia de vos<sup>23</sup>[,] a quem depenaram de um modo bem pitorescamente realista!... Porém, voltando à questão principal, direi, em resumo, que, por qualquer lado que se encare o assunto, o casamento indissolúvel é sempre um atentado à liberdade.

ARNALDO – És um pessimista. Deves convir que os casamentos infelizes são exceções de regra.

DR. MÁRIO – Mas exceções em tão grande número[,], que quase estabelecem regra.

ARNALDO (*para Esther*) – É preciso que o faças mudar de opinião. (*Para o doutor*). Apesar de polemista de pulso, há de ser batido em todos os teus sofismas! Esther encarrega-se de defender o seu sexo das graves acusações que lhe fazes. (*Consultando o relógio*). Porém[,], preciso sair um momento: vou à tipografia, que é perto daqui, rever o artigo que publico amanhã. (*Para Esther*). Espero que o deixes vencido e convencido!

DR. MÁRIO – Há de ser difícil!

ARNALDO – Veremos! (*Saindo*). Eu volto já.

#### Cena IX

#### DR. MÁRIO e ESTHER.

DR. MÁRIO – Estamos sós, D. Esther. Há de permitir que, na qualidade de amigo de Arnaldo, eu a interrogo acerca da posição em que a venho encontrar aqui.

ESTHER – Acato muito a pessoa de vossa senhoria, porém[,], não lhe reconheço direitos para pretender indagar assim de meu passado.

DR. MÁRIO (*sorrindo*) – É quase um cartel de desafio: aceito-o. (*Com força*). Sei respeitar o pudor de uma senhora, e é por isso mesmo que me atrevo a interrogá-la: como conseguiu iludir àquele pobre rapaz?

ESTHER – O doutor ofende-me com semelhante pergunta! Permita que me retire! (*Quer sair*).

DR. MÁRIO (*impedindo-a*) – Não! Há de ouvir-me até o fim, há de explicar-me tudo! Acima de seus caprichos[,], coloco a reputação de Arnaldo! Preciso, quero saber se tenho diante de mim uma infeliz ou uma mulher duas vezes criminosa!

ESTHER – Como, duas vezes criminosa?!

<sup>22</sup> Margarida Gautier é a heroína de *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas Filho.

<sup>23</sup> Indivíduos simplórios, tolos.



DR. MÁRIO – Sim! A palavra é crua; porém[,] não tenho outra! A mulher que[,] em solteira[,] não soube zelar a própria honra e conseguiu depois iludir a um homem de sentimentos[,] para fazê-lo reparador da falta que alguém cometera, essa mulher é uma mercenária que pratica dois crimes – um contra as leis do pudor, desonrando-se; o outro contra as leis do decoro público[,] desonrando o homem que lealmente a tomou por esposa!... Ah!... E pôde persuadir-se que esse atentado ficasse impune? Não! Cheguei a tempo para fazer com que um homem de bem se vingue da afronta que lhe arrojaram à face! Sei que vou ferir de morte a um amigo; porém[,] tenho a coragem necessária para dizer-lhe: “Foste iludido por esta mulher[,] de quem és o mais sincero dos maridos! Ela traiçoou-te covardemente! Pertenceu a outro[,] antes de ser tua esposa! Abandona-a, para que ela não te enxovalhe mais!”.

ESTHER (*aflita*) – Fale baixo, doutor! Ele pode chegar! Por piedade! Os criados podem ouvi-lo! Eu não sou uma mulher perversa! (*Ajoelha-se[,] chorando*). Não me roube o amor de meu marido! Não tenho outra afeição no mundo[,] senão a dele! Compadeça-se de mim! Pela existência de sua mãe, não me denuncie...

DR. MÁRIO (*levantando-a*) – Que fez de seu filho?

ESTHER – Morreu.

DR. MÁRIO – Responda-me a verdade!

ESTHER – Vive ainda em Pymont...

DR. MÁRIO – É mais um fruto do escândalo!... Pobre criança!... Ouço passos; é talvez Arnaldo que se aproxima. Continue a representar a sua comédia[,] minha senhora. Empregarei esforços para não interrompê-la.

#### Cena X

#### OS MESMOS e ARNALDO.

ARNALDO (*para o doutor*) – Estás ou não convencido de que laboravas em erro? (*Para Esther*). Decidiste-o a casar depressa, enquanto não lhe cai o cabelo? Mas, que tens? Estás com os olhos vermelhos?! Choraste?! (*Para Mário*). Que sucedeu?! Como me explicas isto, Mário?

DR. MÁRIO (*hesitando*) – Eu cometi a imprudência de informar a D. Esther que sua tia, a baronesa de Clèves, poucos momentos antes de eu tomar o trem para Marselha, havia seguido quase morta para Alemanha.

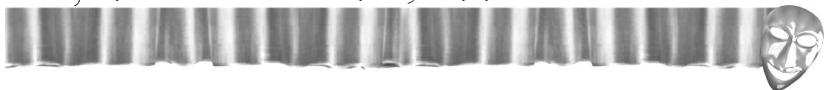
ARNALDO – Quase morta?!

DR. MÁRIO – Sim; creio mesmo que já tenha morrido. Porém[,] são horas de retirar-me. Fiz uma visita que não parece de médico! Hão de permitir-me licença. (*Para Esther*). Queira releva-me se a desgostei um momento; conte com um criado às suas ordens.

ESTHER – Obrigada[,] doutor.

DR. MÁRIO (*para Arnaldo*) – Hotel dos Estrangeiros, quarto n. 8.

ARNALDO – Amanhã à noite[,] irei procurar-te. (*Apertam as mãos; o doutor sai*).



Cena XI

ARNALDO e ESTHER.

ARNALDO (*voltando-se rapidamente e tomando as mãos de Esther*) – Que inexplicável comoção foi esta?! Tu me ocultas algum segredo, Esther! A minha razão se desvaira com um pensamento sinistro! Mário conhece-te da Alemanha!... Pode talvez orientar-me de todo o teu passado! Ele, talvez mais do que ninguém, sabe se o que disseram de ti é verdade!...

ESTHER (*com altivez*) – Oh!... Esqueces a promessa que me fizeste há pouco!... Pois tu duvidas da lealdade do Dr. Mário e da honra de tua mulher?!...

ARNALDO (*ajoelhando*) – Perdão; não duvido[,] querida! É que eu adoro-te!... (*Esther beija-o na testa*).

CAI O PANO.



## ATO II

*Gabinete de hotel, mobiliado com luxo. Mesa ao centro[,] com livros. Quadros nas paredes. Malas, canastras, etc.*

Cena I

LUCAS, só.

LUCAS (*escovando a roupa e arrumando-a em canastra*) – É um viajar sem descanso! Meu amo é uma espécie de judeu errante. Mal põe o pé no Rio de Janeiro[,] já trata outra vez de voltar para a Europa! Safa! E o pobre do Lucas que o acompanhe! Nem ao menos me dá tempo de ir passear ao Corcovado! Isto também é demais! Se era para voltar logo, antes não tivesse saído da França! Ele bem sabe que eu sempre enjoio em viagem; devia me poupar, com os diabos! Eu não sou de ferro!

Cena II

LUCAS e BERNARDO.

BERNARDO – Ó senhor Lucas! Que preparativos são estes? O Dr. Mário vai mudar de hotel?

LUCAS – Vai mudar[,] mas é de terra. Nós cá temos o nosso sistema: não paramos um minuto! Já andamos pela Itália a ver pinturas, estátuas e a comer *macarroni* e *rabioli* como uns desesperados; passamos à França[,] a admirar o que Paris tem de elegante, desde os palácios aos *boulevards*; fomos à Inglaterra[,] ver de perto a grande variedade de animais – crocodilos, elefantes, camelos e burros – do jardim zoológico de Londres; visitamos a Alemanha de norte a sul, a indagar por lá qual era a melhor filosofia e qual a melhor cerveja, e afinal, depois de três anos de profundos estudos, quando, cheios de sabedoria, voltávamos ao seio da pátria para descansar de tantas fadigas[,] à sombra das bananeiras e ao som do canto do sabiá, é quando o diabo se mete no meio dos nossos projetos e nos empurra outra vez para a Europa! Que vamos nós lá fazer? Não sei. Aquilo tudo[,] para nós[,] está visto e revisto. Mas meu amo quer e manda, eu obedeco.

BERNARDO – Não sabe[,] então[,] o motivo de uma partida assim... tão repentina?...

LUCAS – Não; talvez questão de alta diplomacia. Ontem, logo que chegamos, foi visitar a um amigo de infância, dizia ele, o redator do *Progressista*. Demorou-se por lá um bom par de horas. Quando voltou para o hotel, vinha incomodado, nervoso, parecia que trazia o diabo no corpo. Foi logo me dizendo: “Lucas, torna a arrumar a bagagem e avia-te, porque voltamos depois de amanhã para a França[,] no pacote inglês!”. Fingi ter ouvido mal: “Voltamos





para onde, meu amo?". "Para a França, para a Turquia, para o diabo!"[,] e saiu com uns modos de doido.

BERNARDO – Uma partida tão repentina!... A coisa cheira a mistério!... (À parte). Viria passar moeda falsa? (Alto). Ó senhor Lucas, não sabe a que negócio veio? (*Ouve-se dentro tocar um tímpano*). Já vou; não tenham pressa! Não se pode dar à língua um momento! (*Para Lucas*). Não sabe se o doutor trouxe consigo muito dinheiro... em papel?...

LUCAS – Sim; muito dinheiro, mas em amarelinhas, daquelas que trazem o retrato da rainha da Inglaterra!

BERNARDO (*confidencialmente*) – Não sabe se ele pertence a alguma sociedade secreta?

LUCAS – Sim; pertence à maçonaria[,] como todo o homem que se trata.

BERNARDO – Não é isso. O doutor costuma a envolver-se em transações avultadas?

LUCAS – Sim; às vezes, quando é preciso; ele é um moço de fortuna...

BERNARDO (*batendo-lhe no ombro*) – De fortuna... heim?... Maganão!<sup>24</sup> Já vê que eu não sou muito tolo!... Adivinhei logo! Essas coisas fazem-se assim mesmo – o mais depressa possível! Chegar da Europa, demorar-se dois dias apenas, enquanto se arranjam os negócios e voltar outra vez para a fábrica, enquanto a polícia não põe o olho em cima, isto, senhor Lucas, isto é o que se chama trabalhar fino!... Você[,] qualquer dia[,] faz a sua independência e muito honradamente!...

LUCAS (*deixando de arrumar*) – Que tal está a música?! Então o senhor Bernardo tem o atrevimento de supor que meu amo, o Dr. Mário de Castro, tão conhecido em toda a Europa como uma ilustração de primeira classe e um homem de bem às direitas, é um traficante qualquer[,] que anda por aí com papéis sujos[,] a enriquecer à custa alheia?!

BERNARDO – Foi uma suposição[,] apenas, senhor Lucas. Eu não afirmei coisa alguma!

LUCAS (*com força*) – E nem podia afirmar[,] sem trair os sagrados preceitos da verdade! Gentes da nossa jurisdição, que já têm viajado pelos mais adiantados países, que já têm frequentado academias, não toleram palavras insidiosas ou insinuações subversivas, fique [o] senhor Bernardo sabendo! Nós, eu e o doutor, acostumados a tratar com pessoas limpas e de elevada esfera, temos recebido por toda a parte considerações e regalias que o senhor Bernardo nem por sonhos pode imaginar! Foi baixo, revoltante e temerário o juízo que chegou a fazer a nosso respeito. O senhor, com uma leviandade sem nome, usando de circunlóquios repassados de maquiavelismo, atirou sobre nós, a mim e ao doutor, uma alusão purulenta, de caráter mórbido, que exige imediata amputação! (*Ouve-se tocar dentro o tímpano*).

BERNARDO (*para dentro*) – Já vou! Estou apreciando agora um bestialógico!

<sup>24</sup> Indivíduo jovial, engraçado.



LUCAS – Disse bem, senhor Bernardo!<sup>25</sup> Um homem da minha categoria não pode descer a discutir com uma besta da sua qualidade[,] a não ser por meio de bestialógico!

BERNARDO (*saindo*) – Malcriado!...

LUCAS (*gritando ao fundo*) – Bisbilhoteiro! Lambe-pratos!... (*Voltando*). Preguei-lhe uma lição mestra!

Cena III

DR. MÁRIO e LUCAS.

DR. MÁRIO – Que questão é esta?

LUCAS – Nada, meu amo. Um servente do hotel saiu-me fora do capítulo e eu chamei-o à ordem.

DR. MÁRIO – Arrumaste tudo?

LUCAS – Está quase tudo pronto.

DR. MÁRIO – Vai entregar estas cartas[,] que trouxe da Europa. (*Entrega-lhe quatro cartas*). De caminho, passa pela agência e compra já as passagens. (*Dá-lhe dinheiro em notas*).

LUCAS – Sim[,] senhor. (*À parte*). Que cara tem ele!... (*Sai*).

Cena IV

DR. MÁRIO, só.

DR. MÁRIO (*coloca uma canastra em cima de uma cadeira e arruma livros, papéis*) – Amanhã, por estas horas, devo estar em pleno oceano, a muitas milhas do Rio de Janeiro!... Não quero ficar aqui nem mais um dia! Logo na primeira visita[,] dar de frente com um escândalo! Com trezentas tartarugas!... Antes ir viajar à Sibéria ou conviver com tribos antropófagas! Sim, porque eu antes quisera que uma selvagem por galanteria me trincasse uma orelha[,] do que me ver casado com uma mulher que me mastigasse a honra! (*Indo à porta*). Ó Lucas. Vem arrumar estes livros! Já não me lembrava que o mandei fora! O cinismo daquela mulher pôs-me os miolos a arder! O marido ficou de vir hoje aqui. Pobre Arnaldo!... O melhor que tenho a fazer é contar-lhe tudo!... Não sei guardar segredos dessa natureza! Se ele se desorientar, que diabo! ofereço-lhe um lugar no meu camarim e partiremos juntos para a Índia, para a Austrália, para o inferno, onde possa esquecer a pérfida mulher!

Cena V

DR. MÁRIO e BERNARDO.

BERNARDO – Estão aqui fora três senhores[,] que desejam falar a vossa senhoria.

DR. MÁRIO – Mande-os entrar.

<sup>25</sup> Na edição original, “Disse bem, Sr. Bráulio!”.



Cena VI

DR. MÁRIO, LEMOS, BARBOSA e SOUZA.

LEMOS (*da porta do fundo*) – O Dr. Mário dá licença para três?

DR. MÁRIO – Ó meus caros! Que honra! Esta comissão vem dar-me a mais agradável das surpresas! (*Abraçando Lemos*). O meu simpático Lemos, a pérola dos advogados! (*Abraçando Souza*). Ó grande Souza! Folgo de encontrar-te o mesmo *petit-crevé* elegante e irresistível! És ainda o mesmo eterno pelintra da Rua do Ouvidor?

SOUZA – Tal qual como me deixaste!...

DR. MÁRIO (*abraçando Barbosa*) – E tu, Barbosa? Como vais do estômago? Insaciável sempre como um avestruz!

BARBOSA – Insaciável como um fornecedor!... (*Sentam-se*).

LEMOS – Vens[,] afinal[,] estabelecer-te no Rio de Janeiro?

DR. MÁRIO – Sim; até ontem era essa a minha intenção; porém[,] talvez me veja forçado a mudar de propósito. Estou muito desacostumado deste clima abrasador. Não me tenho sentido bem: dores de cabeça, pulso irregular, pouco apetite...

BARBOSA – Vejo que estás com medo da febre amarela. O melhor meio de resistir-lhe é comer com abundância. E nada de cozinha francesa – gulodices em porções homeopáticas – não, senhor: cozinha à portuguesa: boa sopa, boa feijoada com cabeça de porco e bastante toucinho e deixa correr a febre!

SOUZA – O Barbosa é bem entendido disso!... Deves tomar nota da receita.

DR. MÁRIO – Farei por não esquecer-la.

LEMOS – Já estiveste com Arnaldo?

DR. MÁRIO – Ontem mesmo.

LEMOS – Havia de lhe encontrar diferença. O Arnaldo, desde que veio casa-do da Europa, abandonou de todo a nossa convivência nos *clubs* e nos *cafés*; retraiu-se a uma vida de anacoreta<sup>26</sup>: só entrega-se exclusivamente a duas coisas – à mulher e ao jornal.

BARBOSA – É o que se pode chamar um verdadeiro *misântropo*!

SOUZA – Misântropo<sup>27</sup>, se me faz favor! Emende a língua!

BARBOSA – *Misântropo*, torno a dizer! Tu és muito incompetente[,] para querer emendar os dicionários!

SOUZA – É misântropo. A palavra é de origem grega e[,] por consequência[,] a sua prosódia...

BARBOSA – Qual grega, nem prosódia!... Mais grego me parece tu com a tua prosódia!

SOUZA – Tu é que não entendes nada disto!

<sup>26</sup> Penitente que vive só, dado à contemplação.

<sup>27</sup> Que, ou aquele que sofre de misantropia (aversão à sociedade, aos homens).



BARBOSA – E tu muito menos!

SOUZA – Linguística não é para todos!

BARBOSA – Pois podes ensopear a tua linguística com batatas! (*Questionam mudamente*).

DR. MÁRIO – Que opinião formam vocês da mulher do Arnaldo? É ciumenta, é má...?

LEMOS – Formo de D. Esther o mais favorável juízo. É uma senhora honesta e demonstra ter tido esmerada educação. Nas poucas vezes que tenho com ela conversado, noto-lhe sentimentos apuradíssimos. Só vive para o seu marido e Arnaldo compensa-lhe a amizade com igual extremo. É opinião minha que o nosso amigo não podia fazer melhor casamento.

SOUZA – Eu sou de igual parecer.

BARBOSA – E eu idem. Quem dera que a minha Ambrósia se pudesse comparar com a senhora do Arnaldo! A minha mulher, além de magra e velha como uma carcaça e feia como um susto, é ciumenta como uma cascavel!

DR. MÁRIO – É o teu inferno[,] não é assim? Seguissem todos o meu exemplo e nunca teriam de queixar-se.

BARBOSA – Foi um desastre do diabo o meu casamento! Ninguém se lembra de se levantar[,] senão depois que cai.

SOUZA – É por isso que tu[,] às vezes[,] andas assim, com ar de misantropo!...

BARBOSA – *Misântropo!* É como se diz decentemente!

SOUZA – Estás enganado! A prosódia grega é clara...

BARBOSA – E ele a dar com a maldita prosódia! (*Questionam mudamente*).

DR. MÁRIO – E como vai ele com o jornal?

LEMOS – Economicamente falando, vai mal. A empresa não lhe tem dado lucro algum pecuniário.

DR. MÁRIO – Isso previa eu!

LEMOS – Creio mesmo que se tem sacrificado.

DR. MÁRIO – Naturalmente!

LEMOS – Arnaldo, porém, é de uma coragem pouco comum. Moço de elevadas vistas, tão talentoso como honrado, obedece a um programa sério e...

DR. MÁRIO – Tanto pior para ele!

LEMOS – ... trata da política do País com toda a isenção de ânimo...

DR. MÁRIO – Pobre rapaz!...

LEMOS – O que te posso garantir é que, como folha doutrinária, nenhuma no Rio de Janeiro se avantajava ao *Progressista*.

DR. MÁRIO – Mas de que lhe serve isso? Dá-lhe glória![,] dirás tu. Bonita glória – sem dinheiro! Pois ele não compreende que deve transformar aquilo em balcão para enriquecer depressa? Se tem escrúpulos, com os diabos![,] mude de profissão, quebre a pena e estude para padre! Adivinho que tem criado grande número de desafeiçoados, principalmente entre colegas!...

LEMOS – Exatamente.

DR. MÁRIO – Alguém já lhe tem revolvido até a vida privada...



LEMOS – É verdade. Um miserável jornalista[,] como não podia vencê-lo à força de raciocínio, quis derrotá-lo à força de calúnias. Lembrou-se de magoá-lo profundamente assacando uma acusação odiosa contra a honestidade de D. Esther.

DR. MÁRIO – Que disse esse miserável?

LEMOS – Não me animo a repetir-to. Foi uma indignidade.

SOUZA – Disse que a mulher de Arnaldo, quando solteira, fôra à Alemanha esconder um fruto de amores clandestinos.

DR. MÁRIO – De que argumento se serviu o bandido!

LEMOS – Arnaldo desafiou-o publicamente; mas o detrator, que é tão insolente como covarde, pediu-lhe desculpas pelo próprio jornal, afirmando que tudo era falso, porque tinha sido mal informado!

DR. MÁRIO – E não há justiça que enforque a esses nojentos especuladores do escândalo! Aí está quando eu reconheço a necessidade da guilhotina! Ladrão como esse calava-se por toda a eternidade!

BARBOSA – Por essas e outras é que eu nunca hei de ter jornal.

SOUZA – Porém[,] se te resolveres a fundar algum, não te esqueças de me considerar teu assinante. Será para mim um regalinho apreciar os teus escritos sobre as vantagens da cozinha portuguesa e os teus luminosos artigos sobre a feijoada com cabeça de porco! Há de ser piramidal este Barbosa a escrever!

BARBOSA – Hei de portar-me melhor do que tu a falar!

LEMOS – Recomeçam a questão; deixem isso para logo. São horas de nos retirarmos. (*Levantam-se*). Cumprimos com o nosso dever.

DR. MÁRIO (*apertando a mão de cada um*) – Mil vezes[,] obrigado. Hei de procurá-los[,] meus amigos!

SOUZA (*para Barbosa*) – Vamos ver no dicionário quem teve razão, seu cara de misantropo!

BARBOSA – *Misântropo*, já te disse!

SOUZA – Misantropo, seu teimoso!

BARBOSA – Que cabeça de ferro!...

SOUZA – Que cabeça de burro!... (*Saem*).

#### Cena VII

DR. MÁRIO, só.

DR. MÁRIO (*abrindo e fechando malas*) – Já teve quem lhe levantasse uma ponta do véu que encobre um terrível segredo! Como não teria sofrido aquele coração! Não! Não serei eu quem lhe abra de novo a ferida... Enfim[,] farei o que a ocasião me inspirar! Aquela mulher devia ser castigada de seu crime! Ora, adeus!... Arranjem-se como puderem. Eu é que não quero presenciar mais tão refalsada hipocrisia! Sou o incomodado, e os incomodados mudam-se. É o que estou tratando de fazer. O tempo voa e o pacote inglês tem uma marcha magnífica!...



Cena VIII

DR. MÁRIO e ESTHER.

ESTHER (*entrando precipitadamente e retirando do rosto um véu preto*) – Doutor!...

DR. MÁRIO – A senhora[,] aqui!...

ESTHER – Preciso falar-lhe a sós.

DR. MÁRIO – Mas não reflete no perigo a que se expõe?!

ESTHER – Nem pensei em semelhante coisa. Sei que o doutor é um homem de honra. É preciso que ninguém nos ouça!... (*O doutor fecha as portas*).

DR. MÁRIO (*depois que sentam-se*) – Estou às suas ordens.

ESTHER (*arquejante*) – Meu marido vem[,] hoje à noite[,] ter com vossa senhoria algumas explicações. Antecipei-me a ele, porque assim é necessário. O doutor disse-me que seria franco para com Arnaldo[,] se ele o interrogasse sobre o meu passado.

DR. MÁRIO – Não porei dúvida alguma em dizer-lhe com lealdade tudo quanto sei a respeito da senhora – dado o caso que ele mo pergunte. Espontaneamente[,] nunca lançarei a discórdia em um casal que parece estimar-se.

ESTHER – Pois bem; antes de aniquilar de todo o meu futuro, ouça-me, doutor, e julgue-me depois. Sinto que seja eu própria quem apresente a minha defesa; as minhas palavras não lhe hão de merecer crédito...

DR. MÁRIO – Há pouco fui informado de que a senhora era uma esposa honesta: creio sempre nas palavras de uma mulher honesta.

ESTHER – Obrigada, doutor. Conheceu-me em casa da baronesa de Clèves.

DR. MÁRIO – Soube que era pupila da baronesa.

ESTHER – A minha história é simples e eu lha contarei em poucas palavras. Órfã de pai e mãe, fui educada em um convento e abraçaria a vida de freira, se a baronesa não alegasse direitos sobre o meu futuro[,] na qualidade de tia e tutora. Aos dezesseis anos[,] entrava eu nos seus salões[,] levando comigo todos os devaneios que fazem palpitar o coração de uma mulher na primavera da vida. A baronesa desvelou-se logo em rodear-me das seduções que podem entontecer o espírito de uma menina inexperiente e alheia aos artifícios do grande mundo. Fez-me saborear o prazer do luxo e[,] desde então[,] o louco desejo de aparecer, de figurar na sociedade elegante[,] absorvia-me os sentidos. (*Pausa*). Frequentava a nossa casa um banqueiro – senhor Paulo de Magalhães...

DR. MÁRIO – Paulo de Magalhães?!

ESTHER – Sim, Dr. Paulo de Magalhães. Conheceu esse homem?

DR. MÁRIO (*à parte*) – Será isso possível? (*Alto*). Conheci, minha senhora. Era com esse falso apelido que costumava divertir-se em Paris um homem de avultada fortuna.

ESTHER – O seu verdadeiro nome?



DR. MÁRIO – É segredo meu. Continue. A sua história é mais lamentável do que eu supunha.

ESTHER – Paulo de Magalhães quis insinuar-se na minha intimidade por meio de valiosos presentes, que aceitei, sem calcular o alcance de suas pretensões. Minha tia estimava-o[,] muito particularmente porque era ele a pessoa a quem ela recorria em todos os momentos de apuro pecuniário. A baronesa gastava inconsideravelmente[,] com o fim de manter uma aparência de grandeza incompatível com os seus haveres. Dava saraus dispendiosos, formava bancas de jogo para reunir os fidalgos perdulários de Paris, e de desastre em desastre viu-se em breve reduzida a bem tristes condições. Seus credores iam obrigá-la a hipotecar o próprio palacete em que morávamos... Foi nessa situação desesperada que ela lembrou-se de pôr em prática um plano odioso.

DR. MÁRIO – Penso adivinhar a baixeza do plano.

ESTHER – Disse-me que era necessário que eu não me esquivasse aos galanteios do senhor Paulo de Magalhães; que ele era um homem de grande fortuna; que podia satisfazer a todos os meus caprichos e contribuir para a minha felicidade!... Ah! Triste de mim!... Só então compreendi a que humilhação ela pretendia rebaixar-me!... (*Com força*). Reagi dizendo-lhe que jamais me prestaria a tão aviltante papel; que preferia morrer a explorar<sup>28</sup> a fortuna de um homem a custa do que a mulher pode possuir de mais caro. Ameacei-a de fugir para o convento. Começou desde aí uma luta desesperada entre a altivez despótica de minha tia e a firmeza da minha honra. Eu opunha sempre a mais tenaz resistência ao seu indigno projeto. Afinal, ela fingiu-se desanimada e não insistiu mais. Pensei ter vencido a luta e o coração palpitou-me orgulhoso do triunfo! Porém[,] uma noite... Esta recordação é um suplício, doutor!... (*Chora*).

DR. MÁRIO – Coragem, minha senhora. Prometeu contar-me tudo.

ESTHER – Uma noite, eu e minha tia tínhamos voltado de um baile. Era no inverno... Senti-me enregelada de frio... A baronesa lembrou-me a necessidade de confortar-me com um cálice de licor, que ela própria foi buscar. Não suspeitei a traição indigna e a maldita beberagem fez-me adormecer profundamente!... (*Chora*). O doutor compreenderá o resto!

DR. MÁRIO – E o sedutor, bem pior do que um ladrão de estrada, conseguiu impunemente os seus criminosos fins!... Não foi assim?

ESTHER – É verdade! Quando acordei-me no dia seguinte, vi que estava perdida para sempre. Soube depois que o miserável havia partido para fora da França! Nem sequer pude lançar-lhe à face o seu negro procedimento! (*Chora*).

DR. MÁRIO – Pobre moça!...

---

<sup>28</sup> Na edição original: "... que preferia morrer do que explorar...".



ESTHER – Pensei morrer de desesperação e vergonha; mas não houve remédio senão resignar-me. A baronesa lucrou com a minha desgraça: o banqueiro, antes de partir, desobrigou-a de todos os seus compromissos! Meses depois, a saúde de minha tia alterou-se, e os médicos aconselharam-lhe o uso das águas ferruginosas de Pymont, na Alemanha. Eu também sentia necessidade de fugir de todos os que me conheciam. A prova da minha infelicidade tornava-se cada vez mais evidente. Fui ocultar em Pymont o testemunho de um crime de que eu não era culpada. O que se deu aí comigo, vossa senhoria sabe-o. Salvou-me a vida no ato de ser mãe. Meu filho e eu devemos-lhe a existência. À vista do que acabo de narrar, sou porventura uma mulher criminosa?

DR. MÁRIO – Não; mas não disse tudo ainda. Há um ponto essencial que precisa esclarecer. Como conseguiu casar-se com Arnaldo? Fale-me a verdade[,] sempre.

ESTHER – Voltando para Paris, Arnaldo foi-me apresentado como um patriota distinto, tão belo de inteligência como de coração. Começou a frequentar assiduamente as nossas reuniões e a interessar-se pela minha existência. Pouco a pouco[,] fomos nos sentindo atraídos um para o outro. Ele considerava-me casta e eu o era moralmente, doutor! Sim! Apesar da minha desgraça e de viver em contato com o vício personificado da baronesa, conservava sempre, imaculada e digna, a virgindade do coração, a pureza dos sentimentos.

DR. MÁRIO – Creio-a, minha senhora.

ESTHER – Arnaldo foi o primeiro homem a quem amei. Quando ele falou-me em desposar-me, não tive forças para revelar-lhe francamente o atentado horrível que haviam praticado comigo. A vergonha impedia-me de ser sincera. Por muitos dias[,] hesitei em anuir à sua proposta, que eu considerava a felicidade para mim; alegava que era muito moça ainda; que havia feito propósito de só casar-me aos vinte anos; que era muito inexperiente para desempenhar os encargos da família. Arnaldo, porém, desfazia prontamente todas as minhas dúvidas! Afinal, depois de derramar lágrimas sobre um passado tão odioso, esqueci tudo, segui os impulsos do coração e[,] cheia de júbilo[,] aceitei a mão daquele homem sincero[,] que me arrancava de uma sociedade pervertida para ir auxiliá-lo nas suas lutas pelo trabalho honesto. A missão de esposa que ele confiou-me eu a tenho sabido cumprir dignamente! Juro-o à face de Deus! Eis a minha história. (*Levantando-se*). Se há em tudo isto um procedimento de que eu deva corar, diga-o, doutor, porque então serei eu própria a confessar-me culpada diante de meu marido!

DR. MÁRIO – Não; foi uma infeliz. Ninguém poderá apontar como criminosa. Aceito como verdadeiro tudo quanto me expôs, porque, como já lhe disse, creio nas palavras de uma mulher honesta. Não receie, minha senhora, que o Dr. Mário de Castro venha perturbar-lhe a existência feliz que desfruta ao lado de um marido extremoso! Sei que estou em uma posição embaraçosa





para com Arnaldo; mas, assim como salvei-lhe a vida em Pymont, procurarei salvar-lhe alguma coisa de mais precioso – a honra! Preferirei morrer, a confessar o terrível segredo! Pode crer nesta promessa.

ESTHER – Obrigada, doutor! Eu confiava na generosidade de seu coração.

DR. MÁRIO – Faz-se tarde! Recolha-se ao seu domicílio. (*Esther envolve-se no véu[,] para sair*). Porém, ouço passos!... (*Batem*). Batem!

ARNALDO (*fora*) – Abre, Mário! Sou eu!

ESTHER (*em voz baixa*) – É meu marido! Meu marido! Meu Deus! Que hei de fazer, doutor?

DR. MÁRIO – Não há outro meio! Entre para este aposento! (*Esther entra no quarto à esquerda, tendo esquecido o leque na mesa do centro, junto à qual estivera sentada*).

#### Cena IX

DR. MÁRIO e ARNALDO.

ARNALDO – Não me esperavas tão cedo!

DR. MÁRIO – Não: supunha que viesses à noite, conforme prometeste.

ARNALDO – É que conclui com brevidade os trabalhos da tipografia.

DR. MÁRIO – Que lida insana tens tu!...

ARNALDO – Insana e improdutivo! Eu, porém, sou de rija têmpera. Sei fazer frente a todas as dificuldades, sem a mínima demonstração de desânimo. As lutas, longe de me abaterem o ânimo, dão-me valor para arrostá-las. Trate-mos, porém, de assunto que de mais perto me interessa. (*Sentam-se*). Reparaste[,] sem dúvida[,] no estado de agitação em que ficou ontem minha mulher[,] quando saíste...

DR. MÁRIO – Sim; deixei-a um tanto impressionada.

ARNALDO – Muito impressionada. Ora, devo declarar-te francamente uma coisa: a explicação que me deste[,] sobre o motivo de seu desgosto, não me satisfaz de um modo completo. (*Com desespero*). Desde ontem[,] ando a lutar comigo mesmo[,] como quem procura a decifração de um enigma terrível!

DR. MÁRIO – Deves usar de toda a franqueza. Por que te inquietas?

ARNALDO – Vou expor-te a minha situação. Escuta. Um adversário de perversa índole, em uma polémica que comigo travara, teve a baixez de duvidar da honra de minha mulher quando solteira. O miserável retratou-se de semelhante ultraje; porém[,] a desconfiança, Mário, paira sempre no meu espírito como se uma nuvem tenebrosa me obscurecesse a existência e me toldasse a razão! Ontem, por que negá-lo? tu mesmo me despertaste suspeitas[,] que não te posso ocultar! Para justificar as lágrimas de Esther, afirmaste que ela se comovera assim com a notícia de que a baronesa de Clèves seguira quase morta para a Alemanha.

DR. MÁRIO – Sim; afirmei isso.



ARNALDO – E[,] em seguida[,] saíste sem mais explicações, com o semblante visivelmente alterado. Desculpa que te declare: não posso aceitar como verdadeira a causa que apresentaste, porque Esther nunca teve para com a baronesa extremos que a fizesses chorar! Pelo contrário, sempre que me falava de sua tia, era com certo azedume[,] que me fazia crer que não viviam nas melhores relações. A moléstia da baronesa não podia[,] portanto[,] impressioná-la a ponto de produzir-lhe uma comoção tão forte! (*Levanta-se[,] agitado*). Em um caos de ideias desencontradas, no meio das mais aflitivas suposições, Mário, eu tirei uma conclusão – e é que tu sabes do horrível segredo que me envenena a existência e talvez fosses[,] desse drama[,] o principal personagem!... (*O doutor quer falar*). Escuta-me[,] ainda: quis arrancar de Esther a confissão do que de real se havia passado entre ambos e só consegui fazê-la chorar mais ainda!... (*Com força*). Apelo, não só para nossa antiga e sincera amizade de infância, Mário, mas para a tua honra[,] que eu coloco acima de tudo, para que me digas, com lealdade dos homens de bem, (*trêmulo*) se aquele mulher algum dia pertenceu-te!...

DR. MÁRIO (*Com força*) – Pela minha honra, que nunca!

ARNALDO – Conheceste-a na Alemanha?...

DR. MÁRIO – Sim! Conheci-a na Alemanha[,] quando ela e a baronesa foram a banhos aí. Porém[,] só tive com ambas relações da mais respeitosa cortesia.

ARNALDO – Porém[,] disseste ontem que não te recordavas de havê-la visto!

DR. MÁRIO – Enganei-me: vi-a uma única vez[,] na Alemanha. Mas que suspeita é esta?!... Tu[,] mais do que ninguém, me conheces.

ARNALDO – E lá, não ouviste alguma coisa que lhe comprometesse a honra?

DR. MÁRIO – Não! Ninguém lançou sequer uma suspeita sobre a honra de tua mulher. Juro-te!

ARNALDO (*apertando-lhe a mão*) – Creio na tua lealdade!

DR. MÁRIO – Eu seria o mais infame dos homens se[,] porventura[,] te atraísse! Esta mão sempre se conservará digna de ser apertada pela tua!

ARNALDO – Obrigado, Mário! As tuas palavras restituem-me a felicidade[,] que eu julgava perdida! As portas de minha casa estão, hoje mais do que nunca, francas à tua boa e leal amizade!

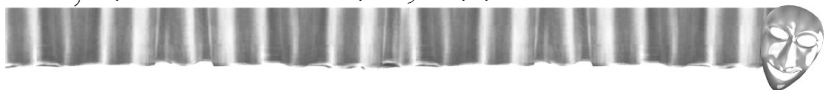
DR. MÁRIO – Penso que nos veremos poucas vezes. Pretendo voltar para a França. Um telegrama que recebi hoje reclama a minha presença ali[,] para graves assuntos de família.

ARNALDO – Hei de resolver-te a adiar a viagem! É preciso que um dia descanses! Posso contar contigo amanhã[,] para almoçar?

DR. MÁRIO – Já que o queres, irei almoçar contigo.

ARNALDO – Estamos combinados. (*Aperta-lhe a mão; ao passar pela mesa do centro[,] apossa-se do leque de Esther*). Mas... que é isto?! Este leque... Este leque é de minha mulher!...

DR. MÁRIO (*à parte*) – Fatal descuido! (*Alto*). Será talvez parecido!



ARNALDO – É dela[,] exatamente! Reconheço-o por esta pequena falha na vareta de cima!... Esther está aqui!... (*Vai entrar no quarto à esquerda*).

DR. MÁRIO (*impedindo-o*) – Que vais fazer, Arnaldo?!...

ARNALDO (*afastando-o*) – Deixa-me!... (*Entra no quarto; ouve-se um grito aí*).

Cena X

DR. MÁRIO, só.

DR. MÁRIO (*dirigindo-se ao quarto*) – É preciso salvá-la a todo transe!

Cena XI

DR. MÁRIO, ARNALDO e ESTHER.

ARNALDO (*trazendo[,] com violência[,] Esther pelo braço*) – Que veio a senhora fazer aqui?!...

ESTHER (*de cabelos soltos; ajoelhando-se*) – Não me crimines, Arnaldo! Vou explicar-te tudo!

ARNALDO (*com força*) – Não quero, nem preciso ouvi-la! (*Impele-a; dirigindo-se trêmulo para o Dr. Mário*). És um miserável!... Pretendias[,] talvez[,] fugir com ela para a França!... E soubeste iludir-me!... Porém[,] se tens um resto de pudor nas faces, não recusarás hoje mesmo um duelo de morte!

DR. MÁRIO (*trêmulo de raiva*) – Insultas-me dessa forma[,] sem ouvir-me?!...

ARNALDO – Tens a covardia de recusar?!...

DR. MÁRIO (*com altivez*) – Não! Aceito!

ARNALDO – Daqui a uma hora!...

DR. MÁRIO – Daqui a uma hora!... (*Arnaldo[,] ao sair[,] é enlaçado pelos braços de Esther*).

ESTHER (*com desespero*) – Arnaldo!... Preciso que me ouças!...

ARNALDO – Afaste-se!... Fique aqui com o seu amante!... (*Impele-a e Esther cai ajoelhada; Arnaldo sai*).

Cena XII

DR. MÁRIO e ESTHER.

DR. MÁRIO (*levantando-a*) – Levante-se, senhora! A minha honra saberá salvar a sua!...

CAI O PANO.



### ATO III

*O cenário representa um bosque.*

Cena I

LUCAS, só.

LUCAS (*passeando*) – Soube que meu amo foi provocado e que o duelo ia realizar-se aqui. Eu quero também presenciar o negócio. Bem pode ser que algum colega, remordido de inveja, o queira mandar para o outro mundo com uma fortíssima dose de chumbo em bala. Se tal se der, eu também[,] por minha vez[,] aplicarei ao peito do malfeitor um sinapismo de mostarda inglesa! Cá o trago! (*Mostra uma pistola*). Eles não devem tardar. Escondo-me por trás de uma árvore e presencio tudo. Agora que eu estava tomando gosto pelas viagens é que meu amo quer ficar no Rio de Janeiro[,] e talvez quieto para sempre no fundo de uma cova, contra todas as leis da fisiologia comparada! Não, senhor! Mais devagar! Nós, eu e o doutor, ainda queremos ir à Rússia, graças a Deus! Porém, caluda!<sup>29</sup>... Vem alguém.

Cena II

LUCAS e PEDRO.

PEDRO – Sabe informar-me se viu por aqui um doutor, que chegou ontem da Europa?

LUCAS – O Dr. Mário de Castro?

PEDRO – Exatamente: o Dr. Mário de Castro.

LUCAS (*impertigando-se*) – Diga o que quer.

PEDRO – Eu desejava que vossa senhoria...

LUCAS – É algum chamado, alguma conferência, alguma operação difícil? Nós chegamos ontem da Europa e precisamos descansar. O doente que vá se servindo de caldos[,] por enquanto. Não há de ser coisa de maior. Nós depois iremos vê-lo.

[PEDRO] – Não era isso, senhor doutor.

LUCAS – Então[,] o que é? Você não diz nada! Avie-se, que eu hoje não estou para consultas!...

PEDRO – Eu desejava saber se era aqui o lugar em que o patrão vai bater-se com o senhor doutor.

LUCAS – Quem é o seu patrão?

PEDRO – É o senhor Arnaldo de Aguiar.

---

<sup>29</sup> Interjeição. Serve para impor silêncio.



LUCAS – Sim, senhor! Aqui é que nós nos bateremos; aqui é que um de nós há de ficar morto e em estado de putrefação, graças a Deus! Mas, por que quer saber?

PEDRO – A patroa é que mandou indagar.

LUCAS – Que tem com isso a patroa?

PEDRO – Não sei, nem entendo bem da história. Sei somente que o patrão já não quer mais saber da mulher e desafiou o doutor no Hotel dos Estrangeiros.

LUCAS (*à parte*) – Também eu não entendo esta embrulhada. (*Alto*). Desafiou[,] sim, mas há de pagar caro a sua ousadia! O Rio de Janeiro terá notícias de nossa vingança: há de ser terrível e completa! Acostumados a lidar com sangue, enquanto não vemos sangue não ficamos satisfeitos!

PEDRO – Acho melhor ir prevenir a polícia. Os duelos aqui não são usados, nem devem ser!

LUCAS – Você está idiota! Que tem que ver a polícia com questões particulares entre pessoas consideradas[,] como nós? A polícia só deve importar-se com os vagabundos, gente sem posição na sociedade, ladrões e assassinos[,] para quem foi feita a cadeia! Bem se vê que você nunca viajou; ainda está na infância da civilização; o progresso ainda não pôs em movimento as suas circunvoluções cerebrais! Examinando-se a sua cabeça, percebe-se logo que a massa encefálica está deprimida, porque as bossas<sup>30</sup> foram achatadas ao nascer. Você foi traído a ferros! E por sinal que foi muito mal tirado! Não negue, que eu bem conheço o processo! Cuida então que[,] quando pessoas de nossa classe insultam-se, a questão se decide logo a pontapés e a cachações<sup>31</sup>? Está muito enganado! A questão[,] para nós[,] sobe à altura de um princípio! As armas encarregam-se de cortar o nó górdio. É o que se usa na Europa; é o que se usa em toda a parte. Nenhum país do mundo pode decretar leis para acalmar a efervescência de meu sangue a tumultuar nas veias, quando a minha dignidade foi ofendida: a cólera extravasa e, preenchidas as formalidades, temos mais um homem morto! Nós, graças a Deus, já temos legalmente enviado muita gente para o outro mundo. Fique certo de que o seu patrão não será o último. No caso presente[,] este remédio (*mostrando a pistola*) é infalível! Quer uma prova? (*Aponta*).

PEDRO – Não se incomode, senhor doutor. Eu... eu já me retiro. (*Saindo; à parte*). O tal doutor parece-me doido!...

Cena III

LUCAS, só.

LUCAS – O pobre diabo vai mais morto que vivo! (*Ao fundo*). Conta isso lá ao teu patrão e ele que apareça! Sinto passos... Agora vem gente séria.

<sup>30</sup> Protuberâncias arredondadas de alguns ossos, sobretudo do crânio.

<sup>31</sup> Pancadas no cachaço (a parte posterior do pescoço).



Cena IV

DR. MÁRIO e LUCAS.

DR. MÁRIO – Que vieste fazer aqui?

LUCAS – Eu, meu amo, eu andava caçando, quero dizer, passeando. O Rio de Janeiro tem arrabaldes muito pitorescos, muito arejados...

DR. MÁRIO – Não quero que estejas agora aqui. Retira-te; vai esperar-me ao hotel.

LUCAS – É que está meio escurecendo e o lugar é meio deserto. Bem pode aparecer por aí algum malfeitor e meu amo compreende que dois homens sempre valem mais do que um.

DR. MÁRIO – Retira-te, já te disse.

LUCAS – Sim, senhor; já vou cumprir a ordem... Custa-me um pouco, porém[,] sei cumprir com o meu dever. Meu amo não tem alguma instrução a dar-me?

DR. MÁRIO – Lembraste bem. Vem cá, Lucas. Se[,] porventura[,] te disserem que eu não posso seguir viagem amanhã, conforme projetava, tu embarcarás levando contigo tudo que é meu.

LUCAS – Pois meu amo quer ficar nesta terra de invejosos e malfeitores?!

DR. MÁRIO – Escuta-me. (*Dá-lhe um cartão*). Neste cartão[,] autorizo ao dono do hotel a que te deixe conduzir a minha bagagem. Irás a Paris...

LUCAS – Terei de viajar sozinho?! Que sacrifício!... O enjoo vai matar-me, meu amo!

DR. MÁRIO – Irás a Paris e entregarás tudo religiosamente à minha mãe. Ela[,] sem dúvida[,] há de perguntar por mim...

LUCAS – Naturalmente. Pobre senhora!... Que lhe hei de responder?

DR. MÁRIO – Dize-lhe que fui vítima da febre[,] no Rio de Janeiro... Não; não lhe digas isso... Seria matá-la... Dize-lhe que preferi viajar sozinho e que parti para uma exploração no centro da África! Entendeste? É esta a ordem que quero que cumpras. Retira-te.

LUCAS – Será obedecido, em tudo. (*Curva-se e[,] ao sair[,] diz em aparte*). Ele não quer que eu aplique o meu sinapismo!... Paciência! (*Sai*).

Cena V

DR. MÁRIO e LEMOS.

LEMOS – O teu convite surpreendeu-me[,] em extremo. Se não há inconveniência, dize-me como se deu a questão?

DR. MÁRIO – Eu é que te pergunto: que juízo formas do meu caráter?

LEMOS – Acredito que és um homem de honra.

DR. MÁRIO – E fazes-me justiça. Arnaldo, porém, duvidou de mim em uma situação bastante crítica para ambos, mas que não fôra por mim preparada.



Mais tarde[,] saberás da circunstância embaraçosa em que me vi colocado e que forçou-me a aceitar o desafio.

LEMOS – Desculpa a minha indiscrição, Mário. Compreendo que o assunto é demasiadamente melindroso; porém[,] vão se pôr em conflito duas existências que eu prezo. Como amigo de ambos, desejo que me dê explicações mais claras[,] que me elucidem...

DR. MÁRIO – Não tas posso dar[,] por enquanto. Há suscetibilidades que devo ainda respeitar.

LEMOS – Neste caso, estou às tuas ordens.

DR. MÁRIO – Se eu sucumbir, como é bem provável[,] porque sou péssimo atirador, tu encontrarás na minha carteira uma carta para Arnaldo[,] em que lhe explico as razões que me levaram a aceitar este duelo e que papel fiz eu na vida de sua mulher.

LEMOS – Ele julgou-te capaz de uma infâmia?!

DR. MÁRIO – Sim; mas estava inteiramente fora de si! Compreendes que qualquer acordo entre nós seria impossível, visto que fui eu o insultado!

LEMOS – Ouço passos.

DR. MÁRIO – Conheces quem vem ali?

LEMOS – Sim: é o senhor Carlos de Aguiar.

DR. MÁRIO – O pai de Arnaldo?!...

LEMOS – Ele mesmo. Eu sabia que ele tinha chegado hoje da Europa.

DR. MÁRIO (*à parte*) – E o que vem ele presenciar!... (*Alto*). Lemos, afasta-te por um momento. Devo ter com o pai de Arnaldo uma conferência de caráter íntimo. (*Lemos sai*).

#### Cena VI

CARLOS DE AGUIAR e DR. MÁRIO.

CARLOS DE AGUIAR – Acabo de estar com meu filho e dele soube que vão ambos bater-se agora em duelo. Agitado profundamente como se acha, não me deu explicações satisfatórias acerca de um fato de tanta gravidade. Diga-me, doutor: que motivos forçosos os levaram a tão louco intento? Como pai de Arnaldo, exijo que satisfaça à minha justa inquietação. Quem provocou o conflito?

DR. MÁRIO – Ele. Garanto-lhe[,] senhor Aguiar, que sinto do íntimo da alma achar-me envolvido em tão embaraçosa situação.

CARLOS DE AGUIAR – Eu saberei desfazê-la. Quaisquer que sejam as razões que justifiquem este encontro, eu coloco entre ambos a minha pessoa. Se[,] por fatalidade[,] meu filho foi ofendido por vossa senhoria no que ele mais preza – na sua honra...

DR. MÁRIO – Permita-me uma pergunta: o senhor viu a mulher de Arnaldo?

CARLOS DE AGUIAR – Não! Meu filho expulsou-a[,] antes que eu chegasse a conhecer essa infeliz.



DR. MÁRIO (*à parte*) – Ainda bem!

CARLOS DE AGUIAR – Mas, como dizia, se Arnaldo foi ofendido por vossa senhoria nos sentimentos de marido honrado, então, eu é que quero tomar o lugar dele nesta desfrontera! Vossa senhoria não terá diante de si uma criança inexperiente, incapaz de manejar uma arma; porém[,] um homem que nunca soube rezejar perigos! A luta será[,] portanto[,] de igual para igual! Aceita a substituição?

DR. MÁRIO – Não a aceito.

CARLOS DE AGUIAR – Pois bem: forçá-lo-ei, insultando-o diante das testemunhas!

DR. MÁRIO – Nem assim aceitarei. Acalme-se, senhor Aguiar, e ouça-me. Não preciso de semelhantes estímulos para cumprir com o meu dever. Sei como se desempenham as questões de honra. Não me suponha nenhum covarde, nem também um ingrato. Devo dizer-lhe que[,] batendo-me com seu filho[,] eu não esqueço de que foi o senhor quem salvou o crédito de meu pai quando ele[,] há cinco anos[,] esteve ameaçado de falência: essa dívida perdurará eternamente na minha lembrança! Mas, não obstante essa consideração e a amizade que me ligava a Arnaldo, eu seria um homem sem pundonor se deixasse de comparecer agora[,] aqui. É que ele insultou-me atrocemente[,] supondo-me o salteador da sua honra! Atirou-me à face um formal desafio! Recusaria[,] decerto[,] a luta[,] se quisesse ouvir explicações acerca do meu procedimento. Arrebatado de ciúme, condena-me sem ouvir-me: submeto-me à sua cólera! Não lhe direi[,] a tudo isto[,] quem é o verdadeiro culpado!

CARLOS DE AGUIAR – Mas[,] então[,] que indecifrável enigma é este? Por que me encobre a verdade[,] no momento em que vou ver meu filho expor-se à morte?!

DR. MÁRIO – Esteja tranquilo, Sr. Aguiar! Não salpicarei de sangue a mão benfeitora que um dia estendeu para amparar meu pai! Saberei respeitar a vida de seu filho! Se a sorte designar que seja eu o primeiro a atirar, a bala nem de leve tocará o alvo.

CARLOS DE AGUIAR – O doutor faz-me duvidar até da firmeza de sua razão.

DR. MÁRIO – Não, não estou doído! Antes o estivesse, porque indubitavelmente sofreria menos!

CARLOS DE AGUIAR – Há aqui um mistério que precisa desvendar!... Doutor! Tenho-o considerado sempre como um homem de sentimentos! Pois bem! Apelo para a sua honra[,] para que me explique tudo isto!...

DR. MÁRIO – Apelo para a minha honra: contar-lhe-ei tudo! (*Tomando-o pelo braço e trazendo-o à boca de cena*). Conheceu em Paris a baronesa de Cléves?...

CARLOS DE AGUIAR – Sim!

DR. MÁRIO – Conheceu sua sobrinha[,] Esther de Ataíde?

CARLOS DE AGUIAR – Mas a que vem o nome dessas duas mulheres?...





DR. MÁRIO (*acentuando as palavras*) – Seu filho é hoje o marido de Esther de Ataíde...

CARLOS DE AGUIAR (*num gesto de dor*) – Ah!... Desgraçado!...

DR. MÁRIO – Marido dessa infeliz órfã[,] que foi à Alemanha esconder o fruto de uma ação criminoso, praticada por meios indignos!... Quer saber como me orientei do terrível segredo? É que fui eu o médico chamado para salvar a vida dessa infortunada e a vida do filho[,] que extrai a ferros!... (*Carlos de Aguiar enxuga lágrimas*). De que vale chorar agora? Nem todas as lágrimas de um homem, Sr. Aguiar, são capazes de desfazer a nódoa que se lançou impunemente sobre a coroa de uma donzela! Não há punição possível para crimes desta natureza!

CARLOS DE AGUIAR – Doutor!...

DR. MÁRIO – Devo falar-lhe assim!... Quando a justiça não pode castigar os criminosos, é bem que a opinião pública os aponte como tais!... Queria que eu lhe desvendasse o mistério? Ei-lo patente a seus olhos. É um fato que horroriza. Ontem[,] quando fui visitar seu filho e reconheci[,] com profunda mágoa[,] a posição falsa em que o infeliz está colocado, não sei como pude conter os assomos da minha indignação! O meu intento era contar-lhe tudo e aconselhar-lhe o abandono daquela mulher. Não o fiz, porque compadeci-me da sorte dela! Receosa de que eu a denunciasses, D. Esther foi procurar-me e esclareceu-me pontos que eu ignorava em sua lamentável história. Tive pena de tanto infortúnio e fiz-lhe solene promessa de nada revelar ao marido. Mas, quis a fatalidade que ambos se encontrassem no hotel! Arnaldo fez então[,] a meu respeito[,] as suposições as mais indignas, insultou-me[,] e eis o motivo da minha presença aqui!

CARLOS DE AGUIAR – Obrigado, doutor, pelo sacrifício a que vinha sujeitar-se. Só uma pessoa como a sua seria capaz de tão rara abnegação!

DR. MÁRIO – Saldava apenas a dívida de meu pai e cumpria a promessa de não revelar um segredo.

CARLOS DE AGUIAR (*com aflição*) – É preciso que meu filho continue a ignorar o meu crime! Bem vê que seria para mim a mais dolorosa das humilhações!... Este duelo não pode realizar-se! Eu acharei meios de impedi-lo!... Auxilie-me, doutor! Não sei que deliberação deva tomar!... Nunca previ que viesse a expiar a minha culpa de um modo tão cruel – sentindo despedaçar-se-me o coração!... E[,] no entanto[,] não sou eu o principal culpado! Foi a baronesa quem impeliu-me ao crime! Sim! Aquela mulher perversa foi a causa de tudo quanto se passou... Mais tarde[,] contarei a vossa senhoria que circunstâncias especiais forçaram-me a cometer uma ação tão condenável. Verá que apresento justificações que me absolvem. Creia, doutor, que eu tencionava reparar o mal; pretendia amparar com o meu nome o futuro da infeliz moça; mas[,] desgraçadamente[,] uma viagem imprevista obrigou-me a abandonar a França. Creia que por toda a parte o remorso tem me acompanhado como uma sombra. Pobre filho!... Tão honrado e tão digno de me-



lhora sorte!... Que imprudência a sua[,] em não me prevenir de semelhante casamento!... Tudo se teria evitado! Hoje o mal é irremediável!... Que torturas, meu Deus!... Fui criminoso sim; porém[,] sofro o mais terrível dos remorsos!... Que vergonha[,] quando ele souber que foi seu próprio pai quem contribuiu para a sua desonra!...

DR. MÁRIO – Não calculava que seu crime havia de ter consequências fatais! O acaso, Sr. Aguiar, encarrega-se[,] às vezes[,] de nos preparar bem amargas lições!... A justiça não lhe poderia dar pior castigo. Não posso prever que desenlace terá este triste acontecimento; qualquer, porém, que ele seja, ficar-lhe-á sempre, gravada no coração, como se fôra a marca de uma calçeta<sup>32</sup>, a dor profunda de ter exposto seu filho à desconsideração e à vergonha! Sim! No Rio de Janeiro já houve quem publicamente lançasse em rosto[,] a Arnaldo[,] a desonra de sua mulher quando solteira!...

CARLOS DE AGUIAR – Que diz, doutor?! Alguém mais sabe?...

DR. MÁRIO – Sim! Sabem da desgraça e só ignoram o nome do criminoso.

CARLOS DE AGUIAR – Eu partirei daqui! Não me denuncie!

DR. MÁRIO – Tranquelize-se. Cumprirei com o meu dever. Porém, sinto passos; alguém se aproxima.

CARLOS DE AGUIAR (*à parte*) – É ele! Coragem!...

#### Cena VII

LEMOS, DR. MÁRIO, CARLOS DE AGUIAR, ARNALDO e SOUZA.

CARLOS DE AGUIAR – Arnaldo, tu não te podes bater com o Dr. Mário. Ele informou-me de tudo. A acusação que lhe fazes não se funda na verdade; foste precipitado e injusto!

ARNALDO – É tarde demais para arrepender-se da sua traição, meu pai! Depois de aceito o desafio, a questão só se decide pelas armas!... Não posso esperar mais!...

CARLOS DE AGUIAR (*com força*) – Não quiseste ouvi-lo; mas há de atender-me!

ARNALDO (*com força*) – Apesar do respeito que lhe consagro, devo dizer-lhe que[,] em questões de honra[,] a autoridade de um pai desaparece! Ninguém pode zelar melhor do que eu o meu pundonor!... Quem sabe se foi ele bastante covarde[,] para incumbir ao senhor de interceder pela sua existência?!

DR. MÁRIO (*com força*) – Não! Nada pedi! Nada quero! Afaste-se, Sr. Aguiar, e acabemos com isto!...

(*Souza abre a caixa das pistolas e entrega uma a Lemos e outra a Arnaldo. Lemos, depois de examinar a arma, passa-a a Mário.*)

<sup>32</sup> Argola de ferro fixada no tornozelo de um prisioneiro.



Cena VIII

OS MESMOS, ESTHER e PEDRO.

ESTHER (*entrando precipitadamente e arrastando Arnaldo para a boca da cena*) – Cheguei a tempo de salvá-los! Juro-te por Deus que o Dr. Mário está inocente! Não é ele o culpado!... Escuta-me um momento!

ARNALDO (*baixo*) – Retire-se, senhora. Tenha[,] se é possível, um pouco de dignidade[,] para evitar o escândalo!

CARLOS DE AGUIAR (*para Esther*) – Não venha complicar mais a situação! A senhora nada tem que fazer aqui! Retire-se!

ESTHER (*com dignidade*) – Quem me manda retirar de junto de meu marido? (*Reconhecendo Aguiar*). Quem?! O senhor?! O falso banqueiro Paulo de Magalhães?!... Sim! É ele mesmo! O mesmo olhar fascinador, a mesma voz que me perseguia! (*Rindo nervosamente*). Ah! Encontrei-te[,] afinal!... Eu duvidaria da justiça sobre a terra se o teu crime ficasse impune! Aqui tens, Arnaldo, o bandido que ultrajou-me, o infame que calçou aos pés a minha grinalda de virgem! Deste, sim, podes vingar-te[,] porque me vingarás também!

ARNALDO (*avançando para Carlos de Aguiar*) – É verdade o que ouvi desta mulher?

CARLOS DE AGUIAR (*curvando a cabeça*) – Que fatalidade!...

ARNALDO (*olha para Esther e para Carlos[,] e avança de pistola apontada para este*) – Ah! Miserável!... (*Recua trêmulo*). Perdão, meu pai! (*Dá uma gargalhada nervosa*). Ah! Ah! Ah! E eu que não percebia que tudo isto era uma comédia!... Ah! Ah! Ah! Que ridícula e repugnante comédia! (*Desfecha o tiro e cai*).

CARLOS DE AGUIAR (*erguendo-o[,] a meio*) – Arnaldo!... Meu filho!... Que fizeste?! Que loucura foi esta?! Ele morreu! Salve-o[,] doutor!

ESTHER (*ajoelhando*) – Arnaldo!... Que vim eu fazer, meu Deus!

DR. MÁRIO (*examinando Arnaldo*) – É impossível salvá-lo! Está morto!

CARLOS DE AGUIAR (*soluçando*) – Morto! Morto[,] o meu querido filho!... (*Apontando para Esther*). E foi esta mulher que o perdeu!

DR. MÁRIO (*com força e apontando para Carlos de Aguiar*) – Não! Foi o seu crime que o matou!

CAI O PANO.

FIM





# JANINA

Drama em três atos  
de  
Mário de Artagaão

LISBOA  
Livraria Clássica Editora,  
de A. M. Teixeira & Cia.

1907<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> Segundo consta no paratexto de *Música sacra*, obra do mesmo autor (2ª ed. Pelotas, 1902), o drama *Janina* é de 1900, tendo sido, inclusive, traduzido para o italiano. O único exemplar da peça, localizado no Rio Grande do Sul, integra o Acervo Júlio Petersen, da Biblioteca Central da PUCRS.





## PERSONAGENS

RAUL DE AGUIAR (1º marido de Janina – Deputado).  
MENDES BRITO (Deputado).  
MIGUEL DE ATAÍDE (Deputado e advogado).  
JOÃO RAMOS (Jornalista).  
CARLOS DA FONSECA (Poeta, filiado ao anarquismo).  
GUSTAVO AMARAL (2º marido de Janina – Negociante).  
MELO DANTAS (Banqueiro).  
DR. ALVIM (Médico).  
JANINA (A divorciada).  
CLARA (Amante de Raul).  
LAURA BRITO (Esposa de Mendes Brito).  
TRÊS FÂMULOS.<sup>34</sup>

(O autor pressupõe uma atualidade em que estejam vigorando leis sobre o divórcio absoluto).

Os direitos de representação deste drama, na sua versão para o italiano, pertencem à atriz Zaira Tiozzo. Sem licença do autor, tanto em Portugal como no Brasil, não poderá este drama ser representado no original português.

---

<sup>34</sup> Criados, servidores.







## ATO I

*Sala cheia de conforto em casa de Raul de Aguiar. Disposição elegante nos adornos. Aqui e ali, mesinhas para fumantes, poltronas, jardineiras; ao fundo, de ambos os lados, sobre consolos artísticos, veem-se candelabros; e sobre a mesa, ao centro, há um tímpano e um lampião com quebra-luz.*

### Cena I

CLARA, RAUL e MIGUEL DE ATAÍDE.

ATAÍDE (*entrando*) – Raul! Tenho alguma coisa de grave a comunicar-te...

RAUL (*olhando de soslaio para Clara*) – Queres que fiquemos sós?

ATAÍDE – Sim! É melhor...

RAUL (*a Clara que se entretém a acender as velas*) – Meu amor! O nosso querido Ataíde precisa falar-me a sós. Conferência política... Compreendes?

CLARA (*despedindo-se com blandícias*) – Maldita política, que nos anda sempre a roubar um tempo precioso!

RAUL – Dizes bem! (*Tomando-lhe as mãos*). Esta vida de parlamentar tem exigências que detesto.

CLARA – E a que[,] todavia[,] te submetes...

RAUL – É assim; bem sei! E eu quisera por algum tempo viver arredado desta lufa-lufa enervante. Mas agora não lhe há fugir. A facção do imposto progressivo sobre o capital foi agremiada por mim, e a brecha me pertence. Conto até com elementos da dissidência, que nesta casa fazem hoje seu ponto de reunião.

CLARA (*sorrindo*) – Quer isto dizer que me devo retirar...

RAUL – Sim! Por um momento apenas... (*Beija-lhe a testa*).

CLARA – Então... Até já! (*Retira-se, afetando carinhos. De passagem, a Ataíde*). Com licença, senhor Ataíde!

*(Ataíde fita-a com fugitivo desdém e inclina-se a contra-gosto. Clara sai).*

### Cena II

RAUL e ATAÍDE.

ATAÍDE (*tomando com vigor o braço de Raul e falando-lhe quase ao ouvido*) – Tua mulher está para chegar!

RAUL (*sem se perturbar*) – Já o sabia...

ATAÍDE – E tu me dizes isso com tamanha calma?!

RAUL – Que queres que lhe faça? Minha mulher tem destes devaneios... Apertaram-lhe as saudades, e cisma que há de vir!

ATAÍDE – E vem! Sou eu que to digo. Já deve mesmo ter embarcado.

RAUL – Não o fará sem meu consentimento.



ATAÍDE – É então certo que ela te escreveu?

RAUL – Sim! E eu pedi-lhe que adiasse a partida para a volta do “Santelmo”.

ATAÍDE – Ouve-me, Raul! Tenho fugido, muito de propósito, de abordar este assunto malfadado. Mas a situação tornou-se melindrosa, e já agora não há remédio... Vais-me permitir...

RAUL (*interrompendo*) – Que intervenhas na minha vida privada!

ATAÍDE – Sim! E com o direito que me dá a nossa velha amizade. Apadrinhei-te o casamento; irmanamos as nossas crenças políticas; temos lutado na mesma bancada por todas as causas dignificadoras; fomos companheiros de academia; respiramos os mesmos ares do berço; fizemos de um passado de solidariedade toda a garantia para um futuro de afetos; e eu creio que há aí títulos bastantes para que ouse falar-te com toda a franqueza, como se falasse a um irmão!

RAUL (*conserva-se pensativo, de cabeça baixa*).

ATAÍDE – E então? Estás disposto a ouvir-me?

RAUL (*encolhendo os ombros*) – Fala!

ATAÍDE – Pois bem! Essa mulher com quem vives há um ano em mancebia escandalosa e de cuja fidelidade tenho motivo para duvidar...

RAUL (*assombrado*) – Heim?!

ATAÍDE (*sem se deixar interromper*) – ... essa mulher usurpadora dos carinhos que deveras distribuir à tua esposa amorosa; essa mulher que te prende torpemente no asfixiamento dos seus braços impudicos...

RAUL – Conclui...

ATAÍDE – ... essa mulher indigna e mercenária deve ser, custe o que custar... Deve ser – compreendes bem? – deve ser já e já enxotada desta casa!

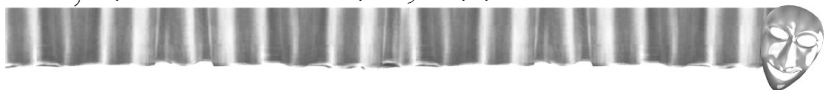
RAUL (*com ar de mofa*) – Adorável! Nem tu sabes como te vai bem essa toada trágica de Catão!

ATAÍDE – Não gratejes, Raul! Eu conheço o coração de Janina. Não é mulher que sofra impunemente os ultrajes com que lhe estás a ferir a santidade do lar. Mais de uma vez, tu comigo, a ouvimos dissertar sobre estes trechos cruciantes da vida conjugal...

RAUL (*atalhando*) – Fantasias de romance...

ATAÍDE – Enganas-te! Melhor do que, observaste o seu espírito superior; sabe ser altiva; ama-te com delírio; e tu percebes que uma mulher, que tais atributos possui, não pode passivamente receber a afronta de ter os lábios de seu marido manchados pelo hálito de uma amante!...

RAUL (*sorrindo*) – Tudo quanto queiras, meu amigo! Mas eu sempre te conheci exagerado; e nestas coisas de pecadilhos veniais, não és homem com quem se deva discutir. Casa-te primeiro! Nós, os casados, pertencemos a uma confraria, cuja solidariedade nem a política, nem as religiões, nem os ódios de nacionalidade, conseguirão jamais subverter. Todos por um, e um por todos!



ATAÍDE – Compreendo-te. Queres com isso fazer crer que num casal tem o homem o direito da infidelidade, enquanto que a mulher...

RAUL – Tem a casa para governar e os filhos para cuidar!

ATAÍDE – O direito das lágrimas! É isto o que pretendes concluir... Pois, meu amigo, com estas e quejandas teorias caminhamos em linha reta para a mais pavorosa das derrocadas sociais. Temos, nada mais nada menos, que a dissolução da família, de acordo com a sua moderna feitura, é a única instituição perfeita, de que nós, os intelectuais, nos possamos orgulhar.

RAUL – Ouve cá, meu velho! Dizias-me há pouco, que todas as causas dignificadoras nos haviam encontrado na mesma tribuna e no mesmo abraço de defesa. O teu entusiasmo, ou melhor: – o nosso afeto, fez-te esquecer a questão do divórcio, em que, a pesar meu, te vi distanciado de todos os espíritos liberais.

ATAÍDE – A distância não foi disparatada. Opinei, como ainda hoje opino, pelo divórcio, mas com as devidas restrições.

RAUL – Bem sei! Um divórcio frouxo; divórcio de remendos, com perpetuidade de vínculo conjugal. Pois olha: – o divórcio como foi votado, o divórcio absoluto, é o único meio conhecido para restituir a felicidade aos mártires do mais arcaico dos contratos!

ATAÍDE – Compreendo... Fizeste obra para uso pessoal...

RAUL – És injusto e agressivo! Eu nunca pensei em me divorciar. Amo a minha mulher; quero-a para a perpetuidade do meu nome; só dela desejo filhos[,] com a mesma mansuetude no olhar, com a mesma impecabilidade na alma... Mas quando a nossa vida, por uma circunstância qualquer, tivesse de correr numa atmosfera incômoda de doestos e recriminações, eu abertamente preferiria lançar mão desse recurso que me faculta a lei, dando à mulher a tranquilidade a que tem direito, e ao homem a liberdade, que é o seu mais legítimo atributo.

ATAÍDE – Deliras ou gracejas! Se essa liberdade te parece legítima, aquela tranquilidade é com certeza mentirosa.

RAUL – Jogo de palavras!...

ATAÍDE – Pensarás como quiseres. Mas no rompimento de um contrato conjugal, o amor, como um paradoxo, até mesmo no ódio da desafronta se revela. Para que ambos, na separação, se possam considerar felizes, seria necessária a indiferença... A mais fria e calva indiferença, desagregando uma união que viesse frouxa desde o primeiro beijo do noivado. Acredita-me: – a tranquilidade não poderá jamais existir para um casal divorciado!

RAUL – Estou gostando de te ouvir falar.

ATAÍDE – Porque falo a verdade. E os filhos, se os houver? Como conciliar essa tua apregoada paz de espírito com o momento angustioso em que as crianças tenham de pedir simultaneamente a benção a duas mãos que se repelem?



RAUL – Pretendes tu então que um homem infamado pela mulher, leve a abjeção ao ponto de continuar a perfumá-la e enfeitá-la para as entrevistas amorosas da traição?!

ATAÍDE – Não! Isso seria indecoroso! E o divórcio neste caso impõe-se. Mas trata-se tão somente de uma separação de leito, que é um castigo implacável para a adúltera, não consentindo que ela leve a um novo lar a mesma sanha da desonra e a mesma bofetada ao pudor...

RAUL – E dado o caso em que ela, aspirando a um novo amor, se possa regenerar?

ATAÍDE – A regeneração na penitência das lágrimas é mais justa do que a regeneração nos braços de outro homem!

RAUL (*rindo*) – Estás hoje hediondo de crueldade!

ATAÍDE – E tu, de uma ironia que revolta!

### Cena III

#### OS MESMOS e CLARA.

CLARA (*chegando-se para Raul*) – Perdoa, se te venho interromper...

RAUL (*meigo*) – Interromper-me? Tu?... Pergunta às noites se não gostam de ser interrompidas pelo luar...

CLARA – Não dirá o mesmo o senhor Ataíde, que me trata com inexplicável severidade. Parece que me odeia... Que não quer ser meu amigo...

ATAÍDE (*levantando-se*) – Basta que o seja de Raul, minha senhora! (*Vai até ao fundo*).

CLARA (*a Raul*) – Vês como ele é mau?!

RAUL – Deixa-o, minha Clara! É um puritano excêntrico, possuidor do mais belo dos corações...

CLARA – ... que te quer afastar de mim... Que trama o teu desprezo... Eu ouvi tudo!

RAUL (*batendo-lhe na face*) – Nada receies! (*Toma-lhe a cintura, acompanhando-a até a porta*). Eu sou o homem dos fanatismos...

CLARA – Mas sabes ao que vim?

RAUL – Tu mo dirás...

CLARA – Desejava ir hoje ao Alhambra. Acabo de ler o *Jornal da Noite*...

RAUL – ... que te promete maravilhas, sob a batuta daquele húngaro de bigodes fartos...

CLARA – Bem sabes que eu adoro a música.

RAUL – Pois vai! Irei ter contigo depois.

CLARA – Como és bom! (*Tirando do seio uma flor*). Consentes? Quero-te ver sempre florido... (*Prende-lhe a flor à botoeira*). Assim!

RAUL – E partes já?

CLARA – Sem me despedir de ti? Nunca! Eu me vou fazer bonita... Quero que me vejas antes de partir.

RAUL (*acariciando-a*) – Sempre faceira!

(*Clara sai*).



Cena IV

RAUL e ATAÍDE.

RAUL – Desculpa este idílio, meu velho! Aqui me tens de novo ao teu mais inteiro dispor. Que mais há que me possas dizer?

ATAÍDE – Apenas isto: – Como é que concilias esse afeto, que dizes dedicar à tua esposa, com a existência escandalosa da tua mancebia?

RAUL – Nada mais fácil, meu caro! O amor que votamos à nossa esposa nada tem de comum com as complacências concedidas às amantes. Uma ama-se pelo valor que tem; a outra, pelo valor que lhe damos. Aquela é soberana pelo respeito; esta é soberana pelo capricho. Um homem, como eu, em que o povo delega a sua representação, e que por efeito de tal missão se vê forçado a ausentar-se longamente da esposa, não pode, tu bem o compreendes, levar uma vida contemplativa de anacoreta.

ATAÍDE – Quero fazer-te semelhante concessão, se bem que por demais me conheças nesse capítulo da honra conjugal. É matéria em que exijo todos os direitos nivelados; e se os há sobre a fortuna e sobre a educação dos filhos, com dupla razão os deve haver sobre a fidelidade, que não pode subdividir-se em condescendências para o homem a anátemas para a mulher.

RAUL – Mas tu discutes como um fantasista. O homem foi feito para as grandes emoções, para as lutas do exterior, para os perigos, para as formidáveis seduções. Pertenceu a mil mulheres antes de pertencer à esposa; e quando com ela trocou a aliança nupcial, já trazia a experiência das alcovas profanadas. E tu queres confinar esta brutal expansão amorosa no lírio de uma só boca!

ATAÍDE – Aqui está quem religiosamente o faria.

RAUL – Por exceção doentia...

ATAÍDE – Por decoro...

RAUL (*atalhando*) – ... quando a paternidade fizesse esfriar as ilusões do noivado.

ATAÍDE – Justamente.

RAUL – Bem se vê que não pertences ao rol dos homens emancipados!

ATAÍDE – E quero ir mais longe. Demos de barato que te assista o direito de prevaricares; admitamos como legítimo esse pecado a que chamas venial. Nada vejo, porém, que legitime a afronta que fazes à tua mulher e à sociedade, mantendo uma amante a que te liga um capricho, quando este novo lar é um perigo e a mancebia uma vergonha!

RAUL – Devagar, meu caro Ataíde! A responsabilidade dos meus atos só a mim pertence. Clara é boa e afetuosa. Pela conduta irrepreensível tem-se tornado digna da minha proteção; e eu não posso enxotar a sangue frio essa mulher, que me compreende, que me estima e que mais de uma vez me tem estado à cabeceira em febre!

ATAÍDE – Tens-lhe, portanto, amor!



RAUL – Não direi tanto... Mas simpatia, tenho-lhe deveras!  
ATAÍDE – Estás caindo numa confissão aviltante.  
RAUL – Olha que a amizade te permite liberdades esquisitas.  
ATAÍDE – Falo em nome de Janina à tua anarquia de espírito. Não queres compreender a verdade da situação e, sobretudo[,] finges ignorar que esta viagem repentina é motivada pela dor, pelo ciúme e pela afronta!  
RAUL – Vais errado, crê-me! Janina tudo ignora. As saudades de um ano podem justificar uma surpresa...  
ATAÍDE – ... cujas consequências...  
RAUL – Eu saberei evitar. Espero-a dentro de uma semana... E até lá...  
ATAÍDE – Continuarás a pagar camarotes para a *outra* ir aplaudir o húngaro de bigodes fartos...

Cena IV

OS MESMOS, FONSECA, MENDES BRITO e UM CRIADO.

UM CRIADO (*assomando à porta*) – Façam o obséquo!

(*Entram Fonseca e Mendes Brito. O criado sai.*)

RAUL (*a Ataíde, batendo-lhe no ombro*) – Hás de chegar às boas! (*A Fonseca*). Ora viva, meu poeta!

FONSECA – Trago-te este temível cristão-novo (*aponta para Mendes Brito*), que arrastei da sinagoga do *Variedades*, onde ia atrás... Adivinha de quem?

RAUL – Sei eu lá!

FONSECA – Da formosíssima Marchetti!

MENDES BRITO – Em se tratando de mulheres bonitas, chego até a perdoar indiscrições, como essa em que incorreu o nosso caro poeta.

RAUL – Venha de lá essa mão! Em seis anos, é esta a primeira vez, meu ilustre colega, que tenho a ventura de me encontrar de acordo com vossa excelência!

MENDES BRITO – Desvanece-me a aproximação. Resta agora desejar que a mesma tendência simpática influa no êxito da nossa conferência.

RAUL – E por que não? Desde que vossa excelência nos empreste o seu braço forte, não há projeto de lei que não vingue.

MENDES BRITO – Gentileza extrema!

FONSECA – Adoráveis, estes políticos!

RAUL (*a Mendes Brito*) – Vossa excelência vai ter a indulgência de esperar alguns momentos.

MENDES BRITO – Com prazer verei a noite prolongada.

RAUL – É que nos falta o Ramos, a quem, como vossa excelência sabe, foi confiada na imprensa a defesa da reforma.



MENDES BRITO – Pois esperemos. Há muito em que matar o tempo. O Fonseca, por exemplo, como o seu anarquismo[,] dá para uma deliciosa noite de palestra.

FONSECA – É o eterno gracejo em torno das coisas sérias. E[,] todavia[,] a grande ideia aí anda em fermento pelo mundo...

ATAÍDE (*interrompendo*) – ... dos malucos!

FONSECA (*sem lhe dar atenção*) – Que o diga a Alemanha, que o diga a França, solapadas ambas pelo radicalismo anarquista.

ATAÍDE – Muito bonito tudo isso! Mas no dia em que o virmos vencedor, adeus ordem, adeus família, adeus espírito de liberdade!

RAUL (*rindo para Mendes Brito*) – Temo-la travada! É melhor deixá-los! (*Retirando-se para o fundo*).

FONSECA (*a Ataíde*) – Aí vem o senhor com as suas velharias de conservador. Onde diabo, e em que alfarrábio de sociologia leu o senhor que o anarquismo é a negação da ordem e da liberdade?

ATAÍDE – Há um compêndio que não pertence a nenhum tratadista. É o compêndio da moral e do critério, que uma consciência bem equilibrada traz sempre decorado.

FONSECA – Consciência... diz o senhor?! Mas que consciência é essa, que condena os estupendos batalhadores da Ideia Nova? Que moral é essa, que atira para o cesto da guilhotina as cabeças altivas dos que lutam? Que teoria é essa, que mata os sonhadores e espingardeia os que têm fome?

ATAÍDE – É a luta, meu ilustre poeta, pela conservação da ordem na sociedade. Eu não vou de encontro às reformas econômicas do socialismo. Exija-as, mesmo! É preciso que o proletário não roa as unhas no desespero da fome. Mas daí, a decretar o amor livre e a aceitar o paradoxo da harmonia em comunas sem governo, vai... – acredite-me – uma estupenda diferença!

FONSECA – Mas isso a que os senhores chamam governo é uma monstruosidade que revolta! Na natureza nada se governa, a não ser por leis casuais de adaptação, em meio da mais franca liberdade.

ATAÍDE – Heim?

FONSECA – Pergunte às aves quem as governa na arquitetura incomparável dos seus ninhos? Pergunte às feras quem as dirige na fecundação quieta das cavernas? Pergunte ao mar quem o disciplina no viveiro dos monstros formidáveis? Pergunte às flores quem as desabotoa na aleluia fantástica das madrugadas? Pergunte aos mundos quem os norteia no passeio triunfal através das nebulosas?

ATAÍDE – Como poesia, é trecho digno de um arquivo comunal. Mas[,] porventura[,] a luta, a grande e eterna luta, não se desdobra aí, nesse domínio caótico da natureza? Tudo isso, meu amigo, é muito belo de afirmar! Mas eu sei que para as aves há a garra dos milhafres; para as feras, a antiga pedra do antropóide e modernamente a pólvora sem fumaça; para as flores, o açoite dos vendavais; e para os mundos, o gelo aniquilador!



FONSECA – Discute com a morte que é uma consequência necessária da harmonia!

ATAÍDE – Não! Discuto com a luta pela vida, que tem de obedecer à lei da proteção pelo mais fraco. E neste caso, só há um recurso: – governar para libertar.

FONSECA – Adorável concepção de altruísmo! E é em nome desse abominável paradoxo que se corta a cabeça a Ravachol<sup>35</sup>, ao mártir rebelado de todas as iniquidades!

ATAÍDE – Ravachol matou! E a sociedade usou de um direito, eliminando-o.

FONSECA – E o senhor ousa aplaudir semelhante abominação!

ATAÍDE – Eu não aplaudo: – lastimo. E ademais, se selvagem foi a lei, mais selvagem ainda foi o delinquente, povoando de estilhaços o crânio dos inocentes. Para os bandidos deve ser a lei, inexorável!

FONSECA – Bandido, chama-lhe a sociedade; mártir, chamo-lhe eu! O anarquista não mata pela perversidade do instinto, nem se lança à luta como os galfarros<sup>36</sup> ao roubo... É o amor à humanidade, que lhe arma o braço; é um mundo de dor que lhe dinamitiza a raiva! Sabe que a força lhe estende os braços; sabe que a morte será a iníqua compensação do seu abnegado sacrifício. E quando um homem morre por uma ideia, quando empenha com altivez a vida pelo triunfo de uma religião de amor, a sociedade deveria dobrar os joelhos na postura ideal das glorificações!

RAUL (*intervindo*) – Ó, bravo, meu caro Fonseca! Estás aí, estás feito deputado!

ATAÍDE – O diabo que o ature com tão estapafúrdias teorias!...

FONSECA – Não gosta que se lhe diga a verdade. Quer que eu aceite as modernas instituições com os seus governos de força armada, quando isso não passa da negação da justiça e liberdade!

#### Cena V

OS MESMOS e JOÃO RAMOS. UM CRIADO, depois.

RAMOS – Lugar para mais um!

RAUL – Chegaste a talho de foice, meu jornalista! O Fonseca está com a corda toda...

RAMOS – Pois é continuar! Aqui estou eu para lhe apanhar o discurso. (*Tira do bolso um canhenho*<sup>37</sup> e faz menção de escrever).

<sup>35</sup> François Claudius Koenigstein (1859 - 1892), que se tornou conhecido como Ravachol, foi um dos mais fervorosos anarquistas ilegalistas franceses, tornando-se, a seu tempo, o arquétipo do “anarquista lançador de bombas”, através de suas ações diretas e violentas contra a corrupta Terceira República Francesa. Da perspectiva legalista e capitalista, Ravachol entrou para a história como um dos grandes terroristas do século XIX. Foi julgado e guilhotinado em Montbrison, aos 32 anos de idade.

<sup>36</sup> Beleguins. Agentes de polícia; esbirros, meirinhos, tiras.

<sup>37</sup> Caderneta; registro de lembranças.





RAUL (*rindo e batendo no ombro de Fonseca*) – Ótimo rapaz! Quando tiveres alguns cabelos brancos, é possível que a humanidade não mereça uma só ode, a mais, dessa tua inquietante fantasia!

FONSECA (*não lhe dá atenção. Folheia distraidamente um livro sobre a mesa*).

RAUL – E a propósito, ó Ramos! Eu não te apresentei ainda o Dr. Mendes Brito, cujo talento é todo o nosso orgulho!

RAMOS – Na tribuna tenho tido a ventura de o admirar muitas vezes, e folgo ter hoje o prazer de lhe apertar a mão.

MENDES BRITO – A honra é muito minha!

RAUL – E agora reparo! O Fonseca[,] com o seu calor declamatório...

ATAÍDE – Deve estar a pedir uma ducha...

RAUL (*soando um tímpano*) – Com licença!

RAMOS (*a Fonseca*) – Que dizes à receita?

FONSECA – Simples lei de atavismo: – o pai era bombeiro.

UM CRIADO (*surgindo à porta, sem entrar, para Raul*) – Chamou-me vossa excelência?

RAUL – Traze-nos licores!

FONSECA (*a Ramos*) – Não achas que sou demais nesta comédia política? (*Tomando o chapéu*).

RAMOS – Pelo contrário. Serás um ótimo comparsa. (*Alto, a Raul*). Olhe que a demora nos vai roubar um excelente auxiliar.

RAUL (*atentando para Fonseca[,] de chapéu na mão*) – Não consisto. Desejo até que na tua folha revolucionária se faça justiça aos nossos altruísticos intuitos. Peço-te que fiques...

FONSECA (*depondo o chapéu a um canto e consultando o relógio*) – Também[,] a esta hora não sei para onde ir.

RAUL – Pois, senhores! Estamos em frente de um problema, que vai assanhar contra nós todas as iras da plutocracia. O povo não suporta mais impostos. A guerra com a Bolívia nos consumiu a receita de dez anos; e agora não há remédio... Ataquemos de frente o capital.

ATAÍDE (*a Fonseca*) – Está você nas suas sete quintas.

FONSECA – Eu sempre quero ver o que vai sair desta embrulhada. Conheço muito bem os homens do capital; e eles são até capazes...

MENDES BRITO – Não creia; a resistência é ridícula.

FONSECA – Não é isso o que quero dizer.

MENDES BRITO – Receia então...

FONSECA – Que eles acabem por comprar o Parlamento.

ATAÍDE – Aguentem-no!

RAMOS – Liberdade poética, meus senhores!

MENDES BRITO – Com dois dedos de malícia...

RAUL – E pessimismo de anarquista.



FONSECA – Perdão! A luta contra o capital não é possível sem a revolução. E tudo quanto saia deste terreno, é improfícuo, é banal e é irrisório.

RAUL (*a Ramos*) – Quase que me arrependo de havê-lo feito ficar.

FONSECA – E agora é ouvir-me. A Inglaterra já tentou chamar para o Estado a exploração de todas as grandes indústrias. E qual foi o resultado? Vós o sabeis tão bem como eu. Os progressos espantosos da mecânica despediram por inútil o braço de um milhão de operários, e eles por lá andam famintos em busca de trabalho, que não encontram na cidade, porque esta quer lacaios[,] e que não encontram no campo, porque este quer escravos!

MENDES BRITO – O que diz, tem muito de verdade. O Estado não pode nem deve fazer competência à iniciativa particular. A absorção apenas se justificaria no caso excepcional de um absoluto monopólio de toda a atividade mercantil e industrial...

RAUL – O que seria absurdo!

MENDES BRITO – De acordo... E que permitisse distribuir pelas classes proletárias metade da renda da formidável exploração. Mas com franqueza: – a hipótese pertence ao domínio das utopias.

RAMOS – E da loucura!

ATAÍDE – Apoiado!

MENDES BRITO – O operário, como pensionista do Estado, entregar-se-ia a um estado beatífico de inércia, que o levaria à negação de todos os estímulos; e fácil é compreender a inconveniência de uma situação que não tem o trabalho como regulador das nossas mais nobres energias.

#### Cena VI

#### OS MESMOS e CLARA.

CLARA (*em traje de espetáculo. Vem acompanhada de um criado que traz uma bandeja com cálices e garrafas*)<sup>38</sup> – Eu mesma quero ter a honra de os servir. (*Tenta tirar uma garrafa da bandeja*).

RAMOS – Jamais o consentiria. (*Toma-lhe a garrafa e a meia-voz*). Está enfim resolvida?

CLARA (*a meia-voz*) – Sim! (*Enche os cálices*).

RAUL (*oferecendo um cálice a Mendes Brito*) – Bebamos à nossa reconciliação!

FONSECA – À guerra contra o capital!

CLARA – E à emancipação da mulher!

MENDES BRITO (*acercando-se de Ataíde*) – Quem é esta senhora?

ATAÍDE – Uma governanta...

MENDES BRITO – Somente isso?

---

<sup>38</sup> Na edição original, esta rubrica consta no espaço destinado aos nomes das personagens que figuram na cena.



ATAÍDE – E amante, se o quiser...

MENDES BRITO (*que olha para a porta do fundo*) – E aquela?

ATAÍDE (*assombrado*) – Janina!

RAUL (*com voz surda*) – Janina!

Cena VII

[OS MESMOS e JANINA.]

(*Janina, à porta, em traje de viagem, despede o criado que a acompanha, com um gesto de soberano desprezo.*)

JANINA (*a Raul*) – Que assombro é esse?! (*Com grande calma irônica*). Sinto que te venha perturbar em meio dos teus bons amigos. Mas tu me vais perdoar... Sempre ouvi dizer que os hotéis no Rio são perversamente detestáveis... E tu compreendes que na casa de um bom marido deve haver sempre uma pequenina alcova para a sua querida mulherzinha... (*Detém-se a examinar o interior da sala*). Bravo! Estás instalado como um verdadeiro artista! (*Reparando em Clara*). E que bela criada que tens a teu serviço!...

RAUL – Senhora!

JANINA (*a Clara*) – Vem cá, rapariga! Ajude-me a tirar este chapéu!

CLARA – Dê-me licença! Vou chamar os meus criados...

RAUL (*imperioso*) – Clara!

JANINA – Com que então a senhora tem criados... (*muito pausadamente*) e o meu marido...

CLARA – Tem por dever dizer-lhe se eu sou aqui demais...

JANINA – Raul! (*Toma-lhe as mãos*). Fita-me bem de frente! Vê se estes olhos não são os mesmos que abençoaste com os teus beijos!... Vê se estes lábios não guardam ainda o perfume dos nossos juramentos de amor!... Vê se este rosto, que tantas vezes escondeste no acolchoamento dos teus braços, não é o mesmo em que lias o Evangelho da tua suprema felicidade!... Estas palavras são tuas! Eras tu que mas dizias... Pois bem! Em nome desse passado de carícias, em nome do nosso noivado estonteante, em nome de todos os nossos estremecimentos de amor, faze um sacrifício!...

RAUL (*libertando as mãos*) – Senhora! Eu não suporto esta cena! O ridículo é por demais pungente...

JANINA (*sem ouvi-lo*) – Faze um sacrifício... É Janina quem to pede!...

RAUL (*exaltado*) – Diga! Que deseja?...

JANINA (*aponta para Clara*) – Enxota esta mulher!

RAUL (*para os amigos*) – Meus senhores! Peço-lhes que desculpem este trecho de melodrama. Minha mulher desvaira!

ATAÍDE (*acercando-se rapidamente de Clara*) – Peço-lhe... Saia!

RAUL (*fitando Clara, despede-a resignadamente com um movimento de cabeça. Clara sai com altivez.*)



JANINA – Infâmia! E foi esse o homem a quem confiei a defesa da minha honra! E foi esse o homem a quem dei meus lábios a beijar! Meu Deus! De quantas lamas fizeste tu essa abominável criatura, que é na terra todo o teu orgulho! Como é que há um coração que possa conter a lepra de tanta ignomínia? Como é que se prolonga no colo de uma amante a toada carinhosa que um lábio santo segredava ao ouvido de uma esposa?! Como é que o mesmo joelho se pode vergar no lar e nos prostíbulos? Não! Não! Este homem nunca me teve afeto. O seu amor era a eclosão de um capricho; era a mentira no disfarce sagaz de palavras doces, que dos leitões impudicos trazia decoradas! E a mão não lhe tremeu quando lhe entreguei, às cegas, destino e mocidade! (*A Raul*). Bárbaro! Amei-te, como se pode amar aos vinte anos, quando o rubor de noiva nos trai o primeiro estremecimento de segredos adivinhados... Amei-te com delírio, sofregamente, na exaltação de toda a minha alma sonhadora... Nas minhas horas de concentração, dorida e ansiosa, o meu espírito ávido de carícias, voava para ti! E eu buscava-te a frente, buscava a proteção do teu peito generoso, no mesmo instante em que uma mulher desprezível, com o seio desnudado por cem mãos, entrava contigo para a alcova das grandes abominações... Deus! Meu Deus! Que dor e quanta infâmia! (*Cai sobre uma poltrona em choro convulso*).

MENDES BRITO (*a Raul*) – Vai me desculpar... Eu me retiro.

RAUL – Sou eu que lho peço: – fique!

RAMOS (*a Raul, estendendo-lhe a mão*) – Quando a calma lhe for restituída...

MENDES BRITO (*atalhando*) – Diz bem. (*A Raul*). É escusado afirmar-lhe que fico à sua inteira disposição.

RAUL (*resignando-se, aceita o aperto de mão e acompanha-os até à porta*) – Se assim o querem...

(*Saem Mendes Brito, Ramos e Fonseca*).

ATAÍDE (*aproximando-se de Janina*) – Senhora! Está a seu lado um amigo. Diga! Quer a minha intervenção? Acredita que lhe possa restituir a felicidade?

JANINA (*pausadamente*) – Não! Morreram todas as minhas mais caras ilusões... (*Levantando-se*). Nesta casa, meu velho amigo, nada mais tenho que fazer... Sou eu... Compreende bem? Sou eu a mísera enxotada!

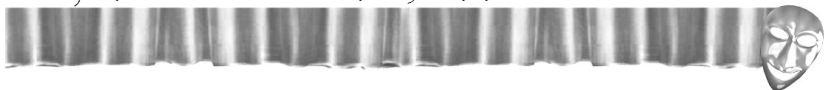
ATAÍDE – Vamos! Raul ainda está assombrado pela comoção da surpresa. E se me permite, desejaria tentar uma conciliação...

JANINA – É inútil! Dora em diante, entre nós, nada mais pode haver de comum. A separação é fatal!

RAUL – Sim! É isso mesmo o que a minha dignidade impõe...

ATAÍDE – Mas tu não falas sério!

RAUL – Desgraçadamente, muito sério... Semelhante desfecho é o único recurso possível para um escândalo de tal forma risível!



JANINA (*com muita calma*) – O senhor ouviu-o... Pois bem: – conto com a sua boa amizade. Confio-lhe as dores de minha causa.

ATAÍDE – Aceito-a com uma dor maior...

JANINA – Só uma coisa lhe peço... Promete-me obedecer?

ATAÍDE – Mande-me e será obedecida!

JANINA – É um desejo infantil; é uma súplica que não quisera ver negada. Quando venderem ou partilharem tudo que foi nosso, veja se não me levam um berço, um pequenino berço de cortinado cor-de-rosa, que ele comprou num dia de felicidade passageira. Julgou comigo que ia ter a ventura de ser pai. Foi uma ilusória e doce sofreguidão de noivos!... E trouxe-me o berço, esse adorado berço de cortinado cor-de-rosa, onde quero hoje embalar as minhas mortas ilusões...

ATAÍDE (*contendo a emoção*) – Farei o que me pede.

JANINA – E não lhe diga nada!... (*Lança um olhar vago em torno*). E agora, adeus!

ATAÍDE – Para onde vai?

JANINA – Amanhã o saberá! Adeus! (*Retira-se vagorosamente. Quase ao chegar à porta, rompe em soluços*).

RAUL (*com desespero*) – Janina!

JANINA (*voltando-se, com ênfase e altivez*) – Acabado... Tudo!

CAI O PANO.



## ATO II

*Gabinete luxuoso, com janelas laterais; a da direita conserva-se fechada. Noite de baile em casa do banqueiro Dantas. A espaços ouve-se uma orquestra por detrás dos bastidores.*

### Cena I

RAUL e ATAÍDE.

ATAÍDE – E não a encontraste ainda!

RAUL – Uma só vez apenas, como sabes. Foi no Catete; passara num carro em deslumbramento de visão. Depois...

ATAÍDE – Seguiste-a.

RAUL – Quis segui-la; mas ia longe, levando para o seu esconderijo a dor de a não ver mais... Nunca mais[,] talvez!

ATAÍDE (*consigo*) – É uma mulher extraordinária! (*A Raul*). E tu naturalmente tens continuado a procurá-la com insistência.

RAUL – É a minha dolorosa preocupação destes últimos meses.

ATAÍDE – O mesmo acontece comigo. E como tu, tenho pela frente um mistério, que é tanto mais pungente, quanto mais decidida é a simpatia que dia a dia vejo crescendo por essa adorável criatura.

RAUL – Estava em tuas mãos não a perderes de vista.

ATAÍDE – Como te enganas! Janina foi sempre a mulher das extremas resoluções. No seu espírito já existe a apregoada emancipação moral de que tanto nos falam os teóricos da propaganda feminista.

RAUL – Casei-me com uma doente.

ATAÍDE – Casaste com um anjo. Não confundas emancipação moral com emancipação intelectual. Esta pressupõe uma soberania desastrada pela ambição; aquela uma soberania encantadora pelo dever.

RAUL – Mas em suma: – Esta situação não se prolongaria, se tivesse continuado a cultivar-lhe a amizade.

ATAÍDE – Mais de uma vez te tenho dito: – a minha amizade lhe seria uma seqüência de reminiscências do passado. E este passado lhe era forçoso esquecer.

RAUL – Como isto tudo é atroz!

ATAÍDE – Durante dois meses, enquanto me ocupava com o desgraçado andamento do divórcio, eu a via frequentemente, sem que jamais me fosse negada a sua porta. Uma vez a ação concluída, teve ela para mim um grande abraço enternecido; e heroica, reprimindo as lágrimas, viu-me partir, sem proferir outra palavra que a do perdão pelo serviço penoso que a minha dedicação lhe prestara.

RAUL – E nada mais te disse?



ATAÍDE – Nada mais! Absolutamente nada que me fizesse entrar no segredo do seu destino.

RAUL – E quando penso, meu Ataíde, que tu buscaste abrir-me os olhos na cegueira da minha torpe ligação!... (*Em arranço nervoso*). Ah! Clara nunca me deveria ter merecido tão cruciante sacrifício!

ATAÍDE – Que queres? O mal está feito. E agora é sofrer-lhe as consequências.

RAUL – Mas a culpa não foi só minha! Janina deveria ter evitado o escândalo... Aquela surpresa foi uma insensatez!

ATAÍDE – Não a crimines! Buscando a tua casa, ela não poderia adivinhar aí a presença de uma mulher. Suspeitava a amante, sem deixar de confiar na correção de seu marido. Se lhe houvesse passado pelo espírito a possibilidade de encontrar o seu lar invadido, com certeza não deixaria a companheira de viagem, com quem depois, ao ver-se abandonada, teve a felicidade de se hospedar.

RAUL (*abstrato*) – É isso mesmo... (*A Ataíde*). Mas concorda: – eu deveria ter sido mais previdente ao defender uma instituição, que torna o arrependimento quase improficuo e a ventura para sempre perdida!

ATAÍDE – É justo o teu ato de contrição.

RAUL – Perdão! Sou mal compreendido. Não se trata de destruir o que fiz. O que condeno é a facilidade processual; é a sofreguidão da sentença, que dissolve facilmente em dez meses o que levamos[,] com juramentos[,] a cimentar em dez anos.

ATAÍDE – Caminhas para as minhas teorias.

RAUL – Longe disso. O divórcio não admite meios termos. Quero-o absoluto: – mas há uma emenda a fazer. Uma sentença não deveria ser proferida, sem que o decurso pelo menos de quatro anos viesse provar de um lado ou de outro a impossibilidade de uma aproximação.

ATAÍDE – É uma face da questão encarada em teu benefício. E[,] todavia[,] há os crimes mais frequentes de atentados à honra, em que esse longo prazo parece uma concessão ridícula e vergonhosa.

RAUL – E a bala[,] para que serve? Pois ousas acreditar que Janina pudesse estar hoje viva, se eu a tivesse surpreendido em pecado contra a minha honra?

ATAÍDE – É pavoroso o que estás para aí a dizer! O divórcio não foi feito para defender tão somente a honra de um homem. Mais do que isso, deve ele aproveitar à mulher, que também tem a sua honra maltratada na mancebia do marido, e que também tem a sua liberdade a reivindicar nas crueldades do seu algoz!

RAUL – Será o que quiseres. Mas em qualquer dos casos, quando a solução brutal da desafronta pela morte não venha de vez separar o casal, uma sentença protelada e suspensa será sempre uma sentença de Direito.

ATAÍDE – Mesmo nos casos de adultério?



RAUL – Mesmo nos casos de adultério!

ATAÍDE (*levantando-se e como falando consigo*) – A dor tem destes ensinamentos! (*Grande pausa. Passeia até ao fundo*).

RAUL (*despertando de uma grande concentração*) – Mas eu endoideço quando penso que tudo se poderia ter evitado, se alguns dias antes me tivessem caído nas mãos as provas de traição daquela abominável especuladora!

ATAÍDE – Clara fez contigo o que há de fazer ao amante que te sucedeu. As mulheres têm o parentesco das flores: – umas são feitas para o desabotamento das alvoradas; outras para o estonteamento das noites pecaminosas.

RAUL – Dizes a verdade. E o pior é que o mundo me está inspirando uma repugnância invencível, que acabará por me matar todos os estímulos. Tu bem vês: – no Parlamento[,] sou hoje uma simples figura decorativa. Ninguém mais se teme da minha eloquência, que passou a ser a eloquência das lágrimas, choradas como um covarde no isolamento do meu triste gabinete.

ATAÍDE – Não te deixes acovardar! A pátria é também uma família[,] que precisa do concurso de todas as inteligências.

## Cena II

### OS MESMOS, FONSECA e MENDES BRITO.

FONSECA (*que se aproximara*) – E de uma bomba de dinamite!

ATAÍDE – Era só o que nos faltava! Pelo que vejo, o senhor ainda continua aferrado às suas extravagantes teorias de demagogo vermelho!

FONSECA – É como diz. Quanto mais observo as coisas, mais vontade tenho de maldizer esse estúpido espasmo de duas boas criaturas que com um beijo fizeram nascer mais um espectador para tantas vilanias e iniquidades!

RAUL (*a Ataíde*) – Dá-me licença. (*Afasta-se para conversar com um amigo, ao fundo, e sai*).

ATAÍDE (*a Fonseca, fazendo notar a retirada de Raul*) – Olhe! Com tais blasfêmias o senhor fica ameaçado de falar às moscas.

FONSECA – Há para tudo uma lei de compensação. (*Nota Mendes Brito que se aproxima*). Perco um vencido e ganho um lutador eminente. (*Aponta para o recém-vindo*).

MENDES BRITO (*cumprimentando-os*) – Não serei um intruso?

ATAÍDE – Acerque-se, doutor! Este nosso poeta pensa que o mundo pode caber dentro dos quatorze versos de um soneto!

MENDES BRITO – E daí?

ATAÍDE – Arremete contra tudo que não pertença aos delírios de sua fantasia.

FONSECA – São modos de compreender as coisas. Eu dizia ao senhor advogado que nada justifica o apego com que costumamos acariciar a vida. E se não, vejamos! O homem nasce por um esforço selvagem da natureza: – e há lágrimas! O homem cresce em meio de livros que detesta e de uma disciplina que maldiz: – lágrimas sempre! O homem emancipa-se, atira-se ao trabalho e





a sorte aos pontapés lhe fulmina as energias: – lágrimas ainda! Constitui família; a sociedade repele-lhe a mulher porque não tem escudos de linhagem nem pergaminhos de burguesa apatacada. Lembra-se o desgraçado, um dia, da ventura de ser pai. E o que é que lhe sucede? Apenas isto: – o desespero entra pela porta, por onde sai descarnado o braço que vai pedir a esmola. Nada mais lhe resta a não ser o recurso estúpido do punhal. E se é certo que as mais das vezes prefere pacatamente morrer pelos hospitais, fica sendo esse o único momento em que as lágrimas estancam, porque a mulher que as devera derramar, foi procurar nos braços de outro homem o pão amargurado para a boca de seus filhos!

MENDES BRITO (*de braços cruzados, em atitude cismadora*) – E[,] todavia[,] é essa a verdade esmagadora!

ATAÍDE (*exaltando-se*) – A verdade? E é o senhor quem o diz? Que o pense um fantasista, admite-se. Mas repeti-lo[,] o senhor, que é um espírito prático, que é um fator da nossa moderna legislação!... Palavra de honra! Eu não pensava que o absurdo estivesse assim a ponto de solapar a consciência nacional!

MENDES BRITO – Perdão! Eu não vou até às conclusões extremas deste belo espírito anarquizado... (*Aponta para Fonseca*). Mas a verdade não se pode torcer.

ATAÍDE – O senhor assombra-me!

FONSECA – Simplesmente[,] porque não quer ver!

MENDES BRITO (*a Fonseca*) – Diz bem! (*A Ataíde*). Escute-me: – existe ou não existe uma doença perigosa, que dá pelo nome de revolta e que anda a trabalhar o espírito dos desgraçados?

ATAÍDE – É a doença de todos os tempos.

MENDES BRITO – Admitamos que o seja. Mas há de também convir que são gravíssimas as crises da sua febre, exigindo sangrias abomináveis, como essas hecatombes das guerras religiosas libertando o pensamento e como essas guilhotinas hediondas ensopando em lama o código da liberdade humana!

FONSECA – Muito bem!

ATAÍDE – Mas, vós outros, o que é que quereis mais? Não tendes dentro das modernas constituições todas as liberdades outorgadas?

MENDES BRITO – É verdade.

ATAÍDE – Não tendes o Estado funcionando sem o conúbio das religiões? Não tendes o imposto proporcional onerando o Capital? Não tendes o proletário associado à percentagem lucrativa das fábricas?

MENDES BRITO – Sim. Tudo isso é uma belíssima verdade. Mas falta-nos ainda o espírito de justiça, sem o qual não se poderá estorvar a proteção ou a preferência na odienta e eterna questão das castas dirigentes!

FONSECA (*a Mendes Brito*) – Venha de lá essa mão! É assim que eu gosto de ouvir falar!



Cena III

OS MESMOS e MELO DANTAS, tomando o braço de Raul.

RAUL (*avançando com Melo Dantas*) – O nosso poeta entusiasma-se!

MELO DANTAS – Alguma questiúncula amorosa...

RAUL – Engana-se. A guerra é contra vossa excelência; é a guerra do Capital.

MELO DANTAS – Pois é injusto. Quando comecei a vida, meu pai morria-me nos braços, sem me deixar sequer o dinheiro necessário para o luto. Trabalhei, suei e venci! Pois faça como eu!

RAUL (*apontando para Fonseca*) – São palavras de sonhador. E olhe: – quer ver como lhe acalmo a indignação?

MELO DANTAS (*rindo*) – Estou curioso.

RAUL (*tocando no ombro de Fonseca*) – Trata-se de uma aposta. Afirmei ao senhor Dantas que ainda hoje não te havias abancado à mesa do jantar.

FONSECA – E casualmente foi a verdade que disseste!...

RAUL (*a Melo Dantas*) – Vê?

MELO DANTAS (*a Fonseca*) – Pois se me permite, quero ter o prazer de o levar a uma copa reservada, onde as melhores iguarias esperam os amigos do meu maior apreço.

FONSECA – E eu aceito, na certeza de que vou criar mais forças para a defesa do meu ideal.

MELO DANTAS – Pois seja assim!

(*Saem Melo Dantas e Fonseca[,] de braço dado*).

Cena IV

ATAÍDE, RAUL e MENDES BRITO.

ATAÍDE (*olhando para os dois que se retiram*) – É aquilo que eu dizia! Neste mundo tudo se resume nisto: – barriga, barriga e mais barriga!

RAUL – São as exigências da luta pela vida...

MENDES BRITO – Cada vez mais desesperadora!

RAUL – E a gente até chega a espantar-se de poder apertar a mão a um homem de caráter.

MENDES BRITO – Quando vossa excelência assim pensa, não é de pasmar que tenhamos espíritos revoltados, como esse do nosso pobre Fonseca.

RAUL – A culpa, caro colega, cabe em grande parte a nós, que governamos. Os ódios que vão açulados por esse mundo não derivam espontâneos dos albergues e oficinas.

MENDES BRITO – Penso também assim.

RAUL – O trabalhador, que tem um bocado de pão para dar aos filhos, nunca se lembrou de armar trincheiras nem de pregar revoltas.



MENDES BRITO – Compreendo-lhe o pensamento. A origem quer vossa excelência ir buscar ao meio anarquizado dos intelectuais em abandono.

RAUL – Isso mesmo!

MENDES BRITO – Pois desça sobre os governos esse espírito de justiça[,] de que há pouco falei ao doutor Ataíde. Em todos os países onde a Arte, ao lado da recompensa material, recebe o culto público da veneração, o socialismo deve triunfar sem abalos nem revoluções. A questão está em que os governos saibam aproveitar as aptidões de todos os que trabalham pelo talento. Onde a Arte triunfa, aí se encontra a Verdade. Não acham que tenho razão?

#### Cena V

OS MESMOS e LAURA BRITO, ao braço de um convidado.

LAURA BRITO (*intervindo*) – Aqui estou eu[,] que não lhes dou nenhuma! (*Para o convidado, cujo braço abandona*). Obrigada!

(*Sai o convidado*).

RAUL (*cumprimentando-a*) – Vossa excelência fez bem em vir destruir o pessimismo da nossa palestra[,] com a sua presença preciosa.

LAURA BRITO – E por quê? Se não sou indiscreta...

RAUL – Porque, entre nós, não se faz outra coisa senão abordar este eterno e estafado tema da política, que tem sido uma madrasta para as energias mais esclarecidas.

LAURA BRITO – Pois veja como eu estava enganada!

MENDES BRITO (*a Laura*) – Acreditavas[,] então...

LAURA BRITO – Que a mulher era um assunto favorito, sempre que na roda se encontrava o meu adorado maridinho.

RAUL – Vossa excelência – creio – não deve ter razões para acusá-lo! Chegarei mesmo a afirmar...

LAURA BRITO – Já sei o que me vai dizer. Será até capaz de jurar que o seu amigo guarda o contrato de núpcias como Moisés guardava as tábuas do Sinai!

RAUL – E por que não, se esta é uma verdade que ninguém ousará contraditar?

LAURA BRITO (*a Ataíde*) – E o senhor doutor Ataíde será da mesma opinião?

ATAÍDE – Inteiramente da mesma, minha senhora! Mas também é ele o único homem sobre quem me disponho a aventurar um semelhante juramento.

MENDES BRITO (*a Ataíde, que lhe está ao lado*) – Obrigado!

ATAÍDE (*a Mendes Brito*) – Não há de quê! É um juramento falso!

LAURA BRITO – É caso para me sentir profundamente lisonjeada. E[,] todavia, mais do que a vaga certeza da fidelidade de meu marido, devem comover-



-me estas demonstrações de afeto que lhe estão dando dois amigos de tão reconhecida austeridade.

RAUL – Gentileza que me penhora!

*(Ataíde também se inclina, agradecendo).*

LAURA BRITO *(a Mendes Brito)* – Dou-te os parabéns por semelhante devotamento. Mas aqui entre nós: – julgas mesmo que acredito na impecabilidade do teu amor?

MENDES BRITO – Se eles o dizem!...

LAURA BRITO *(amorosa)* – Ora[,] deixa-te de ingenuidades!... Eu bem sei o que fazes lá por fora, quando me entras, à meia-noite, em casa, pé ante pé, com medo que me acorde. Vens do *club*, não é verdade? Tu vens sempre do *club*... *(amuada)* desse *club* que detesto!...

MENDES BRITO *(com carinho)* – És adorável! *(A Raul e Ataíde)*. Deem-me licença! Pertence-nos esta valsa.

*(Saem Mendes Brito e Laura).*

RAUL *(a Ataíde)* – Como invejo semelhante felicidade!

ATAÍDE – Pobre amigo! A ti, a ti somente, cabe a culpa de a teres uma vez perdido... *(Convidando-o)*. Não vens daí?

RAUL – Não! A dança não me seduz.

ATAÍDE – Pois então consente que te deixe. *(Vai a sair, mas repentinamente estaca. Raul, que não se apercebeu do espanto do amigo, deixa-se cair sobre uma poltrona).*

## Cena VI

JANINA, ao braço de MELO DANTAS.

MELO DANTAS *(levando-a para uma poltrona, em situação oposta à de Raul)* – Nesta sala particular estará vossa excelência mais à vontade. O ar que vem do jardim traz com deliciosa frescura o perfume das magnólias.

JANINA *(sofredora)* – A minha flor predileta.

RAUL *(reconhecendo a voz e voltando-se bruscamente)* – Janina! Aqui!...

ATAÍDE *(que espreita os movimentos de Raul, chegando-se-lhe ao ouvido)* – Calma! Não te deites a perder!...

MELO DANTAS *(a Janina)* – Sente-se melhor?

JANINA *(menos ofegante)* – Sim... Estou melhor. O ar abafado das salas produz-me estes desmaios que me fazem horrivelmente sofrer...

MELO DANTAS – Nervos, minha senhora! E[,] quem sabe? A dança... O natural cansaço...

JANINA – Não! O meu mal é outro... Muito outro! Mas não faça caso! Vá para as salas! Sinto-me bem aqui, respirando o ar da noite, que, como o senhor diz, vem perfumado de magnólias... Das minhas magnólias adoradas.



RAUL (*intervindo, a Melo Dantas*) – Se vossa excelência permite...

JANINA (*com voz abafada e assombro*) – Deus!

RAUL – ... eu quisera ter a honra de o substituir.

MELO DANTAS – Com pesar a abandono. É um espírito de eleição, para quem são poucas todas as reverências! (*Inclinando-se*). Permitam-me!

(*Sai Melo Dantas*).

Cena VII

JANINA, RAUL e ATAÍDE.

(*Este [último], com expressão de sobressalto, retira-se para o fundo, em atitude vigilante. A orquestra rompe o sinal para a quadrilha*).

RAUL (*apaixonado*) – Não me repila! Não me amaldiçoe! No meu espírito existe a impressão de alguma coisa de vago... de estonteante, assim... como o despertar de um sono opiado, cuja influência quisera prolongar indefinidamente!...

JANINA – Senhor!

RAUL – Tem razão! Devera merecer-lhe o mais soberano dos desprezos. Bem sei! Fui indigno... Fui vil! Toda a sua indignação é frouxa; toda a sua revolta é justa! Mas eu era um fascinado! A leviandade levou-me para os braços de uma mulher, cuja memória odeio e cujos beijos cuspo com nojo e maldição!

JANINA – Quer que me levante?

RAUL – Janina! Esqueça[,] por piedade[,] esse trecho doloroso da minha vida! Não leve a crueldade ao ponto de inutilizar um homem, que aqui lhe está fazendo o mais sincero ato de contrição... porque a ama, porque nunca deixou de a amar! Ouviu? Porque a adora religiosamente com esse fanatismo atroz dos tresloucados!

JANINA (*erguendo-se*) – Deus! E eu não me sinto com forças de expulsá-lo!

(*Rompe a quadrilha*).

RAUL – Ouça-me, Janina! Um momento de insensatez tem-me valido longos dias de pavorosa consternação. Desde que uma lei fatídica nos separou, não tenho feito outra coisa, senão buscá-la... Buscá-la sempre... Buscá-la por toda a parte, ansiando pelo instante em que possa merecer o seu dulcíssimo perdão!

JANINA – E com que direito o senhor procura uma mulher, que antes da lei arrancá-la dos seus braços, já estava de há muito separada pelo repúdio e pelo insulto?

RAUL – As suas palavras magoam-me. Mas é justo que as ouça submisso, impotente, vencido, sem esse direito da cólera que deve sentir todo aquele que é maltratado, enquanto suplica o perdão!

JANINA – Ameaça-me?



RAUL – Eu?! Ameaçá-la! Julga-me assim tão rude e descortês?!

JANINA – E por que não? Houve um dia em que lhe atirei aos pés a minha alma súplice e amargurada. E o senhor não foi descortês... Foi mais do que isso!... Foi...

RAUL (*interrompendo, com calma*) – Basta! Já lhe disse, Janina, que toda a sua indignação é justa. Desafiei o seu ódio; incorri na mais legítima execração. A senhora vingá-se, e eu não ousou condená-la. Mas lembre-se que todo pecado tem o seu momento de reparação. A revolta sem tréguas, a aversão implacável, o anátema, a cólera, tudo se compreenderia, se eu ainda insistisse na expiada insensatez! O seu desprezo impiedoso ainda se absolveria, se eu continuasse a manter essa ligação vergonhosa...

JANINA (*ligando a frase e com ironia*) – ... tão cheia de encantos proibidos!...

RAUL – ... ligação tanto mais incompreensível quanto mais santa era aquela que alucadamente eu esquecia!

JANINA (*ainda irônica*) – Mais de uma vez, nos velhos dramas, tenho ouvido essa toada grotesca de arrependimento!

RAUL – Aí vem a ironia, depois da injúria! Quer sobre mim o ridículo, com todo o cáustico das lágrimas! Não lhe basta a minha humilhação; não a comungem as torturas do meu espírito; não a comove a confissão desta alma sofredora!... Quer ir mais longe! Quer que a sociedade me aponte como um vilão, que se põe de joelhos diante de uma mulher que é sua!...

JANINA – Sua?!

RAUL – Minha!... E que[,] todavia[,] o repele!

JANINA – Perdoo-lhe! É uma desastrada ingratidão de memória...

RAUL – Que trago de propósito obliterada, para não me lembrar do dia, em que, altiva, a senhora saiu de minha casa, levando nos lábios um grito de vingança, quando o meu pecado era o pecado de todos os homens... Quando sabia que eu a amava sempre, que não a podia esquecer, porque nunca se esquece a mulher, que aos vinte anos nos iluminou todo o céu azul da irrequieta fantasia!

JANINA – Raul!

RAUL (*apaixonado*) – Sim! Deixa-me repetir que és minha... Tão somente minha! A lei violou um direito. Não se separaram dois corações que nasceram para o mesmo ritmo do afeto. Nós estávamos irmanados numa deliciosa comunhão de dores e alegrias... Havíamos fundido num mesmo juramento todo o nosso destino misterioso, com os meus triunfos, com as minhas decepções, com os teus carinhos, com os teus estímulos!... Só a morte deveria ter o poder de nos separar por um instante... E por um instante, o digo, porque quando me fosse o lar despovoado, eu te iria[,] sófrego[,] procurar onde quer que te escondessem os ciúmes profanos desse bom Deus, que cegamente adoras! Compreende-me bem, Janina! Quando apelei para o tribunal, era uma falsa dignidade que pedia reparação; agora[,] que apelo para ti, é o amor, um amor infinito, que pede o teu perdão!



JANINA – Enfim! Enfim o tenho contrito, ouvindo de seus lábios a condenação de uma loucura irreparável! Por que é que um anjo bom não o inspirou no momento em que fui aos seus braços buscar a minha honra e o meu amor roubado? Por que é que não deixou escorrer sobre mim esse olhar carinhoso, que hoje vem[,] tardio, cair como um insulto, a pedir sangue?!

RAUL – Que diz? Insulto!... Sangue! Terei ouvido bem?

JANINA – Sim! O seu amor é hoje uma afronta! E embora me doa confessá-lo, é preciso que também saiba que nunca o deixei de amar!

RAUL (*acariciador*) – Janina!

JANINA – O que tenho sofrido, depois que me abandonou, é uma história de horribéis dilacerações, que em plena mocidade me povoam a cabeça de cabelos brancos! Jamais saberá como fere a punhalada do ciúme! Jamais conseguirá compreender como nos mata a carícia que o homem adorado leva aos lábios de uma amante! Eu sofri tudo isso... E sofri muito mais, quando o vi em liberdade... Quando abandonei o terreno, que os pés de uma rival pisavam triunfantes! Quisera que contasse as minhas lágrimas, derramadas no mais pungente isolamento, sem uma mão amiga para as estancar, sem uma palavra de conforto para as reprimir... O senhor era pobre; foram fracos os recursos que me deixou...

RAUL – Cala-te! Suplico-te...

JANINA – Não! Este momento é decisivo; e eu quero que mais uma vez possa o senhor medir a imensidade da nossa desventura. Para viver, tive que lutar com desespero. Estas mãos, que tantas vezes beijou, costuraram durante muitas noites a roupa dos marujos; estes olhos, que tantas vezes acariciou, fitaram[,] avermelhados[,] a eclosão repetida das madrugadas...

RAUL (*interrompendo, excitado*) – Mas este teu luxo de agora?! A tua presença aqui! Deus!... Terás descido...

JANINA – Não me insulte! Deus que veste os ninhos, também sabe vestir as desgraçadas. Tive a coragem heroica que a honra nos empresta. E quando assim buscava[,] num trabalho honesto[,] o prolongamento de uma vida amargurada, muitos e muitos momentos houve, em que tinha pela frente a sua imagem adorada, que eu não podia repelir, porque ela representava todo o meu passado, com as minhas mais caras esperanças e com o atordoamento de todo o nosso amor!

RAUL (*amoroso*) – E eu que nunca te ouvi falar assim!

JANINA – Eram esses, trechos deliciosos no país dos sonhos... Depois, a realidade sobrevinha; e quando eu me via desprezada, humilhada, sem um único olhar que descesse a bondade sobre o meu martírio, quando tudo me fugia no aniquilamento das minhas mais belas aspirações, chegava a invejar as crianças orfanadas, porque tinham a comiseração das almas boas; chegava a debruçar-me sobre a sepultura, porque tinha um recanto, onde sei que adormecem todos os sofrimentos... (*Consigo*). Ó destino desapiadado! Para se consumir o suplício, estava-me reservada esta hora atordoadora, em que lhe ouço o cântico do noivado, sem que os meus braços se possam distender



na febre irresistível dos carinhos. Desgraçada que eu sou!... (*Extenuada, prorrope em choro convulso*).

RAUL (*indo até ela, para tomar-lhe as mãos*) – Anjo adorado! Dize-me: – que devo eu fazer para resgatar o teu suplício?

ATAÍDE (*que se conservava ao fundo, em atitude de prevenir a aproximação de qualquer intruso*) – Raul!

(*Cessa a quadrilha. Janina não repele Raul. E ao tirar o lenço dos olhos, mostra-se extremamente cansada. Sintomas da moléstia, que não devem ser exagerados*).

RAUL (*a Ataíde, que se aproxima*) – Olha! (*Risonho*). Aqui a tens, divina de comoção, restituída à sofreguidão dos meus braços!...

ATAÍDE – Enganas-te, desgraçado! Ela sofre...

RAUL – De amor... de amor por mim!

JANINA (*tentando sorrir*) – Ar! Um pouco de ar!

ATAÍDE – Um momento... (*Corre a abrir a janela do lado oposto, que se conservava fechada*).

RAUL (*a Janina*) – Estás aflita? Que tens?

JANINA – Não é nada... Passou! (*Erguendo-se e reparando em Ataíde*). Obrigada, meu amigo! (*A Raul*). E agora... Adeus!

RAUL (*assombrado*) – Adeus! Mas julgas que eu te possa agora abandonar?! Pois não vês que eu suspirava ardentemente, loucamente, por este momento de felicidade? Não compreendes que és minha... Para sempre[,] minha?

ATAÍDE (*tentando tomar-lhe o braço*) – Vamos! O lugar é impróprio para estas cenas. Não tarda gente aí... Queres que a acompanhe à sala?

RAUL – Não! Ela há de ir pelo meu braço! Dei um escândalo pelo divórcio... Darei um outro pela reparação!

JANINA – Impossível, senhor! Entre nós, como já uma vez o disse, está tudo irremediavelmente acabado!

RAUL – E és tu que o dizes? Não te abala a santidade das minhas intenções? Não te basta, para vingança, esta expiação dolorosa? (*Corre para ela*). Janina! Dá-me o teu braço!

JANINA (*repelindo-o*) – Não!

#### Cena VIII

[OS MESMOS.] Assoma ao fundo GUSTAVO AMARAL.

AMARAL (*expansivo, a Janina*) – Olá! Até que enfim te encontro! Mas como estás pálida! Tinhas razão... Fiz mal em consentir que viesse para aqui dançar...

RAUL (*com voz surda, a Janina*) – O teu amante!

JANINA (*a meia-voz, a Raul*) – Não! (*Corre alegre para o lado de Amaral, que é por ela apresentado a Raul*). O meu marido!

CAI O PANO.





### ATO III

*Sala com janelas laterais em casa do negociante Gustavo Amaral. Do lado esquerdo, junto à porta do fundo, há uma secretária, tendo uma pistola em uma das gavetas. Ao centro vê-se uma mesa, ladeada por poltronas. Os ângulos da sala devem estar ornados com floresiras.*

#### Cena I

AMARAL e DR. ALVIM.

DR. ALVIM – Sobretudo, muito cuidado! Evite-lhe as emoções.

AMARAL – E julga grave o seu estado?

DR. ALVIM – Para que mentir-lhe? Certos sintomas indicam que estamos diante de um caso muito sério.

AMARAL – Mas não desesperador!

DR. ALVIM – Felizmente[,] ainda não! E[,] todavia[,] ela ia muito melhor. Lastimo esta agravação repentina. As moléstias de coração, quando há higie-ne de alma, têm um largo período de estacionamento. E Janina estava neste caso.

AMARAL – Atribuí[,] então...

DR. ALVIM – Evite-me dizer-lhe a que devo atribuí-lo. O senhor é um homem inteligente e já me deve ter lido o pensamento. Só o que lhe posso adiantar é que esse estado se complica.

AMARAL – E de há uma semana para cá!

DR. ALVIM – Justamente.

AMARAL (*depois de chegar à janela, à D., com prudência e[,] sobretudo[,] com muita dignidade*) – É melhor confessar tudo ao meu amigo!

DR. ALVIM – Dispensou-lhe a confissão.

AMARAL – É que então suspeita...

DR. ALVIM – Não suspeito... Tenho certeza!

AMARAL – E se eu lhe exigir uma explicação?

DR. ALVIM – Dou-lha com franqueza. Janina está sob o peso de um gravíssimo desgosto; e o senhor tem concorrido para agravá-lo!

AMARAL (*chega de novo à janela*) – Canalha!

DR. ALVIM – Aí tem! A insistência com que está a chegar a essa janela diz-me muito mais que toda a confissão espontânea do seu espírito atormentado.

AMARAL – E não acha que tenho razão?

DR. ALVIM – Absolutamente[,] não!

AMARAL – Mas[,] diga-me: – que devo eu fazer?

DR. ALVIM – Confiar em Janina, que é uma esposa que se deve estremecer de joelhos.

AMARAL (*apontando para a janela*) – E aquele homem?



DR. ALVIM – É um desgraçado que só nos deve merecer sentimentos compassivos...

AMARAL – Ah, meu amigo! Bem se vê que o senhor nunca passou por este estado deplorável de um espírito que suspeita! Vejo-a meiga, amorável, esquecendo a própria doença para me rodear de carinhos; adivinha-me os pensamentos; interessa-se pelas minhas lutas; e[,] todavia[,] há naquele olhar uma expressão de sofrimento, que eu não compreendo... Ou[,] quem sabe? Talvez compreenda demais! (*Impulsivamente[,] aproxima-se da janela*).

DR. ALVIM (*erguendo-se*) – Isso que o senhor está para aí a fazer, é simplesmente indecoroso!

AMARAL – Se soubesse como soffro!

DR. ALVIM – Embora! Um espião não se rodearia de mais cautelas; e o senhor não exerce outra coisa senão uma espionagem insultuosa, que o degrada duplamente, porque aviltando a mulher amada, a si próprio se rebaixa na representação hedionda de um personagem que detesto!

AMARAL – Olhe que isto é doloroso de ouvir!

DR. ALVIM – E de quem a culpa? Foi o senhor que me chamou a este terreno delicado...

AMARAL – Mas eu não quero recriminações; quero conselhos!

DR. ALVIM – Não sei como desligar as recriminações dos conselhos. O senhor diz-se mordido por uma suspeita que, além de injusta, é afrontosa. E[,] todavia[,] a conduta de Janina tem sido irrepreensível. Segredos, ela os não sabe ter. Sempre amorosa, sempre desvelada, não há uma palavra ou um gesto que o autorize a supor indiferença ou aversão. Muito ao contrário: – de seus lábios escorre de contínuo um vasto sentimento de gratidão, porque o senhor a foi buscar aos trapos da pobreza, porque lhe deu um nome, porque a restituiu à sociedade! Não é isto verdade?

AMARAL – E o doutor já me ouviu negá-lo?

DR. ALVIM – Pois bem! Há mais ainda: – eu sei que ela nada lhe ocultou. Contou-lhe as agruras do seu primeiro matrimônio; confiou-lhe todas as suas passadas alegrias; narrou-lhe o abandono em que vivia; confidenciou-lhe, enfim, tudo quanto teve ligação com o supremo recurso do divórcio.

AMARAL (*interrompendo*) – Tudo isso é verdade! (*Com formidável concentração*). Mas o doutor acaba, sem o querer, de me evocar uma dúvida monstruosa.

DR. ALVIM – Outra asneira...

AMARAL (*consigo*) – Só agora começo a compreender tudo.

DR. ALVIM (*quase com ironia, olha de soslaio para Amaral*).

AMARAL (*sem lhe dar atenção, sempre em concentração*) – É de enlouquecer... E está aí o sentimento que atuou no seu coração para dar um passo arriscado, enfrentando a bisbilhotice e desafiando a sanha escarninha dos pescadores de escândalo...



DR. ALVIM (*tomando o chapéu*) – É melhor que me vá embora. Nunca dei para alienista. (*Bate no ombro de Amaral*). Olhe! Não me deixe de aviar a poção. E note bem: – de duas em duas horas...

AMARAL – Retira-se?

DR. ALVIM – Voltarei amanhã. E talvez me disponha a dar-lhe os conselhos, que não está hoje em condições de ouvir.

AMARAL – Mas pelo amor de Deus, não falte!

DR. ALVIM – Não faltarei. (*À porta*). E poupe-lhe as emoções!

AMARAL (*estorvando-lhe a saída*) – Uma palavra ainda!

DR. ALVIM (*conservando-se à porta, com suprema paciência*) – Que mais há?

AMARAL (*sempre em concentração*) – É que eu agora compreendo tudo! A fascinação que certas mulheres exercem sobre nós, cegou-me ao extremo de não pedir contas às razões do seu divórcio.

DR. ALVIM (*com ironia*) – E quer com isso dizer...

AMARAL – Que ela engendrou como razão a infidelidade do marido...

DR. ALVIM – E depois?

AMARAL – Está aí a mentira!... A causa era outra. Era o ciúme... Era a dor de se ver publicamente preterida<sup>39</sup>. Adorava-o e por isso procurou vingar-se. Vingou-se por muito amar! (*Falando consigo*). É então verdade que ela o amava?... Que o ama talvez ainda?... (*Vai à janela e avista Raul que lhe ronda a porta*). Ei-lo! Ali vai o miserável! Há sete dias que me passa pela porta; há sete dias, depois daquele fatídico baile, que o vejo, como um pesadelo, mandando-me a felicidade que eu julgara para sempre conquistada. E se assim fosse? (*Suprema indignação, fitando abstrato o médico*). Ah! Se é certo que ele anda a tentar contra a minha honra... Não sei!... Mas se os tribunais forem chamados a intervir, não o serão com certeza para debaterem uma questão de divórcio! (*Conserva-se à janela*).

DR. ALVIM (*meneando a cabeça e ao sair*) – Mal! Mal vai isto! É mais um doente... E doente perigoso... a tratar.

## Cena II

AMARAL e JANINA.

JANINA (*com muita meiguice, aparecendo do lado esquerdo*) – Ando muito desconfiada...

AMARAL (*consertando a fisionomia*) – E por quê, minha querida?

JANINA – Porque essa janela tem segredos que me fazem enciumar...

AMARAL – Para que eu te não lembre o contrário!

JANINA (*rápida, correndo para ele*) – Que dizes?... Gracejas!... Com certeza ouvi mal!

---

<sup>39</sup> Na edição original, "preferida".



AMARAL – Perdoa!... Chega até ali... (*Aponta-lhe a janela, para onde Janina corre*).

JANINA – E então?

AMARAL – Olha à tua esquerda! Vê se ainda consegues avistar ao longe...

JANINA – Quem?

AMARAL (*com voz surda*) – Ele!

JANINA (*debruça-se à janela*) – Ah! O desgraçado! (*Fecha a janela com estrépito*).

AMARAL – Tu vês! A passagem deste homem pela minha porta, em um bairro afastado dos negócios, não pode ter outra significação que não seja...

JANINA (*pondo-lhe a mão na boca*) – Cala-te! O teu grande afeto[,] que não sei como compensar, tem o poder gracioso de te levar aos velhos tempos cavalheirescos dos raptos, dos castelos e das baladas ao luar...

AMARAL – E tu gracejas?

JANINA – E como queres que encare uma situação em que o espírito calmo e observador do negociante é vencido pela fantasia do sonhador?

AMARAL – Quero acreditar que assim seja! E[,] todavia[,] serás tu que me vais dar razão, quando te disser...

JANINA (*descansando-lhe as mãos sobre os ombros*) – Pois dize!... Mas deixa primeiro esse ar carrancudo que não mereço, porque sou boa, porque te estimo, porque deves saber que és hoje a única criatura em quem descanso todo o meu futuro.

AMARAL (*afagando-a*) – Creio-te cegamente! Mas nem por isso posso afugentar a ideia que se me encasquetou neste espírito atribulado...

JANINA – Gustavo!... Tu deliras...

AMARAL – É essa, a atroz verdade, minha filha! Um homem, que tem a experiência dos quarenta anos, não deve procurar mulher no rol ambíguo das divorciadas!...

JANINA – Oh! Que palavras feias!

AMARAL – Não te magoe este meu modo de pensar. Quando te vi pela primeira vez[,] numa encantadora compostura de modéstia, entregando, quase a medo no balcão, as roupas que te dávamos para coser, estava longe de pensar que pudesses ter tido no lar de um outro homem o afeto que eu só to quisera dar. Fazia-te uma ingênua, na camaradagem de uma velha mãe, a lutares honestamente pela vida.

JANINA – E na ausência dessa mãe, que desgraçadamente perdi na minha infância, não é verdade que lutava heroicamente, evitando tudo quanto me pudesse manchar a reputação?

AMARAL – É verdade; não o devo negar. Mas eu te quisera virgem de um abraço; quisera que tivesses experimentado neste peito o primeiro estremecimento do amor...

JANINA (*carinhosa*) – Mas tu sabias isso tudo, quando me deste o teu nome...



AMARAL – Sim! Eu sabia isso tudo; e dificilmente poderás calcular a dor sofrida, quando me confidenciaste o teu passado, cheio de martírios e de reminiscências!

JANINA (*com pesar*) – E[,] todavia[,] insististe neste casamento, que parece ser hoje todo o teu suplício...

AMARAL – Era tarde, minha amiga! Havia-me fascinado, e eu entrara a amar-te com toda a eloquência de uma primeira loucura...

JANINA (*repreendendo*) – E a esse afeto, que te inspirei e que te retribuo com reconhecimento, ousas tu chamar uma loucura!

AMARAL – Questão de pressentimento, minha cara Janina! O que vagamente avistei no aturdimento do meu delírio, aí começa a desenhar-se e a tomar vulto numa realidade apavoradora...

JANINA (*espantada*) – Desconheço-te... Exageras!

AMARAL – Ouve-me: – quando nos casamos, e apesar da tua confissão...

JANINA – Que era do meu dever fazer-ta.

AMARAL – ... e que eu te agradeço... – tão opulentos eram os meus sonhos, que julguei poder viver contigo no mais delicioso esconderijo, sem que ninguém ousasse ter a pretensão de indagar se eras feliz ou se me devolvias a mesma felicidade.

JANINA – E não é isso o que se tem dado conosco, vivendo um para o outro, alheios a tudo, numa invejável intimidade de carícias?

AMARAL (*abanando a cabeça*) – Não! Há alguém que se interessa por ti; há lá fora um miserável que se julga com o direito de perguntar se eu te posso dar a ventura que ele sempre te negou!

JANINA (*recriminando*) – Gustavo!

AMARAL – Não me olhes com essa expressão recriminadora! Os meus pressentimentos estão hoje justificados; e eu devera ter compreendido que a minha companheira, por mais que tentasse escondê-la nos meus braços, haveria um dia de topar o homem que lhe esfolhara no leito as flores da laranjeira!

JANINA – E quando assim fosse, que motivos tens para encarvoar o céu da nossa felicidade?

AMARAL – Acreditas que a sangue frio se possa suportar à presença de um homem, que foi o primeiro a gozar os carinhos da nossa esposa?

JANINA (*rindo*) – Ciúmes! Como te vão a matar estes ciúmes, que eu absolvo, porque me amas... Não é verdade que me amas?

AMARAL – Muito, minha Janina! Mas não se trata precisamente de uma questão de ciúmes. Há alguma coisa mais, de superior a este sentimento...

JANINA – Que vem a ser...

AMARAL – O sentimento da dignidade!

JANINA (*entristecida, com os olhos pregados no chão*) – Começo a compreender! O ciúme é uma palavra por demais indulgente... (*De chofre, fitando o marido*). Sabes que tudo adivinhei?



AMARAL – Pode ser...

JANINA – Sabes em que pensa<sup>40</sup>, sem que me ouses confessá-lo?

AMARAL – Deixa-te de infantilidades!

JANINA – Vejo que te arrependes de haver ido tão longe... Mas é tarde...  
Leio-te nos olhos. Pelo teu espírito passou a dúvida... Essa dúvida atroz que  
esmaga a confiança e aniquila toda a paz!

AMARAL – Não! Não é isso!

JANINA – Atende-me! Tu não falas a uma criança! A mulher que buscaste  
para te acompanhar nas tuas alegrias foi educada na escola do sofrimento.  
Conheço todas as modalidades da dor! Neste teu rosto, banhado sempre de  
bondade, há hoje uma ruga, que só a minha morte poderá fazer desaparecer!

AMARAL – Vamos! Que loucura é essa?

JANINA – Não o negues! Começaste por duvidar daquele homem (*aponta  
para a rua*) que ali avistaste como uma evocação do meu passado, e acaba-  
rás duvidando da tua mulher, que se desfez do mundo para vir buscar a  
morte entre os teus braços...

AMARAL (*com expressão exaltada de dor*) – Pois bem! Sim! É essa a situação  
aterradora! Eu devera ter fugido contigo para longe... Para muito longe!  
Irrita-me a lembrança daquele baile. Foi aí que o conheci; foi aí que comecei  
a odiá-lo... E queres que te diga?... Foi aí, sobretudo, que comecei a invejá-lo!

JANINA – Pobre amigo! Não se invejem os desgraçados... E ademais, bem  
sabes que não tenho outros desejos que não sejam os teus. O meu lugar era  
aqui... Entre as minhas flores, longe do bulício do mundo, sem que jamais te  
lembrasses de me apresentar a uma sociedade que abomino.

AMARAL – É isso o que mais me dói! Foi minha toda a culpa...

JANINA – Lembras-te? Tu insististe... Eu relutei! Fiz-te ver que os prazeres  
não me podiam mais seduzir; pedi-te que não me levasse, pretextei doença,  
aborrecimento, e tu[,] no entanto...

AMARAL – Sim! Foi esse o meu pecado; com estas mãos cavei toda a nossa  
desventura! E[,] todavia[,] é forçoso concordar que tu não foste franca... Não  
me disseste a verdade inteira! Temias encontrar esse homem...

JANINA – Juro-te que não!

AMARAL – Para que negá-lo? Sabias que o devias topar no teu caminho...

JANINA – Não!

AMARAL – Mas agora que a fatalidade me faz abordar um assunto que eu  
quisera para sempre silenciado, dize-me: – Por que é que nessa noite maldita  
aceitaste a sua intimidade? Por que é que o não repeliste como o teu pudor  
aconselhava e a minha dignidade impunha?

---

<sup>40</sup> Na edição original, “penso”.



JANINA (*com ênfase*) – Porque perante a sociedade estava na minha presença apenas um cavalheiro, cujo nome não me era lícito indagar, desde que o seu braço me fora dado pelo chefe da casa, cuja amizade parecias requerar.

AMARAL (*irônico*) – E a sociedade[,] com toda a sua etiqueta[,] mandava-te esquecer que aquele cavalheiro era o mesmo, que num dia de mau humor te havia expulsado de sua casa!

JANINA – Essas tuas palavras são indignas do esposo bondoso, que tanta devoção me merece.

AMARAL – Indignas, mas justas!

JANINA – Ouve-me, Gustavo: – sempre que a lei pelos lábios impecáveis dos juizes desfaz uma união que se tornara irreconciliável, o passado para nós, mulheres, é como um trecho vagamente vivido, em que tudo se baralha no nobre esforço de um honesto esquecimento. E revivê-lo pela saudade será um crime...

AMARAL – Que vejo cometido...

JANINA – ... quando um novo amor é impotente para nos dar[,] em calmas alegrias, aquilo que perdemos em afeto mentiroso.

AMARAL – Queres com isso dizer que eu, com toda a minha dedicação, ainda não tive a habilidade de te fazer esquecer esse passado abominável! Não é assim?

JANINA – E de quem a culpa? Não és tu que mo fazes reviver com os teus escrúpulos, com as tuas recriminações?

AMARAL – Mas esses escrúpulos são legítimos; e as recriminações, tu as mereces, porque foste fraca! E[,] sobretudo[,] porque quiseste ser uma mulher de salão, quando o pundonor te devia aconselhar que a pragmática não existe quando há a zelar a honra de um nome imaculado!

JANINA – E quem te disse que lhe aceitei os juramentos? Pois não viste que o repeli... que o maltratei? Não percebeste que o meu desprezo lançara nesse instante a última pá de cal sobre as suas esperanças atrevidas?

AMARAL – Eu nada vi, senhora, a não ser a suprema elegância com que se deixa a companhia de um conquistador, para vir apertar calmamente a mão de um marido leal!

JANINA – Céus! Que ouço!

AMARAL (*exaltado*) – Ouves a dor de quem traz no peito uma grande ferida aberta. Foste tu que a rasgaste com a tua monstruosa leviandade! Apelas para a Lei! Mas tentas iludir-me, quando afirmas que ela tem o poder de arrancar do coração as raízes de um velho amor... A sentença, a que te acolhes, apenas te concedeu a liberdade... Uma liberdade fatídica de vingança! O afeto... esse... aí ficou esgalhando o crime no teu seio, porque é crime o sono de um segundo leito, quando se dorme aos beijos de dois homens.

JANINA – Cala-te, por piedade!

AMARAL – Não! O juiz, tu o disseste, tem o poder de dissolver o vínculo conjugal. Intima ao casal à separação: mas não tem a faculdade de obrigá-lo



à reciprocidade dos ódios, que é o único esteio a que a lei se deve arrimar, para poder ser justa!

JANINA – Matas-me, Gustavo!

AMARAL – O divórcio... Estás ouvindo? O divórcio nem mesmo se justifica quando é obrigada a intervir a lâmina de um punhal... Só os covardes poderão apelar para uma lei que se torna cúmplice da sua desonra! Tu te separaste de um homem, porque o viste assentado no colo de uma rival; e desde que a tua presença naquela casa te era para sempre insuportável, um só recurso honesto te restava: – o das lágrimas... o da resignação, num recanto de todos esquecido...

JANINA (*atalhando com energia*) – Onde me foste procurar!

AMARAL – ... e onde encontrei o meu tormento, porque a mulher divorciada não tem o direito de fazer a felicidade de um marido, quando um outro, pelo pensamento, vive a desnudar segredos de encantos já gozados.

JANINA – Tem compaixão de mim!

AMARAL – Quero que me ouças... Quero que saibas que há duas bocas que te conhecem na intimidade dos abraços; e só agora percebo a parvoíce da minha infantilidade, quando te dei um nome que não podias honrar, porque... Tu bem o compreendes... (*toma-lhe com violência o braço*). Porque tu não foste outra coisa senão uma amante passageira aos caprichos de um torpe aventureiro!

JANINA (*terrivelmente martirizada*) – É demais!... A morte... é preferível! Não se resiste a semelhante crueldade!... (*É lancinante a crise; sintomas de agravamento da moléstia*).

AMARAL (*apreende a gravidade da perturbação de Janina, e percebe a incorreção do seu procedimento*) – Que fui eu fazer?! (*A medo*). Janina!

(*Janina continua fazendo esforços[,] para desafogar a roupa. Amaral, arrependido, solícito, chega-se rápido até a poltrona onde Janina, dispnéica, se deixara cair. Janina, ao vê-lo quase a tocar-lhe o rosto com os lábios, ergue-se bruscamente, encostando-se à mesa. No seu olhar existe uma extraordinária expressão de orgulho ferido*).

AMARAL (*recuando[,] abatido e aterrado[,] até a porta do fundo*) – É justo!... (*Com calma resignada*). Não há perdão para tal brutalidade! (*Sai*).

### Cena III

JANINA e UMA CRIADA.

(*Grande pausa. Janina, soluçando, deixa-se cair sobre a poltrona*).

A CRIADA (*acercando-se, carinhosa*) – Minha senhora...

JANINA – Deixa-me... Gustavo saiu?

A CRIADA – Mas volta já.

JANINA (*meiga*) – Como o sabes?





A CRIADA – Ele mesmo o disse. Apanhou sobre a mesa a receita que o médico deixou, esta manhã...

JANINA (*irônica*) – ... e foi buscar a vida, para quem tem vontade de morrer!

A CRIADA (*recriminando*) – Minha senhora...

JANINA – Deixa-me! Quero estar só...

A CRIADA – Mas ele ordenou-me que não a abandonasse...

JANINA – Obedece!

(*A criada vai a sair*).

JANINA (*chamando-a*) – Não! Não te vá, minha velha amiga! Segredos, se os tenho, há dez anos que os conheces todos. (*Com grande enternecimento*). Olha! Está por pouco! E ele tem razão... Um canto, onde ninguém me fosse roubar o direito de chorar... Era aí, no isolamento das minhas recordações, que eu deveria esperar o momento em que Deus se apiedasse da minha desventura. (*A pouco e pouco esquece a presença da criada*). Quis ser feliz... Eu, que desde o berço acompanho o funeral das mais caras esperanças! Dois noivados, com dois túmulos abertos para as minhas ilusões! Se a infidelidade de um, feriu-me... a crueldade do outro, matou-me... Punhaladas de mãos diferentes sobre um coração cansado de sofrer! Mas há aqui dentro... (*leva a mão ao coração*) alguma coisa de profundamente delicado, que me envergonho de definir. E a vergonha é um crime quando se fala a Deus... Não é este o espasmo da minha extrema-unção? (*Faz um esforço erguendo-se; apoia-se à mesa, e circunvaga o olhar pela sala*). Se é pecado, o céu que mo absolva... Mas se eu fosse chamada a perdoar... (*faz uma pausa, como arrependida do que vai dizer*) se eu pudesse dispor do meu último hausto de perdão, sem vacilar o mandaria àquele... (*muito em surdina*) que me esqueceu, sem tanto me ofender! (*Reparando na criada, a cuja presença o seu espírito se alheara*). Ah! Estás aí?

A CRIADA (*muito meiga*) – Minha senhora!...

JANINA (*fitando o céu, através da janela aberta à esquerda*) – Quero respirar! Faz-me bem este banho de perfumes... Ai, as magnólias! Como é suavíssima a eclosão das minhas magnólias! (*Chamando*). Doroteia!

A CRIADA – Minha senhora!

JANINA – Ouviste? Ai, que palavras feias?!

A CRIADA – Por que se está assim a afligir?

JANINA – E como esquecê-las?! (*Reparando no céu, carregado de nuvens, à direita*). Ui! Que céu tão negro! Parece o meu céu de agonizante! (*Chega à janela da D.*). Gosto de uma manhã assim! Não foi decerto feita para noivar! (*De repente[,] solta um grito inexprimível, avistando Raul que lhe ronda a porta*).

A CRIADA (*acorendo*) – Que tem, minha senhora?

JANINA – Ele! Raul! Quer me matar, o desgraçado! (*Atira-se sobre a poltrona*).



A CRIADA (*indo até a janela e voltando para junto de Janina*) – Tranquelize-se! Não o vejo mais... Foi-se[,] decerto[,] embora...

JANINA – Como tudo isto é horrível! E como tarda a morrer! Oh, mães conternadas! Só agora deploro as lágrimas incoercíveis que junto dos berços vazios viveis a derramar!

*(Enquanto Janina, abstrata e alheia a tudo, murmura estas últimas palavras, ouvem-se duas vozes surdas em alteração. É Raul que força a passagem do corredor, em meio dos protestos de um fâmulos. A criada [Doroteia] notando que alguma coisa se passa de anormal, corre para a porta do fundo a investigar. Nesse momento aparece Raul, ao fundo).*

#### Cena IV

JANINA e RAUL. A mesma CRIADA.

A CRIADA (*a Raul, medrosa, em voz baixa*) – Meu senhor! Que faz?!... Não nos comprometam! O patrão não tarda!

RAUL (*à criada*) – Sossega! (*Desvairado, para Janina*). Janina!

JANINA (*de um salto, apesar de fatigada*) – Saia! (*Aponta-lhe a porta*).

RAUL – Uma palavra... Uma palavra só!

*(Sai a criada, depois de[,] aflita[,] chegar à janela da D.[,] como antevendo a chegada súbita de Amaral).*

JANINA – Saia!

RAUL – Aproveitei o momento... É o último, talvez, em que lhe possa falar...

JANINA (*corre para o tímpano*) – É um outro escândalo que deseja?

RAUL (*aproximando-se[,] tresloucado*) – Mas como é que a devo convencer? Não vê que perdemos um instante precioso? Não percebe que é este o meu último esforço para lhe restituir a felicidade?

JANINA – O seu procedimento mais uma vez me assombra! Desapiedado, quando me abandonou; atrevido, quando me procura! Mas isso que faz, é um ato de vilão...

RAUL – ... de loucura, porque eu desvairo!

JANINA – ... é uma viania, que vem chamar sobre mim a maldição de um homem de bem!

RAUL – Não percamos tempo, suplico-lhe! Ele aí vem!... E eu não posso mais viver sem a minha Janina, que se sacrifica, que chora, que me castiga, mas que não me pode odiar, porque eu fui com delírio o seu primeiro amor!

JANINA – O senhor esquece a quem está falando... A sua presença é-me insuportável! Errou a porta... Não o conheço!... Saia!

RAUL – Não! Eu não saio, sem que primeiro me repitas que me amas; sem que primeiro me digas onde te devo encontrar para que me sejas restituída... porque a tua posse é legítima; porque fui eu que te ensinei a soletrar o Evangelho azul de todos os teus sonhos de criança...



JANINA – Enlouqueceu, o desgraçado!

RAUL – Dizes bem. É uma loucura selvagem que me arrasta até ao crime; é uma obsessão irresistível, que me leva a afrontar todos os perigos...

JANINA (*corre à mesa[,] para fazer vibrar o tímpano*) – Basta! Não o quero mais ouvir!

RAUL (*interpondo-se*) – Mas há de ouvir-me! Eu medi todas as consequências; andei como um velhaco a espiar os passos do teu verdugo... Vejo-o feliz; orgulhoso da sua conquista; e abomino-o[,] desesperadamente! E tu compreendes-me: – quando alguém vai até onde eu fui, é porque tem o propósito firme de vencer... É porque tem a certeza inabalável do triunfo!

JANINA (*nervosa*) – Enganou-se!

RAUL – Como?!...

JANINA – A sua ousadia contava com a fraqueza da minha confissão de amor! Ouvia-me dizer que o amava... Pois bem! Sim! É verdade que o amei... É verdade que o amo ainda...

RAUL – Matas-me!...

JANINA – É uma infâmia, diz-mo a consciência. E eu sei que me avilto; sei que prevarico! Mas este amor é meu; é um sentimento que vive de reminiscências; e o senhor não tem o direito de lhe gozar as carícias, porque não basta possuí-lo pelo espírito!... É preciso possuir-me a boca, que o senhor atirou aos beijos do primeiro que me matou a fome!

RAUL (*simultaneamente[,] com assombro e dor*) – Oh!

JANINA – E agora que tudo sabes...

RAUL – Ainda não, Janina! Uma palavra mais!... Essa união... esse casamento atroz, foi um erro que a custo se absorve! Por que é que o teu amor não te aconselhou a esperar um dia, um dia mais, pelo meu arrependimento?

JANINA – Ainda o pergunta! (*Mudando de tom, quase carinhosa*). Mas pelo amor de Deus! Não se deite a perder... Saia!

RAUL – Quero sabê-lo...

JANINA – Por piedade! Que mais quer que lhe diga?!

RAUL – Apenas isto, minha Janina! Se não foi um novo amor que te levou a esquecer-me...

JANINA – Não! Não foi!...

RAUL – ... foi então a vergonha de pedir esmola!

JANINA – Aos vinte e cinco anos, quando se é formosa, nunca se mendiga!

RAUL – Vamos! Dize-me tudo! Tiveste medo à fome!

JANINA – Enfim! E tarde o compreendeu! Sim! Aí tem a verdade! O medo à fome... O medo de não lhe macular a honra! Que importa haver buscando numa segunda união uma desventura maior, se com isso evitei que a fome atafulhasse em lama um nome que me tinha sido caro?! Não quis... Não compreendeu-me bem?... Não quis que, uma vez atirada ao leito das torpezas, viessem os seus amigos a proclamar que em noite de rega-bofe haviam desnudado o seio da esposa divorciada!



RAUL – Deus! Que revelação!

JANINA – O senhor julgava talvez que o divórcio o pusesse a coberto da desonra! Como revolta esta cegueira!... Os tribunais podem restituir ao marido o valor de todos os seus bens, embrulhados numa carta de alforria. Mas o que eles não poderão jamais evitar, é que a mulher desamparada leve para os prostíbulos a memória de um homem, que o vinho há de insultar pela boca hedionda da chacota!...

RAUL – Não mais!... Cala-te! O perdão foi feito para uns lábios santos, como os teus; e as minhas lágrimas já devem ter resgatado aquele monstruoso instante de delírio... Dize-me, Janina! Ainda queres ser feliz?

JANINA – Não o poderei jamais!

RAUL (*tentando segurá-la*) – Estás decidida a acompanhar-me?

JANINA (*enérgica*) – Não! E nada mais tenho a dizer-lhe... Saia!

#### Cena V

JANINA, RAUL e AMARAL.

AMARAL (*assombrado, à porta*) – É inútil! Fique! (*Corre à secretária, de onde tira a pistola*).

JANINA (*com voz surda*) – Piedade, ó Deus!

RAUL (*cruzando os braços, ao notar o gesto de Amaral, que lhe aponta a pistola*) – Em que escola aprendeu a assassinar?

AMARAL – Na escola do dever! (*Dispara a arma*).

RAUL (*caindo, ferido de morte*) – Janina...

#### Cena VI

OS MESMOS e TRÊS FÂMULOS.

AMARAL (*deposita a arma sobre a mesa, ao alcance da mão de Janina. Depois[,] volta-se para a porta do fundo, onde aparecem os fâmulos[,] que acorreram ao ruído da detonação*) – E agora[,] a justiça!...

JANINA (*não o deixa concluir. Apanha a pistola de sobre a mesa e procura tomar a dianteira ao marido. Nesta luta esgota todas as forças. O olhar desvaireado lampeja sobre Amaral. Depois[,] com voz quase sumida, dirigindo-se aos fâmulos e apontando para o cadáver de Raul, murmura*) – Este homem insultou-me... E eu matei-o! (*Entra em crise de agonia*).

CAI O PANO, LENTAMENTE.

Nota: A ação deste drama passa-se no Rio de Janeiro.



## BIBLIOGRAFIA

ARTAGÃO, Mário de. *Janina*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1907.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul – do Romantismo ao Modernismo*. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 1997.

BRITO, José de Sá. A grupiara. Porto Alegre: *Revista Mensal* do Partenon Literário, 1875, n. 9, p. 116, n. 10, p. 151, n. 11, p. 196, e n. 12, p. 233.

CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Globo, 1956.

COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante de. 2ª ed. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Ministério da Cultura (Fundação Biblioteca Nacional), [1990] 2001.

DAMASCENO, Athos. *Palco, salão e picadeiro* (em Porto Alegre no século XIX). Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Globo, 1956.

\_\_\_\_; CESAR, Guilhermino et alii. *O Teatro São Pedro na vida cultural do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: SEC, 1975.

DANTAS, F. C. de San-Tiago. O casamento. *Revista Mensal* do Partenon Literário, 3º ano, novembro de 1874, p. 194-201.

DIAS, Annes. *Dois discursos magistrais – Centenário de São Francisco de Assis e Divórcio* (Prefácio de Mons. Manfredo Leite). São Paulo: “Ave Maria” Ltda, 1946.

FISCHER, Antenor. *A literatura dramática do Rio Grande do Sul (de 1900 a 1950)*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PPGL da PUCRS, 2007.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. \_\_\_\_ OLIVEIRA, Andradina América de Andrade e. *Divórcio?* Porto Alegre: Ediplat, 2007.

FLORES, Moacyr. *O negro na dramaturgia brasileira – 1838 – 1888*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

FORTES, Bety Yelda B. Borges. *Arthur Pinto da Rocha – Um homem rio-grandense*. Porto Alegre: UBE-RS, 1998.



GOLIN, Cida, CESAR, Guilhermino et alii. *Theatro São Pedro* – palco da cultura (1858 – 1988). Porto Alegre: IEL, 1989.

HEEMANN, Cláudio. \_\_\_\_ . Joaquim Alves Torres. *Teatro social* (pesquisa, introdução e notas por Cláudio Heemann). Porto Alegre: IEL, 1989.

HESSEL, Lothar. *O teatro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1999.

\_\_\_\_ & RAEDERS, Georges. *O teatro no Brasil – sob Dom Pedro II – 1ª parte*. Porto Alegre: IEL, 1979.

\_\_\_\_ & RAEDERS, Georges. *O teatro no Brasil – sob Dom Pedro II – 2ª parte*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1986.

\_\_\_\_ & VILLAS-BÔAS, Pedro Leite et alii. *O Partenon Literário e sua obra*. Porto Alegre: Flama, 1976.

FRANCA, Pe. Leonel. *O divórcio*. 2ª ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1931.

KILPP, Suzana. *Os cacos do teatro – Porto Alegre, anos 70*. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre, 1996.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 1978.

MESQUITA, Luiz José de. *A família e o divórcio*. São Paulo: [s.e.], 1954.

\_\_\_\_. *Divórcio: a favor ou contra?* São Paulo: Edições LTR, 1975.

MUZART, Zahidé Lupinacci. \_\_\_\_ . OLIVEIRA, Andradina América de Andrade e. *Divórcio?* Porto Alegre: Ediplat, 2007.

OLIVEIRA, Andradina América de Andrade e. *Divórcio?* Porto Alegre: Livraria Universal, 1912.

\_\_\_\_. *Divórcio?* (Organização e texto bibliográfico: Hilda Agnes Hübner Flores). Porto Alegre: Ediplat, 2007.

PEQUENO *dicionário da literatura do Rio Grande do Sul* (Org. BRASIL, L. A. de Assis, MOREIRA, Maria Eunice e ZILBERMAN, Regina). Porto Alegre: Novo Século, 1999.



PORTO ALEGRE, Appolinário. *Sensitiva. O teatro de Apolinário Porto Alegre* (Org. Carlos Alexandre Baumgarten). Porto Alegre: IEL : CO-RAG, 2001, p. 83-127.

QORPO Santo. *As relações naturais* – Três comédias. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

REVISTA *Mensal* do Partenon Literário. Porto Alegre: 3º ano, novembro de 1874.

ROCHA, Arthur. O anjo do sacrifício. *Teatro de Artur Rocha*. Vol. I. Porto Alegre: Oficinas do Jornal “A Federação”, 1876, p. 79-154.

\_\_\_\_. Os filhos da viúva. *Teatro de Artur Rocha*. Vol. III. Porto Alegre: “A Federação”, s/d, p. 3-88.

\_\_\_\_. *José*. Vol. II. Porto Alegre: Tip. da “Deutsche Zeitung”, 1879.

SÁ, Paulo. *Divórcio ou casamento indissolúvel?* Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1946.

SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família*. São Paulo, século XIX. São Paulo: Marco Zero/Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 46-134.

SANTOS, Dayse Lúcida Silva. *O divórcio e a nulidade do casamento: estudo de caso nas tensões na vida conjugal diamantina de 1863 a 1933*. Artigo publicado na Internet:

<http://www.cedeplar.ufmg.br/diamantina2004/textos/DO4A020.pdf>. (19/03/2008).

SEIXAS, Romualdo Antonio de. *Ensaio d’um tratado regular e prático sobre o divórcio, segundo o direito canônico, sinodal e civil brasileiro*. 2ª ed. Bahia: Lito-Tipografia de João Gonçalves Tourinho, [1867], 1880.

SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Pelotas e Santa Maria: Globo, 1924.

SILVA, Lafayette. *História do teatro brasileiro*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do MES, 1938.



SOUSA, José Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1960, 2 v.

TEIXEIRA, Kelly Cristina. *O que Deus uniu o homem não separa: religião, casamento e divórcio na Barcelona Mineira 1890 - 1920 – Uma introdução*. Artigo publicado na Internet:

<http://www.iahes.ufjf.br/publicações/colóquio...teixeira.pdf>.  
(19/03/2008).

TORRES, Joaquim Alves. O marido de Ângela. *Teatro Rio-Grandense*. Porto Alegre: Tip. do Jornal do Comércio, 1886, p; 11-138.

\_\_\_\_\_. O ultraje. *Teatro Social* (Pesquisa, Introdução e Notas de Cláudio Heemann). Porto Alegre: IEL, 1989, p. 103-175.

\_\_\_\_\_. *Teatro Social* (Pesquisa, Introdução e Notas de Cláudio Heemann). Porto Alegre: IEL, 1989.

VIEIRA, Damasceno. *Arnaldo*. 2ª ed. Uruguaiana: Livraria Guarani, 1891.

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas ao dicionário brasileiro de Sacramento Blake* (Parte do Rio Grande do Sul). Porto Alegre: Ed. datilografada, 1978.

\_\_\_\_\_ & MARTINS, Ari. *150 anos de literatura dramática no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: exemplar datilografado, 1968.







*Vol. I – Autores primordiais e textos fundadores* ◦ O castelo de Oppenheim ou O tribunal secreto, de Manuel José da Silva Bastos ◦ O nobre e o plebeu, de Manuel Pereira Bastos Júnior ◦ Vítor, de Félix da Cunha ◦ *Vol. II – A desonra como Machina Fatalis* ◦ Risos e lágrimas, de Hilário Ribeiro ◦ Os filhos da viúva, de Arthur Rocha ◦ Frutos da opulência, de Joaquim Alves Torres ◦ *Vol. III – O Jesuitismo na alça de mira* ◦ Os jesuítas ou O bastardo do rei, de José Manuel Rego Vianna ◦ Os lazaristas, de Antonio Ennes ◦ Deus e a natureza, de Arthur Rocha ◦ *Vol. IV – O divórcio em cena* ◦ O marido de Ângela, de Joaquim Alves Torres ◦ Arnaldo, de Damasceno Vieira ◦ Janina, de Mário de Artagão ◦ *Vol. V – O drama abolicionista* ◦ O filho duma escrava, de Apparício Mariense da Silva ◦ A filha da escrava, de Arthur Rocha ◦ Um fruto da escravidão, de Boaventura Soares ◦ *Vol. VI – O ideal republicano* ◦ Estrelas e diamantes, de João da Cunha Lobo Barreto ◦ Lucinda, de Hilário Ribeiro ◦ Escrava e mãe, de José Alves Coelho da Silva ◦ *Vol. VII – A mulher como autora* ◦ Uma lágrima derramada ou O ramo de violetas e A flor do deserto, de Maria da Cunha ◦ A culpa dos pais, A calúnia e As vítimas do jogo, de Anna Aurora do Amaral Lisboa ◦ *Vol. VIII – A comédia* ◦ Político, e liberal, por especulação, de “Hum Militar Avulso” ◦ Uma manhã em casa dum autor crítico, de “O Freguês” (Pedro Antônio de Miranda) ◦ Por um retrato, de Damasceno Vieira ◦ File-o, de José de Sá Brito ◦ Por causa de uma camélia ou Marido por meia hora, de Arthur Rocha ◦ Epidemia política, de “Iriema” (Appolinário Porto Alegre) ◦ Impalpáveis, de Joaquim Alves Torres ◦ O primeiro cliente, de Gomes Cardim.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-68558-06-5



9 788568 558065